

The Goodbye Girl

Angela Verdenius





Pégasus Lançamentos Apresenta:

A Garota do Adeus

ANGELA VERDENIUS

6 anos de tradução

Equipe Pégasus

Lançamentos



Envio: *Soryu*

Tradução: *Fabi*

Revisão Inicial: *Mayara, Argay Muriel e Cinthia Uchoa*

Revisão e Leitura Final: *Carla Dias*

Formatação: *Fabi, Lola e Carla Dias*

Verificação: *Anna Azulzinha*

The Goodbye Girl

Sinopse

Servindo no Afeganistão, o soldado australiano Nick Mason gostava muito de receber cartas da **Garota do Adeus**, mas agora voltava para casa e sua carta de despedida havia chegado. Ela era destinada para o próximo soldado solitário, mas Nick tinha outros planos.

O que não estava preparado era para o que descobriria, quando a encontrou cara a cara.

Sua **Garota do Adeus** era a esquisita moradora UFO¹ da cidade...

Angela Verdenius

¹ Pessoas que acreditam na existência de OVNI's – Objeto Voador não Identificado.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

**Favor não publicar nossos arquivos
no Facebook!**

**Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a
moderação.**

**Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!**

Quem gosta respeita nosso grupo!

**Não publica diretamente no face,
expondo ao grupo de forma desnecessária.**

**Não aceitamos reclamações sobre
as traduções do grupo!**

**Não gostou, leia o livro no idioma
original**

Equipe Pégasus Lançamentos

Capítulo Um

Base do Exército Australiano — Afeganistão

Com a toalha pendurada no pescoço, Nick tocou o envelope em sua mão. Bastava olhar para aquela caligrafia e sabia de quem era, como também sabia o que dizia.

Só que não queria lê-la. Ainda não; não queria saber o que continha.

Andando ao seu lado, seu amigo, Alex Lawson, já abria seu envelope, retirando o papel azul claro com a caligrafia de sua esposa, Harly. Em poucos segundos começou a ler e sorria.

Sim, Alex amava sua esposa e vivia por suas cartas e e-mails regulares.

Nick não podia dizer que amava a mulher que escrevia suas cartas, mas, com certeza, olhou para o futuro por elas. Foram essas cartas, repletas de anedotas divertidas, que o fizeram passar por seu turno de serviço neste lugar, assim como as suas cartas dela ajudaram muitos soldados solitários, em suas missões.

Alex olhou para ele.

— Não vai abrir?

— Ainda não. — *Não quero ler.*

Alex levantou as sobrancelhas, a questão silenciosa em seus olhos.

— É. — Nick tocou o envelope. — Eu sei.

— Companheiro, ela sabe que irá para casa.

— Sim.

Alex assentiu, seu olhar absorvendo a expressão de Nick.

— Sabe que ela só escreve até que vá para casa.

— Sim. — Nick pigarreou.

— Só escreve para um soldado escolhido, até ele ir para casa, então é passada para o próximo.

— Sim. — Não queria passar a única ligação com uma vida normal, uma vida feliz, para outro soldado. Ter outro homem a rir, ao abrir suas cartas, tão ansiosamente, quanto fez todos estes longos meses.

Droga, sequer tinha uma foto dela. Quando se atreveu a perguntar, recebeu um recorte de revista da Angelina Jolie. E estava certo de que não se correspondia com Angelina Jolie.

Estava em um impasse, Alex o observou.

— Você está bem?

— Claro.

Alex olhou para o envelope que Nick segurava firmemente em sua mão.

— Há uma razão para que a chamem de “A Garota do Adeus”, Nick.

— Eu sei.

— Você irá para casa. Isso é um adeus.

— Eu sei. — Sequer podia pensar, porque tinha um estúpido nó em sua maldita garganta. Tinha que ser a poeira no ar. Sim, a maldita poeira e o calor do Afeganistão.

Os olhos de Alex, o analisaram.

Nick pigarreou novamente, abriu o envelope e tirou o papel. Só que não desdobrou, apenas o olhou.

— Já pensou para quem passará as cartas? — perguntou Alex.

—Jonesy, acho. — Nick respirou fundo. — Não há necessidade dela me escrever, certo? Minha visita aqui terminou; posso não ser mandado de volta.

Alex sorriu levemente. — Você nem mesmo sabe se quer voltar depois de nossas férias.

— É verdade. — Nick olhou ao redor do acampamento, para seus companheiros saindo em patrulha, vários outros

sentados nas sombras das cabanas de leitura, alguns caminhando para o chuveiro, que acabou de deixar, assim que ouviu a tração do caminhão em campo.

A vida militar era tudo que conhecia, desde que se alistou, com dezoito anos. Dezesete anos no Exército; sua vida, sua família. Fez um monte de amigos, viu alguns morrerem, despediu-se de outros que foram transferidos para outros lugares, pensando que o Exército era tudo que precisava.

Até que teve a honra de ter “A Garota do Adeus” entregue a ele por seu último menino soldado, como o destinatário de sorte, estava rindo do apelido dado no acampamento.

A Garota do Adeus escreveu a um soldado solitário que não tinha família; ela pedia para se cuidar, escrevia regularmente, o manteve atualizado sobre os acontecimentos e o fazia rir. Quando chegou o momento do soldado voltar para casa, ela deu adeus e sua carta foi passada para o próximo soldado solitário que não tinha família.

E assim foi durante os últimos dez anos, pelo que Nick soube; ele era o último menino soldado da Garota do Adeus, recebeu os pacotes de cuidados e cartas divertidas por nove meses.

Agora lhe dizia adeus.

Não queria deixá-la, sentindo como se o fantasma dela, estivesse ao seu lado. Um pedacinho indescritível de feminilidade, que compartilhava sua vida com um soldado solitário. Ou o quanto da sua vida o deixou ver. Basicamente era apenas diversão, pequenas histórias, muitas risadas e simpatia quando necessário. Sentia como se a mulher fosse quase palpável, apenas fora do alcance, pairando a beira de sua visão. Nunca viu o seu rosto, nunca ouviu a sua voz. Ela não usava Skype. Mandava e-mail; tinha uma coleção de piadas e anedotas, algumas realmente ousadas, mas nenhuma vez concordou em usar o Skype. Apenas grato por estar em contato com ela, não discutiu.

Ela era uma parte de sua vida e não percebeu até que disse que a sua missão acabou e que voltaria para casa; sentiu que estava perto da separação de Bree.

Bree. Apenas Bree. Sem último nome. Uma de suas peculiaridades, colocando apenas 'Bree' na parte de trás de seus envelopes, juntamente com um endereço de caixa postal que mudava a cada dois meses.

Entrando na cabana, Nick atirou a toalha na cama e deitou sobre o colchão fino. Mesmo com o banho refrescante, já estava suando.

Segurando o papel, passou o polegar sobre ele.

Bree viajava muito, isso sabia pelas cartas que os soldados anteriores compartilharam e das cartas para ele. Os

códigos postais, nunca permaneciam os mesmos por muito tempo.

Segurando o envelope, analisou o carimbo do correio.

Whicha. Hum.

Sentando, tirou uma caixa debaixo de sua cama e a abriu, retirando as cartas, para verificar os carimbos postais.

Tantos lugares diferentes, nunca mais de dois meses, em qualquer lugar. Com exceção dos últimos três meses. O endereço e carimbo eram de Whicha.

Seu coração acelerou.

Whicha. Esse seria seu destino. Destino, porque era para Whicha que iria em sua licença, ou a maior parte dela, ficaria com Alex Lawson e sua esposa, enquanto tentava resolver o que faria com sua vida, se continuaria no Exército ou buscaria uma vida fora, uma vida civil.

Tinha o desejo de comprar uma casa, se estabelecer e levar uma vida pacífica. Ou talvez fosse apenas porque viu o quão feliz Alex estava com sua esposa e por voltar para casa na Austrália, aquele laço, de saber que alguém o amava e esperava por ele.

Queria isso também. Sem família, a única para quem mostrou qualquer sensibilidade ou cuidado, era Bree.

A Garota do Adeus.

Sorrindo, abriu a carta.

Destino.

Bree podia dizer adeus, mas ele não; ainda não!

Apenas rezou para que ainda estivesse lá, quando ele chegasse.



Whicha, Austrália — Três semanas mais tarde

Segurando um pouquinho de cabelo entre os dedos indicador e médio, Bree com cuidado, de forma rápida e eficiente, aparava as pontas. Seus olhos estavam no trabalho, mas seus ouvidos ligados nas conversas ao seu redor.

Uma coisa que aprende muito rapidamente como cabeleireira — você se torna a ouvinte confiante das clientes. As coisas que as pessoas diziam aos cabeleireiros ao ter seu cabelo cortado, aparado, estilizado ou tingidos, eram incompreensíveis. Os segredos que contavam, faziam Bree, às vezes, se abalar mentalmente.

Embora, depois de 15 anos como cabeleireira não havia muito que a chocasse mais... muita coisa que a divertia? Sim; mas chocar? Não mais.

Mas essa conversa era incrível. Bree obsevou sua cliente no espelho. Charlotte Harmon estava toda curiosa a respeito da aparição de OVNI. Quão verdadeiro era?

— Estou lhe dizendo, Maryanne — Charlotte insistiu — Eu vi.

Maryanne, que estava sentada na cadeira ao lado de Charlotte, enquanto Bella aplicava tinta no cabelo, revirou os olhos.

— Não existe OVNI, Charlotte.

— Dizia isso antes de ver por mim mesma, mas agora sou uma verdadeira crente. — Charlotte assentiu — Ai!

Anos de experiência de cabeleireira deu a Bree dedos fortes; nada lhe escapava quando aparava. Uma mulher sem querer, se mexendo enquanto queria uma borda mortalmente reta em seu cabelo, não fazia concorrência para o aperto de Bree.

— Mantenha sua cabeça parada — Bree a advertiu — Ou ficará com as pontas desiguais.

Obedecendo, Charlotte viu Maryanne no espelho.

— Tenho sorte de ainda ter o meu cabelo. Podia ter sido queimado pela radiação.

Um sorriso apareceu nos lábios de Bree, mas Bella sequer tentou esconder a sua incredulidade.

— Radiação?

— Emitida pelas naves espaciais — explicou Charlotte — Pode deixá-la com queimaduras.

Soltando o cabelo, Bree passou o pente por ele, observando o caimento.

— Hum. Não disse que estava há vários km de distância, quando viu uma luz no céu?

— Sim.

— Não era perto o bastante para queimaduras, não é?

— Não disse que fui queimada. Disse que pode haver queimaduras, se ficar muito perto das naves espaciais.

— Pensei que só tinha visto uma luz... — Bella disse. — Uma nave?

Maryanne piscou.

— Um alienígena ilustre, com um longo apêndice é tudo o que precisa.

Charlotte bufou.

— Sei que não acredita em mim. Só um verdadeiro crente entenderia.

Bree revirou mentalmente os olhos. A mulher parecia uma idiota completa. Uma luz na distância, que abaixou um pouco, não queria dizer que era um OVNI e deveria saber,

passou a maior parte de sua juventude tentando ver com sua mãe.

— O que acha? — perguntou Charlotte.

Olhando para o espelho, Bree viu sua cliente a olhando, uma mistura de desafio e um flash de vulnerabilidade em seus olhos.

Charlotte Harmon era uma senhora de cabelos grisalhos azuis e cogitara ideia de que um OVNI era uma maravilha. Para ela anunciar a todos no cabeleireiro o que tinha visto — bem, eram apenas quatro pessoas — era uma coisa enorme. Todos saberiam, assim que a notícia se espalhasse.

Bree olhou para as expressões de Bella e Maryanne no espelho, ambas sorrindo um pouco.

Oh, bem. Por que não?

— Na verdade — disse calmamente, afofando as ondas azuladas de Charlotte — aparições de OVNI's não são incomuns.

— Claro! Cada louco do mundo afirma ter visto um OVNI, — Maryanne rebateu, acrescentando tardiamente — Não você, Charlotte, é claro.

A boca de Charlotte apertou, mas seu olhar se voltou para Bree. — Você já viu um OVNI aqui também?

— Aqui não. — Bree colocou um pouco de spray nos cachos de Charlotte. — Pronto. Tudo feito.

— Mas já viu um? — Charlotte persistiu.

— Sim.

Maryanne riu.

— Sério — acrescentou Bree. — Sim, Charlotte, eu vi um OVNI, mas não aqui.

Bella olhou para ela.

— Bree. Sério?

Nem um pouco ofendida com a incredulidade nos rostos das mulheres, balançou a cabeça. Era uma coisa que estava acostumada e não a incomodava nem um pouco.

— Absolutamente.

— Onde? — Charlotte perguntou ansiosamente.

— Viajava pelas planícies Nullarbor alguns anos atrás, e vimos um homem no céu. — Uma das várias aparições, em uma das muitas viagens.

— À noite? — perguntou Maryanne com ceticismo.

— Durante o dia, na verdade. — pegando a vassoura, Bree começou a varrer o cabelo do chão. — Forma de triângulo, prata. Pairou no ar por vários minutos antes de disparar para o céu.

— Claro que sim. — Bella sorriu.

— Talvez o meu fosse triangular — disse Charlotte, pensativa.

Bree sorriu.

— Você não poderia dizer a forma de uma nave espacial à noite, a menos que fosse iluminada e estivesse perto o suficiente.

— E você nos disse que era uma luz que viu de um *km* de distância — Maryanne interrompeu — Nossa. Sério, Bree? Você realmente acredita em OVNI's?

— Acredito. — juntando o cabelo em uma pá de lixo, o jogou na pequena lixeira no canto da sala.

— Você precisa ver um OVNI para realmente entender, querida. — Batendo na mão de Maryanne, com um ar de decoro, Charlotte se levantou e caminhou até o balcão.

Fechando a venda, Bree deu-lhe o troco, nem um pouco surpresa quando Charlotte se inclinou para sussurrar confidencialmente.

— Temos de tomar um café em breve, conversar sobre nossas experiências sobrenaturais.

Bree sorriu sem se comprometer.

Assim que a porta fechou, Bella riu.

— Oh, você é má, Bree.

— Por quê?

— Por enganar Charlotte assim.

— Quem disse que a enganei?

Maryanne bufou.

Arrumando o pequeno carrinho contendo os rolos de cabelo, escovas, spray de cabelo, grampos e tesouras, Bree disse — Acredito em um monte de coisas, Maryanne.

— Está brincando comigo?

— Nem um pouco. — Sorrindo amplamente, Bree olhou para o relógio. — Ok, Bella, isso é tudo o que tinha para o dia. Está tudo bem se eu for agora?

— Bem, com certeza. — Bella a olhou. — Sêrio? OVNI's?

— Agora eu — Bree apontou para si mesma. — sou uma *verdadeira* crente. — Atirando a alça de sua bolsa pequena por cima do ombro, disse alegremente, — Adeus, senhoras!

Quando a porta fechou atrás dela e desceu para a calçada, Bree não tinha dúvida de que Maryanne e Bella discutiam agora sobre ela e o pensamento muito ridículo de OVNI. Isso não a preocupou. A única coisa que estava realmente interessada, era em verificar a área onde Charlotte afirmou ter visto isso.

Depois de parar no café da Maryanne para uma Coca Diet, Bree saiu da pequena cidade de Whicha, apreciando o cheiro de chuva no ar e as nuvens escuras. Ela adorava chuva, amava o outono tornando-se inverno. Tudo era verde e fresco.

Viveu em lugares que eram tudo, menos verde e fresco.

Passando as estradas particulares que levavam às fazendas, Bree bateu os dedos de leve no volante. Gostava de Whicha, adorava a pequena cidade e as pessoas amigas, tudo gritava *casa*. Em sua infância, nunca viveu em um só lugar tempo suficiente para chamar de casa, a única vez que teve uma, foi durante o aprendizado de cabeleireira, e mesmo assim sua mãe a arrastava para longe, sempre que tinha um dia ou fim de semana livre, para procurar OVINI's e outras coisas inexplicáveis.

Sorrindo, pegou a pequena garrafa de Coca do porta-copo e deu alguns goles. Sentia falta de sua mãe.

Chegando a uma curva na estrada, viu o campo que Charlotte mencionou, o reconhecendo pelo espantalho que estava no campo. A camisa vermelha brilhante era difícil de perder.

Não gostava de espantalhos. Enrugou o nariz quando fez uma careta.

Fazendo outra curva, viu a baía de estacionamento no acostamento da estrada e entrou, freando e desligando a van. Saindo, se esticou preguiçosamente antes de fechar a porta e caminhar até a frente da van, recostando-se no capô quente para olhar os arredores.

Campos, estradas, mato. Plantas. Céu cinzento. Boa vista. Ela olhou para o campo. Sim, neste ângulo, Charlotte teria sido capaz de ver através do campo, na direção que disse ter visto, qualquer que fosse a luz.

Entrando na van, saiu da baía de estacionamento e seguiu a estrada de terra, saindo do outro lado e parando no acostamento. O som do interior encheu o ar. Insetos, o mugido de uma vaca em algum lugar, uma casa de fazenda, o distante zumbido de, possivelmente, um bimotor e o farfalhar suave da brisa pegando força, uma vez que correu por entre os arbustos do lado da estrada.

Teria que sair hoje à noite, para verificar se poderia ver as luzes que estavam sem explicação, entretanto, queria analisar se seria qualquer avião no céu, na noite em que Charlotte afirmou ter visto seu OVNI.

Voltando para a van, dirigiu para a cidade. Ao longo do caminho, ligou para saber se Harly terminou a túnica que encomendou.

Ah, como amava a casa de Harly Lawson. Estilo antigo, de grande varanda, rosas com uma luz de boas-vindas na

janela. Planejava comprar uma casa muito semelhante, na verdade, estava de olho na antiga casa do outro lado da cidade. Era apenas uma questão de decidir se estava indo fundo e comprar, para se acalmar, fazer a coisa toda de viver-em-uma-cidade. Ela queria; precisava, tinha o desejo de criar raízes e se tornar parte de uma comunidade pequena e feliz.

— Ficaré sentada aí fora a noite toda?

Olhando para cima, Bree viu sua amiga de pé na varanda.

— Apenas pensando. — pegando a bolsa, segurou a alça em uma das mãos, enquanto subia os degraus para seguir Harly dentro da casa.

— Você puxou um músculo?

— Você transou até ficar desacordada?

Harly corou, mas seu sorriso e olhar cintilante brilharam por cima do ombro.

— Sim.

— E Alex está recuperando suas forças?

Abrindo a porta para a sala de costura, Harly conduziu Bree para dentro.

— Alex tem resistência, é tudo o que posso dizer.

— Algum detalhe?

— Não.

— Nem um pouquinho?

— Não. — Harly pegou um pano dobrado.

— Acho que descobrirei isso de qualquer maneira, pelo estado de suas pernas tortas.

Rindo, Harly empurrou o pano para ela.

— Pare de pensar besteiras e experimente a túnica.

Sorrindo, Bree abriu o pano e olhou com admiração para a túnica amarelo claro, com renda preta ao redor do decote e punhos. O material era suave e quente, o decote alto para circundar a garganta, as mangas compridas. O laço preto desceu a frente da túnica do pescoço para a barra.

— Oh, Harly, isso é lindo!

— Experimente — Harly instruiu. — Pode usar o quarto de hóspedes, há um espelho lá. Avise quando estiver pronta e entrarei para fazer os ajustes necessários.

Bree não precisou que lhe dissesse duas vezes. No quarto de hóspedes, rapidamente tirou o cardigã e blusa de trabalho, antes de colocar a túnica e ajeitá-la sobre seus quadris amplos.

Oh, era linda. De alguma forma, Harly a projetou para que delineasse o seu generoso busto, antes de mergulhar mostrando uma cintura elegante, que voltava para drapejar sobre seus igualmente generosos quadris e descia até o meio da coxa.

Ficando de lado, Bree maravilhou-se com as habilidades de costura de Harly. De alguma forma, fez a túnica ampla o suficiente para que, mesmo que não cobrisse a curva sobre seu amplo traseiro, a barra ficasse nivelada em toda a circunferência, ao invés de atrelar na parte de trás, como um monte de tops e vestidos de tamanho grande. Seria algo totalmente incrível de combinar com leggings escuras.

— Pronto — gritou e Harly entrou, ficando no fundo e observando a túnica criticamente.

Sim, sua amiga era uma costureira fantástica e suas roupas plus-size eram procuradas por mulheres de várias cidades. Na verdade, a cunhada de Harly, Cindy, sempre inventava alguma maneira de convencer Harly a entrar no negócio de família com suas roupas plus-size, mas Harly sempre recusava, ignorando dinheiro e fama pelo simples prazer de fazer roupas por encomenda, para quem a procurava por indicações.

Sendo uma mulher de tamanho grande, Harly sabia o que enfrentavam outras mulheres quando se tratava de comprar roupas e começou a confeccionar as suas próprias

roupas e para aquelas que a pediam. Bree achava que ela era uma dádiva de Deus.

Fazendo-a virar lentamente, Harly observou a túnica e acenou com a cabeça, satisfeita.

— Prontinho, Bree.

— Ficou linda. — Bree admirou a túnica mais uma vez no espelho antes de cuidadosamente tirá-la. — Posso pedir outra? Em azul claro, desta vez?

— Claro. — Harly dobrou a túnica enquanto Bree vestia sua blusa. — Mas primeiro, tenho outros quatro pedidos para atender.

— Sim, mas sou sua amiga. Isso não me dá prioridade?

Harly a olhou.

Bree suspirou.

— Às vezes você é tão justa, que é injusto.

Sorrindo, Harly entregou-lhe a túnica.

— Quer uma xícara de chá ou alguma outra bebida?

— Obrigada, mas preciso ir logo para casa por causa de Sheba e Bast, ver se a casa ainda está de pé. — Bree piscou.

— Além disso, você e Alex não têm planos para... você sabe?

— empurrou seus quadris para frente sugestivamente.

— Pode fazer isso novamente? — uma voz profunda perguntou da porta. — Não entendi muito bem.

Oops.

Virando-se, Bree viu marido de Harly pela primeira vez. Suas fotos não lhe fizeram justiça. Cabelo Curto estilo militar, loiro e musculoso, bonito e amigável ela relaxou imediatamente. O brilho em seus olhos era uma declaração aberta de diversão em suas ações.

— Você deve ser Alex. — Cruzando o quarto, estendeu a mão. — Sou Bree.

— Eu meio que percebi isso. — Sorrindo, Alex apertou a mão dela.

— Ah, é?

— Harly a mencionou em suas cartas.

— Falou sobre nossa amizade?

— Ahhh...

Harly bateu em seu ombro levemente.

— Seja legal.

— Sou sempre bom para as senhoras. — Alex colocou um braço ao redor da cintura ampla de Harly, puxando-a para o seu lado, para dar um beijo em sua cabeça. — Sou especialmente bom para você.

Harly riu.

Em pé na frente deles, Bree não podia deixar de notar o amor em seus olhos, o jeito que segurou Harly como se fosse uma peça frágil de porcelana, em vez de uma mulher muito saudável, com proporções generosas.

Alex era um homem em um milhão, não havia dúvida sobre isso. Harly era uma mulher de sorte.

Harly também era uma linda e amável mulher. Alex tem sorte de tê-la também.

Bree poderia fazer um bolo com toda a doçura em seus pensamentos. Ela sorriu.

— Sinta-se à vontade para ficar para uma xícara de chá.
— os olhos de Alex brilharam. — Você tem tempo. Atualmente estou me recuperando.

— Alex! — Harly corou.

— Para uma segunda rodada? — Bree perguntou — Espera aí, você voltou há quanto tempo? — começou a contar nos dedos.

— Não importa. — Harly segurou a sua mão — Vocês dois são, obviamente, má influência um para o outro.

— Uma semana — Alex disse amavelmente, os olhos dançando com o riso.

— E você está se recuperando agora? Estou um pouco desapontada. — Bree suspirou. — Pensei que vocês meninos soldados, tivessem mais resistência.

— Sete dias, sete noites, vinte e quatro horas, — respondeu suavemente. — Faça as contas.

— Não, *não* faça as contas. — Harly se afastou dele. — Bree, gostaria de beber alguma coisa?

— Infelizmente, não. — Bree balançou a cabeça. — Tenho planos.

— Encontro? — Harly perguntou com curiosidade.

Com aliens. — Mais ou menos isso.

— Alguém que conheço?

— Duvido muito.

— Não notei nenhum estranho na cidade.

— Você conhece todos na cidade?

— Cresci aqui.

— Acho que você supera — disse Alex.

— Acho que está certo. — Bree puxou a carteira de sua bolsa. — Quanto lhe devo, Rainha da Costura? — pagando o valor, colocou a carteira novamente na bolsa e pendurou a alça sobre o ombro. — Ok, é melhor ir. Você e Alex têm

coisas para fazer. — deu uma piscada. — E eu tenho coisas para fazer. — Outra piscada. — Mas não as mesmas coisas.

Harly revirou os olhos.

— Você é tão atenciosa — disse Alex. — Mas não precisa correr por minha causa.

Bree ergueu as sobrancelhas, quando colocou a túnica dobrada debaixo do braço.

— Por que, ainda se recuperando?

— Humm. Você ainda tem outros... — olhou para o relógio de parede antigo no canto da sala. — Dez minutos. Então estarei pronto.

— Uau. Dez minutos. Estou desapontada.

— Nossa! — segurando-lhe o braço, Harly a arrastou para fora da sala de estar.

A risada de Alex seguiu pelo corredor.

Harly estava tudo menos aborrecida, Bree podia notar pelo rubor em suas bochechas e pelo brilho em seus olhos, mas sua amiga manteve uma expressão séria.

— Jantaré conosco amanhã à noite, né?

— Jantar? — Bree olhou fixamente para ela.

Harly suspirou. — Você esqueceu, não é?

— O quê? Não! Jamais esqueceria. — Sentindo-se culpada, Bree olhou ao redor. — Sete horas, certo?

— Seis.

— Seis, sete, que seja...

— Seis horas, amanhã à noite. *Não se esqueça.*

— Não esquecerei. — Bree sorriu largamente.

Harly apenas a olhou de cima abaixo.

— Estarei aqui. Está em minha agenda. Não esqueci. Na verdade... — Bree a cutucou suavemente no ombro. — apenas verificava se não havia esquecido.

— Bree — disse Harly pacientemente — vá para casa.

— Estou insultada.

— Uh-huh.

— Certo. Adeus! — Bree acenou e desceu os degraus.

A brisa fresca ficava mais fria, a lufada de ar logo abaixo da batinha da calça subia por suas panturrilhas. Fechando a porta da velha van, ligou o motor e o aquecedor. Infelizmente, levaria alguns minutos para aquecer e o tempo que esquentasse, já estaria em casa.

Dando um último aceno para Harly e sorrindo, dirigiu pelo caminho em frente a casa em direção à estrada, voltando para a cidade.

Certo. Jantar amanhã à noite, seis horas.

Melhor certificar-me de que não se atrasaria. Combinaram esse jantar algumas semanas antes, sem saber que o amigo de Alex chegaria no mesmo dia. Harly insistiu em manter o jantar, como um simples encontro de um casal de amigos.

Bree teria se assustado, senão soubesse que Harly não era o tipo de pessoa que fazia arranjos para suas amigas solteiras. Sabendo que não havia nenhuma pressão, estava certa de que se divertiria. Tudo o que sabia sobre amigo de Alex, é que era um soldado e ficaria com eles por um tempo.

Hum, talvez soubesse de algo sobre as luzes no céu, se eram caças experimentais ou qualquer outra coisa. Ela tentaria bombardear Alex e seu amigo para obter alguma informação.

Enquanto isso, tinha seus próprios contatos.

Passando do centro para o outro lado, onde as casas eram bem afastadas em quatro hectares de lotes, entrou no caminho sinuoso de sua casa alugada e a observou. Antiga, construída em pedra e madeira, com varanda. Um corredor, com os quartos nas laterais, a cozinha e sala de jantar, ocupando toda a parte traseira da casa. A varanda dos fundos foi construída de modo que proporcionava um tipo de abrigo

e decidiu que poderia arrastar uma cadeira lá fora nas noites quentes de verão e dormir. Incrível.

Esta era a casa que desejava comprar. Desligando o motor, sentou em silêncio, ouvindo os pássaros cantando na luz fraca. Grandes e velhas roseiras cresciam ao longo da passarela rachada e vinhas velhas corriam em volta do poste da varanda. Uma velha cadeira de balanço balançava levemente na brisa, que se transformava rapidamente em vento. Árvores na lateral da casa e um pouco mais longe balançaram seus galhos, folhas caindo ao longo da grama selvagem, que crescia em abundância.

Provavelmente deveria ver alguém para aparar a grama e árvores.

Atrás da casa tinha um velho celeiro com um trator enferrujado. Satisfeita, Bree olhou ao longo da casa. Grandes janelas, cortinas desbotadas. Na verdade, comprou móveis que apesar de serem novos, eram modelos retrô. Combinava com a casa.

Sim, assim que o Sr. Tinsdale estipulasse um preço para a casa, faria uma oferta. Queria esta casa.

A cortina na janela da sala mexeu e a forma elegante de um gato apareceu e sentou no parapeito da janela e olhou para fora, para ela.

Sheba ou Bast, não tinha certeza na penumbra do anoitecer, mas não havia dúvida, qualquer menina que fosse, esperava pelo seu jantar.

Saindo do carro, olhou para o céu. Nuvens tampavam a lua e podia sentir o cheiro da chuva no ar. Não demoraria muito e choveria. Não era uma noite particularmente boa para procurar um OVNI, mas ninguém poderia prever quando eles apareciam.

Ou sondavam.

Aqueles *homens cinzas* amavam sondar. Nenhum orifício estava a salvo deles. Colocando coisas, plantando coisas, faziam tudo. Para não ser muito exigente... ou perversa...

Rindo baixinho, Bree correu para a varanda do outro lado e subiu os degraus, quando a chuva começou a cair. Amando, viu quando as gotas leves ficaram mais pesadas. O som no telhado de zinco da varanda era mágico.

Respirando profundamente, suspirou feliz antes de abrir a porta e ser recebida por Bast e Sheba.

Grandes olhos azuis olhavam de um rosto fechado, patinhas batendo ao longo do corredor e cauda longa e fina para cima no ar, enquanto Sheba trotava delicadamente em sua direção. Então abriu a boca.

O miado derrubaria as pinturas das paredes. Parecia tão errado que tal grito viesse de uma tão delicada e pequena Siamesa.

Houve um barulho e depois Bast saiu correndo da sala de estar, arranhando o chão de madeira até que bateu no corredor, onde derrapou até parar, sentou e começou a lamber a pata, fingindo que não foi a única que correu desajeitadamente ao redor da porta.

— Sim, claro — disse Bree secamente.

Bast piscou e desviou os olhos e o focinho azul no ar.

Definitivamente é hora do jantar.

Alimentar as duas siamesas era a primeira ordem do dia, antes de Bree tomar um banho, lavando os aromas combinados de corantes, loções e outros produtos químicos de sua pele. Sem dúvida, não tinha nenhum deles sobre ela, mas sempre sentiu como se estivesse banhada neles ao tempo que saiu do trabalho.

Envolta em um roupão, sentou no sofá e verificou em sua agenda telefônica, o telefone da Equipe de Caça de OVNI. Digitando o número, se acomodou no sofá.

— Olá? — uma voz de mulher veio através do receptor.

— Jackie, é Bree.

— Qual é a senha?

Paranoia, não tinha nada na Equipe de Caça de OVNI.

— Pé Grande pegando um troll.

— Essa não é a senha.

— Um fantasma com tesão e uma boneca inflável se encontraram em um bar...

— Não é a senha. Uma última chance e então, desligarei.

— Prenda um alienígena, salve um orifício.

O telefone foi desligado.

Rindo, Bree ligou novamente.

— Qual é a senha? — Jackie perguntou em tom de brincadeira. — Última chance e quero dizer isso, Bree. Você nunca sabe quem está ouvindo, coisas como perda de tempo com o telefone dá tempo ao governo para nos rastrear.

Bree revirou os olhos. — Federação Unida dos Ômegas.

— Isso é lazer ou negócios?

Mais do que acostumada com a maneira que Jackie ia direto ao assunto, Bree respondeu.

— Negócios.

— Referência ou pesquisa?

— Não preciso de uma referência para qualquer coisa estranha, mas preciso saber se algum avião voava ao redor da área de Whicha ontem à noite.

— Avistaram luzes?

— Uma local jura que era um OVNI.

— Explicou que um OVNI é um Objeto Voador Não Identificado e o que viu se rege por essa classificação, apenas pela chance de que não poderia identificá-lo como um avião ou algo mais?

— É o que verei se consigo identificar esta noite.

Houve silêncio por alguns segundos.

— Você tem chuva em sua direção.

— Obrigada pela atualização.

— Ontem à noite estava claro.

— Exato.

— Sem aviões sobrevoando.

— Helicópteros?

— Não acha que teria dito isso?

— Entendi. Nenhum avião, noite clara.

— Nenhum avião marcado para hoje à noite, também.

— Esta noite é de chuva e de escuridão.

— Não é bom tempo para ver OVNI.

— Entendi novamente.

— Quem é seu parceiro?

— Eu e eu. Mencionei também eu? Ah, e mais eu. É uma grande multidão.

Podia ouvir o desagrado na voz de Jackie.

— Sabe que nunca deve realizar caça sozinha.

— Realmente não tenho uma corte OVNI comigo agora.

— Quer que mande Mick?

— Não há necessidade. Não há nenhuma aparição confirmada, apenas farei um reconhecimento. — Bree revirou os olhos. Ela parecia uma idiota, mas Jackie gostava desse tipo de conversa e ela precisava de informações, por isso era um pequeno preço a pagar.

— Talvez devesse me dar o local e posso segui-lo.

— Pode fazer isso? De mil quilômetros de distância?

— Você acha que não posso?

Para ser honesta, Bree não tinha certeza exatamente do que Jackie podia fazer. Se ela se teletransportasse para o lado de Bree um dia, não se surpreenderia. A mulher era uma

maravilha com o computador, para não mencionar um grande hacker.

— Preciso ir — Jackie informou. — Nunca se sabe quem pode nos acompanhar. Envie um relatório assim que chegar em casa.

— Não acho que isso é...

— Faça. — Jackie desligou.

Sorrindo, Bree se levantou. A Equipe de Caça de OVNI podia ser maluca, mas não havia dúvidas de sua inteligência. Esteve em contato com eles tempo suficiente para saber em primeira mão.

Agora que sabia que não havia nenhuma aeronave nos céus na noite anterior, significava que, se Charlotte realmente viu uma luz, era alguma coisa — OVNI, testes secretos de aviões, quem sabe? Mas era algo a ser verificado.

Colocando rapidamente seus jeans, meias grossas, tênis e uma camisa de mangas compridas, pegou um blusão acolchoado à prova de chuva e um saco de equipamento, que usava quando saía em uma verificação, colocando ambos na mesa do corredor. Voltando à cozinha, pegou um frasco de água quente e guardou uma nota de vinte dólares no bolso. Ciente de que tinha tudo, fez carinho nas gatas, despediu-se e trancou a porta da frente, antes de voltar para a van na leve névoa de chuva.

A noite estava escura, a chuva não era boa para visualização, mais a escuridão certamente facilitava a detecção de uma luz no céu.

Uma vez na estrada, dirigiu para o campo que observou anteriormente. Ligando o scanner da polícia, prestou atenção. Silêncio. Whicha era uma cidade pequena e tranquila. Se tivesse que passar a noite ouvindo apenas o scanner, ela adormeceria.

Ligando o rádio, balançou a cabeça. Qualquer aeronave alienígena interferiria com o rádio, um sinal claro de que a alertaria, mesmo que não visse uma nave espacial.

A chuva aumentou e ela suspirou. Uma caneca de chocolate quente e um bom livro enquanto se encolhia no sofá parecia incrível, mas isso não aconteceria tão cedo. O melhor que teria era uma sopa quente e — sinalizou e virou para o café — e um sanduíche tostado. Se ela se sentasse na chuva fria e, ainda no abrigo da van, pelo menos teria um pouco de comida quente, além dos Cup-A-Sups² que carregava na bolsa.

Parando perto do café, entrou, pediu um misto quente, não resistiu e comprou um pequeno pacote de chips também, e já se preparava para ir embora, quando a porta abriu e entrou um homem alto, de ombros largos. Usava calça e

² Pacotes de sopa em caneca

jaqueta jeans e por causa da chuva, suas botas estavam sujas de lama.

Erguendo o olhar, viu algo que deu água na boca — o homem tirou o casaco e deu uma sacudida. Ele usava uma camisa de flanela desabotoada, que deixava à vista uma blusa que abraçava um peito e abdômen muito musculoso.

Oh, gostoso.

Inferno, se os aliens tiverem corpos assim, não se importaria de ser capturada e explorada.

Olhou para cima, para observar um rosto que era lindo para aquele corpo delicioso. Cabelo curto, sobrancelhas escuras, nariz reto, queixo quadrado firme, lábios masculinos, e — oh, seu coração batia forte — olhos verdes brilhantes. Puro, verde, penetrantes.

Caramba, se aliens forem assim, saborosos espécimes de masculinidade, *imploraria* para que a explorassem.

Talvez fosse mais filha da mãe do que pensava.

Os olhos verdes do homem varreram o pequeno café, antes de pararem nela. Seu olhar aguçado a observou atentamente.

Putá merda. Ele olhava para ela, o observando. Assim como Twilight Zone³ — quão assustador, quão estranho, quão... *interessante*.

Gostando dele instantaneamente, mesmo que não dissessem uma palavra um ao outro, Bree sorriu. Seu instinto lhe dizia que estava tudo bem, que um belo exemplar de masculinidade não a machucaria. Sua cabeça lhe dizia que nunca se sabia, pois ele podia ser um serial killer, com tara por garotas grandes. Seu coração suspirou melancolicamente.

Os lábios do homem se curvaram em um sorriso de entendimento e seu coração quase desmaiou de prazer, sua mente zombou e sua intuição confirmou — *sim, ótimo espécime completo*.

— Oi — disse Bree.

— Oi. — Sua voz era profunda, baixa, fazendo os dedos dos pés ondularem em seus tênis. — Um pouco molhado lá fora.

— Só um pouco — concordou, vendo a chuva caindo pela janela. — Vejo diante de mim um viajante cansado procurando abrigo?

— Mais como um viajante faminto em busca de alimento. — olhou para a bolsa na mão. — Como um viajante com fome para o outro.

³ The Twilight Zone foi uma antológica série de televisão estadunidense, criada por Rod Serling, que foi produzida por 5 temporadas na CBS, de 1959 a 1964.

— Hum. Nesse caso, veio ao lugar certo. Por aqui fazem a melhor comida quente, que entope artérias.

— Como ignoraria essa observação brilhante? Você me convenceu.

— Mas estava com fome de qualquer maneira — ressaltou. — Então, realmente não precisei te convencer.

Seus olhos brilhavam com diversão.

— Outra observação brilhante.

Um trovão retumbou e as luzes do café piscaram.

— E teremos uma tempestade — disse Bree.

— Isso teremos. — concordou. — Ficaré para comer?

Será que pedia para juntar-se a ele? Pensamento esperançoso. Ou seria educação? Com um pequeno e melancólico suspiro mental, Bree balançou a cabeça.

— Temo que não.

O riso deixou seu rosto, a preocupação tomando seu lugar.

— Sairá nesse tempo?

— Tenho coisas para fazer. — *Aliens a encontrar.*

Se soubesse esse último pensamento, se afastaria, preocupado que sua insanidade o contaminasse. Piscou quando virou e dirigiu-se para a porta. — Adeus.

Assim que alcançou a maçaneta da porta sentiu o calor atrás dela, a sensação de algo grande, o cheiro fraco de colônia masculina e sabão invadindo seus sentidos, quando um longo braço veio por cima do seu ombro e uma grande mão pousou contra a porta.

Assustada, recuou apenas para se chocar com um corpo alto e forte. Homem, ele era quente, e não queria dizer apenas de sua aparência. Seu corpo a atraiu como uma mão gelada em uma caneca de chocolate quente. Sentia-se quente, segura...

Inclinando a cabeça para trás, olhou diretamente para os olhos verdes que a observavam, sobrancelhas escuras franzidas.

— Minha senhora — disse suavemente — há uma tempestade lá fora. Não é seguro.

— Senhor — respondeu — dirigi em tempestades anteriormente.

—Trata-se de uma emergência?

Apenas para calcinhas secas, porque ficar perto assim do homem deixava a sua úmida.

— Depende da sua definição.

Olhou para fora, através da porta de vidro.

— Nenhuma emergência, então.

— Na verdade, preciso estar em um lugar.

Olhou novamente para ela. — Espere.

— Sinto muito, temo que não possa fazer isso.

Sua carranca aumentou. — Minha senhora...

— Prazer em conhecê-lo — disse — Agora, pode tirar sua mão?

Por alguns segundos pensou que recusaria e o aborrecimento a dominou. Gostoso ou não, este homem ainda era um estranho e não aceitava ordens de estranhos.

Na verdade, não aceitava muito bem nem dos amigos, quanto mais de um estranho. Era nulo e sem efeito.

A menos que fosse um policial. Faria o que um policial lhe dissesse. Respeitava policiais.

Um músculo tremeu na mandíbula quadrada do homem, e ele recuou. Imediatamente a frieza a atingiu, onde ele estava pressionado contra ela.

— Senhora, por favor. Basta esperar. A tempestade não durará muito tempo.

— Realmente aprecio a preocupação — assegurou — Mas estou bem. Tempestade não é novidade para mim. —

Quando abriu a boca para tentar argumentar mais uma vez, ela acrescentou — Preciso ir. Tenha uma viagem segura onde quer que você vá e certifique-se de desfrutar da boa comida daqui, antes de continuar sua viagem. Eles realmente fazem as melhores batatas fritas.

Afastando-se dele, abriu a porta, encolhendo-se quando um vento frio a atingiu.

Ficar era uma boa opção, muito tentadora, de fato, mas um OVNI não tinha respeito por tempo. Se alguém ia para a terra ou voasse, agora era o momento perfeito. Ninguém estaria fora para ver. Sua mãe sempre colocou isso na cabeça de Bree e a equipe de Jackie confirmou ainda mais. Foi comprovado várias vezes e foi testemunha durante o pior tempo.

De maneira nenhuma um pouco de vento e chuva interferiria em sua verificação de OVNI, nem um cara gostoso. Além disso, provavelmente tinha namorada esperando no carro ou esposa e filhos em casa. Ou esposa e crianças no carro. Ou até um parceiro masculino. Um homem assim não fica solteiro por muito tempo.

Respirando fundo, Bree encarou a tempestade, correndo até a van, destravando a porta e entrando. Fechando a porta, colocou o saco de comida no banco do passageiro e limpou a água do rosto com a toalha que sempre carregava. A trança não estava muito molhada, graças a Deus. Não estava

interessada em fazer uma vigília, com água escorrendo pelas costas.

Pelo menos não teria que mudar suas roupas. A umidade podia tolerar.

Ligando a van, saiu do estacionamento para a estrada. Um olhar para o café, mostrou a imagem desfocada do pedaço bonito de masculinidade, impressionante de pé na janela olhando para ela, mas não conseguia distinguir suas feições através da chuva.

Ah, bem, tinha uma boa memória.

Cuidadosamente dirigiu em direção à fazenda. Levou o dobro do tempo para encontrar o lugar exato, a chuva a fez viajar muito mais lento. Como não queria acabar em uma vala, bater na traseira de outro veículo ou sair da estrada, dirigiu lentamente até que pudesse parar com segurança no estacionamento. Realmente gostaria de estacionar à beira da estrada, próximo ao campo, mas na chuva seria muito perigoso. Ser retirada por um trem de estrada não estava em seus planos.

Empurrando o banco de trás, tirou o tênis, pegou o pacote de comida e levantou as pernas, para descansar seus calcanhares no banco do passageiro. Recostada à porta do motorista, suspirou feliz e abriu o pacote.

Chuva no teto, comida deliciosa — mesmo que morna — e abrigo. O que mais alguém poderia desejar em uma caçada? A antiga van era aconchegante. Olhou ao redor — o pequeno guarda-roupa atrás do banco do motorista, com um pequeno assento que podia ser abaixado para sentar e um assento que se estendia do outro lado da parte de trás da van que formava uma cama. Do pequeno guarda-roupa para o banco tinha armários com um kit de emergência, enlatados e alimentos de pacote, algumas garrafas de água e uma pequena pia. O guarda-roupa possuía duas mudas de roupa.

Mesmo que se estabelecesse em Whicha, sem a intenção de viajar de um lugar para outro mais, era difícil abandonar completamente sua educação. Sua mãe sempre insistiu para que estivesse pronta para fugir de qualquer desastre, seja invasão OVNI, de monstros, do governo ou pessoas obscuras que guardam rancor.

Bree conseguia se lembrar de fugir do passado, mas nunca das demais. Agora apenas gostava de manter um estoque em caso de incêndios ou inundações. *Estar preparada* era mais do que apenas um lema de escoteiro.

Mastigando uma batata, voltou sua atenção para a escuridão lá fora. À distância, várias luzes, no chão e definitivamente não em movimento. Cada uma da fazenda e celeiros. Nada estranho.

A chuva continuou a cair no teto enquanto comia batatas e o misto quente. Limpando as mãos com os lenços umedecidos que tirou do porta-luvas, analisou os arredores.

Tudo estava calmo. Podia ser uma longa espera.

Brincou com o scanner da polícia, mas tudo ficou em silêncio. Nem mesmo os policiais saíam em uma noite como esta, não até que a tempestade acalmasse ou algo acontecesse.

Nada aconteceu.

Não querendo arriscar que a bateria acabasse, desligou a chave na ignição e foi para a parte de trás. Abrindo o armário, tirou o rádio portátil e o ligou, sintonizando na estação de rádio local, que tocava rock leve. Legal.

Voltando para frente, o colocou no painel de instrumentos e encostou-se à janela, colocando uma pequena almofada atrás dela. O rádio estalou.

E foi então que algo bateu na lateral da van.

Capítulo Dois

Abrindo os olhos, Nick instantaneamente acordou. Era quase madrugada, mas ainda olhava para o relógio. Cinco e meia. Hora de levantar.

Virando na grande e aconchegante cama, sentou e contemplou o quarto. Nada mudou desde a última vez que esteve aqui há um ano. Uma grande cama antiga, feita com lençóis felpudos e empilhada com um par de cobertores e uma colcha espessa. Os travesseiros eram macios e confortáveis. A mobília era antiga, polida e bem cuidada, o tapete desbotado, mas grosso e o papel com pequenas rosas salpicadas nas paredes. As cortinas na janela estavam fechadas, contribuindo para a atmosfera aconchegante.

Entrar na casa de Harly e Alex era como voltar no tempo. Ele gostou.

Em pé, andou até as cortinas e as abriu, abrindo a janela para sentir um arrepio e inalar a brisa fria. Além da varanda, podia ver na escuridão que as árvores pingavam e a grama ainda estava molhada, havia poças ainda no quintal. As aves apenas começavam a se mexer. Tudo estava molhado e fresco.

Colocando um short e uma camisa de mangas compridas, amarrou os tênis e foi para o corredor.

A velha Buffy, dormindo em um cobertor ao lado do sofá na sala, ergueu as orelhas quando passou por ela, mas não se levantou. Obviamente, era muito cedo e frio para ela. Nada mudou na casa, nem mesmo os gatos apareceram, então sabia que Harly e Alex ainda dormiam com os três gatos provavelmente amontoados na cama com eles.

Sorrindo, abriu a porta, fechando-a cuidadosamente. Respirando fundo, olhou ao redor. Sua respiração fazia fumaça e sentiu arrepios em seus braços e pernas. Saltando levemente, correu no local por vários minutos, se alongou algumas vezes, então começou a correr preguiçosamente até a calçada de betume, que Alex colocou na última vez que esteve em casa e virou para a estrada. Mantendo-se ao lado oposto da pista de carros, acelerou seu passo, caindo facilmente em sua corrida matinal.

O silêncio da manhã foi quebrado apenas pelo som da agitação da vida selvagem, as aves que apareciam e vários cangurus fugindo quando o viam.

Ah, Whicha. Realmente gostava da cidade. Ficou aqui com Alex e Harly várias vezes, gostando tanto agora, como antes. Era mais um lar para ele do que qualquer lugar que já esteve, e viajou para um monte de lugares no exército. Mas Whicha, com a sua calma e encanto do interior, o atraía.

Braços balançando ritimados com seu passo, Nick respirava profundamente e de forma constante.

Teria gostado de vir há uma semana, mas consciente de que Alex não viu Harly por seis meses, Nick foi atencioso o suficiente para deixá-los sozinhos por uma semana. Precisariam compensar o tempo perdido e estar por perto, era algo que não precisavam, quando primeiro se encontrassem depois de tanto tempo separados. Que o consideravam quase da família era bom, mas não era um abusado.

Um fazendeiro passou por ele, a parte traseira de seu caminhão cheio de fardos de feno. Acenou para Nick, que acenou de volta, ignorando o espirro das poças em suas pernas.

Agora que estava aqui e que foi recebido tão bem na noite anterior por Alex e Harly, seus pensamentos se voltaram para *A Garota do Adeus*.

Ela ainda estava aqui, tinha que estar. Esperava chegar a Whicha para procurá-la e agora que estava aqui, não conseguia acreditar que o tinha deixado. Se ao menos tivesse seu último nome; mas Bree não era um nome comum, tinha certeza que não seria tão difícil de encontrá-la.

Ok, então talvez não gostaria que a encontrasse, talvez deliberadamente manteve sua identidade em segredo e respeitava isso... provavelmente. Mas sua ligação com ela o atraía tanto quanto Whicha. Depois de todos esses meses de partilha de risos e ideias, queria conhecê-la, ver se seu rosto

era tão brilhante e sua personalidade tão radiante quanto suas cartas.

O suor começou a escorrer por suas costas, quando seguiu em frente, mas ignorou.

Talvez ficasse decepcionado, mas decidiu que não haveria nenhuma decepção em encontrar-se com a mulher que se importava o suficiente para escrever para os soldados solitários e enviá-los pacotes de cuidado. Se fosse uma pequena coisa tímida, então estava tudo bem, também. Só queria conhecê-la, conversar com ela e agradecê-la.

Ver se essa ligação que sentia era tão forte pessoalmente, quanto sentia ao ler suas cartas.

Hoje começaria a procurá-la, mas teria que ser sutil. Para dizer a verdade, não tinha ideia de como reagiria ao encontrar um de seus 'meninos soldados' e certamente não queria arriscar a chance de outro soldado solitário criar um elo com ela também.

Sim, seria sutil sobre isso.

Mas não podia negar que estava ansioso para conhecê-la, vê-la à distância se necessário, se realmente não quisesse conhecê-lo. Descobriria quem era, ver se teria uma ideia do tipo de pessoa era, se receberia bem um 'bom dia' e 'obrigado'.

E talvez uma xícara de chá e um bate-papo. Sim.

Com o vigor renovado, aumentou o ritmo, fazendo a curva na estrada, para ver uma velha van azul Ford Transit vindo em sua direção. Teria sido normal, exceto que a van passou por uma poça enorme, molhando Nick da cabeça aos pés.

— Merda! — não conseguia parar o nó na garganta, quando a água gelada o atingiu.

Parando, passou a mão pelo rosto, limpando e tirando a água barrenta de seus olhos. Sua camisa estava saturada com água barrenta, sua bermuda agarrada. Seu tênis esguichando quando deu um passo para o lado.

O som de uma desaceleração do motor, então a ré o fez virar e ver a van voltando, até a porta do passageiro ficar nivelada com ele.

— Droga, cara. Sinto muito. — uma voz feminina falou.

Conhecia aquela voz e virando a cabeça, olhou diretamente para os olhos cor de avelã da mulher do café, da noite anterior. Duas coisas o atingiram de uma vez — ela era tão bonita agora como ontem e alegria dançava em seus olhos, embora parecesse genuinamente arrependida.

— Cara, sinto muito — repetiu.

— Está tudo bem. — Com um sorriso triste, tirou sua camisa. — Acho que não precisarei de um banho agora.

— Entre.

Ele fez uma pausa. — Perdão?

— Suba na van. Vou levá-lo para casa.

Ficou surpreso. — Para a sua casa?

— Você é um estranho. Por que o levaria para a minha casa?

— Por que me levaria a algum lugar?

Ela apertou os lábios e uau, aqueles lábios eram tão carnudos e exuberantes como seus quadris sob os jeans apertados.

— Não o levarei para qualquer lugar, senhor, o levarei para *sua* casa.

— Não me conhece — ressaltou, sentindo a água escorrer por suas pernas em seus tênis encharcados.

— E ainda ofereci uma carona.

Bem, ofereceu e estava encharcado. Agora que parou de correr, a brisa fresca provocava arrepios. E sabia que não a machucaria, então... Nick abriu a porta do passageiro e entrou, sentando em uma toalha grossa.

— Que bom que tem bancos de vinil. — colocou o cinto de segurança.

— Faz com que seja mais fácil de limpar o sangue das minhas vítimas.

Nick a olhou.

Com a expressão serena, ligou a van e voltou para a estrada. — Está com medo?

— Acho que sobreviverei — respondeu calmamente.

— Continue pensando assim. — verificou o espelho retrovisor. — Onde?

— Sabe onde mora Harly Lawson?

— Todos conhecem Harly.

— Ficarei lá.

— Ah. — o olhou de soslaio antes de olhar novamente para a estrada. — Há uma toalha pequena no porta-luvas, pode secar o rosto.

Imaginando o que fazia com uma toalha pequena no porta-luvas, Nick abriu e pegou-a, esfregando o rosto e os cabelos, antes de colocá-la perfeitamente em seu colo.

O silêncio encheu a van enquanto a observava com curiosidade. Longos cabelos pretos presos em um rabo de cavalo que batia no meio das costas, pequenos brincos de ouro nas orelhas e seu rosto estava rosado. Apostava que era de frio e não maquiagem, porque a janela estava entreaberta e o ar frio soprava.

Seu perfil era bonito — nariz empinado, lábios carnudos e cílios grossos. Tão grossos e longos, que na verdade, se perguntou se eram falsos.

Abaixou seu olhar. Ela usava uma camisa de mangas compridas, que cobria um par de seios magníficos. Jesus, se segurasse um na palma da mão, não tinha dúvida de que encheria sua mão — e olha que tinha mãos grandes.

Jeans stretch moldava seus quadris generosos e coxas arredondadas e calçava um par de tênis rosa neon. Desviou seu olhar novamente. Usava um bracelete de ouro com detalhes estranhos em um dos pulsos, vários anéis de ouro em seus dedos e unhas pintadas de vermelho sangue.

Ela olhou em sua direção. — Algum problema?

— O quê? Não. — Apressadamente, desviou o olhar, com um leve rubor em suas bochechas. Não se lembrava da última vez que corou. Desde quando foi pego de surpresa por alguém? Por uma mulher que acabara de conhecer? Por duas vezes, na verdade, mas ainda assim... — Ah, a curva à frente.

— Eu sei.

Bem, é claro que sabia, ela não disse que todos conheciam Harly? Com um suspiro, Nick passou a mão pelo cabelo curto.

— Você tem certeza que está bem? — a mulher virou a van na calçada de Harly e Alex e se dirigiu para a casa.

— Tudo bem. — soltou o cinto de segurança quando a van parou. — Olha, muito obrigado. Você não precisava fazer isso.

Ela virou a cabeça, um sorriso enorme em seu rosto, seus olhos dançando com diversão.

— Querido, quase te afoguei. Precisava fazer isso ou sofreria um karma ruim.

— Acredita em karma?

— Aparentemente.

Nick piscou. — Aparentemente?

— É uma longa história.

— Nesse caso, talvez o karma esteja atrás de mim por algumas coisas.

— Hummm. Já fez um testamento?

Diversão o encheu. — Acha que seria tão ruim assim?

— Só você pode saber isso.

Seu bom humor era contagiante, o fazendo sorrir largamente para ela. — Certo.

Seu olhar deslizou sobre ele.

— É melhor entrar, tomar um banho quente e trocar de roupa. Você não quer pegar um resfriado.

— Não é possível pegar um resfriado de chuva, senhora. — Ele abriu a porta, estranhamente relutante em sair.

— Mas por que arriscar, certo? — esperou pacientemente.

Não querendo que se arrependesse de lhe dar uma carona, Nick saiu e fechou a porta. Indo para o lado do motorista, a olhou pela janela aberta.

— Obrigado pela carona.

O riso fez seus olhos castanhos brilharem.

— E pelo banho de água fria improvisada?

Ele sorriu.

— Oh, definitivamente, pelo banho. Muito obrigado.

— Prometo não fazer disso um hábito. — virando a van, acenou com a mão. — Xauzinho!

Xauzinho? Quem hoje em dia diz xauzinho? Fascinado, Nick viu quando a van saiu da propriedade. Coçando a cabeça, virou para a casa, subiu os degraus e tirou os tênis esguichando água na beira da varanda.

De alguma forma, sentiu-se muito mais leve, como se um raio de sol aparecesse em um dia nublado. Como se sua alegria o contagiasse, afastando um pouco de sua escuridão, tirando *as teias de aranha* do seu senso de humor, o tornando... *um idiota*.

Franzindo a testa, Nick colocou os tênis ordenadamente lado a lado antes de abrir a porta. Merda, no espaço de 10 minutos corou, babou por uma mulher, relutou em sair de sua

antiga van e pensou em raios de sol. E percebeu que não sabia o seu nome.

Da cadeira na mesa da cozinha, Alex ergueu as sobrancelhas quando Nick passou pela porta.

— Rolou em uma poça?

— Não. Atiraram uma em mim.

— Oh, tudo bem. — Alex placidamente tomou um gole do seu copo.

— Vou tomar um banho.

— Bom plano.

Sunny, a mais jovem das gatas, andou atrás dele quando pegou roupas secas de seu quarto e o seguiu até o banheiro.

— Fecharei a porta — disse a ela. — Depois que fechá-la, não sairei do chuveiro para abri-la para você.

Sunny saltou para cima da pia e começou a investigar sua sacola.

— Está avisada. — ela pegou uma tira de preservativos que descobriu com uma pata do fundo da sacola. — Comporte-se. — Sorrindo, acariciou rapidamente suas orelhas, que fez com que fechasse os olhos e ronronasse entusiasmada.

O chuveiro estava quente e acolhedor, devolvendo calor para o corpo frio e úmido e, pelo tempo que ficou lá, o vapor encheu o ar.

Sua sacola estava no chão, o desodorizante rolando de um lado para o outro por todo o chão do banheiro por uma encantada Sunny. Seu pente estava atrás da porta e sua escova de dente — ó céus, ela conseguiu tirá-la do recipiente e a encheu de pêlos.

— Última vez que entra aqui comigo, senhorita — Nick resmungou.

Sunny jogou o desodorante no chão assim que pousou próximo a seu pé.

— Não me importo o quão bem joga bola de desodorante, *nunca* mais ficará aqui comigo novamente.

Ela esfregou a cabeça nele.

— Não tente ser fofa.

Sentando-se em seus pés, olhou para ele. Somente quando seus olhos ficaram grandes, com as pupilas dilatadas, que de repente percebeu que estava nu.

— Oh merda, não. — segurando-a em uma das mãos, abriu um pouco a porta e a empurrou para o corredor. — De jeito nenhum.

Pense em encontros íntimos.

Balançando a cabeça, Nick se secou e vestiu uma calça jeans, blusa e camisa de flanela aberta antes de guardar seus artigos de higiene espalhados e ir para seu quarto, onde vestiu meias para ir à cozinha.

Harly estava no fogão, seu sorriso acolhedor.

— Bom dia, Nick. Como dormiu?

— Bom dia, Harly. — deu um beijo no topo de sua cabeça, antes de sentar-se à mesa do lado oposto a Alex. — Excelente como sempre. Se algum dia comprar minha própria casa, levarei a cama comigo.

— Não é provável — disse Alex. — Tenho boas recordações dessa cama.

— Ei! Não sei se quero que vá mais longe com isso.

Harly gesticulou para a frigideira. — Bacon e ovos?

— Por favor. — sua barriga escolheu esse exato momento para fazer barulho. — Trabalhei meu apetite já.

Alex bocejou. — Alguns gostam de ficar se aconchegando na cama.

— Alguns de nós — Nick sussurrou enquanto Harly voltou para o fogão — tem alguém que vale a pena ficar na cama para se aconchegar.

— A mão direita não é boa o suficiente? — perguntou Alex, com cara de poker.

— Não é agora. Percebe que falamos sobre estar na sua cama de hóspedes, da qual tem boas lembranças?

Alex fez uma careta. — Sim, percebo. — sorriu para Harly quando ela colocou uma xícara de chá quente diante dele. — Obrigado.

Ela bagunçou seu cabelo como uma criança, antes de voltar para o fogão. Deus, Harly agia como uma mãe. Isso era bom. Mesmo que fosse um pouco mais jovem do que ele, tinha aquele ar maternal e cuidador sobre ela. Era impressionante que Alex não a engravidou ainda.

Curiosamente, olhou para a mesa, onde Alex segurava sua xícara de chá entre as mãos. Seu amigo observava sua esposa com os olhos quentes, o amor praticamente transbordando dele. Era bom de ver e confortava de alguma forma. Era aprova que casamentos podiam permanecer fortes, mesmo quando um casal passava muito tempo separado.

O amor é que une. Desejou saber como seria a sensação. Provavelmente nunca saberia.

— Tem planos para hoje? — Harly quebrou ovos na frigideira.

Despertando de seus pensamentos, Nick sentou na cadeira.

— Pensei em ir até a cidade, dar uma olhada ao redor.

— Isso leva uns dez minutos. — Alex riu.

Nick sorriu quando Harly olhou diretamente para Alex.

— E o que *fará* hoje?

— Hummm, deixe-me ver... — Alex a olhou de cima a baixo dela, com um brilho em seus olhos.

Ela corou.

Sorrindo, se largou na cadeira.

— Na verdade, disse a Paul que o ajudaria a construir a nova sala para o café da Maryanne.

— Ele começará hoje? — Harly manteve seu olhar na frigideira.

— Sim. — Alex olhou para Nick. — Se não tiver nada mais para fazer, poderia juntar-se a nós. Um pouco de trabalho será bom para você.

Nick assentiu. — Claro.

— Você está de férias, Nick. — Harly colocou os ovos fritos sobre os pratos. — Não pense que precisa fazer alguma coisa.

— Está tudo bem. Gosto de trabalhar com minhas mãos.

— É uma mudança — disse Alex.

— Ei, eu trabalho com as minhas mãos.

— Ser Sargento significa que você manda os outros trabalharem com as mãos. Você sorria o tempo todo, quando mandava Hollins e Barker cavar as novas latrinas.

— Vá direto ao ponto.

— Não o vi pegar uma pá em suas delicadas mãos.

— Alguns nascem para liderar. — Nick passou manteiga na torrada. — Não seja amargo.

— Sargento, hein? — Harly sentou-se em sua frente. — Isso não significa que trabalha sob as ordens de Alex?

— Não seja amargo, Nick. — Alex sorriu.

Nick mostrou o dedo.

— Oooh, se minha mãe o visse agora, puxaria suas orelhas.

— Coma seu café da manhã antes que esfrie. — Harly lhe passou o saleiro.

Alex a olhou. — Sim, senhora.

Ela arqueou as sobrancelhas para ele.

Ele bateu continência.

— Esse é o meu menino soldado. — rindo, Harly pegou a manteiga.

A brincadeira entre seus amigos fez Nick sorrir, mas suas palavras cutucaram ele. *Menino soldado*. Hoje estava em uma

missão furtiva para encontrar a indescritível Garota do Adeus. Na verdade, agora que pensava nisso...

Nick se conteve antes de perguntar a Harly se conhecia uma mulher chamada Bree. Para ser sincero, não contou a Alex que procurava Bree, pois enquanto estivesse aqui, não sabia se o seu amigo concordaria. Não discutiu com Alex e nem pretendia, não agora. Talvez mais tarde, dependendo do que acontecesse.

Pegou uma carona para a cidade com Alex, saindo do Jeep na parte de trás do café onde Paul e seus trabalhadores trabalhavam.

— Vamos trabalhar um pouco? — Paul estava com as plantas espalhadas sobre o capô da caminhonete. — Com dois soldados fortes, esta sala ficará pronta em qualquer momento, né meninos?

Os carpinteiros Smithy, Mack e Bundy, que Nick conhecera na última vez que esteve na cidade, sorriram.

— Claro, sem os uniformes estilosos, as mulheres não cairão a seus pés — Smithy disse.

— Tenho Harly — Alex respondeu.

— Não tenho ninguém. — Nick suspirou. — É melhor colocar meu uniforme novamente.

Bundy prendeu um cinto de ferramentas na cintura.

— Homens de verdade não precisam de uniformes para atrair mulheres. Eu por exemplo...

— Lá vamos nós... — Smithy revirou os olhos

— As mulheres suspiram por mim. — Bundy acenou com a mão ao redor. — Paul limpou o local antes de chegar, deixou tudo pronto, antes que saísse da caminhonete.

— Jesus — disse Paul. — Pago para se gabar ou o quê?

— Ou o quê — Bundy respondeu sem pestanejar. — Na verdade, Paul disse que contratou dois soldados profissionais para proteger este corpo viril. — passou a mão pelo seu peito magro, as pernas arqueadas com os joelhos ossudos, peludos e decididamente pouco atraentes. — Guarde bem este corpo, rapazes.

Smithy engasgou.

— Eu sei. — Bundy assentiu. — É difícil controlar o ciúme, mas entendo.

— Entenderá o meu pé em sua bunda, se não começar a trabalhar — Paul murmurou.

— Não trouxe o meu tanque — afirmou Alex. — Que tal se ficar de guarda com uma pá?

— Patrulharei o perímetro — Nick ofereceu. — Desviar as senhoras encantadoras com minha boa aparência viril.

— Filho — Bundy respondeu gentilmente — Por que as senhoras iriam para você, quando podem ter isso? — levantou uma perna peluda com uma bota suja de lama. — Esta é a perna de um homem. É forte, peluda e musculosa.

— Nervos. — Paul dobrou as plantas. — Nervos e osso. Sua perna não é nem um pouco atraente. Guarde isso antes que traga meus feijões na torrada.

— Feijões cozidos na torrada? — Mack olhou em volta. — Você não ficará perto de nós, não é?

— Sou o chefe — Paul voltou. — Peido onde quero, quando eu quero. — levantou o canto do lábio. — Hoje mesmo comi uma dupla porção de feijão cozido, sabendo que trabalharíamos juntos.

Alex virou para Nick. — Patrulharei o perímetro com você.

Nick riu.

Maryanne saiu da parte de trás do café, levando uma caixa de papelão com seis canecas para viagem, vapor escapando das abas.

— Como estão as coisas por aqui, rapazes?

Smithy, Mack e Bundy fervilharam nela.

— Bem... se realmente começássemos — respondeu Paul.

Maryanne lançou lhe um olhar. — Becky está com os picos hormonais?

Paul estremeceu. — Deus, por favor, não fale sobre *hormônios*.

Nick e Alex se olharam e depois para Paul.

— Becky está grávida de novo? — Alex perguntou.

Paul balançou a cabeça, um sorriso saindo.

Alex bateu em suas costas. —Parabéns.

— Sim, cara. — com as mãos nos bolsos da calça jeans, Nick sorriu. — Número dois, hein?

— Sim. — Paul estava, obviamente, feliz da vida. — Tenho um bolo no forno.

— Devo dizer isso a Becky? — Maryanne perguntou secamente.

— Por que não? Ela muito elegantemente disse à irmã que a *embuchei*. Comparando, *bolo no forno*, é bastante suave.

Balançando a cabeça, Maryanne entrou.

Em pé tomando café quente com os homens, Nick se sentiu relaxado, mas uma ânsia o puxou. Gostava dos amigos de Alex, os conhecia bem, mas a sua vontade de descobrir quem era a *Garota do Adeus*, estava em primeiro lugar em sua mente. Tomando o último gole de seu café, informou a Paul que tinha algumas coisas para fazer, mas assim que estivesse livre, voltaria para ajudar.

Deixando Alex levantando várias tábuas de madeira com Smithy, Nick deu a volta ao café na rua principal.

Como as demais cidades do interior, Whicha era pequena. Pequena e simpática. Não será muito difícil de encontrar Bree. Como fazer sem ser demasiado óbvio era a questão, no entanto.

Ponderando, olhou para cima e para baixo da rua. Era cedo, as lojas apenas começavam a abrir. Enquanto observava, uma van azul, agora familiar, veio da estrada e parou atrás do salão.

Sua outra mulher misteriosa era cabeleireira. Talvez apenas uma cliente?

Atenção capturada, manteve seu olhar na porta da loja. Em poucos minutos, foi recompensado com a porta abrindo e sua mulher misteriosa saindo. Enquanto observava, ela inclinou a cabeça para trás e respirou fundo, um sorriso cobrindo seus lábios vermelhos.

Hummmm. Ela usava batom. Tinha os lábios muito rosados de qualquer maneira, realmente não precisava de batom, mas teve que admitir que não se importaria de lambê-lo se aquela coisa de brilho, era de sabor que as mulheres as vezes usavam.

Lamber? De onde veio isso?

O olhar de Nick vagou sobre ela. Nenhuma ninfa delgada era como ela. Com proporções generosas, mas de tal forma que deteve sua aprovação. A figura de ampulheta voluptuosa era a única maneira de descrevê-la, os grandes seios e quadris exuberantes em um top azul claro que era justo na cintura com um cinto estreito e um traseiro firme arredondado em uma calça preta que implorava para ser agarrado e espremido. Apostava que era bem macio.

Seus dedos realmente flexionaram.

Aqueles seios, bem, era o sonho *molhado* de um homem. Gostava que não tentasse esconder sua aparência, aumentando as melhores peças com cor. Sim, gostava disso.

Apostava que era macia, também. Quente e macia. Doce e engraçada.

De onde estava, apenas duas portas da loja para baixo, podia ver claramente seu rosto. Sorriso, olhos grandes, nariz arrebitado e cabelo escuro preso em um coque artístico que tinha alguns fios dançando ao redor do rosto com a brisa.

Suas mãos coçavam para soltar esse coque, para ver se o cabelo era tão sedoso quanto parecia.

Hummmm. Talvez devesse chamá-la para sair, embora uma mulher como ela, provavelmente, teria um marido ou namorado. Qualquer homem seria um idiota se deixasse este pedaço exuberante da feminilidade escapar.

Olhou para suas mãos que descansavam nos quadris. Sem anel de casamento ou noivado que pudesse ver, embora talvez tirasse para o trabalho. Ou talvez fosse um anel de namoro, as mulheres não os usavam em outro dedo?

Ela usava vários anéis.

Ele coçou o queixo.

Virando-se, a mulher o viu e sorriu largamente. — Olá.

Nick sorriu de volta. — Ei, você.

— Vejo que não pegou um resfriado depois de tudo.

— Não é possível pegar um resfriado de chuva — a lembrou.

— Ah. Bem, talvez isso fosse karma.

Atraído por ela, Nick avançou, parando quando uma mulher mais velha, com uma pintura azul em seu cabelo encaracolado, correu do carro que acabou de estacionar.

Agarrando o braço de sua mulher misteriosa, a senhora de cabelo azul perguntou sem fôlego. — Foi lá na noite passada?

— Sim — respondeu sua mulher misteriosa.

— Viu as luzes?

— Casa da Fazenda.

— Não, *outras* luzes.

Interessante. Nick não podia deixar de parar e ouvir.

—Temo que não.

— Mas ficou lá fora e prestou atenção nos OVNI's, não é?

Nick piscou. *O quê?*

— Certamente — sua mulher misteriosa respondeu, completamente imperturbável.

A senhora de cabelos azul parecia impressionada. — Não estava com medo?

— Medo, Charlotte, precisa ser controlado. Comprei lanches, estacionei perto do campo e fiquei observando se aparecia um OVNI, mas não vi nenhum. Nadinha.

— Oh. — Charlotte visivelmente murchou.

— No entanto...

Os olhos de Charlotte se iluminaram.

— No entanto — a sua mulher misteriosa repetiu — algo bateu em minha porta enquanto estava lá fora.

Batida? Nick apertou a boca. Droga, a avisou que era perigoso sair na tempestade.

— Estacionei perto do campo, o rádio começou a agitar e então algo bateu na minha porta com força. — Com as mãos ainda nos quadris, sua mulher misteriosa assentiu. — Havia algo lá fora, Charlotte, só não sei o quê, ainda.

Charlotte juntou as mãos. — Precisamos tomar um café, discutir nossas experiências. Vem, vamos.

— Não posso, estou no trabalho. Desculpe. Quem sabe outro dia.

— Sairá novamente?

Nick esperou para ouvir a resposta.

— Sim.

— Para procurarr o OVNI?

— Charlotte, estou sempre de olho.

Ela não brincava. Nick a olhou. Sua mulher misteriosa viajava nas ideias. OVNIIs? Sério? Iludia esta pobre Charlotte, fazendo piada?

— Onde está sua van? — perguntou Charlotte. — Está estacionada perto?

— Está tudo bem, só preciso rastejar sobre o banco do passageiro para entrar. Já deixei tudo reservado para os reparos.

— Oh meu Deus, querida. Estes aliens podem ser perigosos.
— Charlotte mordeu o lábio inferior. — E se te pegassem?

— Nunca fui pega por um alien.

Nick se perguntou se os homens de jaleco branco já a examinaram. Meu Deus, que vergonha. Sua mulher misteriosa ou era doida ou mentirosa. Saber isso era uma desilusão.

Ela escolheu esse momento para olhá-lo e o que viu em seu rosto deve ter agradado sua fantasia, porque alegria dançou em seus olhos, aqueles belíssimos lábios carnudos curvaram em um sorriso completo que o teria cegado se não estivesse agora incerto quanto a sua sanidade.

Na verdade, seu sorriso o cegou de qualquer maneira. Aparentemente, não era apenas Becky que tinha problemas hormonais.

Sua misteriosa mulher se afastou, olhando para Charlotte. — Preciso me aprontar, a primeira cliente chegará em breve.

— Caçará OVNI hoje à noite? — Charlotte, obviamente, não estava pronta para deixá-la, seguindo a sua mulher misteriosa para o salão de cabeleireiro.

—Tenho outros planos, mas nunca se sabe o que pode fazer depois. — olhou para ele.

Nick olhou para a loja, balançando a cabeça mentalmente. Imagine, sua mulher misteriosa era uma louca. Mas...

Cuidadosamente, olhou para o beco ao lado da loja. Não, realmente, não poderia... bem, simplesmente deveria ir embora.... Oh, ao inferno com isso. Desceu o beco para a parte de trás da loja. Sim, a van azul Ford Transit estava

estacionada na parte de trás. Andando ao redor para a porta do motorista, viu que foi atingida por algo grande. Amassou muito e não tinha dúvida de que precisava rastejar sobre o banco do passageiro para entrar e sair da van. Mas o que teria causado isso?

Examinando mais de perto, passou os dedos sobre o amassado. Não tinha a aparência de que outro veículo houvesse batido, sem pintura estranha e parte dele... ok, isso era estranho.

Em pé, balançou a cabeça. Parte do que parecia um pouco... arredondada. O que atingiu era redondo. Mas isso não era possível.

Depois de ficar parado por alguns segundos olhando para a porta, ele se virou. Deixando a Louca Mulher Misteriosa de lado, tinha outras coisas para fazer, ir a sua própria caça, ou seja, encontrar *A Garota do Adeus*.

Ela precisava ser sã.

Voltando para a rua, cruzou para a pequena estação de correios. Um lugar para começar, para ver se conseguia um sobrenome.

O homem que lhe atendeu era alto, magro e tinha um muito proeminente pomo de Adão. Seu crachá mostrava que se chamava Ed.

Ed acenou para Nick. — Bom dia.

— Bom dia. Ouça, eu tive um envelope entregue a mim por engano, dirigida a uma Bree, sem sobrenome. Queria saber se podia me ajudar?

— Claro — respondeu Ed. — Dê-me o envelope.

O coração de Nick saltou. — Então conhece a Bree?

— Não disse isso. Pedi que me desse o envelope.

— Mas posso levá-lo para Bree.

— Mas não a conhece.

— Não, mas você conhece.

— Não disse isso.

— Então por que quer o envelope?

— Trabalho em uma estação de correios. Devolverei ao seu endereço.

— Se me der o endereço, posso devolver.

— Mas não sabemos se é a Bree certa, não é?

Será que ele brincava? Nick o olhou.

— E se lhe der o endereço de uma Bree e não for a Bree certa? — continuou Ed.

— Mas só existe uma Bree na cidade, certo?

— Não disse isso.

— Existe mais de uma Bree?

— Não disse isso, também.

Talvez os aliens realmente estivessem aqui e mexeram com o cérebro de Ed. Com certeza, Nick sentiu como se estivesse em um episódio de Twilight Zone.

Respirou profundamente. — Se pudesse apenas me dar...

— Desculpe, questões de confidencialidade — Ed informou.
— Ou serei demitido.

— Olha, ficarei com Harly e Alex Lawson e...

— Não conseguirá o que quer dizendo nomes, meu filho.

Meu filho? Ed era aproximadamente uns dez anos mais velho do que ele. Nick respirou fundo.

— Não posso divulgar informações — Ed disse com firmeza.
— Qualquer outra coisa que possa ajudá-lo?

— E se te disser que sei o número da caixa postal?

— Então diria para me entregar o envelope que o colocarei na caixa.

Nick desistiu. — Obrigado. Trarei.

—Tenha um bom dia.

Bem, isso não saiu como o planejado. Nick caminhava pela rua. Talvez devesse ser franco, perguntar a alguém se

conheciam Bree. Não era como se fosse um negócio do serviço secreto, depois de tudo. Devia apenas pedir informações, conhecê-la, dizer que viu o carimbo e que só queria dizer *oi*, enquanto estava aqui e...

— Estou te dizendo, algo está lá fora matando gado!

A atenção de Nick foi para um homem idoso, do lado de fora do pequeno supermercado.

— Uma vaca encontrada morta, como uma cabeça de prego esta manhã. Deitada no campo de Ben, nada por quilômetros, cabeça esmagada.

Que diabos? Nick diminuiu quando passou pelos dois homens, se esforçando para ouvir. Não precisou se esticar tanto, o homem que falava proclamava aos quatro ventos as últimas fofocas.

— Charlotte viu uma luz no mesmo campo! — o homem exclamou. — E hoje há uma vaca morta, eviscerada, todos os órgãos tomados, nada mais que uma concha.

— Você bebeu? — o outro homem perguntou.

— Quero ver se dará risada quando acordar sem se lembrar de nada e com uma bunda dolorida.

Nick não pôde evitar, mas soltou uma gargalhada.

O velho virou para ele. — Não ria, filho. Existe algo acontecendo ao redor de Whicha e este é apenas o começo.

— Sinto muito. — Nick passou por ele. — Desculpe-me.

Santo Deus, o que acontecia nesta cidade? Primeiro Charlotte, depois sua mulher misteriosa e agora esse velho.

Aliens? OVNI's? Gado mutilado? Sério?

Vendo o supermercado, lembrou de que precisava de uma nova escova de dente e entrou. De pé diante da prateleira de produtos de higiene pessoal, ponderava suas escolhas quando um nome penetrou seus pensamentos.

—...e Bree disse...

Bree? Imediatamente olhou para cima.

—... disse a ela... mas depois... Bree...

Alguém no outro corredor falava sobre Bree. Sua Bree? Possivelmente, muito provavelmente. Quase inegavelmente. Finalmente!

Agarrando a escova de dente mais próxima, Nick correu para o próximo corredor, apenas para encontrá-lo vazio. Virando a cabeça de um lado para o outro, ouviu.

—...poderia ter me derrubado quando Bree... — A voz desapareceu.

Nick procurou no próximo corredor e viu um bando de mulheres, com seus carrinhos de compras no meio do corredor. Cinco mulheres conversando. Ao vê-lo, pararam, olhando-o

abertamente, outras com curiosidade e mais do que um pouco com desejo.

A com desejo era Bree? Uma das curiosas? Talvez um dos olhares apreciativos, o que seria bom, porque, se o acharam digno desse tipo de olhar, estava meio caminho para não a deixar irritada.

Sorriu e olhou para a mulher com desejo. Cara, ela parecia uma devoradora de homens, também. Cabelo loiro, olhos azuis, lábios vermelhos, com um vestido justo o suficiente, para mostrar cada curva magra para o olhar de qualquer um. Seu olhar era de pura predadora.

— Oi — praticamente ronronou.

— Bree? — não podia deixar de perguntar.

Ela olhou perplexa. —O quê?

Falou sentindo como um idiota.

— Uh... estou procurando Bree.

— Bem, ela não está aqui, como pode ver — uma das mulheres mais velhas respondeu.

— Sabe onde posso encontrá-la?

— Eu a vi indo para o cabeleireiro.

A loira sorriu para ele. — Você ficará com os Lawson, certo?

— Sim. — A loira era linda sem dúvida, mas sua mente estava em outra mulher. — Como reconhecerei Bree quando a vir?

Merda, não se saiu bem. Sutil como um ônibus batendo no fundo de uma moto.

— Você não sabe como Bree é? — a mulher mais velha estudou.

Ele teria pensado que era óbvio. Tarde demais para voltar atrás agora. — Receio que não.

— Hum. Bem, ela está no salão. Pergunte por ela lá.

A loira sorriu, chegando perto, uma mão magra na alça do carrinho. — Sou Felicity.

— Oi. Sou Nick. — deu um sorriso arrebatador a todas. — Obrigado, senhoras.

Saiu rápido, esperando impacientemente na fila do caixa, enquanto o homem a sua frente guardava seus mantimentos. Finalmente, passou a escova de dente e colocou-a em um pequeno saco de plástico.

Na calçada, foi em direção ao cabeleireiro, só para, parar bruscamente.

Espere. Bree estava no cabeleireiro, talvez tivesse essas coisas de bobes no cabelo, gosma tudo sobre ele. Aparecer lá e tentar deixá-la feliz de vê-lo, quando estava sentada lá, com

toda essa merda dentro ou sobre o seu cabelo, não era a coisa mais sábia a fazer. *Merda.*

Talvez estivesse apenas começando um corte ou algo assim. Isso significava que as coisas segurando pedaços de cabelo, não era uma boa olhada. Não que sairia voando, mas não iria conquistá-la.

Dupla merda. Nick franziu a testa para o salão de cabeleireiros. E agora? Ir embora? Esquecer? Não, não era tão estúpido. Esteve rodeado de mulheres por anos, não era um novato em sua maneira de pensar. Certamente não era nenhum expert, porque, quem entenderia completa ou aparentemente a mais suave da espécie humana? Deixe-as irritadas e te pegam, seja através de discrição ou em frente de ataque, elas podem deixar uma picada desagradável.

Não achava que Bree seria assim. Suas cartas não insinuaram nada desagradável, mas nunca se sabe. Este ainda era um território desconhecido.

Ok, afaste-se, Nick. Você não pensou nisso completamente.

Em território desconhecido é necessário um pouco de reconhecimento. Tinha tempo, tudo o que precisava era ficar na cidade, trabalhar, manter os ouvidos atentos e logo descobriria quem era Bree e onde trabalhava.

Sim, só precisava relaxar. Estaria aqui por mais sete semanas, planejou conhecer algumas outras cidades — afim

de dar a Alex e Harly um tempo sozinhos, mas ainda assim, estaria aqui a maior parte do tempo. Ficar ao redor, como um touro numa loja de porcelana, não era a maneira correta de agir. Poderia muito bem envergonhar a si mesmo e seus amigos.

Droga de bom senso. Mesmo sabendo que pensava corretamente, não podia deixar de se incomodar, não sendo capaz de conter a impaciência da espera. Pessoalmente, preferia a diretiva inicial — entrar, perguntar quem era Bree, apresentar-se e falar. Isso de andar nas pontas dos pés era uma porcaria.

Mas ele o faria. Suspirando, Nick caminhou para o café. Droga, seria sutil. *Estúpido*.

Determinado a manter a calma e ficar focado, Nick passaria o resto do dia ajudando Alex e Paul. Achou o edifício calmante. Certamente faria a diferença quando o dia estivesse frio.

Paul deixou o rádio sintonizado em canções de rock e o riso fácil dos carpinteiros e Alex era um bálsamo, ajudou a afastar seus pensamentos da Garota do Adeus.

A única coisa que o perturbava, era o pensamento de que enquanto trabalhava, ela poderia fazer as malas e sair da cidade.

Apertando sua mandíbula, continuou trabalhando.

Assim que terminaram o trabalho e foram para casa, estava empoeirado, suado e mais do que pronto para um chuveiro. Harly os cumprimentou na porta da frente, Buffy ao seu lado, Sunny esperando por ele na mesa do corredor. Sunny deu uma olhada para o saco de plástico na mão dele e os bigodes tremeram.

— Nem pense nisso — Nick avisou quando o seguiu até seu quarto e pulou na cama.

Pepper, o velho gato, levantou de onde estava abrigado entre a colcha e almofadas, deu-lhe um afago suave, antes de pegar roupas limpas e ir para o chuveiro.

Podia ouvir Alex e Harly conversando na varanda da frente, o som leve de chuva tamborilando baixo no teto de zinco. O cheiro de assado flutuava pela casa, tudo tão aconchegante e agradável.

De pé no chuveiro, com a água quente caindo sobre ele, lavando a serragem e suor, Nick suspirou. Cara, não queria sair. Queria ficar aqui. Talvez fosse porque tudo parecia tão bom, tão longe do que lembrava de sua infância e do Exército.

Alex era um homem de sorte e estava feliz por ele. Mas Nick se encontrou querendo a mesma coisa, uma casa acolhedora e uma mulher maravilhosa, esperando por ele voltar do trabalho para casa. Para ser cuidado, preocupar-se com ele, tendo prazer em vê-lo. Ter alguém em quem pudesse confiar, compartilhar seus sonhos, mesmo que não tivesse

certeza quais eram, no entanto, que risse com ele, compartilhasse seu dia, compartilhasse suas preocupações. Estar um com o outro.

Desligando a água, pegou a toalha. Chorar não era a resposta. Usava esse tempo para descobrir o que queria, o que faria com sua vida. Ainda precisava encontrar a indescritível Garota do Adeus.

Olhando seu reflexo turvo no espelho com vapor, Nick se perguntou por que estava tão obcecado por ela, por que seus pensamentos balançavam muito. Queria vê-la, mas não sabia o melhor caminho, em um minuto sabia o que faria e no seguinte não; e tinha mais mudanças de humor sobre o assunto, do que uma mulher com TPM.

Esse último pensamento era assustador.

Sorrindo, esfregou o cabelo antes de secar suas costas. Amanhã era um novo dia. Ele dormiria pensando nisso. Entretanto, tinha outra amiga de Harly para encontrar. Ela viria jantar hoje à noite e Harly jurou que o jantar foi marcado algum tempo atrás e que não era armação de qualquer tipo.

Quem diria? Talvez o nome de Bree, viesse na conversa esta noite e teria a chance de descobrir quem era. Ou talvez essa mulher o impactaria o suficiente para que a sua *Garota do Adeus* perdesse o brilho.

Com energia renovada, Nick se secou, envolveu a toalha na cintura e foi para o quarto se vestir.

Quando terminou de se vestir, pegou vários livros que Sunny derrubou do criado mudo, abaixou para pegar um deles que havia caído debaixo da cama e ouviu vozes que vinham da cozinha. Uma gargalhada feminina. Os tons mais profundos de Alex seguido por mais risos.

A convidada chegou.

Nick caminhou pelo corredor e virou para a cozinha. Seu olhar foi atraído para um traseiro generoso, que se inclinava sobre o forno aberto. Reconheceria aquele generoso traseiro em qualquer lugar. Quando a mulher se endireitou, fechando a porta do forno e jogando as luvas térmicas na pia, seu olhar percorreu sua forma voluptuosa. Ah, sim, a reconheceria em qualquer lugar.

Ela virou e o viu, seus grandes olhos enrugando nos cantos em diversão, riso nos olhos, os lábios cor de rosa curvaram-se em um sorriso. — Ei!

Sua mulher misteriosa.

Genuinamente feliz em vê-la, sorriu de volta. — Ei.

Alex estava encostado na geladeira, com um copo de café gelado em sua mão, seu olhar movendo da mulher misteriosa para Nick e vice-versa, com uma sobrancelha levantada em pergunta. Sua expressão era inescrutável, mas havia um

entusiasmo em seus olhos, uma intensidade forte, que não esteve lá desde que voltou do Afeganistão.

Interessante.

Nick olhou para a mulher. O que havia sobre ela, que fez Alex os olhar como um falcão?

Harly estava alheia no banco da cozinha, cobrindo um bolo. Olhando por cima do ombro, disse alegremente — Nick, esta é Bree, minha amiga. Bree, Nick.

Bree? Nick piscou, aturdido. *Bree? A Garota do Adeus? Será?*

Bree diminuiu a distância e estendeu a mão. Olhos brilhando, olhou para ele.

— Oi, Nick.

— Oi. — Tomando-lhe a mão, a apertou com cuidado. O seu cheiro, entrelaçando ao redor dele e entrando em suas narinas, de modo que, a cada respiração que dava, inalava seu perfume para dentro dele.

Conhecia esse cheiro. Ele o sentiu em todas as suas cartas, fraco, mas definitivamente discerníveis.

Sabia que a voz alegre era imaginação em seus sonhos.

Olhando para o rosto feliz, o sorriso radiante, os olhos brilhantes, Nick não sabia se ria ou gemia.

A Garota do Adeus era sua louca mulher misteriosa.

Capítulo Três

De repente, olhando para Nick, Bree não deixou de se perguntar, sobre o modo como ele sorriu agradavelmente; houve um lampejo definitivo em seus olhos! Sua mão ao redor da dela, apertou uma fração, um aperto de dedos fortes.

Achou que era um soldado, quando Harly disse que era amigo de Alex, sem realmente dizer de onde; mas teve certeza, logo que o viu na rua, não havia como perder a forma como andava — confiante, alerta, sem perder nada de sua atenção. Estava lá, em seu porte, as costas retas, a intensidade tranquila, a forma como observava as pessoas. A maneira como marchava sem perceber. *Quente.*

Totalmente quente. Não porque era militar, mas porque Nick era quente. Como um homem podia ficar ali e encher a cozinha com sua presença por si só? Ele cheirava bem também, cheiro de sabão e de homem. Alto, musculoso, forte, bonito. *Gostoso.*

Nada como um pouco de colírio para os olhos, para aliviar os sentidos. Ou colocá-los em alerta.

Não soltou sua mão, nem mesmo quando deu um pequeno puxão.

— Não fomos devidamente apresentados. — esse profundo tom barítono flutuando sobre ela. — Sou Nick Mason.

Nick Mason?

Bree se acalmou. Conhecia um Nick Mason.

— Estou com o Alex.

— Com o Alex?

— Estamos no Quinto Batalhão — disse Alex.

Quinto Batalhão? Espere um minuto, espere um minuto.

— Está no Quinto Batalhão? — cabeça inclinada para trás, para permitir que olhasse Nick naqueles intensos olhos verdes, Bree sentiu uma pontade de suspeita. Certamente que não.

Nick balançou a cabeça, deixando a mão dela de repente mole.

— O Afeganistão? Quinto Batalhão?

Ele balançou a cabeça novamente.

Bem, que tal isso. Este era Nick Mason, seu mais recente *menino soldado*, o que acabou de se despedir, porque voltava para casa. Para Whicha, obviamente, não a sua própria casa. Mas em casa — Austrália.

Olhava para ela, um olhar calmo ainda analisando, a observando e com a suspeita um pouco mais profunda. Espere,

ele suspeitava? E se suspeitava, por que não disse alguma coisa? Por que não perguntou, diretamente, se era a Bree que lhe escreveu cartas? Ele tinha que saber que ela estava em Whicha, ele respondeu às suas cartas.

Ou ele a analisava, para ver se a reconhecia?

Esse último pensamento seus olhos estreitaram. Talvez não tenha associado ainda.

Os dedos dela apertaram um pouco ao redor dos dele e ele apertou seus dedos levemente em troca.

Oh-ho.

Bree bloqueou o seu olhar no dele, viu o brilho em seus olhos verdes. Ele sabia, tudo bem. Suspeitava de quem ela era, mas Não revelava, o que era ao mesmo tempo intrigante e estranho. Para ser justa, talvez ainda estivesse um pouco incerto, afinal de contas, não sabia o seu sobrenome, não sabia como ela era, porque não enviou fotos de si mesma ou usou o Skype. Mas o seu nome não era comum e combinado com seu endereço e presença aqui, lhe deu pistas.

A não ser que fosse mal-educado.

O brilho em seus olhos foi acompanhado por uma sobrancelha levemente arqueada.

Não, não é mal educado; não em tudo. Inteligência brilhou em seus olhos, seus lábios cheios masculinos, arqueando um pouco nos cantos.

Mas por que não disse alguma coisa? Questionou-a?

Seus sentidos entraram em alerta total. Era um cara do Exército, havia luzes inexplicáveis e acontecimentos estranhos em Whicha. Os militares estavam por trás disso? Escondiam alguma coisa? *Guardavam alguma coisa?* Era suspeita de caçar as luzes estranhas e colocar em perigo alguma operação militar secreta com extraterrestres?

Talvez algumas das ideias de sua mãe, não fossem tão erradas. Talvez suas razões anteriores, em ter cuidado para não colocar o seu sobrenome nos envelopes, não foi suficiente, talvez sair de um lugar para outro não despistou suas trilhas. Não que fugindo, pretendia ser como ela e sua mãe viveram, olhando para as luzes indescritíveis, mas ainda assim, nada foi inacreditável. Caramba, até mesmo Jackie foi capaz de localizá-la em alguns lugares. Como? Bree não tinha ideia, mas suspeitava que Jackie não era como todos os humanos de qualquer maneira.

E pensou que havia esquecido algumas das paranoias da mãe. Aparentemente algumas ainda sobreviveram.

Mas isso não lhe dava qualquer dica sobre como aproveitar esta reunião com Nick Mason, seu ex-menino soldado, que

obviamente suspeitava de quem era, *sabia* quem era, mas não reconhecia.

Isso só levantou ainda mais a questão do por quê.

— Vocês se conhecem? — Harly perguntou.

As palavras quebraram o silêncio que se estendia entre Nick e Bree e ela retirou sua mão, um tremor agitando em seu estômago, quando as pontas dos dedos arrastaram ao longo de sua palma, antes que soltasse completamente a sua mão.

— Nos falamos. — sorrindo, se apoiou na bancada da cozinha para sentar em um banquinho. — Três vezes. — Seu olhar foi para onde Nick estava, seu traseiro revestido em jeans, descansando na borda da mesa, com as mãos apoiadas a cada lado de suas coxas musculosas, os dedos compridos soltos agarrando a mesa de madeira.

Nick sorriu facilmente para Harly. — Na noite passada e esta manhã.

— Sério? — ergueu as sobrancelhas para Alex, que ainda observava Nick e Bree da borda de sua caneca, enquanto tomava um gole longo e lento de café gelado.

Hummm, talvez Alex não fosse tão inocente, afinal de contas, os dois homens estavam no mesmo batalhão. E se ambos estavam aqui para uma operação secreta?

Essa centelha de estar à beira de algo grande, iluminou seu interior. Oh sim, luzes no céu, batida sem explicação no lado

da van, a presença de dois militares... tudo gritava **conspiração**.

Possível conspiração, garota. Não tire conclusões precipitadas. Você deixou isso para trás, lembra?

Enquanto isso, seria interessante ver até onde Nick iria, sem reconhecer suas cartas, se pudesse fazê-lo tropeçar.

Brincando com fogo.

Bree o olhou. Porra, ele era bonito e um soldado resistente. E grande. Podia imaginá-lo de uniforme, arma na mão, a pegando, enquanto fugia da cena do OVNI, amarrando suas mãos atrás das costas, jogando-a por cima do ombro e a levando de volta ao quartel general onde a interrogaria, a faria gritar de prazer nunca vivido antes, quando a trouxesse ao orgasmo uma e outra vez, sem piedade, exigindo suas respostas.

Oooohhh, menino.

Apertando as pernas, conseguiu manter uma expressão calma. *Não é momento de fantasia. Mantenha o seu juízo. Coisas assim não acontecem na vida real. Mais do que provavelmente, a arrastaria para a cela e a jogaria lá com os ratos e aranhas e alguns oficiais militares a interrogariam, a torturaria dolorosamente até confessar. Então levaria um tiro e seu corpo desapareceria.*

Bree revirou os olhos. Santo Deus, precisava controlar sua imaginação. Mas, novamente, com conspirações, nunca se sabe.

— Está bem? — perguntou Harly.

— Estou. — Pegando uma uva do cacho que estava sobre uma tigela, Bree a mordeu ao meio. — Desculpe, minha mente vagou um pouco. *E como!*

Alex se afastou da geladeira. — Vou tomar um banho antes do jantar. Não demorarei muito.

— Não se preocupe. — Harly sorriu para ele.

Ele deu um beijo em sua testa quando passou por ela, sua mão deslizando ao longo de sua cintura, em uma carícia que era, ao mesmo tempo, amorosa e calorosa.

Cara, Harly tinha sorte. Alex era quente.

No entanto, não a enervava tanto quanto o homem de cabelos loiros, ainda sentado no canto da mesa. Ele a olhava com uma fraca expressão interrogativa, como tentasse entendê-la.

Agora eram os dois. Também não podia entendê-lo, mas faria, não há dúvida sobre isso.

— Então, Nick — disse com voz arrastada — Está aqui há muito tempo?

Seu olhar intensificou. — Cheguei ontem à noite.

— Ah. Da base do Exército?

Acenou com a cabeça.

— Ficou muito tempo? — se aprofundou um pouco mais. — Mora aqui?

— Não, não moro aqui. Mas penso.

— Sério? *Hum.*

— E você? — perguntou. — Está aqui há muito tempo?

— Tempo suficiente.

— Tempo suficiente para quê?

— Tempo suficiente para saber que gosto do lugar.

— Ela pensa em comprar uma casa aqui. — Harly fechou o forno. — É ótimo. Ela é uma cabeleireira maravilhosa.

— Trabalha no salão de cabeleireiro? — perguntou Nick.

— Não, no salão de tosa.

Ele piscou.

— Não amole — Harly advertiu. — Sim, ela trabalha no salão local.

— Mas poderia trabalhar em um salão de tosa — disse Bree.
— Não existe nenhuma esteticista de cães na cidade. Poderia monopolizar o mercado.

— Sério? — Harly a olhou.

— Talvez. Ambos os tipos mordem. — rindo, Bree escolheu outra uva.

Nick balançou a cabeça levemente. — Foi mordida por clientes?

— A variedade humana? Ainda carrego as cicatrizes. — levantou o braço.

Harly segurou seu pulso e abaixou para observar a cicatriz na base do seu polegar.

— Sério? Foi mordida por um cliente?

— É um trabalho perigoso, as pessoas simplesmente não percebem isso.

Nick arqueou a sobrancelha. — O que aconteceu?

— Um Garoto raivoso. Gritando como um demônio e tive que cortar o seu cabelo. Ele conseguiu me morder e sua mãe desmaiou ao ver sangue. — Bree balançou a cabeça. — não fazem mais mães como antigamente.

— Oh, pobrezinha — Harly simpatizou.

Nick riu.

— Nick!

— Sinto muito. Só parecia... — tirou o sorriso do rosto, mas seus olhos ainda riam. —Peço desculpas.

— Posso ver que é sincero. — Bree piscou para ele.

As rugas no canto dos seus olhos eram cativantes.

O som da chuva no telhado de zinco de repente ficou alto, fazendo Bree olhar para cima.

— Está realmente forte.

— Não se preocupe, pode dormir aqui — disse Harly.

— Está brincando? E deixar Sheba e Bast sozinhas?

— Você deixou comida e água? Caixa de areia limpa?

— É claro. — Bree arrancou outra uva do cacho.

— Então elas ficarão bem.

— Harly, um pouco de chuva não faz mal a ninguém.

—Isto não é apenas chuva, o céu está desabando.

— Humm. Isso não é nada.

Harly lançou-lhe um olhar.

Bree jogou a uva para o ar, inclinou a cabeça para trás e a pegou na boca. Virando a cabeça para baixo, mastigou e

engoliu antes de dizer alegremente. — A chuva é boa. Não brigue com a chuva.

— Não estou. Mas dirigir nela? Sobre isso brigarei.

— Desculpe querida, com chuva ou não, voltarei para casa. Confie em mim, já dirigi com o tempo muito pior.

— Ela dirigiu na tempestade da noite passada — Nick afirmou de onde estava, no canto da mesa.

Harly olhou para Bree. — Você não fez isso!

— Eu te disse. — sorriu.

— Se tiver que te amarrar, pode ter certeza que farei, mas não sairá na tempestade.

— Você é que exército?

Harly apontou para Nick.

— Sargento Nick Mason.

— Ohhh. — Bree fingiu um estremecimento. — Estou com tanto medo.

— A derrubarei — disse em tom de brincadeira.

Ela o olhou com desdém. — Tem um tanque?

— Querida, não preciso de um tanque para derrubar uma mulher.

— Ah, é?

Seu sorriso era maroto, mas seguro, curvando aquela boca linda para mostrar nivelados dentes brancos. Seus dedos pararam de tocar na parte de baixo da superfície da mesa.

Uau, será que vi um pouco do *Lobo Mau* no fundo daqueles olhos brilhantes?

— Sim — falou. — É isso.

— Grande conquistador. — deixe-me provocá-lo um pouco.
— Já derrubou uma mulher do meu tamanho?

Seu sorriso aumentou, olhando seu corpo de cima a baixo, deixando-a formigando em todos os lugares errados — ou certos, dependendo da definição. Quando seus olhos se encontraram novamente, eram — *caramba!* — decididamente carnavais.

— Seria um prazer fazê-lo.

Mentalmente se abanando, Bree inclinou-se, apoiando os cotovelos no banco da cozinha. Infelizmente, esse movimento deixou seu já impressionante seio ainda mais empinado.

Pelo brilho nos olhos de Nick, ele apreciava a vista.

Sem recuar, levantou uma sobrancelha.

— A dor é o seu prazer, Nick?

— Depende.

Sua voz era nivelada, mas deslizou por ela como veludo preto. Ou talvez fosse apenas sua libido.

— Do que? — deliberadamente fez a voz preguiçosa.

— No que a dor leva. De onde a dor vem. — Sim, definitivamente houve insinuação sexual.

Não acostumada com isso, vindo de um homem como Nick, Bree, no entanto, demonstrava que não era facilmente impressionada. Mesmo que sua calcinha estivesse úmida.

— Hérnia.

— Querida, te derrubar causaria qualquer coisa, menos hérnia.

— Meu Deus, você é convencido, hein?

— Sei da minha capacidade.

— Então, o seu planeta natal é Krypton?

Sequer piscou. — Mais como Gotham City.

— Está se comparando com Batman?

— Está se comparando a pequena Lottie?

Boa manobra.

— Então já leu os quadrinhos de Riquinho. Estou impressionada.

Seus cílios abaixaram ligeiramente. — Pretendo agradar.

Ela apostava que sim. No entanto, antes que pudesse responder, Alex voltou para a cozinha.

— Cara, estou morrendo de fome. — Movendo-se para bancada da cozinha, rapidamente olhando de Nick para Bree, tocou o ombro de Harly antes de voltar para o armário. — Pegarei os pratos.

— Ah... sim. — Harly desviou o olhar fascinado de Nick e Bree. — Obrigada.

Alex percebeu alguma coisa em sua voz, porque olhou sobre seu ombro. — Está tudo bem?

— Acho que sim.

— Está tudo bem — Bree assegurou.

Alex olhou para Nick, que apenas sorriu levemente. — Hummm.

Esse *hummm* deixou Bree alerta. Alex, obviamente, sabia que algo acontecia entre ela e Nick, tinha que saber, percebendo como era amigo de Nick e estavam no mesmo batalhão. Precisava aprofundar um pouco mais, para ver se podia pegá-los.

Presumindo que estavam aqui por algo secreto e não apenas férias, poderia acabar como um alvo, se não tomasse

cuidado, mas homem, não enfrentou uma possível conspiração por um longo tempo. Esqueceu quão emocionante era...

... ou talvez era a maneira como Nick a olhava, seu olhar seguindo cada movimento seu, quando se levantou...

... ou talvez a forma como Alex estreitou os olhos um pouco, como tentasse avisar silenciosamente Nick sobre algo, e esse algo era ela. Apenas sabia.

Oh sim, conspiração ou não, alguma coisa estava acontecia. Só precisava descobrir o que era, mas não queria causar aborrecimento. Harly era sua amiga e mesmo que tivesse acabado de conhecer Alex, gostava dele. Quanto a Nick, bem... gostava dele também ou do que sabia dele pelas suas cartas. Entendia o seu senso de humor, foi mais do que feliz em conversar com ela, sobre coisas cotidianas.

O tempo diria se ainda era amizade ou algo mais profundo.

Conspiração!

Muita paranoia?

Caramba, sim.

Levantando do banco, deu a volta na cozinha e abriu a gaveta de talheres. — Pegarei os talheres.

Afastando-se da mesa, Nick se endireitou.

— Limparei a mesa, já que estava sentado sobre ela.

— Boa ideia — disse Alex. — Não quero sabor de *bunda*, em minha xícara de café.

— Não sabia que tinha café desse sabor. — Nick molhou o pano de prato na pia e passou por Bree quando voltava para a mesa.

— Já esqueceu do gosto do café que bebeu a maior parte deste ano?

— Oh sim, definitivamente, sabor de bunda.

Harly revirou os olhos e Bree sorriu enquanto separava os garfos e facas. Pegando uma toalha limpa, foi até a mesa onde Nick inclinado, a limpava.

Falando em bundas, o homem tinha uma bastante agradável. Preenchia sua calça jeans, assim como suas coxas musculosas. Calças jeans sortudas. Não que ela pudesse falar. Sempre foi de olhar e não tocar. Ok, talvez um tatear aqui e ali, em um abraço apaixonado, mas tinha um limite. Viu demais para ir por esse caminho. Além disso, ainda sonhava encontrar o homem que poderia fazê-la, de bom grado, tirar sua calcinha.

Endireitando-se, Nick pegou a toalha de jantar de suas mãos e agradeceu, a colocando sobre a mesa.

Ouvindo com metade de sua atenção, a conversa de Harly e Alex enquanto arrumavam a refeição juntos, Bree arrumou a mesa com as facas e garfos.

— Nick, há bebidas na geladeira, se não se importar em servi-las — disse Harly.

— Não se preocupe. O que gostariam?

— Quero outro café gelado. — Alex colocou uma fatia de cordeiro assado em sua boca.

— Pare com isso. — Harly bateu em sua mão de leve. — Quero uma Coca Diet, Nick.

Nick olhou para Bree.

— Uma Coca Diet também, por favor.

Nick serviu as bebidas, dando a Alex seu café gelado. Colocando um copo sobre a mesa, recuou.

— Sentem-se. — Harly pegou dois pratos. — Traremos a comida.

Bree se viu sentada em frente a Nick, que tomava um gole de sua bebida gelada, seu olhar passando ao redor da sala, antes de finalmente chegar e parar em Bree. Em nenhum momento moveu seu olhar, enquanto Harly e Alex colocavam os pratos na mesa.

Não mostrando desconforto, Bree encontrou seu olhar.

— Então, por quanto tempo ficará aqui, Nick?

Pegando o garfo e a faca, cortou a carne fumegante. — Algumas semanas.

— Só um pouco? — ficou surpresa ao sentir um lampejo de decepção.

— Sete — disse Alex. — Não deixe que a sua gramática pobre a engane.

Harly pegou algumas batatas assadas. — Bree, ouço coisas.

— Pobrezinha — Bree respondeu. — Já foi a um médico?

Nick sorriu.

Harly ignorou a piada.

— Ouvi conversas de que acredita em OVNIIs.

Isso era Harly, direta ao ponto. Sem perder tempo, uma das razões pelas quais Bree gostava dela.

— Acredito. — olhou para Nick e Alex. Hummm, Alex olhou surpreso, mas Nick a olhava de perto.

Como ele sabia? Conspiração! Nossa, se acalme.

— Sério? — Alex levantou as sobrancelhas.

— Sim. — Calmamente, mordeu um pedaço de brócolis.

— OVNI?

— Sim.

— Então acredita em aliens?

— Sim. — já estava muito acostumada em ver as pessoas a olharem com descrença. Mais ou menos como Alex fazia agora.

Nick só comia e observava

— Você viu algum OVNI de verdade? — perguntou Harly.

— Vai me mandar embora sem que termine esta refeição se disser que sim?

Harly descansou um pulso sobre a mesa, a faca pairando sobre seu prato.

— Onde? Aqui?

— Ah, agora... — Bree sorriu levemente. — Houve luzes não identificadas vistas em um campo.

— Charlotte disse isso.

— Provavelmente, luzes de um carro — disse Alex.

— Ou luzes de um trator — acrescentou Nick.

— Ah, sim, porque os agricultores sempre usam seus tratores em campos molhados durante a noite. — Bree pegou um pedaço de cenoura. — É bom para o solo.

— Isso é um traço de sarcasmo que ouço? — perguntou Alex.

— Pode ser um eco, o que acha?

— Do meu sarcasmo, quer dizer?

— Foi sarcástico? — arregalou os olhos.

Nick riu.

— Talvez um pouco — admitiu Alex.

— Também ouvi dizer que saiu para o campo ontem à noite,
— continuou Harly.

Alex balançou a cabeça. — Você não fez isso.

O olhar de Nick nunca desviou de Bree.

Nem um pouco perturbada, espetou o garfo na batata e mergulhou no molho.

— Fiquei estacionada lá por algum tempo.

— Viu alguma coisa? — Perguntou Harly.

— Muita chuva.

— Portanto, foi um esforço inútil, certo?

— Não é assim. OVNIIs podem passear ao redor muito bem,
ao abrigo de chuva. Facilmente ficando fora de vista.

— Então, Estava lá após o anoitecer na tempestade? —
Alex franziu o cenho. — Isso é perigoso.

— Não estacionei no acostamento da estrada onde originalmente planejava — explicou Bree. — Fiquei nas vagas de estacionamento, que não me deram uma boa visão, mas certamente me deram uma experiência.

Harly parou de comer. — O que aconteceu?

— Algo bateu na porta do meu carro.

Harly arregalou os olhos, Alex e Nick estreitaram o olhar.

— A van balançou também. — Bree fez uma pausa, pensando no evento. — Fui arremessada do banco.

Nick se endireitou. — Estava perto da porta?

— Estava em uma busca. Tinha comida, bebida e uma vista privilegiada do banco do motorista. Bem, até que fui atirada sobre o freio.

— Foi atirada sobre o freio? — Harly parecia preocupada.

— Mais ou menos. A força do golpe na porta do motorista, me fez chacoalhar. — Bree cortou outro pedaço de carne e alguns brócolis. — Para ser honesta, levei um susto e dei um pulo.

E acabei pressionada contra a porta do passageiro, olhando para o amassado na porta, com o coração batendo completamente acelerado.

Pensando nisso, sorriu um pouco.

Olhou para Nick, vendo sua completa desaprovação.

— Estava sozinha — afirmou sem rodeios.

— Como deduziu isso?

— Foi para o banco do passageiro e nenhuma vez mencionou qualquer outra pessoa na van com você.

Apontou o garfo para ele. — Boa dedução, Sherlock.

Harly ficou horrorizada. — Estava sozinha? Bree!

Bree deu de ombros.

— Então foi embora? — Alex tomou um gole de café gelado.
— Sem ver alguma coisa?

— Está brincando comigo?

Nick franziu a testa. Ohhh, não estava satisfeito. Será que tentava adivinhar o que fez?

— Saiu do carro. — quase rosnou. — Saiu para inspecionar o dano, não foi?

Sim, ele adivinhou. — Claro.

— Não posso acreditar no que ouvi. — Harly balançou a cabeça. — Isso foi perigoso.

— Incrivelmente perigoso — concordou Alex. — O que deu em você para sair do carro?

— Está brincando? E se um alien estivesse parado ali e eu não o visse por ter sido uma medrosa que corre ao primeiro sinal de algo fora do comum?

— E se fosse um ataque humano?

Uau, fazia um longo tempo que alguém a repreendeu por fazer o que, para ela, era normal.

— Acho que ele quebraria a janela e me agarraria antes disso.

— O que podia ter acontecido. — a testa de Nick ainda estava vincada pela sua cara brava.

— Mas não aconteceu. — sorriu tranquilizadamente para os três rostos que a olhavam com expressões distintas: Harly — gentil; Alex — preocupado e Nick — irritado.

Sério? *Irritado?* Por que Nick ficaria com raiva? Bree piscou para ele.

— Você sai em muitas buscas, Bree? — perguntou Nick.

— Não tantas agora como antigamente.

— Sozinha?

— Na maioria das vezes, sim.

— Não deveria.

— Tipo assim, não tenho escolha, Nick.

— Por quê?

— Não quero sair com os caçadores de glória e malucos.

Foi a vez de Nick piscar.

Alex ficou boquiaberto e Harly desviou o olhar, olhou para Bree novamente e, em seguida, olhou para o seu prato.

Bree contraiu os lábios. — Deixe-me adivinhar. Todos pensam que me encaixo na última categoria, de qualquer maneira.

— Oh, não — Harly começou.

— Querida, não estou preocupada. Podem pensar o que quiserem. — completamente despreocupada, Bree pegou mais um pouco de comida.

— Não é que pensamos que seja louca... — Alex começou.

— Alex, por favor, sei que é um homem que fala a verdade. Não minta por minha causa. Prometo que não ficarei ofendida.

Ele hesitou e olhou para Harly, que mordeu o lábio.

— Vá em frente. — Bree fez um gesto com a mão, para que continuasse

— Minha mãe sempre disse que se não tem nada de bom a dizer sobre as pessoas, não deve dizer nada.

— Alex! — Harly ficou horrorizada.

Bree riu abertamente. — Relaxe, menina. É bom encontrar um homem que pode dizer tanto e ser tão educado.

— Mas ainda gosto de você — Alex continuou com um sorriso. — Você ainda pode vir aqui e brincar com Harly.

— Ah, que doce! — piscou para ele. Querendo saber o que Nick pensava agora, o olhou, observando-o de perto. — Não se preocupe — disse-lhe gravemente — loucura não é contagiosa.

— Estou mais preocupado que saia sozinha, procurando por essas luzes.

— Não levarei Charlotte comigo, se é isso que sugere.

— Outra pessoa.

— Não existe ninguém que conheça bem o suficiente para ir comigo, que confie que não surtará ou saltará com cada sombra. — Bree ficou séria. — Levo isso com seriedade, Nick, independente das minhas risadas. Quando estou em uma busca, não quero alguém correndo atrás das coisas sem planejamento ou trancando todas as portas e ficando histérico.

— Você não parará de procurar estas luzes, não é?

— Querido, não pararei de procurar o que quer que tenha colidido com o meu carro. E as luzes. — acrescentou como uma reflexão tardia.

Ele analisava seu rosto.

— Você planeja outra busca em breve, não é?

— Ganhou uma estrela de ouro, menino soldado.

— Sozinha.

— Sim.

— Não.

— O quê?

— Você não irá sozinha.

— Olha, já disse, não ficarei com uma mulher super-animada ou...

— Irei com você.

Não foi apenas Bree que ficou boquiaberta. Harly encarou, e Alex parecia aturdido.

— Perdão? — não podia ter ouvido direito.

— Irei com você — disse calmamente.

Só podia estar brincando com ela. — Você?

— Pensa em alguém melhor? Não fico histérico, acho que já provei isso. Não fico animado demais e também não trancarei as portas.

Ela o olhou, incrédula. — Não trancará?

— Mas insistirei em ser o primeiro a sair da van.

Ei, o quê...?

— Insistirá?

— A mantereí segura.

Enquanto Harly tomava um gole de Coca e balançava a cabeça, Alex os olhou com uma expressão ligeiramente divertida.

Bree colocou o garfo no prato. — Você não acredita em OVNIIs.

— E?

—Ter um cético na van comigo, bem...

— Bem? — arqueou uma sobrancelha.

— É o tipo que mata o efeito.

— Prometo não ser totalmente cético.

— Nick, realmente...

— Não gostaria de provar que estou errado?

— Isto é um desafio?

— Se gostar. — disse com um sorriso

Agora, isso era interessante. Na verdade, ele seria o parceiro ideal para a busca, calmo sob fogo e não inclinado a lançar-se em posição fetal no primeiro sinal de um alien — ou qualquer outra coisa não identificada.

Na verdade, seria divertido. Ao menos aliviaria seu tédio, em algumas dessas longas esperas.

— Pode se arrepender da oferta — disse lentamente.

— Duvido.

— Realmente. — tocou no queixo, pensativa.

Nick a olhou calmamente.

— Pensarei nisso — concluiu.

— Me Chame antes de sua próxima busca.

— Pensarei nisso.

— Certifique-se que faça. Pense nisso realmente bem.

Ele não precisava dizer, estava estampado na testa. Ele tinha a intenção de ir em sua próxima busca.

Bem, ele pensava que podia se meter em suas decisões, mas sabia que não. Também não olharia os dentes de um cavalo dado. No entanto, não estava disposta a dizer-lhe que tinha toda a intenção de levá-lo quando fosse a uma próxima busca. Não havia melhor do que uma testemunha para o desconhecido.

Mas deixe que ele imagine primeiro.

Por outro lado, é claro, talvez a acompanhasse apenas para garantir que não visse nada que não deveria ver. Bem, se achava que ela era um alvo fácil, estava totalmente enganado. Não seria a primeira vez que fugia de soldados. É verdade que era uma menina ágil de sete anos de idade, mas agora tinha a inteligência para isso. Porque sabia que não havia nenhuma maneira de superar Nick.

Mas poderia confundi-lo se as coisas ficassem pegajosas.

Esse pensamento a fez sorrir muito.

Os olhos de Nick se estreitaram, mas não disse mais nada.

— Às vezes saio por um impulso — disse. — Estaria pronto a tempo?

— Querida, sou um soldado. Estou sempre pronto.

— Querido, sou uma caçadora de OVNIIs. Se receber um telefonema, eu saio.

— Um telefonema de quem? — perguntou Alex.

Cuidado. Bree o olhou. — Qualquer um.

— Você tem amigos observadores de OVNIIs.

— Um monte de gente observa OVNI.

— Observa *para* eles — corrigiu Nick.

— *Vê-los* — emendou.

Inclinando-se na cadeira, descansou as mãos de cada lado do seu prato agora vazio.

— Ok.

Olhou para ele. — Você não acredita.

—Tenho esse direito.

Deixe-me pressioná-lo um pouco.

Pegando o copo de refrigerante, Bree tomou um gole — Mas acredita em Objetos Voadores Não Identificados.

Ele a olhou friamente. — Tudo pode ser identificado.

— Mas há relatos de objetos não identificados.

— Um pouco como o cérebro de Marty — Alex murmurou para Harly.

— Pensava mais em Alan. — Harly riu.

— Você tem um ponto aí.

Nick considerou Bree. — Não identificado, logo se identifica.

— Você me diz que, em todos os anos que estive no exército, nunca viu algo que não pudesse ser explicado? Nenhuma luz no céu? Nenhuma aeronave que passou de forma, que nenhuma aeronave concebida por seres humanos jamais poderia?

Ele balançou a cabeça.

— Ah. — tomou outro gole de refrigerante, engolindo em seco. — Mas então não admitiria isso de qualquer maneira, não é?

Seu sorriso era tímido.

— Porque militares tem segredos. — colocou o copo novamente na mesa. — O governo esconde as coisas.

Harly ficou boquiaberta. — Você é uma *conspiradora*!

— Diz isso como se fosse um palavrão.

— Mas é divertido. — Harly sorriu. — Especialmente se começar a espalhar boatos.

— Boatos? Não espalho boatos. — *De maneira alguma.* — Digo o que vejo, mas apenas se for solicitado ou com outros caçadores de OVNI's. — Bree apontou para ela. — Sabe o que acontece se abrir sua boca sobre coisas encobertas?

— Você desaparece? — Nick respondeu secamente.

— Não ria. Acontece.

— Sério? Conhece alguém pessoalmente que desapareceu misteriosamente?

— Só porque não os conheço pessoalmente, não quer dizer que isso nunca aconteceu.

— Porque alguém lhe disse que sim.

— Ei, as pessoas dizem que a Terra gira em uma determinada direção. Não vi pessoalmente, mas acredito nisso. — fez uma pausa. — Se, de fato, acontece.

Alex engasgou com seu café gelado.

Harly acariciou suas costas.

— Oh, rapaz. — a expressão branda de Nick não se alterou.

— Qualquer um com metade de um cérebro sabe que os astronautas americanos nunca pousaram na Lua primeiro — Bree acrescentou, apenas para o efeito.

No ato de puxar o fôlego, Alex engasgou novamente, tossiu e chiou.

— O quê? — O *Sr. Todo Controlado* não parecia tão calmo agora. Na verdade, Nick estava decididamente agitado.

— Alguma vez já analisou as fotos dos pousos na lua? — Bree assentiu. — Pode ver a forma como as sombras caem. Indica que luz artificial foi usada.

— Essa luz era do sol — Alex conseguiu chiar.

— Não é assim. Foi habilmente feito, mas totalmente falso. É um fato bem conhecido entre determinados grupos que o pouso foi feito muito mais tarde, mas os EUA queria ser o primeiro lá antes dos russos.

— Não acredito no que ouço — Nick murmurou. — Você é de verdade?

— Tão real quanto estou aqui.

Os olhos de Harly brilhavam com diversão.

— Particularmente não me importo, é divertido!

— Pretendo agradar. — Bree piscou para ela.

Nick bufou. — Você está puxando nossas pernas.

—Talvez sim, talvez não. — empurrou o prato vazio de volta. — Harly, isso estava delicioso. Melhor assado que comi há tempos.

— Vale mais do que um avistamento de OVNI?

—Ahhh... — olhou pensativa para o teto. — provavelmente teria as duas coisas.

— Como?

— Viagem no tempo abre um monte de caminhos.

Desta vez, foi Nick que se engasgou com o último gole de café gelado. Tossindo, pegou um guardanapo de papel e segurou-o sobre a boca, afastando-se da mesa.

— Entendo você, companheiro — disse Alex com simpatia.

Bree riu.

Harly se levantou.

— A sobremesa está na geladeira. Todos prontos?

Ajudando a servir, Bree sorriu para Nick quando colocou a tigela de frutas e creme cozido diante dele.

Seus olhos brilharam.

Oh, isso é uma promessa de vingança. Pobre de mim, alguém está um pouco sensível.

Rindo silenciosamente, sentou-se e pegou a colher.

— Você ajudará Paul amanhã? — Harly perguntou a Alex.

— Esse era o plano, a menos que precise que faça algo aqui.

— Nada que não possa esperar.

Alex olhou para o teto, onde a chuva firmava a uma batida consistente e baixa.

— Antes de sair, subirei e verificarei se não há furos na lata do telhado.

— Notei que as árvores têm alguns galhos parcialmente quebrados — acrescentou Nick. — os cortarei amanhã, para diminuir os danos.

— Isso aconteceu na noite passada — disse Harly.

— Teria feito isso hoje. — Alex deu-lhe um olhar severo. — Por que não me contou?

— Porque sei o quanto estava ansioso para sair com os meninos.

— Isso me faz parecer juvenil.

— Bem, se o sapato se encaixa...

— Tem sorte por temos convidados ou te faria gritar.

Harly simplesmente ergueu as sobrancelhas enquanto lambia a colher.

Sim, os olhos de Alex ficaram quentes e não era de raiva. Divertida, Bree olhou para Nick, ficando assustada quando ele, de repente, piscou para ela.

Ignorando a pequena agitação súbita em seu estômago, olhou para a tigela. Quase imediatamente, se forçou a olhar para trás e o viu olhando para com humor em seus olhos.

O idiota sabia que a perturbou.

O resto da noite foi tranquila, sem mais menção de alienígenas ou do inexplicável. Sentaram-se em volta da mesa tomando café e conversando sobre Whicha, o progresso do novo ambiente de Maryanne, acontecimentos normais na cidade e bate-papo geral.

Nick provou ser bastante divertido, com um senso de humor que fazia todos rir. Era um bom grupo de pessoas e Bree estava tão relaxada como se estivesse em sua própria casa.

Quando o relógio de parede soou dez horas, suspirou e recostou-se, estendendo-se sem pressa.

— Ah rapaz, está tudo muito bom, mas preciso ir.

Ouvindo isso, Harly inclinou a cabeça para o lado.

— A chuva não está tão forte.

— Está tudo bem. — Bree levantou. — Vamos lavar esses pratos e...

— De jeito nenhum. — Harly balançou a cabeça. — Você é nossa convidada. Vamos lavar os pratos.

— Insisto...

— Assim como eu.

Sabendo que a amiga não ia concordar, Bree suspirou.

— Tudo bem. Mas da próxima vez trarei os doces. Ou da próxima vez, vocês todos podem vir a minha casa para o jantar.

— Combinado. — Harly foi para a porta da cozinha. — Te acompanho até o carro.

— Não há necessidade. Está frio e só ficará mais fria. — Bree colocou a mão em seu ombro.

— Eu...

— Eu insisto.

— Não se preocupe com isso. — Nick foi para o lado de Bree. — a levarei até a van enquanto lavam a louça.

Alex fez uma careta. — Fico impressionado com os sacrifícios que faz para evitar os pratos.

— Legal — Bree comentou. — Sou um sacrifício.

Quase imediatamente, ele começou. — Não quis dizer...

— Eu sei. — ela riu. — Não se preocupe.

Alex apontou o polegar para Nick. — É tudo culpa sua.

— Posso notar. — Bree levantou a mão. — Xauzinho a todos.

Alex e Harly se despediram e foram até a pia, Alex pegou a toalha da mesa de jantar no caminho.

Nick seguiu Bree. Podia senti-lo bem atrás dela, sua presença preenchendo o corredor enquanto colocava o casaco. Alcançando o lenço vermelho, ficou surpresa quando o pegou do cabide e em um movimento fácil confortavelmente o enrolou ao redor de sua garganta.

—Tentando me estrangular? — perguntou, confusa.

Ele deu um meio sorriso. — Apenas me certificando de que esteja quente o suficiente.

— Quer abotoar o meu casaco, também?

Foi um choque quando ele realmente foi para os botões.

— Claro.

O tapa que deu em sua mão foi um pouco mais forte do que pretendia. — Ainda não somos tão próximos.

Ele se acalmou, o riso em seus olhos deu lugar a algo um pouco mais quente.

Ele ronronou — Ainda?

Isso a deixou quente. Nossa, Harly colocou algo naquele creme.

Recuperando os sentidos, Bree franziu o cenho. —Talvez nunca.

— Nunca é muito tempo.

— Veremos.

— Estou magoado. — se inclinou um pouco mais perto, isso foi bastante inebriante, quando ele praticamente se elevava sobre ela. — Diz que nunca poderíamos ficar próximos?

Buscando a sua autoconfiança, levantou o nariz. —Não nos conhecemos bem o bastante ainda para isso.

— Há aquele *ainda* novamente. — inesperadamente, levantou a mão para tocar de leve em seu nariz com a ponta do dedo. — Tem certeza de que não nos conhecemos bem o suficiente... ainda?

Uau, essa poderia ser uma pergunta muito carregada. Bree o olhou. Ele se referia às cartas compartilhadas? Sim, se referia, mas ainda não dizia diretamente e isso foi alarmante.

Tempo para cutucar um pouco.

— O que te faria pensar que não nos conhecemos bem o suficiente... ainda?

Seu sorriso era lento, preguiçoso, um completo contraste com seu olhar afiado. — E o que te faz pensar que ainda não?

Hummm, isso ficava complicado. Hora de jogar e parar.

Arremessando o final do lenço sobre o seu ombro, fungou e virou. — É melhor ir antes que a chuva fique forte novamente. Xauzinho, Nick.

— Dizendo adeus novamente?

Congelou. *Adeus? Mais uma vez?*

— Como fez...

Em sua última carta!

— ...na Cozinha?

Idiota! Você tem que jogar até que saiba o que ele faz!

— É um péssimo hábito meu — respondeu com facilidade.

— Polidez Demais. Você me acompanha e me despeço. — Segurando a maçaneta, abriu uma fresta e um vento frio passou por ela enquanto a proteção foi puxada para trás.

Uma grande mão veio acima da sua cabeça, mantendo a porta fechada. O calor em suas costas e a sua presença a cercava. Olhou para a porta e engoliu em seco. Pela primeira vez, ficou sem ação.

— A propósito... — sua respiração quente lhe provocou um arrepio. — Você nem se parece com a Pequena Lottie.

Levou alguns segundos para pensar em uma resposta e o que pensou não era o que pretendia.

— Com o que pareço, então? — *Droga! Sério? Tinha que perguntar? Como se ligasse para o que ele pensa.*

Algo suave, mas firme roçou no lóbulo de sua orelha. Oh Deus, seus lábios? Como ficou paralisada, tentando fazer com que seus pensamentos entrassem em ordem, uma grande mão descansou em sua cintura por baixo do casaco em seu quadril, dedos longos se espalhando para apertar suavemente.

— Existe um nome especial para mulheres como você — Nick disse suave e profundamente.

— D-duvido que seja delicado — gaguejou.

— Voluptuosa.

Atordoada, olhou para a mão grande na porta. Voluptuosa?

— Significa que tem *curvas*. — apertou novamente sua cintura antes de afastar seus dedos e colocá-los na base das suas costas sob o casaco. Um rastro de calor foi deixado no local. — Gosto de curvas. — antes que entendesse o que dizia — insinuava? — ele abriu a porta. O vento frio bateu em seu rosto, fazendo-a ofegar e piscar os olhos. — É melhor correr até o carro antes de congelar. — a mão de Nick em suas costas a impulsionou para a frente ao mesmo tempo que abriu a tela de segurança. — Esperarei aqui até que você siga.

Totalmente confusa com o que acabara de acontecer, Bree saiu correndo na chuva. Abrindo a porta do passageiro, entrou na van, fechou a porta e se arrastou para passar para o banco

do motorista. Recusando-se a pensar, ligou a van, colocou-a em marcha, soltou o freio antes de olhar novamente para a varanda.

Nick estava em pé, a luz delineando seu corpo alto e musculoso. Mesmo que suas feições estivessem na sombra, sentiu o seu olhar.

Putá merda, sentia o seu olhar. Assim como ainda sentia o calor de sua mão em sua cintura, depois em suas costas, o roçar de seus lábios em seu ouvido, o calor do seu corpo atrás do dela.

Putá merda!

Sentiu um rápido estremecimento e não tinha certeza se ele percebeu. Só quando estava na estrada que se acalmou um pouco.

Deus, ele realmente disse que gostava de curvas? Que gostava de suas curvas? Ok, não disse realmente que gostava de *suas curvas*, mas tinha certeza de que insinuou.

O tremor que a atravessava não era de medo. Ficou claro pelo formigamento que sentiu, pelo modo como seus mamilos apertaram...

Putá merda, se apenas suas palavras provocaram uma reação como esta, como seria se ele colocasse as mãos sobre sua pele nua?

Put a merda novamente!

Piscando, Bree pensou que talvez — *talvez* — conheceu um homem pelo qual tiraria sua calcinha... se ele quisesse, é claro.

Mas ele não queria, ela não queria, porque ele... o quê?

Cara, ele gostava de mulheres voluptuosas e achava que era voluptuosa. Não conseguia parar de sorrir em todo o trajeto para casa. Não importa se ele apenas tentava ser legal, ela se sentiu bem, e qualquer coisa ou pessoa que a fizesse sentir-se bem, valia a pena fantasiar um pouco. Especialmente alguém tão bonito como Nick Mason.

Que ainda não reconheceu que a conhecia de suas cartas.

Ok, esse último pensamento a fez franzir um pouco a testa, mas e daí? Agora apreciaria o fato de que disse que gostava de curvas em uma mulher.

Estava quase se aproximando de casa quando viu uma luz verde por entre os arbustos. Imediatamente, diminuiu. Uma luz vermelha apareceu e juntou-se à verde, fazendo-a parar à beira da estrada, com cuidado de deixar o pisca-alerta ligado, no caso de outro carro se aproximar.

O campo de onde as luzes surgiram eram bem longe da beira da estrada, mas como havia um campo atrás de outro, era difícil identificar de qual. Uma subiu para o céu, seguida pela outra. Definitivamente vieram do solo.

Provocadas por um homem ou um alienígena? Bree olhou ao redor. Não havia como chegar ao campo a menos que abandonasse a van e fosse a pé.

Um brilho surgiu ainda mais longe no campo, capturando sua atenção, iluminando por trás da colina. O brilho ficou mais forte, mais alto e se inclinou sobre o volante para observá-lo com fascinação. Será que clarearia a colina, elevando-se para o céu?

Tateando no porta-luvas, manteve o olhar no brilho enquanto procurava a câmera, tirando-a e colocando-a em seus olhos. Começou a tirar fotos, captando a luz crescente, registrando as luzes finas que angulavam em sua direção.

Então tudo ficou escuro.

Piscando, levantou a cabeça, olhando pelo para-brisas respingado de chuva.

As luzes vermelha e verde cortaram os arbustos mais uma vez, ganhando vida.

Saindo, foi para frente da van tirar mais algumas fotos. Desta vez, a luz não se moveu, apenas brilhava por trás da colina. Esperou por mais alguns minutos, mas não se moveu.

Nunca recuando depois de uma descoberta, Bree pegou uma pequena lata de spray de cabelo no armário na parte de trás da van e colocou no seu bolso, antes de fechar a van e colocar a alça da câmera em seu pescoço. Cuidadosamente,

pulou a cerca de arame, feliz por usar calças compridas. Não que sempre usasse shorts ou vestidos, alguns dos lugares que rastreava na busca por OVNI não foram *gentis* com sua pele nua.

A cerca de arame firmemente amarrada foi um desafio, mas conseguiu passar uma perna por cima e, basicamente, quase cair do outro lado. Cuidadosamente seguiu em frente, não querendo usar a pequena lanterna a menos que fosse necessário. O campo não era nivelado e tropeçou várias vezes, mas mantendo seu olhar na luz na colina, avançou.

Depois de um tempo respirava um pouco mais rápido e se sentindo decididamente mais quente. A batida leve de chuva fria era quase bem-vinda em suas bochechas.

Desta vez, precisou usar a pequena lanterna, mas deixou o brilho fraco, cobrindo-a com um lenço azul. Era o suficiente para ver o chão, mas não muito, então tropeçou, caindo um pouco na lama.

Xingando sob sua respiração, voltou-se, ignorando a umidade encharcando o material agarrado desagradável em seu joelho.

Nenhuma mulher descobriu a verdade sendo imatura.

Chegando ao topo da colina, seu coração acelerou de excitação. O brilho ainda estava lá, grande e forte. Os raios

vermelhas e verdes atravessam as copas das árvores, batendo num caminho e no outro, um de cada lado.

Algun tipo de sinalização, talvez? *O jeito como os aliens se guiam? Devem ter uma péssima visão, pensou. Lasers para guiar o caminho, quando há uma grande luz avermelhada por aqui?*

Sorrindo um pouco, olhou para cima. Cerca de três metros mais e — *merda!*

O brilho desapareceu, deixando-a na escuridão total. Havia um leve gemido, um estalar de ramos e as luzes sumiram.

— Não. Não, não, não! — Bree correu o restante da distância até a colina, no topo da subida para olhar ao redor.

Nada. Tirando o lenço da lanterna, passou a luz ao redor, revelando nada mais que árvores, arbustos e terreno encharcado. Apontou a luz para a parte inferior da colina, mas não demonstrou nada.

Praguejando, desceu rapidamente e acabou escorregando. Parou no fim da colina com uma mão apoiada no chão, uma perna esticada e a outra dobrada com o tênis cheio de lama preso no chão de forma precária.

Endireitando-se, inclinou a cabeça, esforçando-se para ouvir qualquer coisa que lhe desse qualquer indicação de quem — ou o quê — ainda estava por perto.

Silêncio.

Iluminando o chão, observou ao redor enquanto andava para frente. Não havia marcas de queimadura, nem manchas redondas de solo perturbado, mas a luz podia vir de mais longe então andou e observou cuidadosamente o chão com a luz da lanterna.

Espere, aquilo no chão era um recuo? Apontou a luz da lanterna para ele. Santo Deus! Parecia algum tipo de pegada, mas nada que reconhecesse. Era grande, maior do que um sapato masculino. Mudou a luz da lanterna, encontrando outra não muito longe. As marcas estavam cheias de água da chuva. Se quisesse uma foto tinha precisava tirá-la rapidamente — um trovão ressoou, assustando-a e um raio clareou e dividiu o céu.

— Oh. — olhou para cima, pegando a alça da câmera ao redor de seu pescoço.

Uma tempestade começou.

— Merda. — Bree ficou ali, a chuva caindo em um dilúvio ensurdecador. Ela suspirou. — Mas que merda.

Qualquer sinal de aterrissagem da nave espacial, de seres alienígenas que andaram pela área, foi destruído. Só havia uma coisa a fazer — voltar para a van sem nenhuma foto.

Quando se aproximou da van, Bree estava completamente encharcada e coberta de lama. Um pulso sangrava e tinha um

rasgo na calça. Xingando, passou uma perna por cima da cerca de arame, equilibrando-se por alguns segundos, então, respirou fundo e levantou a outra perna.

Seu tênis escorregou na lama grossa e virou, caindo e batendo a cabeça numa pedra.

— Ai! — sentando, colocou a mão no olho. Sentiu o calor do sangue em seus dedos.

No olho? Não, mas perto.

Levantando-se, abriu a porta lateral o suficiente para entrar e a fechou. Acendeu a luz, iluminando a parte traseira da van com um brilho suave.

Decidindo que ninguém em seu perfeito juízo estaria na estrada para ver seu striptease improvisado, tirou sua jaqueta, sua blusa molhada e calça e chutando-as em uma pilha no chão encharcado. Pegando um pano limpo de uma gaveta, pressionou-o sobre o olho. Abrindo o guarda-roupa, olhou para o espelho na porta.

Oh menino, teve sorte. Seja lá no que bateu no chão — e parecia que era uma marca de vara — se arranhou muito ao longo da parte inferior direita do osso da cavidade ocular. Droga, mais perto do olho e estaria em sérios apuros.

Procurando rapidamente no guarda-roupa, tirou uma camisa de manga comprida limpa e uma calça jeans de stretch, juntamente com um conjunto limpo de lingerie e meias.

Colocando-as, ficou grata pelo calor. Coberta com um cobertor grosso e os pés com meias e um par de tênis secos, colocou as roupas molhadas e o tênis em um saco plástico.

Em seguida, pegou o kit de primeiros socorros e lavou o arranhão sangrando, aplicando Betadine líquido e segurando um pedaço de gaze para estancar o sangue. Felizmente não muito profundo, o sangramento parou em poucos minutos.

Terminando, foi para o assento do motorista. Ligando o motor, olhou para a coluna escura.

— Da próxima vez — murmurou. — Da próxima vez não me escapa.

Capítulo Quatro

Acordando cedo, Nick estava em uma escada no quintal enlameado em uma árvore com galhos quebrados. A luz solar fraca pintava as pontas das folhas altas, anunciando o amanhecer.

Respirando profundamente, ouvia o chilrear dos pássaros nas árvores, o som distante de um mugido de vaca, o carro de alguém dirigindo à distância.

Tão pacífico. Sim, se acostumaria com isso, com esta vida diária. Algumas pessoas achavam chato, que seu trabalho era emocionante, mas havia vida além da guerra, mais do que a vida do Exército.

O galho caiu no chão e desceu, deslocando a escada para a próxima árvore. Era isso, um ambiente tranquilo, tomando suas próprias decisões, trilhando o seu próprio caminho.

— Acordou cedo — Alex falou.

Nick olhou por cima do ombro e viu seu amigo caminhando em sua direção, com as mãos nos bolsos.

— Diferença de fuso horário e toda essa merda.

— Harly tem um turno da manhã no café. — Alex parou ao lado da escada, estendendo a mão para firmá-la quando Nick subiu até o próximo galho quebrado. — E a Bree?

Direto ao ponto.

— Sim? — colocando o serrote acima da quebra do galho, Nick começou a serrar.

— Ela é *A Garota do Adeus*, não é?

— Não há dúvidas sobre isso.

Houve silêncio por alguns segundos.

— Você não contou a ela.

— Sim, contei. Disse o meu nome.

— Mas não disse quem era.

— Oh, ela sabe, não duvido.

— Mas ela não disse nada.

— Não.

— E você também não disse nada.

— Eu disse. Disse a ela.

— Você não disse que sabia quem ela era.

Nick olhou para Alex e viu seu amigo encostado na escada, com a mão no degrau. — Esperava que ela me dissesse.

— Então, por que ela não falou?

— Agora essa não é a pergunta de um milhão de dólares?

— Nick olhou para o galho que serrava.

— E a questão de dois milhões de dólares é por que não lhe deu essa informação?

— Fiquei esperando por ela.

— Talvez precise esperar um longo tempo.

— Tenho sete semanas.

— Sério? Esperará sete semanas?

— Talvez não sete. — Nick estava na metade do ramo. — Seis e meia.

Alex se mexeu e o movimento fez com que a escada balançasse um pouco.

Nick o olhou. — Atravessei o Afeganistão e o Iraque até agora, prefiro pensar que posso estar em sua propriedade por alguns dias sem morrer.

— Você realmente está me matando, por que fazer rodeios?

Sorrindo levemente, Nick recomeçou serrar a última metade do ramo.

— Você sabe — disse em tom de conversa — Não sabia que ela morava aqui até algumas semanas atrás.

— Sério?

— Sim. Tinha recebido a minha carta de *adeus* e estava em minha cama pensando e de repente notei o carimbo do correio. Era daqui.

— E pensou que ela ainda estaria aqui? Uma espécie de tiro no escuro, não acha?

— Tinha uma sensação de que ainda estaria aqui.

— Por quê? Todos sabem que ela se muda bastante.

— Sim, a maior parte de suas cartas nunca era de uma mesma cidade mais do que duas ou três vezes, mas desta vez haviam algumas cartas com o carimbo de Whicha. — Nick puxou sua mão. — Cuidado com o galho, Alex.

— Companheiro, estou bem atrás de você. A menos que pretenda jogá-lo em mim, estou seguro.

— Você pensaria assim, mas quem sabe? — Nick observou o galho atingir a lama antes de cair. Colocando a serra nos degraus da escada, coçou o queixo. — Um monte de coisas estranhas acontecem em Whicha. Por que não Bree?

Alex plissou os olhos em diversão. — Ela é uma pequena mulher louca.

— Engraçada — Nick corrigiu. — Diferente.

— Diferente é certo. OVNI, de todas as coisas.

— Em todas as cartas e e-mails que compartilhamos, companheiro, nenhuma vez mencionou OVNIIs e homenzinhos cinzas. Nem uma vez.

— Nem todos dizem tudo em suas cartas. Algumas coisas mantemos em segredo.

Nick o olhou — Esconde algum segredo de Harly?

— Não.

— Tem certeza?

— Absolutamente.

— Quer dizer que, nenhuma vez em todo o seu casamento, Escondeu alguma coisa dela?

Alex o olhou com firmeza. — Confio nela. Ela confia em mim.

— Uh. Será que ela sabe que tem um seguro em seu nome?

— Isso é no caso de eu morrer.

— Mas ela sabe disso?

Um músculo apertou no maxilar de Alex.

— Meu trabalho é perigoso, sabemos disso. Harly também sabe. Preciso ter certeza de que será financeiramente cuidada se algo me acontecer.

Nick colocou a mão em seu ombro.

— Se alguma coisa acontecer com você, Alex, Harly terá não só a sua família como a dela para olhar por ela, mas também terá a mim, sabe disso.

— Sim, eu sei. — Alex respirou fundo. — Eu sei. Só preciso ter certeza para a minha própria paz de espírito de que a deixarei bem, que não precisará se preocupar com nada.

Nick sorriu levemente. — Não se preocupe, apenas os bons morrem jovens. Você viverá para sempre.

— Jesus, como o assunto ficou tão mórbido?

— Quando começamos a falar sobre segredos.

— Ah, sim. — Alex visivelmente relaxou. — O seu segredo.

— E Bree.

— Nick e Bree compartilham um segredo.

— Não compartilhamos exatamente, idiota.

— Mas ambos sabem quem o outro é; no entanto, um não admitirá para o outro. E ambos suspeitam que um saiba do outro. — Alex apertou os lábios. — Isso é um segredo. Mais ou menos como um segredo aberto, não é?

— Meu Deus, olhe para você. O próprio Sr. Psicologia.

— Não seja amargo. Sei que a verdade dói.

— Te machucarei em um minuto.

— E fará Harly chorar? Duvido. — Alex sorriu. — Mas vá em frente. Tente.

De jeito nenhum que faria Harly chorar, mas não desistiria de tirar o sorriso do rosto de Alex. O pó ou lama, não fazia diferença. Nick pulou em Alex.

Lutar na lama era um pouco melhor do que no pó, pois não entrava nos pulmões. Sujava a camisa e o jeans, mas, definitivamente, sequer perdiam o ar enquanto se debatiam na lama.

Ainda lutavam e tentavam empurrar o rosto um do outro na lama quando Alex, de repente, olhou para cima.

— Oh... oi, querida — não diminuiu o aperto no pescoço de Nick.

Nick a olhou em meio à lama em seu rosto. — Oi, Harly.

Em pé, não muito longe deles, Harly olhou-os lentamente.

Alex sentou-se. Nick também, afastando seu cabelo do rosto.

— Tudo bem — disse ela, finalmente. — Já vou para o trabalho.

— Tudo bem — Alex disse alegremente.

Nick sorriu. — Tenha um bom dia.

— Certo. — olhou para os dois mais uma vez, balançou a cabeça e caminhou até o galpão onde o seu carro estava estacionado.

— Quer ajuda, amor da minha vida? — usando a cabeça de Nick para se apoiar, Alex ficou de pé.

— Não, continuem brincando. — Harly abriu a porta do galpão.

— Que tal um beijinho para me fazer passar o resto do dia?
— Alex andou em sua direção.

Nick riu quando Harly abriu a porta de seu carro, entrou e a fechou rapidamente. Não ouviu o clique da fechadura, mas sabia que ela trancou a porta.

— Estou magoado. — Alex colocou as mãos nos quadris. — A minha amada esposa não quer me dar um pouco de carinho.

Passando por ele, Nick o olhou de soslaio. — De jeito algum ela se aproximaria de você com toda essa lama em sua cara.

Rindo, Harly passou por eles.

Ambos acenaram animadamente antes de caminharem em direção a casa. Por acordo tácito, deram a volta por trás. Despiram-se na varanda. O ar frio era uma experiência arrepiante, mas não havia como entrarem na casa cobertos de lama.

— Sou o dono do lugar — declarou Alex, sem vergonha. — Tomarei banho primeiro.

— Só não use toda a água quente. — Chacoalhando-se, Nick apertou os braços em torno de si, seguindo Alex na cozinha quente. Vendo Sunny observando-o, apontou para ela. — Nem pense nada de engraçado, gata.

Alex jogou-lhe um cobertor. — Cubra-se antes de causar pesadelos a gata.

— Como se mostrar sua bunda não fosse pior.

Sorrindo, Alex desapareceu.

Nick ficou em um canto, não querendo espalhar a água e lama no chão limpo, mas o calor da cozinha e do cobertor não era suficiente para afastar o frio da lama molhada que ainda cobria parte dele.

Alex, inteligente que era, tomou um banho rápido, gritando para Nick quando terminou. Em poucos minutos, Nick suspirava de alívio quando a água quente aqueceu sua pele arrepiada.

Quando saiu, seco e vestido, Alex fazia um pouco de café e aquecia uma panela de mingau.

Chuckie, Sunny, o velho Pepper e Buffy o observavam colocar o mingau em duas tigelas. Sem pestanejar, Alex colocou uma pequena colher em seus pratos, adicionando leite.

— Não sabia que gatos comiam mingau. — Nick serviu o café em duas canecas.

— Nem eu — concordou Alex. — Mas descobri agora.

Comeram em silêncio, apreciando a manhã. Assim que terminaram, Alex lavou os pratos, enquanto Nick colocava as roupas de molho, então trouxeram a escada para a casa e subiram para verificar o estrago no telhado.

Ainda estavam lá em cima, quando o caminhão de Paul entrou na garagem. Saindo, foi até a casa e olhou para cima, com as mãos nos quadris.

— Os hormônios de Becky estão descontrolados — anunciou. — Preciso de café.

— O que fez dessa vez? — Não encontrando nenhum furo ou ferrugem no teto, Alex desceu da escada.

— Por que acha que fiz alguma coisa?

— Porque geralmente fez.

— Apenas sugeri que comprasse calças de stretch. Disse que era hora deixar as *roupas fashion* de lado e ter um pouco de conforto para o inchaço de sua barriga com as calças de cintura elástica.

Nick começou a rir.

— O quê? — Paul perguntou.

— Qual foi a reação dela? — Nick desceu a escada.

— Bem, certamente não riu como vocês, suas hienas.

— Deixe-me adivinhar. Alguém ficou sem café esta manhã?

— Não podia ter café! Ela jogou potes e panelas por todos os lados, praticamente espumando pela boca.

— Porque sugeriu que estava inchada como uma melancia?

— Alex disse. — O que será que tem de errado com isso?

— Sim, é isso que disse. — Paul acenou com a cabeça. — Disse 'Querida, sabe que está engordando. Já aconteceu antes, acontecerá novamente.'

Nick deu uma gargalhada. — Aposto que correu tudo bem.

— A mulher perdeu a cabeça. Disse que não engordaria novamente porque se certificaria de que estaria castrado antes de tocá-la! — Paul balançou a cabeça. — Acho que a pequena festa de amor que planejamos esta noite foi por água abaixo.

— Por acaso não mencionou isso para ela, não é?

— Tentava fazê-la rir, aliviar o clima, você sabe.

— Você é um idiota. — pegando a escada, Nick foi em direção ao galpão de trabalho. — Não sou casado e até eu sei o que não se deve dizer a uma mulher.

— Hormonal ou não — Alex acrescentou. — Paul, você é casado há mais tempo que eu. Conhece Becky por toda a sua vida. Quando aprenderá?

— Apreendi que os hormônios deixam uma mulher louca. — Paul girou o dedo perto de sua têmpora. — Elas agem como malucas para cima de um homem.

— Você deixa qualquer uma maluca.

— Não comece. Tenho o suficiente disso de minha sogra.

— A mãe de Becky te ama.

— Ela ama Becky mais. Sempre está do seu lado.

— Oh, que pena. — Alex sacudiu seus cílios. — Será que alguém se sente ferido? Será que alguém precisa de um beijo para melhorar?

— E um abraço? — Nick abriu os braços e começou a avançar. — Vem cá, Paul. Tio Nick e tio Alex lhe darão um pouco de conforto.

— Toquem-me e ambos ficarão sem bolas. Não estou tão desesperado. — Paul estremeceu.

Alex sorriu. — Então, veio em busca de café e um pouco de comida?

— Pensei que poderíamos ir ao café antes do trabalho. Vocês irão hoje ou não?

— Irei. — Alex assentiu.

— Conte comigo também — acrescentou Nick.

— Ótimo. Trabalharei somente até a hora do almoço, hoje é sábado. — Paul fez uma pausa. — Ou talvez à noite, se Becky não melhorar as merdas comigo.

—Talvez deva apenas trabalhar durante toda a noite. —Nick sugeriu.

— Não se preocupe, Becky estará *bem doce* quando o seu *lover boy* chegar em casa. — Alex acenou para Paul. — Nós estaremos lá em breve, só preciso lavar umas coisas antes de sair.

— Lavar? — Paul ergueu as sobrancelhas. — Isso é trabalho de mulher.

— Seu bastardo idiota.

— O quê?



Nick rapidamente descobriu que gostava de trabalhar com as mãos. Construir coisas era algo que achava satisfatório, observando as coisas tomarem forma lentamente de um modelo para a realidade. Dava-lhe satisfação.

Talvez devesse trabalhar com construção ou algo similar.

Ou talvez devesse pensar em trabalhar como *faz-tudo*. Sim. Levantando, balançou a cabeça enquanto observava o trabalho de reparo que tinha feito no interior do café. A prateleira que recolocou na parede, o trabalho de reparo na parede, a perna da cadeira recolocada, a telha quebrada substituída, gostava de fazer tudo. Sempre teve um dom para trabalhos de reparação de todos os tipos, aprendeu muito nos anos que trabalhou com seu pai em sua loja de reparos após a escola e durante dois anos, quando deixava a escola cedo e era treinado por seu pai com o plano de ser seu sócio quando tivesse idade suficiente. Adorava e esqueceu o quanto, mas agora, percebeu que ainda desfrutava.

Sim, consideraria seriamente deixar o Exército, fazer alguns cursos, abrir uma loja de reparos gerais aqui em Whicha. Certamente divagou. Mas pensaria nisso um pouco mais, para ver se haveria trabalho suficiente. Talvez iria em cidades vizinhas, ser mais móvel.

— Nick, você é incrível. — Maryanne inspecionou o trabalho que terminou. — Você está desperdiçando seu tempo com Paul.

— Ei! — Paul apareceu na porta. — Estou aqui, você sabe.

— E? — Perguntou.

— Posso ouvi-la.

— E?

Abrindo os braços, ergueu as sobrancelhas.

Ela imitava.

— Falta de respeito — disse ele. — Totalmente.

— Te conheço desde que usávamos fraldas. Realmente acha que o respeitarei agora?

Com um suspiro, entrou na sala. Olhou ao redor, analisando o trabalho que Nick fez.

— Uau.

— Sim, ótimo trabalho, hein? — Maryanne sorriu.

Nick olhou de soslaio para Paul. Hummm, Paul tinha esperança de ser um faz-tudo? Além de possuir e administrar uma carpintaria em Whicha, também era dono da única mecânica da cidade, mesmo que não fosse um mecânico.

Não sabendo bem o que esperar, Nick ficou aliviado quando Paul sorriu e lhe deu um tapa no ombro. — Companheiro, você é o que precisamos! Coloca azulejos em paredes?

— Claro. Ajudei alguns amigos ao longo dos anos, com as suas casas, renovando e essas coisas. Você sabe, coisas em geral.

— Construindo coisas, fazendo coisas?

— Basicamente. E o que não sei, aprenderei.

O sorriso de Paul aumentou. — Precisamos de um faz-tudo na cidade.

Alex entrou na sala.

— Ouvi dizer que pensa em iniciar um negócio de faz-tudo?

— Não eu, mas Nick poderia fazer. — Paul acenou para a parede reparada. — Ele tem um bom olho, boa mão firme, tem a esperteza, também.

Alex assentiu. — Isso ele tem.

Satisfeito, mas não demonstrando, porque não gostava de se gabar, Nick pegou a pá e a vassoura e entregou-os a Maryanne.

— É melhor voltar e ajudar Paul.

Paul balançou a cabeça. — Não há necessidade. Já terminamos por hoje e voltaremos na segunda-feira. Os meninos já foram para casa.

— Que tal ficar para o almoço? — perguntou Maryanne.

— Obrigado, mas é melhor ir e ver se Becky acabou sua loucura.

— Provavelmente, a causa de sua loucura está aqui.

— Falta de respeito. — Paul disse e saiu.

— Compre-lhe algumas flores e seja humilde, pelo amor de Deus! — Maryanne antes de olhar para Alex e Nick. — Como é, rapazes? Almoço por minha conta por toda a ajuda.

— Não há necessidade — disse Nick.

— Tanto faz. — Colocando uma mão em cada uma das suas costas, deu um empurrão nada sutil. — Venham. Os espetos de carne estão quentes.

Lavaram as mãos no banheiro pessoal e sentaram quando quando Harly entrou com uma xícara de café quente para cada um deles.

— Aqui.

Alex se afastou para que ela sentasse ao seu lado na cabine. Mal sentou e Charlotte Harmon entrou pela porta. Deu uma olhada ao redor do café, viu Harly e correu.

— Ficou sabendo?

— Fiquei sabendo o que? — Harly perguntou.

Nick escutou com apenas metade de sua atenção, a atenção concentrou-se principalmente do lado de fora da janela, enquanto observava a van azul Transit passar. Hummm, parecia a van de Bree. Era, de fato, a van de Bree, podia confirmar pela porta amassada. Levantando as cortinas de renda um pouco, viu quando a van desapareceu no final da rua.

— Vi Bree — Charlotte anunciou. — E ela teve um confronto com alienígenas!

Isso chamou a atenção de Nick. Virou e a olhou, quase certo que tinha a mesma expressão atônita de seus amigos.

— Sim. — Charlotte assentiu. — Ontem à noite, estava em uma busca e...

— Busca? — Nick repetiu.

Alex o olhou.

O cabelo azulado de Charlotte não mexeu um centímetro quando ela balançou a cabeça vigorosamente. A mulher usou metade de uma lata de spray fixador.

— Em uma busca e deu de cara com uma nave alienígena! E tem hematomas para provar isso!

— Hematomas? — *O quê...?*

— Seu olho quase foi arrancado, os pulsos estão cortados. — Inclinando-se, sua voz parecia um sussurro. — Acho que lutou muito, mas a garota corajosa não admitirá isso.

Nick ficou tenso, já começando a se mexer no assento da cabine para sair.

Harly agarrou sua mão sem olhar para ele.

— Realmente *viu* Bree hoje, Charlotte?

— Com meus próprios olhos. — Charlotte estremeceu, mas seus olhos brilhavam de emoção. — Como ela escapou é um milagre.

Nick não esperou. Tirou sua mão de debaixo da de Harly, deu um curto aceno a Alex e saiu. Avançando para onde sua

Toyota Landcruiser estava estacionada, destravou o alarme, entrou, ligou o motor e saiu do estacionamento. Só que dirigia na mesma direção que a Ford Transit desapareceu, de repente percebeu algo e ligou o celular no serviço mobile do carro.

Alex respondeu quase que imediatamente.

— Indo para a caça, companheiro?

— Pode apostar sua bunda. Onde ela mora?

— Você quer dizer, a Menina Alien?

— Rá. Rá. Apenas me diga.

Diversão brilhava no tom de Alex.

— Não acreditaria em tudo que Charlotte diz, Nick. Maryanne disse que viu Bree e certamente ela não parecia rasgada.

De alguma forma, isso não era um conforto. Nick queria ver por si mesmo. Não apenas por isso, por que saiu em uma busca sem ele, depois que concordou que a acompanharia? A mulher idiota se machucaria, correndo na noite com a chuva forte, perseguindo luzes nos campos, sozinha. Se fosse realmente ferida, estaria sozinha, sem ajuda e sabe Deus por quanto tempo. Inaceitável.

— Apenas me diga, Alex.

— Claro. — Houve uma conversa baixa, então, Alex voltou para o telefone. — Lote 54, cerca de meio km fora da cidade.

Está na rua principal ao lado oeste, à esquerda da estrada. Casa antiga, bem afastada.

— Obrigado. — Nick desligou.

Não tinha certeza do que faria se não estivesse em casa, mas com certeza sabia que a encontraria. Por que isso era tão importante, não tinha ideia.

Ok, ele meio que sabia. Ao longo dos meses que se corresponderam, formaram uma ligação e agora que a encontrou pessoalmente várias vezes, havia algo que o atraía, algo que o fez sentir como se estivesse — o quê? Obcecado?

Afastando os pensamentos e a sua reação intrigante, Nick dirigiu da cidade para a estrada, passando pelos campos tranquilos. A luz do sol brilhava, secando as poças de lama, que normalmente gostava de apreciar a vista, mas sua preocupação agora era Bree.

Encontrou facilmente a propriedade, a placa com o número do lote pregado em um poste surpreendentemente selado na calçada. entrando, dirigiu-se à casa, vendo-a bem colocada.

Era velha, como a casa de Harly e Alex, com uma grande varanda de pedra e madeira, grandes janelas com cortinas de renda, confortáveis e velhas. Gostava de casas antigas, mas agora fixou seu olhar no Ford Transit com um generoso traseiro que saía pela porta lateral. Bree fazia algo dentro, inclinada.

Parando não muito longe dela, Nick desligou o Landcruiser e saiu, fechando a porta.

Bree não o notou chegar, o que não era surpreendente pelo som que ecoava nos autofalantes da Ford Transit, uma canção que Nick reconheceu como 'Feel Like Taking Your Man', de Wendy Matthews. E Bree cantava junto, com entusiasmo.

Muito entusiasmo, mas nenhuma afinação.

No entanto, obviamente se divertia, se o balançar desse traseiro generosamente arredondado era uma prova disso. Ela preenchia a calça amorosamente e teve que se segurar para não estender a mão e tocar naquela bunda tentadora.

Seu outro impulso foi dar um tapa, mas esse, em particular, lutou contra.

Fechando a distância entre eles, bateu sua mão na porta lateral com força.

Bree deu um pulo como se levasse um tiro, virando com uma lata de algo em sua mão que apertou, literalmente, com o objetivo de atingir seu rosto.

— O que — Merda! — Nick conseguiu colocar a mão sobre o rosto antes de receber a pulverização.

Era pegajoso e tinha um cheiro estranho.

—Nick?

Enrugando o nariz contra o odor, afastou o resíduo de spray no ar antes de abaixar a mão cautelosamente e a ver olhando-o com surpresa.

— O que faz aqui? — gritou acima da música de Wendy Matthews.

— Procurando por você — grunhiu de volta.

— O quê?

— Procurando por você.

— Espere. — subiu na van e desligou o som. A voz de Wendy Matthews desapareceu e apenas o silêncio se ouviu.

Não era realmente silencioso, considerando a vida nativa nos arbustos e o som de um mugido ou um balido, mas no geral, era tranquilo. Interior tranquilo. Nick respirou fundo. Deveria ser calmante, mas, curiosamente agora não era tão calmante como de costume.

Bree apareceu na porta da van. — Agora, o que disse?

— Disse que a procurava.

— Oh. — Abaixando os braços, deu um largo sorriso. — Bem, aqui estou eu. Não precisa procurar mais.

Sim, lá estava ela e agora podia ver seu rosto claramente. Havia um arranhão, bem perto do olho e quando olhou para o pulso dela — primeiro um, depois para o outro — viu o esparadrapo no pulso esquerdo.

Segurando seu antebraço, mostrou-lhe o pulso, olhando acusadoramente para ela.

Com as sobrancelhas arqueadas, o olhou em silêncio.

Estendendo a mão, tocou no arranhão ao longo do osso inferior da sua cavidade ocular. Uma emoção inesperada o invadiu, o fazendo querer tocar em seu rosto e beijar cada um dos arranhões.

Idiota. Não teria se machucado se fizesse como combinaram. Afastou a emoção estúpida, onde pertencia e se concentrou na insubordinação. — Fale de uma vez, Bree.

— Ah — disse ela.

Nick sentiu uma onda de irritação atravessá-lo.

— Ah. Só isso que me diz? O que aconteceu?

— Uma briga com o chão, Meritíssimo.

— Uma boca espertinha não te salvará.

—De quê? Está aqui para me calar?

— Na verdade, estou aqui para te fazer falar.

— Soro da verdade?

—O quê? — piscou.

— Algemas? Tortura? Soro da verdade?

Jesus.

— Bree, isso não é engraçado.

— Pareço brincar?

Essa era a parte assustadora. Agora que deu uma boa olhada em seu rosto solene, estava com muito medo que falasse sério. Quando simplesmente continuou a observá-lo de perto, soltou-lhe o pulso e suspirou.

— Realmente fala sério sobre essa besteira, não é?

— Você é militar e exige respostas aqui. O que acha?

Essa centelha de aborrecimento veio à tona novamente, mas afastou-a, dando um passo para o lado para apoiar o ombro na lateral da van. Colocando distância entre eles, de apenas alguns metros, talvez acalmasse a mulher louca.

Embora não parecesse histérica. Mas era louca, então quem sabe?

Bree cruzou os braços sob os seios, o movimento levantando-os em seu suéter.

Desviando sua atenção imediatamente, porque era um pouco mais resistente, quando olhou novamente para o seu rosto, encontrou-a com... merda, não pode ser. Ela estava muito desapontada que olhava para o seu rosto.

Pelo amor de Deus, ela não... — Bree, tentou me distrair com seus seios?

— É óbvio que não deu certo — respondeu, abaixando os braços.

— Não acredito nisso! — espantado, a olhou.

Ela encolheu os ombros. — Ei, isso já funcionou antes, achei que valia a pena tentar novamente.

— Já fez isso antes? Está louca?

— Sim. Enquanto ele ficou distraído, o acertei nas bolas e saí correndo.

Nick se endireitou. — Ele?

— Isso nem sempre funciona com mulheres, a menos que sejam lésbicas e interessadas, certo?

Ela era mais louca do que pensava. — Sabe o quão perigoso é ostentar a si mesma?

— Depende da situação.

— E se as coisas não saíssem do jeito que planejou com aquele cara? Poderia ter sido estuprada.

— Uh... — tossiu, virando para a porta para pegar um pano e um balde.

O quê...? Nick espiou pela porta e viu o piso da van úmido de uma lavagem.

— Livrando-se de provas?

— Que provas?

— Sangue de alienígena? As bolas de um pobre bastardo?

— Ria se quiser — disse de forma um pouco arrogante, levantando o nariz no ar de um jeito que teve uma insinuação de sorriso relutante em seus lábios. — Mas a verdade está definitivamente lá fora.

— E se qualifica para provar isso?

— Muitos pretendem provar isso. — fechou a porta da van.

Nick endireitou sua postura quando esvaziou o balde e soltou o pano nele.

— Há qualquer outra pessoa dessa estirpe aqui agora?

Ela olhou desconfiada para ele.

— Diz aqui em minha casa ou aqui em Whicha?

— Tenho uma escolha?

— A resposta é não. Apenas eu.

Nick a olhou.

— É verdade. — segurando o balde, caminhou em direção à varanda.

Ele seguiu ao lado dela.

— Olha, Bree, além de tudo, o que acontece com o nosso acordo?

Ela o olhou de soslaio. — Você saiu ou não saiu à caça alienígena na noite passada?

— Você deu ouvidos à fofocas.

— É verdade?

— Fofoca nunca é confiável, Nick.

Deus, a mulher pode tentar a paciência de um santo. — Bree...

— Não tinha a intenção de caçar aliens na noite passada. — subindo na varanda, tirou os tênis.

— Então o que aconteceu?

Bree abriu a porta de tela. — Entre.

Ele tirou os próprios tênis enlameados, antes de colocar uma das mãos sobre a cabeça dela para manter a porta de tela aberta em segurança.

— Depois de você.

Ela entrou na frente dele, o que lhe deu uma boa visão do seu traseiro, enquanto descia o corredor. Com certeza gostaria de dar umas palmadas nessas *bochechas* arredondadas e apertá-las...

Houve um barulho e um gato de olhos azuis veio correndo por uma porta no fundo do corredor. Em uma manobra cheia de destreza, o gato se salvou de bater na parede, com o

simples ato de travar suas garras no chão e voltou pulando assustadoramente antes de se endireitar e correr pelo salão em direção a ele. Parou assim que percebeu que era um estranho, então sentou e o olhou.

Nick nunca viu um gato siamês ao vivo e a cores, somente nas revistas, e este era bastante enervante pela forma como o olhou, suas patas azuis dianteiras se moviam inquietamente no corredor.

— Essa é Bast — disse Bree. — Ela não te machucará.

Bast mexeu suas orelhas azuis, seus olhos azuis tão vivos e curiosos enquanto continuava a olhá-lo. Ao invés de se mover quando se aproximou, simplesmente colocou a cabeça para trás mais e mais vendo quando ele se aproximava dela, então se mexeu quando ele passou, apenas para que girasse sobre sua bunda para vê-lo.

Gata estranha. Nick podia jurar que sentia seu olhar sobre ele. Olhou por cima do ombro e viu que estava certo. Bast o olhava e então o enervava completamente, levantando-se, abaixando a cabeça e o seguindo. Ela se preparava para atacar ou algo assim?

Nick se preparava para defender-se, o que era muito engraçado, considerando que era apenas um maldito gato. Os caras da base tirariam sarro se soubessem que um pequeno gato o enervava. Talvez a companhia de Bree não era saudável para sua sanidade.

Seguiu-a pelo corredor e em uma grande área que ocupava a parte traseira da casa. De pé na porta, olhou ao redor. A cozinha era à esquerda, a sala de jantar à direita. A porta na parede dos fundos levou a uma varanda blindada e uma sala à esquerda dela, possivelmente um quarto.

— Sente-se. — apontou para a mesa de jantar, uma mesa de madeira grande com seis cadeiras e um vaso de rosas no centro.

Afastando a cadeira, Nick sentou-se para vê-la enquanto caminhava pela porta de trás para colocar o balde e o pano na varanda antes de entrar e sentar na cadeira à sua frente na mesa.

Cruzando as mãos sobre a mesa, olhou para ele. — Pronto para o interrogatório?

Ele a olhou. — Um pouco dramático, não acha?

— Tentando medir a quantidade de drama que é necessário.

—Tudo bem. Começamos com a insubordinação?

— Preciso de um advogado?

— Fez alguma coisa para justificar a necessidade de um advogado?

— Invadir uma propriedade privada está nessa categoria?

— Por que não me contou? Acho que já fez isso várias vezes.

— Ei, essa é apenas a maneira que faço. — seus olhos brilharam. — Fique comigo e agiré da mesma maneira.

— Uau. Andando no limite.

— Alguém tem que fazer isso.

Escondendo a diversão, Nick fez uma careta ela. — O que aconteceu?

— Quer a apresentação em forma de ponto ou ensaio?

Tocou seu nariz. — Formulário de tópicos. Não gosto de perder tempo.

— E ainda assim está aqui.

— Não considero isso perda de tempo.

Os olhos de Bree plissaram cativamente nos cantos quando sorriu. — Isso é tão doce.

— Também não me desvio do assunto facilmente. O que aconteceu ontem à noite?

— Senhor, deixei a casa dos Lawsons depois de um jantar delicioso. Vi um grande brilho. Vi duas luzes, uma verde e uma vermelha. Investiguei. Cai quando passava por uma cerca, senhor. Escalei uma colina. O brilho e as luzes desapareceram. Voltei. Cai novamente. No curso de minha investigação, senhor, sofri duas lesões leves, um corte no meu pulso e um arranhão em meu rosto, senhor.

— Isso é tudo?

— Receberá o meu relatório em sua mesa na parte da manhã, senhor.

Nick sufocou uma risada. Bree falava sério, com o rosto solene, mas seus olhos dançavam com um prazer perverso. Ele manteve sua carranca. — Você tem muita atitude, mulher.

— Não posso evitar, senhor. É como...

— Você é?

— Ah, então me entende!

— Acho que sempre entendi.

Quase imediatamente o riso desapareceu de seus olhos e foi substituído por um intenso escrutínio. — Sempre?

Hummm. Qual a melhor maneira de agir? Nick queria muito que se revelasse, colocasse tudo às claras para que discutissem o assunto. Suas cartas, a amizade, a estranheza quanto a revelar-se. Por que o sigilo? Por que...?

Um grito estridente quase estourou seus tímpanos, fazendo-o saltar da cadeira.

—Jesus! O que foi isso?

A maldita casa era assombrada ou algo assim?

Outro penetrante grito encheu o ar na direção da varanda dos fundos.

Ataque aéreo? Mísseis chegando?

— Coitadinho — cantarolou Bree, levantando-se e abrindo a porta de trás.

Nick observou quando um pequeno e delicado Siames entrou, patinhas escuras, rabo empinando, corpo flexível. Não parecia com medo, esperava que viesse cusindo e sibilando pela porta, buscando abrigo de qualquer coisa infernal que estava lá fora.

— Esta é Sheba — disse Bree.

A delicada Sheba sentou-se e olhou para ele, toda doçura e fofura, com enormes olhos azuis que se prenderam em seu rosto.

Então ela abriu a boca e gritou.

Nick realmente se encolheu.

— Puta merda!

Orgulhosamente, Bree acariciou sua cabecinha.

— Tem um bom par de pulmões, não é?

— Pulmões? Mais como uma sirene de ataque aéreo!

— Não exagere.

Como a mulher pensava que exagerava enquanto sua gata dava outro grito que parecia unhas arranhando um quadro negro, ele nunca entenderia.

Nick só olhava para Sheba. Como em nome de Deus, uma coisinha tão pequena e delicada, tinha um miado tão enervante?

— Ela teve um acidente ou algo assim?

— Não.

— Então, o que aconteceu com sua caixa torácica?

Levantando Sheba, Bree esfregou o nariz em sua cabeça entre as duas orelhinhas escuras.

— Esta é a voz de Sheba, o seu miado. Não há nada de errado. Isso tudo é Sheba, tudo natural. Não é querida? — deu um beijo entre as orelhas de Sheba.

— Não há nada remotamente natural nisso.

Rindo, Bree se aproximou de onde estava e lhe entregou Sheba. — Olha, não é um doce?

Sheba era realmente muito pequena, especialmente nas grandes mãos de Nick. Com a mão em sua pequena caixa torácica, olhou diretamente em seus olhos. Ela piscou lentamente para ele, abriu a boca e miou.

Quase a deixou cair. — Bree, acho que a pintura de suas paredes está descascando.

Sheba começou a ronronar, piscando para ele várias vezes.

Cuidadosamente, a puxou para perto, percebendo que este era o pequeno Siamês que Bree contou em suas cartas para ele. Esqueceu de Sheba, mas com certeza se lembrou de rir de suas palhaçadas. Na verdade, Bast foi mencionada em um monte de cartas também, no entanto, esqueceu logo que se fixou em sua proprietária.

Sim, fixado. Suspirando interiormente, Nick olhou para onde Bree sorria para ele.

— Vê? — disse — Doce.

— Doce — concordou e não falava apenas do gato.

Ficou lá, sorrindo para ele, seu cabelo preso em um rabo de cavalo com alguns fios soltos sobre suas bochechas, seus lábios carnudos, bochechas rosadas pelo ar frio que vinha de fora. Bree parecia doce. Doce o suficiente para lambar e comer. Em todos os lugares.

Homem, queria saboreá-la. Em todos os lugares.

Se perguntava qual deles admitiria o conhecimento prévio um do outro primeiro. O tempo era curto, queria conhecer Bree mais de perto, conversar, tomar a amizade leve e...

— Então, se virá comigo, é melhor começar a se mexer. — Bree saiu da cozinha.

— O quê? — Nick olhou para a porta vazia.

Ela enfiou a cabeça no batente da porta. — Irei para o campo onde vi as luzes na noite passada. Você vem?

— Agora?

A cabeça desapareceu, a voz movendo no corredor. — Sim.

Nick olhou para Sheba em seus braços. — Acho que entendo a conexão entre vocês duas agora.

Sheba ronronou.

Em pé, colocou-a cuidadosamente na cadeira onde primorosamente retomou a posição de esfinge.

No corredor, Nick viu quando Bree tirou Bast de uma mochila que estava no chão e colocou-a sobre a mesa do corredor, onde Bast começou a brincar com um molho de chaves. Bree pegou as chaves do seu carro e Bast se sentou, bigodes eriçados, os olhos brilhantes, o olhar preso nela.

Bree acariciou sua cabeça.

— Voltaremos logo, baby. Há uma abundância de comida e água na cozinha, a caixa de areia está limpa e deixei uma garrafa de água quente na cama para você.

Espera... o quê?

— Uma garrafa de água quente? — Nick repetiu incrédulo.

— Bast sente frio. Gosta de se enroscar sob o edredom com uma garrafa de água quente aquecendo os dedos dos pés.

— Uh huh. — nada sobre Bree deveria surpreendê-lo mais.

— Além disso, deve saber...

Nick ergueu as sobrancelhas.

Ela hesitou, depois balançou a cabeça. — Não importa. Vamos.

Ele a seguiu para o lado de fora, esperando quando trancou a porta da frente antes de segui-la e descer os degraus da varanda.

— Vamos com a minha van — disse quando ele se dirigia para o Landcruiser.

— Claro. — entrou no banco do passageiro.

Correndo para abrir a porta lateral, Bree entrou, colocando a mochila logo atrás do seu assento antes que manobrasse entre os bancos e fosse para o banco do motorista.

— Não consertou a porta ainda? — Nick perguntou.

— Aguardando chegar uma nova porta.

— O mecânico não pode desamassar?

— Seja lá o que bateu na porta, tinha muita força. Rachou alguma coisa lá dentro.

— Alguma coisa?

— Ei, não sou mecânica. Tudo o que sei é que tem um enorme amassado nela e não abre. Não posso nem abaixar o vidro. Está quebrada.

— Darei uma olhada nela quando voltarmos.

Ela sorriu para ele. — Isso é doce, mas não precisa.

— Eu sei, mas olharei.

— Oh, homem. — deu um arrepio falso. — Gosto disso.

Divertido, Nick colocou seu cinto de segurança.

— Você não tem ideia de como posso ser forte.

— Sei como pode ser teimoso.

— Sério? — ela ia dizer algo sobre as suas cartas?

— Está aqui ao meu lado. O que isso diz sobre você?

— Estou experimentando o estranho e o não natural?

Ela começou a dirigir a van ao longo da rodovia.

— Por acaso disse que sou estranha e não natural?

— Não. Você está em um mundo somente seu.

Ela lançou lhe um sorriso. — Tomarei isso como um elogio.

— Era para ser um. — e quis dizer isso com sinceridade.

Era sua imaginação ou o rosa em suas bochechas se aprofundou? Nick a observou. A mulher era um enigma, não

havia dúvidas sobre isso. Fez seu próprio caminho, sua própria vida e esse era outro ponto... Bree era perfeitamente feliz fazendo as coisas por conta própria. Quando ia caçar alienígenas, fez isso por si mesma. Parecia perfeitamente feliz com sua própria companhia, confiante de suas habilidades, capaz de rir de si mesma e dos outros. Esse senso de humor sempre transpareceu em suas cartas, mas realmente ouvir os comentários inteligentes sair daqueles lábios carnudos era cem vezes melhor. Ver o brilho em seus olhos, a forma como seus lábios se curvavam em diversão, ouvir a risada que estava sempre tão perto da superfície, era muito melhor do que imaginar isso.

Tinha que admitir que o seu senso de humor era exatamente o mesmo de suas cartas, nada era falso, mas ela tinha seus segredos também. Nem uma vez em suas cartas insinuou caçar ou contou as suas crenças em OVNI, de fato, quando pensava nisso, ela não mencionou muito sobre seu passado, simplesmente o entreteu com acontecimentos e reflexões do dia-a-dia.

Havia dois lados para Bree — a divertida, carinhosa, a mulher confiante, alegre e um lado que basicamente não sabia nada.

Queria conhecer ambos os lados, queria saber seus verdadeiros pensamentos e sentimentos. Compartilhá-los. Droga, era hora de parar de brincar e apenas colocá-lo na

linha. Antes que dissesse qualquer coisa, no entanto, Bree começou a falar.

— Agora, tenho a permissão do agricultor para verificar a área do avistamento. Não diga a ele que já estive lá.

— Então ele não sabe que estava lá na noite passada?

— Não há necessidade de saber, Nick.

— Por que não estou surpreso?

— Porque sabe a necessidade de confidencialidade.

— Quem passasse teria visto a sua van do lado da estrada.

— E?

— *Ao lado* do seu campo.

— E?

— Bree, não demoraria muito para juntarem dois mais dois.

— E?

Incrédulo, a olhou. Ela falava sério? Em seguida, pegou a contração de seus lábios. — Está me provocando?

— Absolutamente.

Ele suspirou, relaxando no banco.

— Não importa se está me provocando, fará isto de qualquer maneira.

— Engraçado, é o que alguns dos meus professores costumavam dizer.

— Puxa, não posso imaginar por quê.

— Isso é uma pontinha de sarcasmo, Nick?

— E?

Ela riu.

Sorrindo, olhou para os campos de passagem. Uma coisa sobre Bree, ela o fazia relaxar, rir, sentir-se bem com a vida. Assim como as cartas o fizeram rir quando tudo era tão triste, então o fazia rir agora.

Bree tocou algo dentro dele, aquele lugarzinho solitário que raramente reconhecia. Ela o tocou, cercando-o com calor e alegria, o fez sentir-se parte de outra pessoa.

Sim, tinha um bom amigo em Alex, fez amizade com Paul e os outros caras da cidade, mas com Bree, apenas sentia... Nick virou a cabeça para olhar para seu perfil. Completo. Ela o fazia se sentir completo. Como se fossem duas partes de um todo e o atraiu até que estavam juntos.

No que estou pensando?

Um pouco perturbado pela direção que seus pensamentos tomavam, Nick voltou sua atenção novamente aos campos.

— Deve ter passado por um monte de professores.

— Huh? — olhou de relance para ele.

— Mencionou professores.

— Oh. Sim. Viajamos um pouco, então tive um monte de diferentes professores.

— Sua família viajou?

— Sim.

— Irmãos ou irmãs?

— Você sabe disso.

Era a sua vez de ficar perplexo. — Huh?

— Não tem um dossiê sobre mim?

Nick piscou.

Bree sorriu para ele.

— Militar. Avistamentos de alienígenas. Você soldado, eu caçadora de alienígena. Você trabalha para o governo, eu trabalho para... os outros.

— Você trabalha para os *outros*?

— Você não negou as primeiras declarações.

— O quê? — balançou a cabeça. — Bree, não há nenhuma conspiração, não estou aqui para te observar, eu...

— Nick, Nick, Nick. — rindo, ligou o pisca-alerta. — Você é muito fácil.

Ele baixou a cabeça para trás contra o assento.

— Provocando novamente?

— Demais. — alegremente, virou a van em uma pequena estrada. — Tudo bem, escute, soldado. Esta é a fazenda onde o avistamento ocorreu. Veremos o agricultor e então, iremos à pé. Tudo que precisa a fazer é ser educado e bonito.

— Medo que entregue sua posição na noite passada, General? — perguntou secamente.

— Não, só gosto que meus homens sejam educados e bonitos.

Franziu as sobrancelhas. — Sou um dos seus homens?

— Querido, agora você é meu *único* homem.

Oh, gostava do som disso. Sim, realmente gostava.

A fazenda estava à vista, mas Bree não parou lá, dirigiu ainda mais e estacionou debaixo de uma árvore perto de um dos grandes galpões. Quando saíram da van, dois homens se aproximaram deles.

Ao se aproximarem, Nick viu que um era um adolescente alto e magro, o outro uma versão muito mais velha. Pai e filho.

— Oi, Ted — Bree cumprimentou o homem mais velho. — Obrigada por nos deixar olhar um pouco ao redor.

Ted olhou para Nick. — Sêrio? Você também?

— Só estou aqui para ficar bonito — Nick respondeu.

Ted resmungou.

Seu filho olhou para Bree com um toque irônico.

— Você sempre traz músculos?

— Sempre use proteção, David — disse ela seriamente. — Então nunca será pego com algo indesejável.

Proteção como em...? Nick quase engasgou.

David corou, mas Ted, obviamente, não entendeu o duplo sentido, porque simplesmente continuou falando.

Ou talvez Bree não disse isso como um duplo sentido... ela quis? Olhando-a sério para Ted, Nick não tinha certeza.

— Terá que atravessar alguns dos campos e árvores lá na parte de trás — Ted disse. — David acha que viu as luzes lá.

— Eu vi — disse David. — E algum tipo de raio.

Nick observou David. Hummmm.

— De que cor eram os raios? — Bree perguntou.

— Verde e vermelho.

— E a luz? Era pequena, grande, se movia?

— Era apenas um grande brilho, sabe? Sentou-se atrás da colina.

—E viu tudo isso de sua janela?

David concordou.

— Não posso acreditar que deixarei fazer isso. —Ted olhou para Nick. — E não posso acreditar que realmente está com ela.

Na verdade, não importava o que pensava, Nick apenas sorriu.

— Ele é o músculo — David murmurou. — Soldado. — de repente parecia um pouco incerto. — Uh... os militares foram chamados por causa disto ou algo assim?

— Não que eu saiba — Nick respondeu com facilidade.

David visivelmente relaxou.

Interessante e muito revelador.

Ted fez uma careta. — Militares? Eles têm coisas mais importantes para se preocuparem do que histórias ridículas de luzes no céu. Agora, siga o caminho do campo para as árvores, então terá que seguir em linha reta.

— Certeza que não quer que mostre? — perguntou David ansiosamente.

Bree sorriu. — Ficaremos bem. A colina não é tão grande e verificaremos ao redor da área. Mas obrigada pela oferta. Se tiver alguma dúvida, posso te procurar?

— Sim, claro. — parecia desapontado.

Ted revirou os olhos.

— É melhor começar, então. — Com a mochila nas costas, Bree virou e partiu para o campo.

Nick deu um passo ao seu lado, combinando os passos. Assim que estavam longe o suficiente, olhou por cima do ombro. — David estava um pouco ansioso, não acha?

— A maioria está.

— Acho que sabe mais do que diz.

— Podemos sequestrá-lo hoje à noite, segurá-lo na parte de trás da van, enquanto o interroga. Trouxe um saco para colocar na cabeça? Esqueci de trazer um.

A mulher era incorrigível.

Estendendo a mão, Nick tocou na alça de sua mochila.

— Aqui, deixe-me levar isso.

—Te asseguro que sou forte o suficiente para lidar com isso.
— continuou a avançar.

Segurando a alça, Nick simplesmente parou de andar. Bree parou com um solavanco. Olhou de sua mão em seu ombro

para seu rosto, e levantou a sobrancelha. — Realmente, Nick — começou.

— Realmente, Bree.

— Fala sério?

— Absolutamente.

Curiosidade substituiu a expressão divertida. — Por quê?

— Porque não me sinto confortável que carregue uma mochila enquanto ando em liberdade.

— Não é pesada.

Ele deu de ombros, andando atrás dela para a borda de ambas as correias com as mãos. — Braços para trás.

Meio que esperando uma resposta inteligente, ficou agradavelmente surpreso quando obedeceu. Deslizando as alças pelos braços, tirou a mochila, deslizando seus braços nas alças e colocando em suas costas. Definitivamente não era pesada. Ajustando-a, observou enquanto Bree virou para o olhar.

— Nunca tive um homem que fizesse isso antes — disse lentamente.

— Então nunca foram educados corretamente. Um homem deve sempre levar a carga.

— Uau, isso é um pouco antiquado.

Lançou-lhe um olhar firme. — É a maneira como fui criado. E me sinto confortável fazendo isso.

— Dever, hein?

— Às vezes prazer — sorriu levemente. — Como agora.

Sim, viu suas bochechas ficarem vermelhas e não havia como negar o brilho satisfeito em seus olhos.

— Sêrio?

Podia sentir o calor passar por ele. — Sêrio.

Ela desviou o olhar, olhou para trás. Deus, ficava tão bonita quando estava nervosa, um estado em que duvidava que sentisse frequentemente. Então ela sorriu, tão suave e docemente, até mesmo com midez, que algo lhe tocou profundamente.

Nesse segundo, tudo o que queria fazer era envolver os braços ao redor dela, abaixar a cabeça, tomar esses doces lábios em um beijo suave e...

— Ok. Obrigada. — Virando-se, ela se afastou.

Nick demorou vários segundos antes que limpasse a mente o suficiente e seguiu-a ao invés de ficar parado olhando-a melancolicamente — Bree? — a alcançou facilmente. — Está tudo bem?

— Claro. Por que não estaria?

— Hum... por nada. — *Oh macia, muito macia.*

Com um suspiro, olhou-a. Não era fácil ler sua expressão agora.

— Apenas tome cuidado para não deixar cair a mochila — alertou. — tem uma boa câmera aí dentro.

— Ao contrário de uma má? — brincou.

— Todo bom caçador carrega uma boa câmera.

— E cada mau caçador carrega uma má?

O olhou com um leve franzido no rosto. — Está zombando de mim?

— Talvez apenas brincando com sua mente?

— Sempre brinca com alguma coisa — murmurou, desviando novamente o olhar.

— Perdão?

— Acho que sou uma má influência para você. — parando de repente, colocou a mão em seu braço. — Lá estão as árvores.

As árvores nunca foram liberadas para a agricultura, de modo que não ficou surpreso ao ver que tinha um monte de vegetação grossa.

— Não há muito espaço para uma nave espacial, querida.

— Isso é apenas o começo. Para sua informação, podemos ver mais.

— Podemos? — continuou a andar — Não tem certeza?

— Nick, nunca se pode ter certeza em uma busca. As pessoas dizem coisas, veem coisas.

— Você viu.

— Correção. Vi um grande brilho e luzes. Era uma nave espacial? Talvez. Alienígenas? Talvez.

Espantado, a olhou — Mas acredita em OVNIIs. Por que mudar de ideia agora?

— Não mudei. Apenas disse o que vi. Não tenho prova de que era um OVNI.

— Portanto, não era?

— Também não tenho prova de que não era um OVNI.

— Então me diz que mantém a mente aberta sobre a sua existência? Não acredita completamente?

Estendendo a mão, acariciou suas costas. — Pobre bebê. Você simplesmente não entendeu, não é?

— Estou tentando. Deus sabe que estou tentando.

— Querido, absolutamente acredito em discos voadores. Se o que vi ontem à noite era um, não sei. Vi luzes, nada mais. É por isso que estou aqui.

— Para encontrar a prova.

— Sim. Uma busca não é sempre para ver aliens ao vivo e naves espaciais, também é para encontrar provas.

Nick soltou um longo suspiro. — Certo.

Rindo, foi para atrás dele, procurando e tirando algo da mochila antes que caminhar no meio das árvores.

A vegetação era densa e precisou empurrar galhos para limpar o caminho quanto mais entravam na floresta.

Isso não aconteceria sem sua supervisão. Avançando, Nick agarrou seu pulso. — Espere.

— O quê? — olhou ao redor. — Vê alguma coisa? Ouviu alguma coisa?

Sem responder, colocou suas mãos na cintura dela, facilitando a sua passagem na abertura estreita. Retirando as mãos, começou a avançar, afastando os galhos para ela.

— Ah, é mesmo? — franziu o nariz. — Agora isso também?

Simplesmente a olhou por cima do ombro. Com um suspiro, ela o seguiu.

Não seria Nick, se deixasse qualquer mulher civil ir à frente aos arbustos, muito menos Bree. Abriu o caminho quando necessário, segurando galhos e garantindo que passasse incólume. Tinha alguns arranhões em suas mãos, mas isso não era uma preocupação.

Bree revirou os olhos várias vezes, mas apenas a olhou com o efeito desejado. Ela continuou se movendo.

Curiosamente, ela segurava uma espécie de máquina em suas mãos

— O que é isso? — perguntou.

— É um medidor de eixo simples EMF.

— Um o quê?

— Electro Magnetic Field, usado para medir as flutuações em campos eletromagnéticos.

— Uh—huh.

Imperturbável, continuou a andar, a máquina erguida à sua frente. — Infelizmente, não há flutuações que indiquem a presença extraterrestre.

— Não diga — disse secamente, segurando um galho para ela.

—Tenha fé, querido. — deu-lhe um tapinha no peito enquanto passava. — Pode ser qualquer dia ou qualquer hora.

Sentiu aquele *tapinha* da cabeça aos dedos dos pés. Balançando a cabeça, caminhou ao redor para abrir o caminho.

A colina se aproximava e, de repente, atravessou em uma pequena clareira perto da base. Imediatamente, Bree parou, colocando a mão em seu braço.

Nick examinou o terreno e arredores. — A forte chuva na noite provavelmente lavou impressões ou marcas de queimadura.

— Preciso da câmera Full Spectrum Digital.

Tirando a mochila, entregou-lhe. — Vê alguma coisa?

Bree abriu a mochila e tirou a câmera. — Está certo, a chuva lavou quase tudo. Mas ainda precisamos verificar, tirar fotos de qualquer coisa que pareça fora do lugar. Nunca se sabe o que a câmera capturará que o olho não.

— Partículas de poeira?

— Você e órbitas flutuantes, Nick? — tirando a câmera, brincou com o escopo.

Uou. — Por favor, me diga que não...

Segurando a câmera, Bree virou em um círculo lento. — Tenho algumas fotos de órbitas.

Colocando a mochila sobre um ombro, não podia resistir — Sabe que são apenas os ácaros da poeira na câmera, certo?

— Nick, Nick, Nick. — riu, mirou a lente em algo que não via. — Posso ver que tenho muito para lhe ensinar.

— Mal posso esperar. — Seria divertido. — Contanto que possa retribuir a gentileza.

— Claro. — Câmera no olho, virou-se lentamente.

Uma onda de calor invadiu-o com o pensamento do que gostaria de ensiná-la. Seu sorriso aumentou. — Isso é uma promessa?

— Absolutamente. Há sempre algo novo para aprender.

— Não tem ideia. — Seus pensamentos eram decidida e sombriamente carnis quando abaixou e tocou o chão com as pontas dos dedos. O movimento fez a calça esticar em todas aquelas curvas traseiras e sua imaginação foi longe.

Se aproximar por trás dela, puxar essas calças...

— Pode me ensinar a lutar. — foi para o outro lado da clareira, analisando o solo. — Mostrar-me movimentos sujos. — *Oh sim.* — E te mostrarei as fotos das órbitas e outras coisas que te deixarão louco.

— Seria algo como me mostra o seu e lhe mostro o meu? Estou nisso, querida. — Estou *tão* nisso.

Opa, disse essa última parte em voz alta?

Obviamente sim, pela maneira que virou para olhá-lo. Nick sorriu inocentemente — ou esperava que fosse. Seu sangue bombeava um pouco mais rápido, um pouco mais quente e, definitivamente, em uma direção — para baixo.

Bree o olhou durante vários segundos antes de virar.

Não tendo noção do que pensava, Nick tentou desviar a atenção de seus pensamentos *obcenos*.

— Então, não encontrou nada incomum ainda?

— Não tem ideia.

Hummm, repetiu sua declaração anterior. Coçando o queixo pensativo, observou-a. Significava que suspeitava que seus pensamentos não estavam totalmente na busca? Possivelmente. Mas não fugiu dele, deu um tapa na cara ou exigiu um pedido de desculpas ou algum tipo de explicação. Também não rasgou suas roupas, mas isso, aparentemente, era irrelevante.

No entanto, precisava ter cuidado. Não queria afastá-la, pensando que era um pervertido ou algo parecido. Se ultrapassasse muito a linha, poderia até perder a sua amizade.

Mesmo que pretendesse muito mais do que amizade com ela. Jesus, a queria, não duvidava disso. Ela o atraiu como uma mariposa para a chama.

Tentando se concentrar, Nick inspecionou o chão enquanto caminhava lentamente atrás dela, à procura de qualquer coisa incomum.

— Então, quando sai para esses lugares sozinha, o que faz para se proteger?

— Levo uma lata de repelente.

— Não falo sobre mosquitos.

— Spray de cabelo.

Não devo ter ouvido corretamente. — O quê?

— Spray de cabelo.

Nick olhou ao redor e percebeu que saiu de vista. Inaceitável. Moveu-se rapidamente pela clareira, seguindo sua voz. Ela parou não muito longe da clareira, inspecionando as árvores. Tranquilo por tê-la em seu campo de visão, repetiu — Spray de cabelo?

— Sim. É pegajoso.

Um pensamento lhe ocorreu. — Foi com isso que me pulverizou em sua casa?

— Sim.

— Isso não me pararia, se minha intenção fosse te machucar — ressaltou.

— Se te pegou de surpresa, poderia dar-me algum tempo.

Preocupação o dominou. — Você me pegou de surpresa e não me parou.

— Você se move rápido, lhe darei esse crédito.

Aborrecimento seguiu a preocupação. — Jesus, Bree! Isso é tudo que leva para se proteger?

— Tinha um pequeno frasco de perfume uma vez.

— *Perfume?*

— Confie em mim, se isso atingir os seus olhos, gritará como um louco.

— Se conseguir jogar nos olhos de seu agressor. — Nick passou a mão pelo cabelo. — Droga, Bree, isso não é proteção. — não podia acreditar.

— Ei, posso fingir um desmaio e cair sobre o meu agressor. Esmagá-lo. — riu.

Nick a olhou.

— Vamos lá, é engraçado.

— Não, não é.

— Tanto faz. — encolheu os ombros, uma nota inesperada em sua voz quando virou para longe. — Ninguém me atacaria de qualquer maneira.

Ficou boquiaberto. — O que disse?

— Nada. — Com a câmera em uma mão, se afastou.

Mas que merda! Nick a alcançou em segundos, agarrando-a pelos ombros e virando-a para encará-lo. — Você não disse isso.

Capítulo Cinco

Genuinamente surpresa, olhou para Nick. — O que falei de errado?

— O que falou de errado? — a raiva estava definitivamente naqueles olhos verdes brilhantes. — O que falou de errado?

— Perguntei primeiro.

— Acabou de dizer que ninguém a atacaria de qualquer maneira?

— Bem... — sentindo-se culpada, mordeu o lábio. — Sim.

— Como se atreve? — deu-lhe uma pequena sacudida.

— Uou! Volte, Nick. — agarrou seu braço, distraidamente observando seus músculos. *Legal*. — Não quis dizer isso.

— Não quis? — Com os olhos apertados, seu olhar era diretamente desconcertante. — Porque espero sinceramente que isso seja uma piada de mau gosto.

— Bem, piada... não realmente, mas.... olha, esqueça isso, tudo bem? Foi uma má escolha de palavras da minha parte. — Péssima, obviamente.

Infelizmente, isso também — seu olhar intenso fuzilava seu rosto, aqueles lábios masculinos saborosos firmes e frios.

— Foi uma piada sobre seu tamanho?

Oi? — Olha, eu...

— Porque vi mulheres de todas as idades e tamanhos serem abusadas de muitas maneiras. Ser atacada não é motivo de piada. — um músculo em sua mandíbula saltou. — Nunca mais brinque com isso.

Oh merda, esqueceu dos locais que viu, dos lugares que viajou no exército, países onde as mulheres eram tratadas como cidadãs de segunda categoria. — Nick, eu...

— Já vi e não fui autorizado a interferir na maior parte das vezes porque não era nossa cultura. Tive que suportar isso lá, mas não tenho que aturar isso aqui na Austrália. Entendeu?

Desejando que não tivesse dito nada, não importa o quanto sua reação anterior a irritou, mordeu o lábio. — Sim.

— Você é uma mulher bonita, Bree. Há homens por aí que não pensariam duas vezes antes de atacá-la, feri-la. — seus dedos apertaram uma fração, aquele músculo pulsou em sua mandíbula novamente. — Nunca pense que será esquecida. Nunca.

— Tudo bem. — um pouco assustada com a intensidade em seu olhar, procurou tranquilizá-lo. — Terei cuidado. Tenho muito cuidado. Nick, eu juro.

— O que leva para proteção?

— Acho que *pílula* não seria a resposta correta agora. — Assim que as palavras saíram de sua boca, empalideceu e gaguejou — Eu não... não quis ... Nick, juro... oh merda! — abaixou a cabeça e suspirou. — Merda. Não posso apagar o que sai da minha boca. Por favor, pare de ficar tão chateado. — Bree se sentiu tão pequena e completamente desanimada.

Houve silêncio por alguns segundos, então as mãos sobre os braços suavizaram e, antes que percebesse, os braços fortes de Nick a envolveram e puxavam-na contra seu corpo alto e musculoso.

Surpresa, enrijeceu.

— Oh Bree — murmurou. — O que farei com você?

Seu abraço era protetor, sua voz carinhosa e relaxou nele. Havia algo tão reconfortante sobre ele, algo que praticamente gritava *proteção*. Algo que a atraía para ele. Algo que a fez confiar nele, e era além do fato de que era um soldado, um homem que jurou proteger seu país.

Era apenas Nick, com seu senso de humor, seu senso de honra, o seu amparo, que, se ela fosse honesta, dava-lhe uma emoção secreta. Nenhum homem foi protetor com ela, nem

mesmo os caras da Equipe de Caça de OVNI. Provavelmente porque se tivessem que correr, muitas vezes era cada um por si. Detecção não era uma opção, então divisão era a forma preferida de retirada.

Nick nunca a deixaria se tivessem que correr. Isso a deixava segura, aconchegando-se um pouco mais perto, sentindo seus braços apertarem ao seu redor. Cheirava tão bem, tão masculino e...

— Ansiava pelas suas cartas.

Bree abriu os olhos.

— Esperava por cada entrega. — a voz de Nick retumbou em seu ouvido, onde descansava em seu peito. — Rasgava o envelope, sem esperar para voltar para o meu beliche. Bree, você sabe quem sou. — Suas mãos se moveram, abrindo os dedos em sua cintura, quando soltou-a um pouco. — Esqueça essa pretensão.

Antes que pudesse olhá-lo, escutaram galhos estalarem e vozes de adolescentes. — Eles foram por aqui — disse a voz de David.

Nick olhou na direção das vozes e recuou, soltando Bree com um suspiro. — Continuaremos mais tarde.

Isso disse muito sobre seu estado de espírito, perdeu o seu calor e ainda ficou secretamente feliz quando colocou-se parcialmente à sua frente, uma de suas mãos na curva de seu

quadril. Um gesto de proteção, que não apenas deixou-a emocionada, mas sem fôlego também.

Mulher estúpida.

Revirando os olhos mentalmente, Bree se afastou de Nick, que se deslocou para o lado quando olhou por cima do ombro e levando os poucos passos necessários para trazê-la até o seu lado.

Uau, sua mão descansava na parte inferior das costas. Possessividade? Proteção? Com certeza isso fez seus *lugares secretos* ficar quentes e formigando.

Deus, quando virou uma mulher mole?

Aparentemente, nesta clareira.

Segurando a câmera, viu quando David e outro garoto da sua idade derraparam pela clareira.

— Oi.

David e o rapaz olharam de Nick para ela e novamente para Nick.

Hum. Então procuravam respostas. Quão unidos os machos são.

Nick simplesmente a olhou e os garotos seguiram seu olhar.

Olha quem estava no comando.

Ignorando o pensamento um pouco sarcástico, Bree arqueou uma sobrancelha. — Algo errado, David?

— Apenas verificando se encontraram qualquer sinal da nave espacial ou de aliens — respondeu ele.

O rapaz ao seu lado não parava de olhar ao redor.

— Procurando algo? — Nick perguntou.

— Pensei que haveria todo tipo de parafernália ao redor — respondeu o garoto. — Equipamento de detecção ou algo do tipo.

— Primeira regra de ouro. — Bree apontou para o rosto com dois dedos. — Use seus olhos.

— Viu alguma coisa? — perguntou David.

— Infelizmente não. Se algo esteve aqui, foi lavado.

— Mas vi as luzes.

— Sim, mas isso não é uma prova.

O adolescente não parecia impressionado. — Então, o que era?

— Veremos. Um brilho e duas luzes, talvez. Dois adolescentes que procuram diversão. — Bree sorriu. — Não viu uma dupla de adolescentes que fez qualquer coisa assim, não é?

David olhou para o amigo, então, novamente para ela. — Pensei que acreditasse em OVNIIs...

— Acredito. Estou sempre à procura da verdade. Forte ênfase na *verdade*, no caso de não entender. — estendendo a mão, olhou calmamente para David. — Obrigada por me avisar sobre as luzes e coisas. Te avisarei se encontrar alguma coisa.

— Sêrio? — Parecia que não acreditava no que ouvia, mesmo quando estendeu a mão e, lentamente, segurou a dela.

Bree balançou energeticamente. — Sim.

— Mas não encontrou nada.

— Oh, nunca disse isso, não é? — Sorrindo muito, balançou a câmara antes de ir atrás de Nick e guardá-la em segurança na mochila. — Tenho tudo que preciso agora. Vejo vocês por aí, rapazes. Não deixem que nada os peguem de noite. — com isso, passou por eles.

Nick se moveu rapidamente, liderando o caminho com determinação, segurando os ramos para deixar o caminho mais fácil para ela. Olhou por cima de sua cabeça várias vezes para os meninos que os seguiam de perto, murmurando sob a respiração, mas não disse uma palavra até que saíram da floresta e estavam em campo aberto.

De certa forma, se alegrou com a presença dos meninos, uma vez que impediu Nick de dizer-lhe algo sobre as cartas e

deu-lhe tempo para pensar. Então, Nick saiu do armário, por assim dizer, deixando-a saber, que sabia que ela sabia que ele... — esqueça — Que ambos se conheciam. Então e agora? Certamente não tinha nada a esconder, e, obviamente nem ele. Então, qual era o próximo passo? Nunca conheceu nenhum dos soldados para os quais escreveu, realmente não imaginou que algum deles queria conhecê-la.

Mas estava tudo bem, se assegurou. Este era o primeiro e as primeiras coisas eram sempre interessantes. Era fácil. Conhecer um ao outro. A menos que a sua pequena incursão para a floresta lhe convenceu que era uma doida — o que era geralmente bom, realmente não ligava para o que as pessoas pensavam dela — mas se Nick achava que era uma louca... bem, realmente não se importava com isso também, mas se importava que se afastasse dela, porque achava que era uma louca.

Isso machucaria. Quando chegou a esse ponto? E em tão pouco tempo.

Mordendo o lábio inferior, quando entraram no campo, olhou para cima quando Nick ficou ao seu lado.

A olhou com diversão. — Então, o que acha dos dois aliens?

Ok, não tocaria no assunto ainda. Certo. Ok. Podia seguir a sua liderança.

Olhou para trás para ver que os dois faziam o caminho de volta para a casa, parecendo decididamente abatidos. Aproximando-se de sua van, respondeu — Percebeu, não é?

— Foi difícil não notar sua ansiedade.

— Não digo que não havia nada lá fora, apenas admito que tenho uma forte suspeita sobre um foco de luz e dois lasers no fundo de tudo isso.

— E dois adolescentes.

— 99% de certeza.

— E o outro 1%?

— Te direi quando assistir o vídeo que fiz hoje.

— Gostaria de vê-lo.

— Sério? — surpresa, o olhou, ficando envergonhada quando a olhou de volta... e não parou de olhá-la.

Lentamente, seu olhar passou sobre o rosto.

— Tenho interesse em descobrir algumas coisas. — travou seus olhos verdes nela. — Uma, em particular.

Ooh, menino. Ooh, caramba.

Limpando a garganta, Bree olhou para frente. — Ah, olha, Ted nos espera.

Nick não respondeu, mas sentiu o leve toque de mão em suas costas, uma carícia lenta quase calmante antes de partir, deixando-a com a sensação de que queria ronronar e protestar contra tudo de uma vez.

Talvez houvesse algum tipo de influência alienígena em Whicha.

Não, não, era algo estranho junto a Nick. Invadia seu bom senso sempre que ele a tocava. Ou olhava para ela.

Limpando as mãos em um pano gorduroso, Ted os observou — Encontraram alguma coisa?

— Hoje não — respondeu

— Não é surpreendente. — franziu a testa — Não existem essas coisas como OVNIIs, Bree. Mas aqui tem pessoas que pensam nisso, algumas das mais loucas ideias, mesmo acreditando em você.

— Ted, ficaria surpreso em quem acredita — respondeu imperturbável. — Basta apenas um crente para que os outros se manifestem.

— E um louco para manifestar outros loucos.

— Isso é desnecessário. — O tom de Nick tinha uma pitada de raiva. — As pessoas têm o direito de acreditar no que quiserem Ted.

— Nunca disse que não. Mas nunca tivemos rumores até que sua namorada chegou aqui.

Prestes a negar o título de *namorada*, Bree ficou surpresa quando sentiu a mão de Nick mais uma vez em suas costas, assim como ficou mole quando sentiu seus dedos gentilmente ao redor de sua cintura, puxando-a com firmeza para seu lado.

E então, novamente, entrou parcialmente a sua frente, colocando-se entre ela e Ted.

Meu Deus, sendo protetor? Mais uma vez?

Antes que fizesse alguma coisa, sentiu sua mão novamente pressionar seu abdômen superior. A única coisa que a impedia de dar um passo para trás era o fato de que a parte de cima de sua mão tocava a parte inferior de seu seio esquerdo. Que provocou arrepios em seus lugares secretos e a deixou com o coração acelerado. Sem pensar, agarrou sua mão, envolvendo seus dedos ao redor de seu pulso. Distraidamente percebeu o quão grosso o pulso era, quão longos os dedos eram, como era grande a sua mão, deixando-a completamente ciente de quão grande, alto e musculoso era Nick.

Notou isso anteriormente, mas agora, protegendo-a de qualquer coisa desagradável, foi uma revelação surpreendente do quanto Nick estava acostumado a proteger as pessoas, era treinado para fazê-lo, capaz o suficiente para fazê-lo e estava determinado a fazer isso com ela.

Suas palavras baixas eram firmes, seu tom autoritário. A resposta de Ted ficou mais suave.

As ações de Nick eram realmente doces, mas colocou os pensamentos em ordem. Doce ou não, esta era uma causa *sua*.

Soltando a mão de Nick, deu um passo para trás para ficar fora de seu alcance e colocou-se a seu lado, dando mais um passo a frente para ficar parcialmente a sua frente. A sua atitude significava que Ted teria que recuar ou seria pisado, e sentiu um pouco de satisfação quando o fazendeiro deu vários passos para trás.

Isso lhe mostrou que Ted não falava com alguma mocinha fraca — a grande mão em seu ombro, o calor de um grande corpo atrás dela era um testemunho para o fato de que Nick ainda levava a sério o seu dever como seu protetor.

Não precisava, não aconteceria.

— Ted — Bree disse com firmeza — Tenho minhas crenças e você as suas. Não influenciei ninguém. Poderia tentar convencê-lo o dia todo.

Ted a olhou. — Desculpe, Bree. Como Nick disse, cada um tem sua própria crença.

— Não se preocupe. De qualquer forma, obrigada por nos permitir entrar em sua propriedade.

Ted dispensou seu agradecimento. — Fico feliz que resolveu. Aquele menino só fala nesse assunto desde que viu... o que acha que viu. Isso deverá calá-lo agora.

— Talvez. Estas coisas têm uma tendência... — o leve aperto em seu ombro a fez repensar o comentário. — De qualquer forma, obrigada, Ted.

— Claro. — colocou o pano gorduroso novamente no bolso. — Te vejo por aí, Bree. — acenou para Nick.

— Tchau. — Antes que desse um passo, Nick deslizou a mão de seu ombro para suas costas, conduzindo-a novamente para a van.

Caramba, é isso mesmo?

Ficou aborrecida, mas nunca demonstraria em público. Bree permitiu que a conduzisse até a van. Abriu a porta do passageiro e esperou que entrasse antes de tirar a mochila dos ombros, entregá-la, fechar a porta e entrar no banco do passageiro.

Bree estava secretamente surpresa que simplesmente não a colocou no banco do passageiro e exigiu as chaves da van apenas para fizesse o *trabalho viril* de dirigir. Ele guiava muito bem, tinha certeza que faria um ótimo trabalho na direção da van.

Apertando os lábios, ligou a van, acenou para Ted, que ainda os observava e saiu da propriedade.

Nick ficou em silêncio relaxado, um cotovelo apoiado na janela, a outra mão sobre sua coxa. Não quebrou o silêncio, mantendo seu olhar na estrada principal.

Ele podia pelo menos dizer alguma coisa, explicar o que fazia guiando-a como uma menina. Bree o olhou, a irritação latente lentamente se transformando em raiva.

Nick a olhou, sua expressão não revelava nada de seus pensamentos. O homem de sangue frio parecia tão calmo, tão controlado, que teve uma súbita vontade de mostrar-lhe o dedo, dar um chute em sua bunda, atirá-lo da van e deixá-lo voltar à cidade andando. Só que ele era grande demais para atirá-lo da van e nunca foi de agir com impulsos violentos.

Ainda sentindo seu olhar, virou e viu sua sobrancelha arquear lentamente. Hora de resolver isso.

Vendo as vagas de estacionamento no acostamento da estrada, Bree deu sinal e estacionou, brecando e desligando o motor. Tirando o cinto de segurança, virou-se no banco para encará-lo. — O que foi isso tudo?

— Tudo o que? — perguntou calmamente, soltando o seu próprio cinto de segurança, permitindo-lhe vê-la sem precisar virar.

— Colocar-me atrás de você ao invés de permitir que me defendesse sozinha, avisando-me para não dizer mais nada e depois me empurrar até a van?

- Não empurrei.
- Me manobrou, então.
- Prefiro o termo *guiar*.
- Ah, é mesmo?
- Que tal *educado*?
- Que tal *controle*?

Nick esfregou o queixo pensativo. — Humm.

— Não pode me dizer o que fazer — disse com firmeza. —
Ou me obrigar a fazer.

— Não lhe disse nada.

— Apertou meus ombros. Diga-me que não era um aviso.

— Foi uma medida de precaução. — inclinou a cabeça ligeiramente para um lado enquanto a observava. — Era para ter *cuidado* com essa conversa em particular.

Ok, ele estava certo. Dizer para Ted que seu filho poderia não mudar de ideia sobre o que viu, se era uma brincadeira ou não, não o teria apaziguado. Mas ainda assim...

— E sobre me guiar até o carro e me jogar dentro?

Nick deu de ombros.

— Oh, não faça isso comigo, cara. Dar de ombros é uma maneira de me deixar empolgada.

— S3rio? — seus olhos brilharam.

Recusando-se a reconhecer como aquele brilho deixou seu cora33o acelerado, Bree ergueu o queixo.

— N3o sou uma crian3a a ser guiada pelo irm3o mais velho.

Seu olhar desviou lentamente pelo rosto, permaneceu em seus l3bios e voltou para seus olhos novamente, desta vez com um brilho diferente.

— N3o penso em voc4 como crian3a, Bree. Tampouco me considero um irm3o mais velho.

Oh menino, isso provocou milhares de pensamentos que n3o queria contemplar. Pelo menos, n3o agora, enquanto estava brava com ele. — Ent3o explique.

Inclinando-se, observou-a. Seus c3lios grossos esconderam alguns de seus pensamentos.

— Ah, n3o, isso n3o. — Apoiando-se em nos assentos, Bree apontou um dedo em sua dire33o. — Abra os olhos e olhe diretamente para mim, Nick. Quero saber seus pensamentos.

— N3o tenho certeza de que esteja pronta — respondeu calmamente.

— N3o me venha com essa. Fale. Agora.

Para um homem grande, se movia com rapidez. Na verdade, como o soldado treinado para batalha que era, fechou a

distância entre eles, colocando a mão em sua nuca, imobilizando-a totalmente.

Rosto próximo ao dela, sentia cada respiração quente de Nick em seus lábios, que se separaram em surpresa. Seus olhos estavam firmes, uma chama ardente nas profundezas. — Tem certeza? — sua voz era rouca e profunda.

Claro que não. Claro que sim. Como se soubesse...

Seu coração batia forte quando olhou fixamente em seus olhos a poucos centímetros de distância. Sua respiração falhou e ela engoliu em seco. Oh Deus, alguém a ajude. Sentia como se o seu olhar a queimasse, sua mão quente em sua nuca, o calor de seu corpo ao seu redor, sugando-a em seu campo de força.

Caramba, talvez Nick fosse *o alien*, porque certo como Deus fez maçãs verdes que nunca conheceu um homem como ele, nunca sentiu nada assim. Nunca quis se queimar, mas agora desejava ficar queimada por Nick. Ele mexia com sua mente, brincando com o seu corpo deliciosamente, mesmo que só tocasse em sua nuca.

— Bree. — disse seu nome calorosamente.

— Sim — sussurrou.

— Isso é uma resposta ou uma pergunta? — o polegar fazia um círculo preguiçoso no lado de seu pescoço.

— Não sei.

Nick não disse mais nada, apenas se inclinou um pouco para frente, fechando os últimos centímetros entre eles. Seus lábios roçaram nos dela, um toque suave e hesitante.

Era como o céu. Sem pressa, sem aspereza, apenas suavidade e calor, leve e quase doce. Ainda havia o seu controle em sua nuca, firmeza nos lábios, pressionando ainda com um pouco de determinação, uma pitada de advertência no ligeiro aperto de seus dedos, a pressão de seus lábios aprofundando de forma constante.

Fechando os olhos, Bree entregou-se ao seu beijo.

Queimá-la? Nick quase a reduziu a cinzas.

Assim que se entregou, ele a tomou. Imediatamente o beijo se aprofundou, os lábios se moldaram aos dela, a boca e língua exigiu a entrada, bebendo dela, levando tudo o que tinha e deixando o seu gosto para trás, limpo e fresco, masculino e quente. Ele devorou sua boca, saqueando profundamente, tendo mais do que jamais acreditaria.

Seu coração estava acelerado quando interrompeu o beijo, o sangue correndo em suas veias, provando um calor. Abrindo os olhos, que estava com os olhos fechados, enquanto encostava a testa na dela, sua respiração profunda e acelerada.

Durante vários segundos, ficaram assim, Nick com os olhos fechados, Bree observando-o com espanto.

Quando abriu os olhos, o verde ainda era quente, com o calor latente e carnal, mas sua voz era equilibrada, estável.

— Ainda não sabe?

— Ainda não sei o que? — sussurrou.

— Se está pronta ou não?

— Para quê? — perguntou com ar sonhador.

Seus dedos massageavam sua nuca suavemente, fazendo-a sentir como se derretesse em seus braços.

— Para saber os meus pensamentos.

— Acho que sei.

— Sabe?

— Hummm. — fechou os olhos em êxtase, enquanto massageava.

— Bem, a questão é: o que fará sobre isso?

— Não tenho absolutamente nenhuma ideia.

— Que tal se lhe disser o que farei?

— Hummm.

Seu beijo dessa vez foi rápido, profundo, quase chocante em sua intensidade quando tomava sua boca avidamente.

Um desejo a dominou e sentiu um formigamento deliciosamente torturante em sua feminilidade. Estremeceu e quando ele se afastou, soltou um gemido de protesto.

Obviamente mais do que disposto a agradá-la, Nick avançou novamente, sua boca apenas tocando a dela, quando, uma alta buzina explodiu no ar, rompendo a névoa do desejo.

Bree se afastou, Nick tirou a mão de sua nuca quando se endireitou bruscamente, endurecendo seu olhar quando olhou pela janela da van.

Um caminhão passou buzinando e o motorista acenando e sorrindo de orelha a orelha.

Suas bochechas ficaram vermelhas. Oh Senhor, estava pronta para arrancar as roupas de Nick, ali mesmo, à beira da estrada, para que todos vissem. Com os dedos trêmulos, passou a mão pelo cabelo, a sensação daquela mão ainda em seu pescoço fazendo-a inspirar e exalar profundamente. Olhou para a estrada antes de encostar a cabeça no banco e olhar para o teto.

— Bree? — a voz de Nick era estável.

Olhando para o lado, suspirou. Lá estava ele sentado, todo descontraído, com o olhar inabalável, parecendo tão tranquilo, enquanto ela apertava suas coxas e sua vagina estava quase

com espasmos. Quão injusto era isso? Ele podia realmente olhá-la enquanto tinha dificuldade em manter contato visual.

Risque isso, ela não poderia fazê-lo em tudo. Seu olhar deslizou do seu, parando no mato fora do para-brisas.

— Sim. Estou bem. — ligou a van, colocando-a em marcha.

— Cinto de segurança — disse ele suavemente.

— Certo. — se atrapalhou com o cinto, observando quase com irritação que suas mãos estavam firmes quando apertou o cinto de segurança. Será que nada intimidava o homem?

Respirando fundo, verificou a estrada pelo espelho lateral e saiu, em direção a sua casa e segurança.

Segurança? Huh. Ok, um lugar que fechasse a porta e pensasse sobre as coisas. Pensar em coisas? Que tal mudar sua calcinha ou talvez tomar um banho frio? Refrescar sua pele quente? Ou talvez beber algo gelado para resfriar seu interior aquecido. Ou sentar e maravilhar-se com o beijo que quase a queimou dos pés a cabeça?

Ou perguntar por que a beijou. Esse pensamento a fez morder o lábio, um lábio que ainda estava sensível, ainda inchado com a força e o domínio de seu beijo. Deus, o homem sabia beijar. Simplesmente atacou e saqueou sua boca, tomando o que queria.

Essa lembrança a fez apertar o volante com força.

Mas por quê? Por que Nick a beijou? Não havia nada entre eles, nada que levasse a um beijo. Nada que conseguisse lembrar. Teria ela o iludido? Não, não era assim, não faria isso, nunca fez isso, não era de sua natureza, era algo que não aprovava.

Então, por que Nick a beijou? Seria vingança por provocá-lo?

Seu estômago embrulhou, a força do aperto no volante deixou seus dedos brancos. E se estivesse apenas se divertindo?

— Está pensando demais — Nick falou.

— Estou? — respondeu com firmeza.

— Ah.

Esse ‘ah’ de conhecimento quase a fez parar no acostamento para exigir uma explicação, mas manteve a van firme na estrada. Assim como o seu olhar.

— O que isso quer dizer?

—Tudo o que está pensando, pare com isso.

— Como sabe no que penso?

— Querida, o seu rosto é como um livro aberto. Posso ler cada uma das suas expressões.

— Você acha. — Olhou de lado e viu o chato e bonito soldado olhando a estrada, todo calmo e confiante. *Maldito*. — Tudo suposição.

— Ah, é?

— Sim.

— Minha querida, você está em choque.

— Não me chame de querida. E não estou em choque.

Sua risada era baixa e tão contagiante que queria chutá-lo nas canelas.

— Bree, você gostou do beijo

Não valia a pena discutir essa afirmação.

— Então o quê? Fazer *cócegas em minhas amígdalas* o tornou um leitor de mentes?

— Você gostou e agora está confusa. Tenta encontrar alguma explicação e tira conclusões erradas. Isso a deixa na defensiva. Agora quer me chutar para fora da van e me deixar na beira da estrada.

— Meu Deus, você lê mentes. Alguma parte específica da estrada que prefira?

— Sua garagem, na verdade.

— Huh.

Observando a paisagem passar, continuou em um silêncio agradável. Ficou assim até quando estacionou a van ao lado de sua Landcruiser.

Desligando o motor, Bree olhou pelo para-brisas, esperando que saísse da van.

Não foi nenhuma surpresa quando simplesmente soltou o cinto de segurança e não saiu. Surpresa foi quando se aproximou e soltou o cinto de segurança. Ele era tão quente perto dela, seu cheiro masculino tão gostoso e tão bonito de se olhar. Pense em um banquete sensorial virtual. Podia faltar-se muito feliz com isso.

Seus movimentos eram calmos e precisos, assim como o próprio homem. Virando a cabeça para olhar para ela, ele apoiou sua mão sobre o encosto de cabeça ao lado de sua cabeça, a outra mão contra o parapeito da janela da porta.

Muito perto. Ele podia ver muito. Ela engoliu em seco.

— Fale comigo — exigiu em voz baixa.

— Não tenho nada a dizer — resmungou.

—Tente novamente.

— Realmente. Nada.

—Tente novamente.

— Você ficará repetindo essa frase até que eu ceda? Porque essa não é uma boa forma de interrogatório.

Nick apenas a olhava

— Isso é ridículo — finalmente disse.

— Se algo a está incomodando, não é ridículo.

Isso a esquentou um pouco, mas ainda assim...

— Por que um beijo é algo tão traumático para você?

— Foram dois, na verdade. E não foram traumáticos. — suas bochechas ficaram vermelhas com a lembrança. Deus, foi incrível.

— Neste momento, age como se me odiasse. O que fiz para aborrecê-la tanto? Se foi o beijo, não me arrependendo disso. Eu gostei e sei que também gostou, só não entendo essa coisa toda de ressentimento.

Cara, ele realmente gostava de chegar até o âmago da questão, não é? Bree encontrou seu olhar, assim como esperava, honesto e firme. — Não dá pra esconder nada de você, não é?

Inclinou um pouco sua cabeça, o sol da tarde refletindo nas mechas loiras de seu cabelo. O cabelo era grosso e apostava que era suave. Se ele o usasse no estilo militar curto, com certeza cairia sobre as sobrancelhas.

— Bree — disse calmamente. — Por favor, fale comigo.

Suspirando, recostou-se no assento.— Não sou boa em falar sobre meus sentimentos.

— Escreve ótimas cartas. — inesperadamente, estendeu a mão na sua frente. — Oi, sou Nick Mason. Você me manteve sorrindo enquanto estive no Afeganistão, você me fez companhia. Realmente queria conhecê-la, Bree.

Putá merda. Bree o olhou, a sinceridade em seus olhos, a diversão, a paciência e todo o absurdo da situação fizeram cócegas em seus sentidos. Um pequeno sorriso curvou seus lábios e ela aceitou sua mão, imediatamente sentiu os dedos fecharem suavemente, mas com firmeza ao redor da dela.

— Oi, Nick. Sou Bree Ford. Gostei de escrever para você, gostei de ler suas respostas. Tenho um sentimento que não sou exatamente o que esperava.

Seu sorriso era genuíno e quase devastador em seu brilho.

— Você é exatamente como suas cartas, Bree.

Prazer a atravessou. — Sério?

— Sim. Mas há coisas ocultas em você que não revelou através delas, coisas que nunca discutiu.

— É preciso ter cuidado com o que se coloca em cartas que passam por canais militares.

Nick riu. — Por que não estou surpreso?

— Porque você é muito bom em ler as pessoas.

—Humm. — ele a observou.

— Veja, essa é uma boa técnica de interrogatório.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Todo o silêncio e observando a merda. Faz qualquer um expor sua intimidade pelo nervosismo.

Seu sorriso desta vez foi calmo e deliberado.

Bree sentiu esse sorriso todo o caminho até o seu núcleo e ela limpou a garganta.

— Então, Nick Mason. Que tal entrar, tomar uma xícara de café e conversar um pouco?

— Bree Ford, essa é uma das prioridades em minha lista de desejos.

Desta vez, abriu a porta para ela e não se sentiu tão ressentida. Homem, precisava controlar-se, especialmente quando viu seu jeans apertado em sua parte traseira quando ele se inclinou para pegar a mochila. O homem tinha uma grande bunda.

Deus, suas emoções estavam à flor da pele. O homem a transformaria em um caso perdido. Ou talvez sua mãe fez isso há muito tempo, ela escolheu de quem era a culpa. Foi exatamente isso que pensou ter estabelecido, então veio o menino soldado com seu sorriso, olhos quentes, boca quente. Oh, menino.

Afastando o pensamento, estendeu a mão para pegar a mochila, mas Nick colocou-a sobre um ombro largo, o braço sobre os seus ombros e habilmente a guiou até a varanda.

— Fazendo isso novamente — apontou, meio irritada e meio curtindo a sensação de seu corpo duro contra ela.

Caramba, o homem tinha um corpão.

— Tenho problemas de controle — respondeu.

— Não me disse isso.

— E parece piorar perto de você.

— Oh, isso é reconfortante. E acha que deveria deixá-lo entrar depois dessa confissão?

— Querida. — carinho e diversão se misturavam em uma única palavra.

Colocando chave na fechadura da tela de segurança, Bree o olhou. — Apenas lembre-se, tenho minhas próprias sirenes de ataque aéreo para proteção.

— Anotado, Geral.

Nick abriu e segurou a tela de segurança enquanto ela abria a porta de madeira e a seguiu, fechando a tela de segurança depois que entrou.

Houve um barulho, algo caindo e Bast derrapou no corredor, fazendo suas garras a impulsionarem na corrida. Vendo Bree,

ela correu com toda velocidade pelo corredor e lançou-se sobre a mesa, onde travou suas patas azuis na superfície e miou.

— Esta é a arma de destruição em massa? — perguntou Nick, coçando atrás das orelhas enquanto colocava a mochila no chão.

— Como adivinhou?

— Intuição.

O homem tinha um monte disso, Bree pensou enquanto ia para a cozinha.

— O que gostaria de beber?

— Café, por favor.

Ligando a chaleira, pegou as canecas e cortou vários pedaços de bolo. Colocando-os em um pequeno prato, esperou Nick aparecer. Quando não o fez, voltou para o corredor para ver o que fazia.

Com as mãos nos bolsos, Nick olhava com interesse para as fotos na parede.

Caminhando ao seu lado, Bree olhou para as fotos.

— Partes da minha infância.

— Vivia em uma caravana?

— Sim. Viajamos de um lugar para outro o tempo todo.

— Você e sua mãe.

— Sim.

Olhou para as outras fotos. — Não vejo o seu pai aqui.

— Isso porque a única foto que tinha dele desapareceu durante nossas viagens. — Bree fez uma pausa. — Graças a um dos namorados da mamãe.

Isso fez Nick a olhar. — Sinto muito.

Isso foi inesperado. — Obrigada. — Quando não disse mais nada, levantou as sobrancelhas.

Ele simplesmente olhou de volta para ela.

— Não tem mais perguntas? — perguntou.

— Acho que me dirá o que quer que eu saiba.

— Não está nem um pouco curioso?

— Sim.

— Você é um homem estranho, Nick.

Lá estava, nos cantos dos olhos, aquele sinal de diversão que a fez querer sorrir de volta para ele.

Olhou novamente para as fotos.

— Viveu em um monte de lugares.

— Sim.

— Algum em particular era o seu lugar favorito?

— Exatamente aqui. — inclinando a cabeça, respirou fundo.

— Whicha. Aqui é onde escolhi plantar minhas raízes, comprar uma casa, sossegar.

— Diferente de viajar.

— Muito diferente. Mas me sinto bem.

— Será que mudará de ideia?

— Não. — disse que com toda convicção. — Sei disso. Profundamente em meus ossos, sei que este é o lugar para mim. Esta é a casa.

—Whicha tem esse efeito nas pessoas — murmurou. — O que são essas fotos? Elas são o que acho que são?

Ela seguiu seu olhar.

— Ah. Essas são fotos de OVNIIs. — apontou para um. — Este avistamos quando viajávamos em uma de nossas buscas em Nullarbor. Muitas coisas estranhas fora de Nullarbor. A foto abaixo foi uma que pegamos nas Montanhas Azuis. As pessoas têm desaparecido lá, você sabe.

Nick a olhou.

— Arranque o meu coração. — Bree fez o movimento sobre o peito e assustou-se quando seus olhos escureceram uma fração e suas pupilas dilataram. Antes que pensasse que tinha imaginado, ele voltou a olhar para as fotos.

Oh, menino. Isso não era imaginação. Mas vendo como ele não fazia qualquer outra coisa, se refugiou em continuar descrevendo as fotos.

— Este vimos quando estávamos em um barco de pesca ao largo de Abrolhos Reef.

— O Nullarbor é uma mostra de uma coisa triangular, As Montanhas Azuis um disco distante e este — Nick apontou na foto Abrolhos Reef — uma luz.

— Vê o fluxo por trás disso? Estava tão rápido que turvava. Foi o melhor que consegui depois que Jackie trabalhou nisso.

—Trabalhou nisso?

— Ampliou, tentou trazer a nave espacial. Não funcionou, o desfoque apenas piorou. Mas fez o melhor que podia, e aqui estamos nós. — Fazendo uma pausa, cruzou os braços e esperou.

Nick silenciosamente considerou as fotos.

— Quanto mais quer saber? — perguntou Bree.

—Tudo o que me dirá.

— Você retribuirá?

— Querida, a minha vida é um livro aberto. Você pergunta, te respondo.

— Então me contará tudo?

Seus olhos brilharam com diversão.

— Menos confissões de conspiração alienígena. Isso é top secret.

— Não esperaria nada menos. — sorrindo, ela se virou. — Pegarei as xícaras e te encontrarei na varanda. É bom ficar lá fora, ouvindo os pássaros. A menos que prefira o salão...

— A varanda está bem. Tenho um gosto por cadeiras de balanço.

— Alguma coisa que temos em comum.

No entanto, ao invés de sair, Nick a seguiu até a cozinha.

— Eu vou te ajudar.

Não demorou muito e estavam sentados lado a lado na cadeira de balanço, tomando café, o prato de bolo na grade da varanda. Bast perseguia uma borboleta ao longo do outro corrimão e conseguiu cair.

— Arma de destruição em massa — comentou Nick.

Sheba soltou um gemido pela porta aberta.

— E a sirene de ataque aéreo.

— Ela está encorajando Bast. — Bree riu.

Dê crédito ao homem, ele não se irritou quando Sheba soltou outro gemido antes que saltasse correndo pela varanda e sobre o trilho para cair sobre as margaridas. Bast disparou

em linha reta para o ar e saiu pela lateral da casa com Sheba em seus calcanhares.

Sorrindo, Nick se inclinou, esticando as pernas à sua frente e cruzando-as na altura dos tornozelos. Descansando um braço nas costas da cadeira de balanço, usou o calcanhar para balançar suavemente.

Com uma perna dobrada, balançando centímetros acima da varanda de madeira, Bree relaxou com sua caneca de café entre as palmas das mãos. — Então, por onde quer começar?

— Por onde se sentir confortável.

— Ok. Sinta-se livre para perguntar sempre que quiser.

Ele acenou com a cabeça.

— Mas uma coisa...

— Humm?

— Não está definitivamente aqui para me espionar e informar a alguma agência secreta do governo, não é?

— Me provocando novamente, não é?

— Você acha?

Isso fez Nick virar a cabeça para olhá-la. — Sim?

Bree sorriu.

Lá estava a dobra no canto dos olhos. Deus, a maneira como fazia isso, como estreitava os olhos em diversão, as linhas de riso que apareciam, isso a deixava louca.

— Apenas verificando — disse ela.

— Juro, Bree, sou apenas um soldado regular de licença. Sem segredos, sem conspiração, sem segundas intenções. — Ele fez uma pausa. — Ok, existe um ligeiro motivo posterior.

Oh, interessante. Bree inclinou a cabeça para ele.

Pela primeira vez, ele parecia um pouco indeciso.

— Será que gostarei disso? — perguntou.

— Discutível. — respirou fundo, deu de ombros. — Ah, bem, aqui vai. Notei que suas últimas cartas eram de Whicha, quando estão normalmente carimbadas de todo o lugar. Sabia que estava aqui.

— Veio me procurar? — Tanto surpresa quanto prazer a atravessou, junto com um toque de cautela. Velhos hábitos são difíceis de quebrar.

Nick tomou um gole de café.

— Vinha para cá de qualquer maneira. Para dizer a verdade, não queria sua carta de despedida, não queria saber que não haveria mais contato. Você era a minha única ligação real para uma vida normal na Austrália e me fez rir. Ansiava pelas suas cartas. Somente a carta de despedida foi difícil,

muito difícil de ler. Descobrir que poderia estar aqui era um grande bônus. Quando cheguei aqui, tinha a esperança de que estivesse aqui. E estava.

— Uau. — piscou. —Ok.

Ele esperou em silêncio.

Bree apertou os lábios, estreitou os olhos.

— Bem... meio engraçado, na verdade.

— Realmente.

— Ei. Meio doce, bem agradável, mas um pouco assustador.

— Não esconda nada, não é?

Ela lhe deu um soco de leve no braço. — Está me perseguindo, menino soldado?

— Só enquanto estiver aqui.

— Isso é reconfortante. Ainda que de uma maneira assustadora.

—Talvez devesse esquecer a parte assustadora e apenas ficar com a doce e agradável. — olhou diretamente nos olhos dela. — Nunca te machucarei, Bree.

—Tá.

— Se realmente não quer fazer isso comigo, irei embora agora.

Isso a fez levantar rapidamente da cadeira de balanço. — O quê? Não!

— Estou falando sério. — seu olhar era firme, sincero. — Quero te conhecer muito mais. Mas não a incomodarei e nunca te machucarei. Então, se não quer isso, se realmente não quer isso, irei embora.

— E não voltaria a vê-lo novamente? — prendeu a respiração.

— Ainda estaria na cidade, mas não me aproximaria de você. — parou o balanço da cadeira com o calcanhar. — Estou falando sério agora, Bree. Sei o que quero. O que você quer?

Seu coração começou a bater acelerado.

— Por que diz isso agora? Você... você... mudou de ideia?

— Não. Mas antes de começar a me contar as coisas, preciso ter certeza que isto é o que quer, também.

— Você sabe como escolher os seus tempos. — não conseguia parar o tremor de sua mão por baixo da dele. Só de imaginar ele se levantando e indo embora, deixou-a boquiaberta e com um nó em seu estômago.

— Sei que pressionei — afirmou calmamente. — Estar perto de você traz à tona sentimentos que não senti antes. Ficar aqui em silêncio me deu tempo para pensar. Não vou convencê-la a fazer algo que não queira fazer.

Sentada de lado na cadeira de balanço, o observou. Nick estava sério, em cada linha de seu rosto bonito, no olhar firme de seus olhos.

Mas precisava saber. — Você desistiria de mim?

Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado na forma como ela passou a reconhecer como sua pose pensativa enquanto a observava, por sua vez.

— Pareceria assustador se disser que te adoraria à distância?

— Mas desistiria de mim? — insistiu.

Ele hesitou.

Alívio a engolfou.

— Você não faria isso.

— Deus, tudo bem, acho — não, sei que te veria de longe, lhe enviaria flores no seu aniversário e Natal, e teria uma foto sua em minha carteira. — fez uma careta. — Não é tão assustador assim.

Bree não conseguia segurar o sorriso que surgiu em seu rosto. — Nick, isso é quase romanticamente assustador.

— Você é uma mulher estranha, Bree Ford.

— Ei, realmente esperava outra coisa?

Mas ele não riu. Ao invés disso, continuou a observá-la de forma constante.

— Estamos bem?

— Sim. — relaxando na cadeira de balanço, Bree virou a mão por baixo da dele, entrelaçando os dedos. — Estamos bem.

— Levaremos isso adiante?

— Não tenho certeza. — ela queria, percebeu. E como!

Ele esperou.

—Talvez devesse ouvir mais sobre mim primeiro. Você pode mudar de ideia.

— Talvez mude a sua quando ouvir a minha história — disse — Você realmente não me conhece.

— Menino soldado, acho que tenho uma ideia muito boa de você. Esqueceu que me escreveu cartas também e dizia muito mais nas suas do que eu nas minhas.

— É mesmo? — Curioso, ergueu as sobrancelhas.

— Sim. — Esticando o pé, balançou a cadeira.

Nick imediatamente controlou o ritmo com o pé.

— Questões de controle — murmurou.

— Humm?

— Nada. — Bree recostou-se na cadeira de balanço. — Então, vamos nos conhecer melhor, Nick Mason.

— Você primeiro.

— Por quê?

— Me dá uma vantagem.

— E você tem tudo a ver com vantagens?

— Aposte a sua bunda.

Isso lhe rendeu uma gargalhada.

Sorrindo, apertou sua mão suavemente que fez seu coração vibrar.

Acalme-se, pétala.

Bree tomou um gole de café para dar-lhe tempo de controlar seus pensamentos e emoções rebeldes.

— Tudo bem, então vamos começar.

— Não posso esperar.

— Antes de começar, o senhor prefere forma de tópico ou ensaio?

Relaxando, Nick fechou os olhos. — Ensaio seria muito mais interessante.

— Como o senhor desejar.

— Me lembrarei disso mais tarde.

— Hein?

— Nada. Continue.

— Tudo bem. — Bree respirou fundo e soltou o ar. — Mamãe era órfã, meu pai foi afastado de sua família. Eles se conheceram em uma festa, mamãe engravidou dentro de algumas semanas e eles se casaram. Mamãe sempre amou o paranormal e meu pai, bem, pelo que ela me disse, estava em algo alternativo. Ela nunca me disse tudo, então penso que foi um pouco ou bastante, desagradável. — Bree olhou de soslaio para verificar como Nick recebia estes poucos pedaços, mas ainda a olhava com os olhos semicerrados, totalmente relaxado, nada em seu comportamento revelava seus pensamentos. — De qualquer forma, quando tinha uns cinco anos de idade meu pai desapareceu, nunca voltou para casa. Naquela mesma noite, notificaram que luzes estranhas apareceram no céu e minha mãe estava convencida de que foi sequestrado. Infelizmente, os aliens nunca mais o devolveram ou se devolveram, não foi onde poderíamos encontrá-lo. Ou poderia nos encontrar. Daquele momento em diante, minha mãe e eu viajamos, seguindo os relatos de OVNIIs, procurando por meu pai. Conforme crescia, me tornei mais cética de que ele realmente foi raptado. Descobri que ele e minha mãe eram swingers, que trocavam de parceiros e acho que meu pai fugiu. Encontrou outro parceiro ou simplesmente se cansou de nós.

Nick suave e confortavelmente apertou a sua mão. Bom.

— Mamãe não se convenceu, sempre dizia que ele nunca nos abandonaria e que ele tinha sido sequestrado e que iria encontrá-lo. Curiosamente, ele se foi e sua fé em encontrá-lo não a impediu de dormir com outros. Acho que ela transou com metade dos caçadores de OVNIIs que conhecemos.

Nick se engasgou com o café que acabou de tomar.

— Merda, me desculpe. — Bree entregou-lhe um guardanapo. — Você está bem?

—Tudo bem — arquejou, colocando a caneca na mesa. — Continue.

— Antes de tomar outro gole, preciso dizer que sei que ela transou com um monte de incrédulos também.

Isso fez Nick tossir novamente.

— Bem, apenas achei que deveria saber.

— Obrigado.

— De nada. De qualquer forma, em qualquer cidade que ficávamos, ia para a escola por algum tempo. Também estudei por correspondência nos períodos que ficamos no deserto ou montanha por meses ou viajando muito. Surpreendentemente,

Mamãe era uma boa professora, mesmo com a quantidade de tabaco maluco⁴ que inalava atrás da van campista.

Desta vez Nick engasgou com o bolo que acabara de morder. Migalhas voaram e Bree entregou-lhe a xícara de café, que tomou e drenou. Enxugando os olhos, balançou a cabeça e recostou-se no balanço.

— Sem mais comer ou beber até que termine.

— Sim, meio que entendo o porquê. — Estendendo a mão, limpou algumas gotas de café em seu casaco que perdeu. — Está certo de que quer saber o resto da história?

— Não se atreva a parar agora.

Sorrindo, continuou. — Então viajamos por aí, encontrando com outros caçadores de OVNIIs ou sozinhas. Fizemos muito isso, também. Por isso que estou bem em caçar sozinha. Quando está no meio do nada e sua mãe está cheia de tabaco maluco ou balançando o trailer com a mais recente aventura da noite, você meio que se acostuma em perambular por si mesma.

Apertou a sua mão mais uma vez, aquele contato gentil e reconfortante que a tocou em sua alma. Pela primeira vez alguém realmente se importava com ela. Foi grata que não fez perguntas ou interrupções. Isso significava que poderia falar, seguir seus pensamentos enquanto se lembrava.

⁴ Possivelmente se refere à maconha

— Não foi de todo ruim, sabe. Mamãe era uma mulher boa apesar de tudo. Continuou me vestindo, alimentando e educando, ainda que fosse mais avançada em educação sexual, por causa de alguns espetáculos acidentais, se posso dizer. — sentiu um arrepio. — Existem algumas coisas que as crianças não deveriam ver os pais fazerem.

Silenciosamente, Nick assentiu. Seu polegar acariciou ao longo do lado da mão.

— De qualquer forma, só paramos de viajar quando insistia em conseguir um emprego e treinar para ser cabeleireira. Mamãe ainda saiu em incursões e me juntei a ela quando podia, mas queria mais do que apenas pular de lugar para lugar, perseguindo OVNIIs e outras coisas. Não que não acreditasse, mas não queria que minha vida fosse como a dela. Queria mais. — Bree fez uma pausa, lembrando-se. — Queria estabilidade, um rendimento regular, uma carreira. Não estava tão obcecada com as caçadas. Para mim, se tornou mais um hobby, quando tinha tempo e disposição. Mamãe não entendeu e meio que tomamos nosso próprio caminho durante a semana e nos encontrávamos aos fins de semana. Acabara de começar meu aprendizado quando a minha mãe morreu em um acidente de carro. Os exames mostraram que estava cheia de ervas e provavelmente morreu bastante descontraída. É uma ironia, realmente, mas pelo menos ninguém estava com ela. Deus, ainda sinto a sua falta.

— Era sua mãe. — Nick quebrou o silêncio. — Uma mãe é sempre a sua mãe.

— Sim. Sei que me amava e a amava. Ainda a amo, isso nunca acabará. Ela fez o melhor por mim, mesmo que o seu melhor fosse questionável pelos padrões dos outros.

Nick a olhou. — Sua mãe fez um ótimo trabalho te criando, querida. Você acabou perfeitamente.

Tão doce quanto foi ouvir isso, também a deixou desconfortável. Deu um sorriso autodepreciativo. — Sou uma caçadora louca de OVNI, Nick, não se esqueça disso. Sou uma cabeleireira que persegue coisas estranhas como hobby.

— E um ser humano em pleno funcionamento, não se esqueça disso. — fez uma pausa. — Todos precisam de um hobby. O meu é tricô.

Isso a fez olhá-lo fixamente. — Sério?

— Não. Apenas pensei que te assustaria.

Deu-lhe uma cotovelada, fazendo-o grunhir.

— Então, esse é o meu segredo profundo e escuro, soldadinho. E você?

— Humm, minha vida é muito branda em comparação com a sua. — Nick balançava a cadeira com o pé na varanda. — Morava em uma casa pequena em Perth, fui para a escola, ajudava meu pai em sua loja depois da escola e nos fins de

semana. Saí da escola após o 10º ano e treinei com ele por dois anos. Nosso plano era sempre trabalharmos em parceria, assumir a loja quando se aposentasse. — Nick olhou para Bast quando subiu os degraus da varanda. — Gosto de trabalhar com as mãos, gostava de reparar e construir coisas. Papai e mamãe morreram em um acidente de carro também e fiquei meio perdido. Não tinha parentes. Era apenas um garoto de 18 anos com uma casa e uma loja que não estava devidamente treinado para cuidar. Então, vendi a casa e o negócio e fui para o Exército. Pertencia àquele lugar, se tornou a minha vida. Servi em diversos países, ganhei e perdi alguns amigos. Ainda tenho alguns bons amigos.

Foi a sua vez de dar um aperto suave em sua mão. Nick retribuiu.

— Vim para Whicha antes com Alex, então sei o que diz sobre a cidade. Ela me chama, também. Pequena e simpática, todos se conhecem. O arbusto, a chuva, o sol, os campos. Os fenômenos ufológicos meio que me pegaram de surpresa, mas estou sempre aberto a novas experiências.

Vendo Bast se aproximar, Bree deu um tapinha em seu joelho. O siamês azul pulou em seu colo, cheirou a mão de Nick e se enrolou em uma bola, o ronronado enchendo o ar quando Bree o acariciou.

— Mesmo no Exército, com tantas pessoas ao redor, pode se sentir sozinho. — Nick fez cócegas na cabeça de Bast,

esfregando entre suas orelhas e a fazendo ronronar mais alto.

— Quase todos recebem cartas ou pacotes de casa, falam com seus familiares no Skype, e-mail. Não tinha ninguém. Até o dia em que seu endereço foi entregue a mim, o próximo soldado solitário escolhido para receber as cartas e pacotes de cuidados da Garota do Adeus.

— Quem é A garota do Adeus?

Capítulo Seis

Nick hesitou.

Assustada, balançou a cabeça. — Não sei! Não pode ser eu.

— Uh...

— Oh, Nick, com certeza que não! — Quando apenas a olhou, levantou uma mão com a palma para cima. — Por que me chamam de A Garota do Adeus?

— Não se ofenda.

— Ainda não tenho certeza.

— Não tem ideia do quanto suas cartas significaram para muitos soldados solitários ao longo desses anos. Você é muito bem conhecida entre a unidade. Trouxe um toque de casa e o riso para os soldados que te escreveram. Mas todos sabem que quando finalmente vão para casa ou encontram uma mulher, você diz adeus e assume outro soldado solitário. Seu apelido é A Garota do Adeus, mas carinhosamente. Não se ofenda. É considerado uma honra ser escolhido para ser um amigo de correspondência da Garota do Adeus.

— S3rio? — absurdamente, sentiu-se satisfeita. — Embora ainda n3o tenha certeza sobre o apelido A Garota do Adeus. Por que n3o 'A Menina do Ol3?'

— Isso realmente n3o tem o mesmo som.

— Huh. Devo come3ar a assinar as minhas cartas de 'A Garota do Adeus'?

— N3o se atreva. Os soldados me esfolar3o vivo. Voc3 est3 de posse de um apelido secreto.

— Ah, 3 mesmo?

— Realmente. — acariciou Bast. — Escreve h3 anos, n3o 3?

— Comecei quando um dos amigos de OVNIIs da mam3e entrou no Ex3rcito. Realmente gostava dele, tinha essa paix3o secreta aos 14 anos por ele, coitado. Mas continuamos a nos corresponder e ent3o ele voltou para a Austr3lia e me perguntou se me importaria de escrever para outro soldado. Gostei da ideia, disse que sim, mudei a minha idade para 18 anos, para que ningu3m surtasse sobre a minha carreira, escrevendo carta para militares. Escrevi centenas ao longo dos anos, provavelmente. Nunca contei. — Bree fez uma pausa. — Meu Deus, sou uma prostituta de carta.

A risada de Nick retumbou atrav3s da calmaria.

— Realmente sou filha da minha m3e.

— Apenas as partes boas.

— Como sabe?

Nick tocou em seu nariz.

— Ah, certo. Leitor de mente.

— Intuição, mas se isso te faz sentir melhor, podemos usar leitor de mentes.

Hesitando, o olhou, querendo que soubesse algo que nunca disse a uma outra alma, nunca sentiu a necessidade, até este momento. Se perguntou por que isso importava, por que devia mesmo se importar, mas importava.

Não sabendo muito bem como começar, o que dizer, abriu a boca, fechou-a, abriu-a novamente, então olhou para Bast.

— Diga-me — disse Nick baixinho.

— Nem me olhava. Como sabia que diria alguma coisa?

— Querida, eu sei.

— Isso é assustador, e não de uma boa maneira.

— Diga-me.

Agora que teve uma abertura, ficou constrangida. — Humm...

Ele esperou.

— Nick... então... — tossiu e suspirou.

— Não te julgarei, Bree. Apenas me diga o que está em sua mente.

Soltou um suspiro. — Tudo bem. Certo. — coçou a cabeça, deslocando o elástico do rabo de cavalo. Juntando o cabelo, prendeu-o novamente. Então, disse apressadamente — Minha mãe... ela dormiu com muitos.

Balançando a cabeça, Nick a olhou. — Eu não sou.... eu não...

Ele balançou a cabeça novamente.

Olhando para Bast, brincava com uma das orelhas macias, azuis. — Se iremos a algum lugar, você sabe, se alguma coisa houver entre nós ou... — fez uma careta.

Nick se mexeu, tirando a sua mão de Bast, que pulou num acesso de raiva quando Bree olhou para cima, assustada.

De frente para ela, segurou seu rosto, com o olhar fixo nela. — Diga-me o que sente, o que está errado. Apenas fale comigo, Bree. Sempre pode falar comigo.

— Não é assim tão fácil.

—Tente.

— Não sou fácil.

— Imaginei.

— Não, quis dizer que não durmo com ninguém. Vendo a minha mãe, o que fez, o que os homens fizeram e como a tratavam antes e depois, eu... — Bree mordeu o lábio, em seguida, endireitou os ombros. Droga, não tinha nada de que se envergonhar. Levantando o queixo, declarou corajosamente, — sairmos juntos não significa que dormirei com você.

Não havia nada no rosto de Nick que lhe desse alguma ideia do que pensava. Seu polegar ainda roçava em seu rosto, seus olhos olhavam para os dela e não se moveu.

Querendo saber o que pensava, se recusou a quebrar o contato visual.

Seus olhos se aqueceram. —Ok.

—Tudo bem? — Era isso? Sem argumentos? Sem sedução?

— Ok.

— Realmente está bem com isso?

— Sim.

— Sem desculpas de bolas azuis?

Puxou sua mão, dando uma gargalhada. — Oh Senhor, querida, as coisas que você diz!

— Estou surpresa, sabe? Alguns homens, ao longo dos anos, que queriam tirar minha calcinha plus-size, não entenderam quando disse que me guardava para um homem só, se o encontrasse. E ele tem que ser especial.

— Entendo.

— Entende?

— Sim. Está se guardando. Respeito isso. Não há argumentos.

— Uau. — o olhou com desconfiança. — Sério?

Inclinando, beijou-a castamente na testa. — Absolutamente.

— Então nem tentará? — As palavras saíram antes que pensasse nisso, mas caramba, estava desapontada. E não era chato? Jesus, apenas disse a um homem que provavelmente nunca transaria com ele e aceitou feliz. Um pensamento repentino a fez soltar sua mão, o desapontamento e um toque de humilhação a preenchendo. — Oh. Acho que não estou surpresa.

Nick franziu as sobrancelhas. — Perdão?

Virando para frente, Bree apoiou os pés na varanda. — Entendo. Não é tão incomum.

— Ah, não. — sua voz não estava mais descontraída, soou com comando. — Fale, Bree.

Tentando parecer alegre e indiferente, acenou uma mão com desdém. — Esqueça.

— Não nesta vida.

— Olha, não é nada.

— Tem cinco segundos para falar.

— Ou o quê?

— Ou abaixarei sua calcinha plus-size e — espere. — Seus olhos se estreitaram.

Sabia que seus olhos estreitaram, porque o olhava com o canto dos olhos. Mas tudo o que ouviu foi — O que quer dizer com abaixará minha calcinha plus-size?

— Porra, Bree! Sério? De verdade?

Assustada com sua veemência, Bree ficou de pé.

Nick foi tão rápido, mas sua próxima ação a pegou de surpresa. Em um movimento rápido, a prendeu contra a parede, as mãos apoiadas ao lado de sua cabeça quando se inclinou e olhou em seu rosto assustado. — Está realmente falando sério?

— Uh... — foi tudo que conseguiu dizer. Caramba, o homem se movia rápido.

Deus, devia ser uma cachorra doente, porque uau, vê-lo todo autoritário e ameaçador assim, uau... Resíduo Alien? Porque gostar de um homem assim era muito estranho.

Bem, gostar de Nick assim era muito estranho, porque se qualquer outro homem começasse com isso, comeria suas bolas, estariam praticamente na garganta.

De alguma forma, sabia que se tentasse isso com Nick se arrependeria, porque não era o tipo de homem que apenas aceitava. Quando voltasse, procuraria vingança.

Oh, uma emoção lasciva a percorreu com esse pensamento. Deus, nunca fumou erva maluca em sua vida e ainda a olhava com pensamentos estranhos. Pensamentos estranhos, excêntricos e sujos.

— É melhor responder, Bree. Agora mesmo.

A dureza em seu tom de voz interrompeu suas reflexões, trazendo à tona o senso comum. Recordando a razão deste último confronto a levou de volta, porque merda, sabia o que acontecia.

— E o que acontecia? — Nick resmungou.

Oops. Disse isso em voz alta?

— Se afaste — retrucou.

— Não me afastarei.

— Darei uma joelhada em suas bolas. Foi avisado.

— E eu baterei em sua bunda. Foi avisada.

Abriu sua boca. Bem, aleluia, seus pensamentos sujos foram ouvidos. Espere... o quê? — Não ousaria!

— Não tem ideia do que ousaria. — seus olhos brilharam em aviso. — Quer experimentar?

Jesus, sim. O quê? Não. Claro que não!

— Cinco.

Piscou para ele.

— Quatro.

— Ei!

—Três.

— O que está fazendo?

— Contagem regressiva. Dois.

— Para quê?

— Bunda doendo se aproximando. Um.

— Caramba! Sou gorda!

O silêncio que caiu entre eles era... *gritante*. As aves nas árvores próximas, Sheba gritando em algum lugar atrás da casa, uma brisa sussurrando nas folhas, um motor de carro distante cantarolava ao longo da estrada.

Nick olhava para ela, contendo sua raiva, mas mesmo assim tangível no próprio ar. Seu olhar focado direto no dela e se perguntou se seu cérebro queimava.

— O que disse? — a ameaça tranquila em seu tom de voz tinha um toque de fogo.

Controlado ou não, o homem estava furioso.

— Hum... — nervosa, lambeu os lábios.

— Responda a pergunta, Bree.

— Puta merda!

Suas narinas realmente queimaram. O fogo de sua ira voltou, iluminando seus olhos. Ou talvez fosse apenas sua imaginação hiperativa.

— Acho que ouvi o telefone tocar. — Colocou as mãos sobre o seu peito e o empurrou.

Ele não se moveu um milímetro. — Não irá a lugar algum até resolvermos isso.

— Não temos nada a resolver. — bufou, tentando acalmar seus nervos trêmulos. — Nick, realmente...

— Cinco.

— O quê?

— Quatro.

— Merda. Fará isso novamente?

—Três.

— *Por quê?*

— Porque não respondeu algo que afeta a nós dois. Dois.

— Oh, vamos lá.

— Um.

— Nick!

Ele agarrou seus ombros.

— Sou gorda! — Nossa, quem sabia que cederia tão facilmente?

Suas grandes mãos a soltaram para pressionar novamente na parede ao lado da cabeça. Seu olhar duro prenderam-na no local.

As palmas das mãos ficaram úmidas, assim como sua calcinha. Eureka, acabou de descobrir que gostava de um pouco de força. Mas só da de Nick, ao que parece. Nenhum outro homem jamais fez suas emoções moverem entre o medo, o pânico e o desejo como ele fazia. Maldito. Só podia ser resíduo alienígena.

Ou talvez fosse somente Nick. Tinha um pressentimento que era apenas resíduo de Nick.

— Vamos ver se entendi agora. — sua mandíbula estava travada, um músculo assinalando e reforçando sua raiva. — Você é uma garota grande.

— Uau, não me diga, Nick. — *Imbecil.*

— Estou apenas afirmando, Bree. Honestidade sempre.

— É mesmo? — *Bundão. Boa aparência, mas ainda assim um bundão.*

— Você é uma garota grande.

— Repete mais uma vez. Por que não repete?

— Cinco.

Arregalhou seus olhos. — O quê?

— Quatro.

— Caramba. Sinto muito, ok? Tudo bem, vá em frente! Explique! — estava com um pouco de medo de apanhar na bunda. Bizarro o suficiente, também um pouco emocionante, mas principalmente o medo. O medo venceu desta vez.

Estendendo a mão, segurou seu queixo, mas o aperto não era cruel, apenas firme. Forte. Seu olhar fixo no dela.

— Você é uma garota grande. Não me importo. Gosto de suas curvas, gosto do seu corpo e, com certeza, quero ver muito mais dele. Gosto da sua risada, da sua personalidade, até mesmo das mudanças de seu humor.

— Mudanças de humor? Espere um minuto.

— Cinco.

— Oh, Deus.

— Quatro.

Desta vez Bree manteve a boca fechada.

Seu olhar percorreu seu rosto.

— Aprendeu.

Isso a fez ranger os dentes.

Seu sorriso tinha uma pitada de diversão, mas seu olhar permaneceu duro quando trancou seu olhar no dela.

— Ouça-me, mulher. Quero você. Te quero embaixo de mim, em cima de mim, inclinada diante de mim, praticamente de qualquer maneira. Gosto de uma mulher que pode levar algum tratamento, que é exatamente o oposto de mim. Gosto de suavidade em um corpo, gosto de partes carnudas. Peitos grandes, quadris largos, coxas roliças. Mas não me importo se fosse magra como um cabo de vassoura, porque ainda iria te querer. Sabe por quê?

Com a boca ligeiramente aberta enquanto escutava com admiração, balançou a cabeça.

— Porque é Bree Ford, minha Garota do Adeus. Quero você. Não me importo se é magra ou gorda, alta ou baixa. Não me importo com a cor de sua pele, poderia ser rosa com bolinhas roxas, ainda quero me enterrar em você, tão profundamente que não saberia onde eu começo e você termina. Você me ouviu?

O céu estava azul? Será que os pássaros voavam? Será que os peixes nadam?

Bree assentiu em silêncio.

— Te respeito o suficiente, estou disposto a esperar para perceber que sou o homem certo para você. Ainda ouve? — Pelo seu silêncio, aceno de cabeça com os olhos arregalados, continuou — Bom. Agora estou muito tentado a arrastá-la para dentro da sua casa, tirar sua roupa e lambê-la toda como um sorvete.

Caramba, seus joelhos estavam fracos. Precisou travá-los apenas para evitar de escorregar pela parede em um amontoado quente por causa do tremendo desejo sexual.

Seus olhos ardiam de desejo carnal.

— Quero empurrá-la na cama, colocar suas coxas deliciosas sobre meus ombros e apenas montá-la. Montar forte, rápido e profundo. Mas não vou. Sabe por quê?

Não podia, mesmo que quisesse, dizer uma palavra.

Nick abaixou a cabeça para que seus rostos estivessem apenas meros centímetros de distância.

— Porque respeito a sua decisão.

Então a beijou, forte e rápido, a língua indo profundamente, devorando-a, tomando sua essência e engolindo-a em um calor ardente, lambendo profunda e impiedosamente em sua voracidade.

Quando levantou a cabeça, ela estava com falta de ar, os olhos arregalados, as mãos em punhos em sua camisa. Querendo mais.

Se afastou dela, endireitando-a. Cada vez que respirava era com dificuldade. Mandíbula apertada, luxúria queimando em seus olhos.

— Irei agora — disse com os dentes cerrados. — Antes que esqueça o que *você* quer e tente convencê-la a fazer o que *eu* quero. Te respeito muito. — virando, atravessou a varanda, em passos largos. Destravando a porta do carro, a olhou. — Isso não muda nada. Passarei amanhã às 18:00hrs para jantarmos no pub. Se tiver algum problema com o horário, dia ou lugar, me ligue, mas não agora. — entrando em seu carro, ligou o motor e partiu, lançando-lhe um olhar ardente.

Macacos me mordam. Caramba! Os joelhos de Bree cederam e deslizou pela parede para sentar na varanda. O latejar entre suas coxas era uma verdadeira indicação do quanto as ações e palavras de Nick a afetaram, para não mencionar que seus mamilos *cutucavam* seu sutiã.

Sheba soltou um grito enervante e veio para a varanda, sentando e a olhando, abrindo a boca para guinchar mais uma vez.

— Respeito — Bree informou com a boca seca — Isso é realmente superestimado.



Cortar madeira foi um grande alívio para o stress que sentia. Endireitando-se, Nick enxugou a testa. Havia um monte de madeira cortada empilhada perto do galpão e ainda havia mais para cortar. Era bom ter um machado nas mãos, um calmante no ritmo constante do trabalho.

Alex se aproximou com uma caneca de café. — Precisa de uma pausa?

— Atencioso da sua parte.

— Não. Atencioso da parte de Harly. Ela te viu e sentiu pena. Disse-lhe que era a construção do caráter e que não precisava de mimos, mas conhece a minha esposa, sempre sente pena dos animais abandonados.

— Obrigado, cara. — Nick sorriu.

Alex entregou-lhe a caneca. — Então, sairá hoje à noite, hein?

— Sim.

— Com a Garota do Adeus.

— Sim. — O café era muito forte, quente e tomou um gole agradecido.

— Jantar no Pub.

— Deseja um convite?

— Não. Sabe quanto tempo ficará fora?

Nick olhou-o por cima da borda da caneca. — Quando devo voltar?

— Apenas dizendo que provavelmente estaremos na cama.

— Deitarão mais cedo?

Alex olhou de soslaio. — Se eu tiver sorte.

— Entendo. Qual é o meu toque de recolher?

— Imagino que voltará tarde de qualquer maneira, então pegue. — Alex entregou-lhe uma chave.

Surpreso, Nick pegou. — O que é isso?

— É uma chave. Abre portas. Veja, você coloca este pedaço na coisinha prateada na porta e...

— Imbecil.

Alex riu. — É uma chave extra da casa. Harly e eu poderíamos sair ou ficar, por isso pensamos que seria melhor que tivesse uma chave para entrar. Desta forma, não terá que esperar pelos adultos, para voltar para casa.

Nick colocou-a no bolso. — Obrigado, companheiro.

— Não se preocupe. — Alex olhou para a madeira. — Estou impressionado. Fez um buraco grande naquela pilha.

A pilha diminuiu muito, não podia negar.

— É uma sensação boa, sabe? Trabalhar ao redor de casa. Sua casa.

— Sim, eu ouvi. — Mãos nos bolsos, Alex balançou para trás e para frente em seus tênis. — Prometi a Harly que pintaria o galpão em breve.

— De que cor?

— Rosa.

Nick fez uma pausa. — Foi escolha dela, certo?

— Não. Minha. Pensei em um tom de rosa pastel bonito com guarnição azul.

— Ficaré ótimo.

— Harly queria azul escuro, mas lhe disse 'Querida, precisa de algo bonito.'

— Sim, tenho certeza que foi o que disse. Posso ver isso. — Nick levantou outro pedaço de madeira sobre o cepo. — Acho que algumas cestas de suspensão com petúnias ficariam lindas.

— Petúnias? Acha? Por que não violetas?

— Definitivamente petúnias. Todas essas cores bonitas.

— Poderia ajudar-me lá.

Nick lançou um olhar irônico.

— O ar do interior está fazendo coisas para você, cara.

— Coisas boas. — Alex abriu um grande sorriso. — Não bom o suficiente para me fazer pintar o galpão, e com certeza não há cestos sobre ele.

— Então pintará com azul escuro, né?

— Esse é o plano. Harly me diz o que fazer e eu faço.

— A pequena capitã.

— Sim, mas não deixe que o ouça chamá-la assim. — Alex pegou a caneca vazia. — Já volto. Ficará bem aqui?

— Sim. — Nick posicionou outro bloco de madeira.

— Você sabe, sua estadia aqui não depende que faça tarefas.

— Eu sei. Só gosto de ajudar.

— Entendo. Tá bom. — Alex começou a se afastar.

Nick olhou para cima. — Alex.

— Sim?

— Sempre que quiser ter uma noite tranquila com Harley ou algo assim, você sabe, diga-me e tomarei o meu rumo.

Alex sorriu. — Não se preocupe.

— É sério. Não estou aqui para interferir no tempo que tem juntos.

Virando, Alex olhou-o nos olhos. — É nosso amigo, Nick, e um dos melhores. Sempre assegurou de que Harly e eu tenhamos tempo juntos sozinhos, não pense que não notei. Se precisar de um tempo com Harley, pode deixar que avisarei. Mas não se preocupe, você não nos atrapalha. Ok?

Um pouco da tensão de Nick diminuiu. — Ok.

— Tudo bem. — Alex se afastou. — Continue trabalhando se quiser torrar seus dedos pela noite no fogo.

Nick sorriu. — Tenho um encontro, lembra?

— Oh, é. — Alex piscou por cima do ombro. — Você fará seu próprio fogo.

Nick não tinha tanta certeza sobre isso. Bem, tinha certeza que ficaria torrado, pois ao lado de Bree sempre sentiria a *queimadura* de rotina. Rotina. Sim, porque era assim que se sentia sempre que a via. Queria deitá-la e domá-la apenas o suficiente para que soubesse quem era o chefe e depois ter todo tipo de sexo quente.

Claro se não lhe desse antes uma joelhada nas bolas por se atrever a tentar mostrar-lhe quem era o chefe.

Rindo de si mesmo, Nick balançou o machado, cortando o bloco de madeira. Ninguém podia domar Bree Ford. A mulher era definitivamente uma alma independente e gostava disso, gostava muito. Não era preciso ser um gênio para ver que ela desenvolveu uma raia independente, porque teve uma mãe

que estava mais interessada em perseguir os OVNIIs, fumar maconha e deixá-la ainda criança vagar por aí à noite no deserto ou montanhas, enquanto transava com algum homem na van. Nenhuma criança deveria ser educada assim, mas Bree foi, sobreviveu e se tornou uma mulher muito melhor do que a mãe.

A diversão desapareceu quando Nick cortou ao meio outro bloco de madeira. Bree praticamente esteve sozinha na maior parte de sua vida e entendeu que era ali que desenvolveu a sua espinha dorsal. Não é à toa que queria lhe dar sermão quando se atreveu a se levantar por ela contra Ted, mas caramba, não era o tipo de homem que deixava qualquer mulher enfrentar um homem irritado sozinho. Não enquanto estivesse por perto e definitivamente, não Bree. Ted começou insinuando que era louca e se Nick fosse um cão, ficaria com os pêlos arrepiados das costas do pescoço à cauda. Protegê-la enquanto enfrentava Ted era instinto e ela gostando ou não, Nick protegia o que era seu.

Ela só precisava perceber que era sua. Nick dividiu outro bloco e jogou os pedaços na pilha crescente.

Sim, A Garota do Adeus foi sua por escrito durante os últimos nove meses, mas não a deixaria ir. Ela era a *sua* Garota do Adeus. E ela seria sua de corpo, mente e alma.

A parte do corpo era tentadora. Um pequeno sorriso nasceu em seus lábios. Homem, viu o calor do desejo nos olhos dela e

os mamilos duros e sedutores pressionados em sua camisa ontem, quando lhe disse exatamente o que queria fazer com ela. Foi para casa com uma ereção furiosa que só acalmou com um banho gelado. E não foi fácil, muito pelo contrário. Para ser honesto, precisou se masturbar. Não fazia isso há algum tempo.

Mal podia esperar pelo dia em que encontrasse a sua libertação profunda dentro daquele corpo com curvas de dar água na boca. Quadris exuberantes, coxas roliças e macias contra as suas duras, seios generosos para festejar... sim, não podia esperar.

Começava a ter outra ereção. Com um suspiro, Nick retomou a atividade.

Só precisava esperar até que Bree estivesse pronta. De jeito nenhum a forçaria. Bem, não a dissuadiria também. Ok, não encorajaria, mas não a forçaria ou tentaria convencê-la antes que estivesse pronta. Ela escolheria o momento. Só esperava que fosse antes que desgastasse as palmas das suas mãos.

Quando terminou de cortar e empilhar toda a madeira, era hora do almoço. Harly tinha um guisado no fogão e pão caseiro e podia ficar sem fazer nada, ter um pouco de R&R⁵ na sala, se jogar no sofá assistindo o futebol com a velha Buffy a seus pés e o velho Pepper em seu colo. Harly colocou uma

⁵ Rest and Relaxation – Termo militar para relaxar e descansar

caneca de chocolate quente sobre a mesinha a seu lado no sofá, bagunçou seu cabelo e foi até Alex, que estava em uma poltrona com Chuckie sentada na parte de trás, o rabo da gata de um olho só passando rapidamente em seu pescoço uma e outra vez. Alex pegou sua caneca de chocolate e recebeu um beijo na testa e depois Harly entrou na sala de costura com Sunny e os deixou.

Era uma maneira agradável e aconchegante para passar uma tarde de frio. Seria melhor se Bree estivesse aconchegada a ele, mas isso era o mais próximo de um lar que tinha desde que seus pais faleceram.

Queria este tipo de casa, este calor, um lugar para saber que era seu. Voltar à vida militar... ainda estava sob consideração. Trabalhar com Paul despertou seu amor por construir coisas, algo que havia esquecido uma vez que raramente tinha tempo e lugar para fazê-lo. Mas agora... poderia abandonar a vida militar pela vida civil?

Ainda tinha tempo para pensar nisso.

Afastando isso de sua mente, concentrou-se no jogo de futebol e se acomodou para uma tarde preguiçosa.



Exatamente as 18:00 horas, Nick estacionou o Landcruiser na frente da casa de Bree e freou. Saindo, atravessou o

caminho, observando a luz da varanda que lançava um brilho quente. Como uma espécie de boas-vindas.

Fale sobre ser fantasioso. A próxima coisa que ele estaria fazendo seriam bordados e fazendo correntes de margaridas.

Sorrindo, ele bateu na porta.

— Está aberta! — uma voz gritou lá de dentro.

Aberta? Sim, estava. Fechando as portas, Nick fez uma careta. — Por que não está trancada?

Bree olhou para fora de uma sala ao lado. — Porque sabia que viria.

— Poderia não ser eu.

— Temos um encontro, certo?

— Sim. — andou pelo corredor, passando por cima de Bast, que estava deitada no meio do corredor segurando um espanador que chutava até a morte.

— Então, por que não seria você? — sua cabeça desapareceu de vista.

Voltando para a sala, Nick respondeu. — E se me atrasasse?

— Não vamos brincar de 'e se', ok? — fez um gesto para de onde estava sentada em uma pequena mesa perto da janela. — Veja isto.

— Não estamos brincando de 'e se'. Mantenha as portas trancadas quando estiver sozinha. — Parando atrás dela, puxou delicadamente seu rabo de cavalo. — Entendido?

— Sim, senhor! — o saudou sem olhá-lo, sua atenção no laptop.

— Que tal uma saudação mais agradável? — Usando o rabo de cavalo para puxar suavemente a cabeça para trás de modo que olhasse para ele, Nick deu um beijo em sua boca surpresa.

Cara, poderia beijá-la a noite toda, lambê-la inteira, mas estava determinado a ir devagar. Sutilmente. Devastar sua boca não estava na agenda no momento.

Que pena isso.

Erguendo a cabeça, sorriu para ela. Sim, definitivamente parecia um pouco sonhador agora. — Oi, Bree.

— Oi, Nick. — um sorriso apareceu em seus lábios — aqueles rosados, lábios beijáveis — *Pare!* — E um blush definitivo estava em seu rosto.

Deus, como ficava fofa quando estava perturbada. Bonita o suficiente para... — *Jesus, se liga, Nick!*

Controlando a sua libido, que estava ameaçando ir em todas as direções luxuriosas, Nick deixou seu rabo de cavalo cair, preparou as duas mãos no encosto da cadeira e olhou por cima da cabeça no laptop.

— Verificar o que?

— O quê? — piscou, a cabeça inclinando para a frente quando limpou a garganta. — Oh...ah. Isso. Veja isso?

— Floresta? Árvores? Arbustos? Estou à procura de Sheba?

— Por que Sheba estaria nesta foto?

— Então o que procuro?

— O que vê?

Ele examinou a foto. Árvores, arbustos. — A natureza?

— O que mais?

— Nada.

— Ok. Que tal isso? — um clique do mouse e outra foto apareceu. Cenário semelhante. — Ver algo incomum?

Ocorreu-lhe. — Estas são as cenas da casa de Ted?

— Sim. Vê algo incomum?

— Para ser honesto, não.

— Exatamente. — Virando pela metade na cadeira, olhou para ele, triunfante. — Nada.

— E isso é uma coisa boa? — perguntou lentamente.

— Dependendo do seu ponto de vista. É claro que é decepcionante que não há nenhum sinal de OVNI, atividade

extraterrestre, nem mesmo uma pequena pegada. Assim como foi decepcionante não pegar as flutuações nos campos eletromagnéticos.

— Uh huh.

— No entanto, agora sabemos que eram adolescentes fazendo bobas brincadeiras nos campos.

— Floresta, na verdade. O campo estava vazio.

— Tanto faz. — sorriu.

Observou seu rosto. — É uma mulher estranha, Bree Ford.

— Por quê?

— Parece feliz, ainda que não tenha encontrado nada.

— Ei, resolvi um mistério. Isso é um progresso.

Não pôde deixar de sorrir.

Levantando-se, passou por ele. — Então, estamos prontos?

— Estou lhe esperando.

— E eu estou pronta. Cara, estou com tanta fome que comeria um cavalo. — fez uma pausa. — Não que já tenha comido.

— Não esperaria que tivesse.

— Só para saber, alguns países comem carne de cavalo.

— Sério?

— Sim. Este cara de Friesian que conheci comeu carne de cavalo em seu país. Pobres cavalinhos.

Divertido, Nick a seguiu até a porta do salão. — Já comeu carne de canguru?

— Algumas vezes. Na verdade, não gosto muito. — Puxando o casaco, torceu o nariz. — A carne é muito forte.

— Colesterol baixo.

— Pobre Skippy.

— Come bife?

— Sim.

— Pobre muu-muu

— Não sejamos infantis sobre isso, Nick. — Sorrindo, foi até a cozinha. — Só verificarei onde Sheba está e colocarei mais alguns biscoitos para eles. Apenas um segundo.

Encostado no batente da porta, Nick olhou ao redor do salão. O mobiliário parecia novo, mas tinha um ar de velho mundo. Bree obviamente decorou a casa para refletir a sua idade e fez isso muito bem, confortável e aconchegante para o futuro. Cores suaves, doilies em malha na parte de trás do sofá e cadeiras, uma toalha de renda sobre a pequena mesa onde o laptop estava, um vaso de flores sobre o aparador. Era um pouco decepcionante, considerando que Bast espreitava ao

redor da casa. Quadros na parede, pequenos ornamentos em uma caixa de vidro e em cima da lareira e...

Nick arqueou as sobrancelhas. Havia um grande cartaz na parede oposta com uma foto de uma nave espacial que emitia um feixe de luz, por baixo de um rosto de alien cinzento com olhos negros. Impresso na parte inferior as palavras '*Eu acredito*'.

Entre os ornamentos havia um pequeno vidro de Buda, um par de senhoras Victorianas de porcelana, um cavalo de gesso e carruagem, uma igreja de cristal, um pequeno alien cinza de plástico com grandes olhos negros, uma estatueta do Chewbacca de Star Wars, uma pequena espaçonave em um suporte, e em um lugar de destaque, uma caixa completa de dvds de Arquivo X.

Olhou para a TV. Não era possível ver claramente os títulos dos DVDs, então Nick ajoelhou-se diante da prateleira. Caça Fantasmas, vários episódios de Battlestar Galactica e Supernatural, juntamente com vários dvds de terror. Havia também alguns DVDs em uma caixa simples e quando a pegou, havia um título escrito na frente, marcado de caneta: Equipe de Caça de OVNI ~ Verdadeiros avistamentos de OVNI's.

Colocando o DVD no lugar, endireitou-se e coçou a cabeça.

Ao ouvir um barulho atrás dele, virou e viu Bree com as mãos nos bolsos da jaqueta, arqueando uma sobrancelha. — Ainda sairemos?

— Sim, por quê?

— Pensei que talvez a coleção de DVD o fizesse desistir.

— Sou feito de material mais resistente — Sorrindo, aproximou-se dela, colocando um braço em volta dos ombros para conduzi-la pelo corredor. — Eu mesmo estou caçando OVNIIs.

— Não OVNI?

— Querida, não vamos lá.

— Querido, vamos.

Pegando o lenço que estava sobre a mesa do salão, Nick envolveu-o em volta do pescoço dela, mantendo ambas as extremidades em suas mãos para puxá-la suavemente para a frente enquanto se inclinava para baixo até que estiveram nariz com nariz.

— Não vamos. — a beijou, suave e gentilmente, sentiu a sua influência em seu corpo com um pequeno gemido. Mas não deixou por último, levantando a cabeça para sorrir para ela. — Pronta?

— Sim.

— Para o jantar, quero dizer.

— Mmmm. Quero dizer, sim. — piscou e limpou a garganta.

— Isso é exatamente o que quis dizer.

— Claro que sim. — Colocando o dedo na ponta do nariz, Nick endireitou-se e abriu a porta para ela precedê-lo. — Onde está a chave da porta?

—Aqui. — ergueu-a enquanto passava.

Pegou-a cuidadosamente, empurrando-a à sua frente quando ela parou com um protesto em seus lábios.

— Posso trancar a porta, você sabe — disse ela.

— Sei. — trancou as portas com segurança, entregou a chave novamente para ela e conduziu-a até o Landcruiser. — Cara, está frio esta noite.

Colocando-a no banco do passageiro, correu ao redor do capô, sua respiração fazendo fumaça. Assim que ligou o motor e o aquecedor, ambos suspiraram de prazer quando o calor os envolveu.

Vários carros estavam estacionados do lado de fora do pub, e correram para fugir do frio. Não havia muitas pessoas ao redor, embora Nick reconhecesse Bill, o cozinheiro do café, sentado no bar. Bill acenou e Nick retribuiu o cumprimento. Em seguida colocou a mão nas costas de Bree e conduziu-a para o salão de jantar.

— Talvez devesse colocar um volante em minhas costas — comentou.

— E onde estaria a diversão nisso? — puxou a cadeira para ela e esperou que sentasse antes de sentar na cadeira à sua frente.

Bree olhou ao redor. — Noite tranquila.

Havia apenas outro casal no salão de jantar e cinco clientes no bar.

— Provavelmente todos estão em casa na frente do fogo — Nick sugeriu.

— Bom lugar para estar.

Olhou do bar para ela. — Não queria sair?

— O quê? Quer dizer, sim, queria vir. Apenas digo que nas noites frias de inverno deitar-se no sofá com um bom livro ou um filme de terror é um bom lugar para se estar. — cruzando os braços, inclinou-se sobre a mesa e sorriu para ele. — Também é bom sair, comer e compartilhar *top secrets*.

— Falando em *top secrets*... — Nick se olhou — Como lida estar no frio e chuva em uma caçada UFO quando prefere estar deitada no sofá?

— Ei, nunca disse que prefiro. Disse que é um bom lugar para estar. Mas também gosto de sair em uma caçada a OVNI.

— No frio e úmido.

— Existem capas de chuva e botas de borracha. Sabia disso?

— Sei que está cheia de atrevimento.

— Faremos a contagem regressiva novamente?

Sabia que seus olhos tinham um brilho lupino. — Quer?

Ela corou. — Mudando de assunto. — fez uma pausa. — Não, espere, vamos falar sobre algo.

— Isso parece intrigante. — cara, sempre ficava, especialmente em relação com o que acabara de dizer. — E se conseguir algumas bebidas e nos contentarmos com um bate-papo agradável?

— É melhor fazer o meu forte. Suco de laranja puro, sem gelo.

— Mulher resistente. — rindo, Nick foi até o bar, retornando com o suco de laranja para Bree e uma Coca-Cola para si mesmo.

— Rum e Coca-Cola? — adivinhou. — Para uma conversa agradável?

— Sem álcool, querida, estou dirigindo. Se não estivesse, tomaria uma cerveja light.

— Posso te levar para casa se quiser uma cerveja.

A mulher nunca deixava de surpreendê-lo. — Isso é muito bom, mas estou bem com Coca-Cola. Não preciso beber para me divertir.

Seu sorriso praticamente reluziu.

Tomando um gole de Coca-Cola, olhou-a por cima da borda.

— Então, sobre o que quer falar?

O sorriso desapareceu, uma pitada de cor manchando suas bochechas. Olhando para baixo, passou os dedos para cima e para baixo do copo de suco de laranja.

— Uh... bem...

Interessante. Nick assistiu em antecipação curiosa. Com Bree, nunca sabia o que ela diria a seguir.

— Uh... sim... hummm. — tomou um gole de suco de laranja, ergueu os olhos para o teto e franziu a testa.

— É tão ruim? — perguntou.

— Apenas pensando em como falar.

— Quer um conselho?

Seu olhar caiu para o dele. — Seja direta.

— Costumo fazer isso.

— Então o que te parou desta vez?

Descansando um cotovelo na mesa, levantou a mão para enrolar uma mecha de cabelo castanho ao redor seu dedo indicador. — Nada.

Silenciosamente, a observava.

Suas bochechas ficaram um pouco mais coradas.

— Gosta de disciplina doméstica?

Ele piscou. — Eu o quê?

— Essa coisa de contagem regressiva...

Ah. Virando a cabeça para um lado, a analisou.

— Sei que alguns casais gostam de disciplina doméstica. Isso é bom, isso é a sua coisa, mas eu... — encolheu os ombros, olhou-o corajosamente nos olhos. — Não faço isso.

Nick ergueu as sobrancelhas. — Você acha que faço?

— Essa coisa de contagem regressiva ontem... Nick, não posso estar em um relacionamento onde tenho que analisar tudo que digo no caso de te irritar e você... você sabe.

Merda. Arruinou tudo. Esticando o braço, colocou sua mão sobre a dela. — Querida, sinto muito se te dei essa impressão. Não, não curto disciplina doméstica. Você é uma mulher independente e às vezes posso ultrapassar a minha marca em querer protegê-la. Discordaremos. Você é livre para discordar, assim como não bancarei o disciplinador, ok?

— Tudo bem. — parecia aliviada. — Ontem...?

Ele olhou-a. Até onde ir?

— Vamos, Nick, seja direto. Se estivermos esclarecendo as dúvidas entre nós, então é a sua vez. — Quando ainda

permaneceu em silêncio, ela estreitou os olhos para ele. — Verdade.

— Tudo bem. — de repente, ele assentiu. — Não estive em muitos relacionamentos, certamente nada sério. É da minha natureza ser protetor com aqueles que me interessam.

Ela assentiu encorajando-o.

— Posso tolerar um monte de coisas.

Outro aceno de cabeça.

— Mas não tolerarei que se menospreze.

Sem aceno neste momento. Bree apertou os lábios. — Era brincadeira.

— Não, não era — respondeu sem rodeios. — Você é uma mulher bonita com uma confiança que muitas vezes faltam em mulheres do seu biotipo e não deixarei diminuir sua confiança em um momento de autodúvida.

— Eu não...

— Também valorizo a verdade entre um casal.

Ela fez uma pausa. Pensou sobre isso. Franziu o cenho.

— Para uma relação funcionar deve haver honestidade e respeito — afirmou Nick calmamente.

— Concordo. Mas...

— Não há 'mas'.

— Veja, é esse tipo de coisa que me irrita.

— Isso é apenas como sou, querida.

Olhou para ele por alguns segundos antes soltar uma pequena risada. — Sério? Tentará *isso*?

— Funciona para você. — sorriu. — A igualdade em um relacionamento, amor.

— Oh, então acho que isso significa que se você se menosprezar, terei que fazer a contagem regressiva de cinco segundos?

Recostando-se na cadeira, bateu as pontas dos dedos de uma das mãos sobre a mesa e a observou. Cara, com esse sorriso moleca no rosto e aqueles olhos brilhantes com uma malícia ousada... parecia uma duende travessa. Uma duende muito exuberante, sedutora e sexy. Poderia comê-la. *Um dia.... em breve...*

— Claro.

— Sério?

— Sim. Regra dos Cinco Segundos aplicada a qualquer um de nós que se menosprezar.

Desconfiada, seus olhos se estreitaram. — Você não se menospreza.

Ele sorriu levemente.

— Não acho que seja justo.

— Querida, tudo que precisa fazer é se lembrar de não se menosprezar.

— Mas...

— Veja, é esse tipo de coisa me irrita.

— Não me cite, garoto.

— Não está tão segura de si mesma?

— Só tenta me fazer concordar com essa ideia ridícula.

— Com medo? — sorriu.

Bree franziu a testa.

Nick continuou sorrindo. *Espere. Espere.*

— É um acordo redundante de qualquer maneira, porque não me menosprezo. — jogou a cabeça.

— Ótimo saber. — balançou a cabeça. — No caso, o acordo está de pé porque não tem nada para se preocupar.

Durante vários segundos, observou-o antes de um sorriso aparecer em seus lábios. — Você é tão cheio de merda.

Nick riu. *Você não tem ideia.*

—Tão brincalhão.

— Claro que sou. — esperou até que ela desviou o olhar antes de acrescentar — Ou talvez não.

Olhou novamente para ele.

— Acho que terá que quebrar o acordo para descobrir. — E como terá.

Com um suspiro, ergueu o copo de suco de laranja.

—Vamos ver quem quebra primeiro.

— Dizendo-me que não será você?

— Sou uma mulher linda, com um corpo lindo de morrer. — sorriu — E você? — Inclinando o copo nos lábios, olhou para ele com ousadia sobre a borda.

— Sou um bonito diabo que compra preservativos de grande porte. — olhou-a engasgar com o suco de laranja e recobrar a compostura ofegante antes de acrescentar — Nas caixas de tamanho econômico. — Pegando vários guardanapos de papel do suporte no meio da mesa, gentilmente lhe entregou. — Aqui, querida.

— Idiota. — apertou a sua mão. — Irei ao banheiro lavar as mãos. Agora estão grudentas com suco de laranja graças a você.

— Apenas sendo honesto.

— Pode pegar essa expressão inocente e enfiá-la em seu...

— Cinco. — Diante de sua expressão de espanto, começou a rir, levantando as palmas das mãos. — Brincadeira! Vá lavar as mãos e pedirei algo para comer. — rindo, a viu levantar-se.

— A vingança é doce — ela ameaçou.

— Olhando para frente. Tem preferência para o jantar?

— Soldado no palito.

— Querida, pode me comer quando quiser.

Bree corou e riu. — Seu merda. — virando, disse por cima do ombro — Estou com desejo de filé, batatas fritas e salada. Bife bem passado.

— Entendi. — ainda sorrindo, Nick foi para o bar fazer o pedido. Quando se afastou, viu Paul parado a seu lado.

— Bom dia — Paul cumprimentou-o. — Data⁶?

— Cinco de junho.

— Bonito. — Paul apontou o polegar para a porta do outro lado da sala que leva para o corredor e sanitários. — Vi a cabeleireira que estava sentada à sua mesa indo para o banheiro.

— Muito observador.

— Nada passa por mim. — Paul piscou.

⁶ Em inglês, **date** é usado para encontro e também para data

— Com sua esposa grávida, diria que o buraco no preservativo passou por você.

— Ei, foi uma gravidez planejada.

— Claro. — Nick bateu em seu ombro. — Continua se convencendo.

— Espere até que seja você, companheiro. Espere até que tenha uma bola e uma corrente e deseje adicionar um par de algemas a ele.

— Essa é uma maneira original de descrever o casamento e as crianças.

— Não sou nada além de único.

— Não me gabaria disso em público, se fosse você.

Paul mostrou-lhe o dedo do meio.

Nick riu.

— Espere um minuto. — Paul fez o seu pedido ao bartender antes de voltar a enfrentar novamente Nick. — Então... e a vida militar.

Nick ergueu as sobrancelhas.

— Planeja voltar?

— Esse é o plano nesta fase.

— Quero dizer de forma permanente.

Nick deu de ombros.

Paul acenou para o garçom quando pegou o copo de cerveja e um copo de limonada.

— Obrigado. — começou a andar em direção a uma mesa distante. — Sua garota ainda não voltou, provavelmente está tagarelando com Becky no banheiro. Ouça, Nick, você faz bons reparos e trabalho de faz-tudo.

— Obrigado. — curiosamente, Nick parou na mesa de Paul quando abaixou os copos.

Endireitando, Paul o observou a sério. — Já pensou em fazer trabalhos de reparação para se sustentar?

— Está me oferecendo um emprego, Paul?

— Apenas dizendo que temos oportunidades para um bom faz-tudo em Whicha e arredores.

Nick colocou as mãos nos bolsos. — Sim.

— Boas oportunidades.

— Percebi.

O olhar de Paul era constante. — Já pensou em deixar os militares?

— Sim. — surpreendeu Nick que realmente admitisse isso para Paul, mas gostava do homem e o respeitava. — Sim, tenho pensado nisso.

— Então o que te segura?

— Estive no serviço militar desde que tinha dezoito anos. —
Nick deu de ombros.

— E...?

— Adoro.

— Mas já pensou em sair. — os olhos de Paul eram astutos.

— Sim, penso.

— Onde iria?

Nick sorriu levemente. — Acho que sabe.

— Aqui.

— Sim.

Paul sorriu de volta. — É um ótimo lugar para estar. Criar uma família, ter um emprego.

— Percebi.

— Mas o serviço militar está em seu sangue também.

— Sim. — Nick pensou nas coisas que viu, nas coisas que fez. — O exército fez muito por mim. Já vi muito, aprendi muito. É uma boa vida.

Paul esperou alguns segundos antes de perguntar.

— Mas?

— Mas... — revirou os ombros, franziu a testa ligeiramente.
— Não é tudo. Não para mim, de qualquer maneira.

— Coceira nos pés?

Nick pensou antes de admitir. — Estou chegando a uma encruzilhada, Paul. Em mais cinco meses o meu tempo termina e nem me realistei ou saí.

— Alguma ideia do que fará? — Paul tomou um gole de sua cerveja.

— Estou pensando... — Nick exalou, esfregou o queixo. — Estou pensando seriamente em não realistar.

Paul assentiu.

— Pensei sobre isso por um tempo.

Paul olhou para trás de Nick depois novamente para ele. — Voltar a Whicha tem algo a ver com isso?

— Também — admitiu. — Pensei nisso por algum tempo e agora estou aqui, redescobrimo meu amor pelo trabalho de faz-tudo. E o controle da minha própria vida e decisões. — olhou através da grande janela do pub sobre o ombro de Paul, observava as luzes do carro ao longo da estrada principal. — Preciso de uma nova direção.

— Muito no que pensar.

— Sim.

— Já conversou com Alex sobre isso?

— Ele sabe que penso sobre isso.

— O que ele te disse?

— Que tenho que tomar minhas próprias decisões.

— Suficientemente grande e difícil para fazê-lo sozinho, não é?

Nick sorriu. — Alex é direto.

— Também é do Exército.

— Não há dúvida sobre isso.

— Acha que ele desistirá?

— Um dia. Ainda não.

— Fala de aposentadoria ou de não realistar-se?

— Não faço ideia. O que sei é que tudo o que acontece, ele primeiro fala com Harly. Até então, é do Exército. — Nick olhou para Paul. — E você?

— Merda, cara, sou um menino do interior de ponta a ponta. Meu trabalho, casa e família estão aqui e aqui é onde quero estar. — olhou novamente sobre o ombro de Nick. — Aqui vem a bola e uma corrente agora.

Divertido, Nick se afastou para ver Becky e sua barriga saliente liderar o caminho.

— Onde está a sua primeira algema?

— Os avós estão cuidando dele. — Paul mudou-se para a frente, colocou a mão na cintura de Becky enquanto ele sorriu para ela. — Como está a fábrica de água, baby?

Ela lhe deu um olhar azedo. — Sério? Perguntou sobre a minha bexiga na frente de outro homem?

— Ele é do Exército — disse Paul, como se isso explicasse tudo. — Nada pode chocá-lo.

— Ele pode se chocar se eu o estrangular.

— O que fiz agora?

Becky deu a Nick um longo e sofrido suspiro.— Será que realmente preciso explicar isso a ele?

— Ele é Paul — Nick respondeu gentilmente. — Faça o que precisa fazer.

Ela riu, Paul parecia genuinamente intrigado. Virando, viu que Bree conversava com Leticia, a garçonete de tempo parcial depois do café.

Bree parecia feliz, com um sorriso genuíno, seu riso despreocupado levemente enchendo o ar. A mulher era sol e diversão, uma encantadora mistura de doçura e independência.

Sim, Whicha o atraiu em mais de um sentido. Não era a própria cidade, a área que gostava, as pessoas que ganhou

como amigos, o estilo de vida, a promessa de um novo começo... e depois havia Bree.

Somente a conheceu pessoalmente há pouco tempo, mas sabia, assim como queria fazer de Whicha sua casa, que queria fazer de Bree a sua esposa.

Capítulo Sete

Separando cuidadosamente com os dedos e puxando uma mecha de cabelo, Bree penteou, alisou-a sobre o papel alumínio, passando cuidadosamente a solução e dobrando a folha para cobri-la, abaixou um pouco e começou a próxima seção do cabelo de Sarah.

A conversa no salão de beleza e cabelo de Bella estava animada, sua chefe e outra cabeleireira, Michelle, conversavam com seus clientes enquanto arrumavam os cabelos.

A conversa era sobre OVNI e a última afirmação de Charlotte que viu inúmeras luzes sobre os campos de Ted na noite anterior.

Bella olhou para Bree. — E?

— E o que? — Bree respondeu.

— E o que acha?

— Na verdade, não penso em nada agora. — O que era uma mentira, pois realmente pensava em certo menino soldado e quão fofo era. Se robustamente bonito poderia ser rotulado de 'fofo', mas algumas das coisas que fazia certamente poderiam ser rotuladas de bonito.

Como sentar-se no sofá na noite anterior com Sheba empoleirada no braço *conversando* com ele em seu miado estridente. Dê um crédito ao homem, ele mal se encolheu. Bast estava deitada de costas no colo dele, tendo sua barriga suavemente esfregada enquanto suspirava o ar em êxtase.

Agora, isso era fofo. O grande e resistente, menino soldado entretendo os gatos.

— Sério? — Sarah interrompeu os pensamentos de Bree. — Mas OVNI é sua coisa.

Bree sorriu para o reflexo de Sarah. — Só OVNIIs? Tem certeza?

— Não me diga que há mais nessa sua cabeça louca.

— Sabe que suas preciosas mechas estão em minhas mãos agora, não é?

— Não me diga que há mais nessa sua cabeça inteligente.

— Boa saída — disse Michelle em admiração. — Mas diga, Bree, e estas luzes?

— Não estava lá, então, só posso me guiar pelo que Charlotte diz.

— Mas é estranho que seja a única a ver as coisas — Bella observou.

— Bem, o filho de Ted, David e seu amigo Ken viram luzes e coisas — disse Michelle. — Portanto, não é apenas Charlotte.

— Dois adolescentes e uma mulher impressionável? — Margie, cliente de Bella, deu um suspiro maior do que Bella. — É uma boa combinação. Dois provavelmente chapados das drogas e a outra em seu medicamento para artrite.

— Ouch. — Bree franziu a testa um pouco. — Maldade.

— Diz que acredita neles? — Margie franziu as sobrancelhas

— Disse que acredito que disseram que viram. Não vi as luzes na noite passada.

— Mas o que aconteceu na noite de sábado? — Jan, cliente de Michelle, olhou para Bree pelo espelho. — Ouvi dizer que você e seu namorado estiveram lá no domingo bisbilhotando com todos os tipos de equipamentos eletrônicos, por isso acredita neles.

Calmamente, Bree secciou mais do cabelo de Sarah e limpou-o com a solução. — Vi uma luz e dois feixes de laser na noite anterior.

Houve espanto em todos os cinco rostos que a observavam.

— Fala sério? — Bella perguntou.

— Absolutamente.

— Então, o que achou? — perguntou Sarah ansiosamente.
— Havia marcas de queimaduras e essas coisas?

— Ora, Sarah, estudou marcação de espaçonave?

— O Google é a minha biblioteca.

Michelle revirou os olhos. — Deus nos ajude. Então *deve* ser verdade.

— Você sabe... — Bree dobrou a folha de estanho, abaixou-a e começou outra seção do cabelo. — Qualquer um pode fazer um site e postar qualquer coisa nele.

— Diz que todos os sites de OVNIIs são falsos?

— Digo que precisa ter cuidado com o que acredita. Se estiver realmente interessada te darei alguns sites genuínos.

Bella balançou a cabeça. — Às vezes é estranha, Bree. — lançou-lhe um olhar afetuoso. — Estranha de uma boa maneira.

— Estou aqui para servir. — Bree apontou para a cabeça de Sarah. — Vê? Servir.

— Voltemos para o avistamento alienígena — disse Jan. — O que encontrou?

— Nada. Absolutamente nada.

— Por isso era falso. — Jan bateu o pé em alegria.

— Muito possivelmente.

— Acabou de dizer que não encontrou nada.

— Então o que acha que era? — Bella perguntou curiosa.

— Pessoalmente, acho que alguém brincava, tentando despertar rumores de atividade alienígena.

— Besteira — Jan murmurou.

— Isso não quer dizer que algo não esteja lá fora e isso não quer dizer que estou errada. — pegando a expressão dúbia de Jan pelo espelho, Bree sorriu. — Até onde sei e em minha opinião, era falso atrás do morro. Mas essa é apenas a *minha* opinião.

— Pensei que fosse uma caçadora de OVNI toda poderosa?

Hummm, prejuízo definitivo aqui. Bree a olhou. — Não sou uma especialista. Só passo o que sei e vejo, investigo o que não vejo se isso me interessa bastante.

— Sério? — habilmente, Michelle enrolou um grande bobs no cabelo de Jan. — Só verifica o que lhe interessa?

— Sim.

— Não verifica cada aparição?

— Não.

Houve um silêncio no salão de beleza por vários minutos enquanto todos ponderaram seus pensamentos.

Bree estava mais do que feliz para refletir sobre seus próprios pensamentos. Nick estava com ela uma grande parte do tempo. Veio várias noites nesta semana, a primeira noite para verificar a porta da sua velha caminhonete. Conseguiu

arrumá-la para abrir e fechar de modo que não precisasse rastejar entre os assentos para chegar ao volante, mas não conseguiu fazer a janela abrir. Nada demais, a porta seria substituída logo que a nova... bem, *nova de segunda mão*, chegasse a oficina. Enquanto isso, poderia usar a porta.

Sorriu para si mesma ao lembrar que Nick consertou o suficiente para ela usar. Jogou os braços ao redor de seu pescoço e o beijou. Ele retribuiu com um sorriso e entusiasmo, em seguida, um monte de entusiasmo, em seguida, muito mais entusiasmo, e antes que percebesse estava fortemente pressionada contra ele em um beijo que foi de leve e prazeroso para um mais inteiramente quente e definitivamente mais feliz. Profundo — carnal, de fato.

No momento em que Nick colocou um pouco de espaço entre eles, suas mãos estavam sob seu suéter e camisa, as palmas das mãos em suas costas musculosas, toda aquela pele suave sobre os músculos definidos quentes e tentadores.

Os dois respiravam com dificuldade, Nick realmente inclinou a cabeça para trás para respirar profundamente várias vezes. Então riu para ela, seus olhos estavam escuros e quentes. Mas não colocou as mãos sob a sua camisa. Praticamente devastou sua boca, mas não desviou as mãos nenhuma vez da cintura.

Caramba. O homem acelerava o seu motor. Mas forçou a questão, tentou coagi-la a se entregar a um pouco mais de pegação? Não, não fez. Ele foi o Sr. Perfeito, sentado na

cadeira de balanço ao seu lado observando a chuva cair, tomando uma caneca de chocolate quente, Sheba colada a seu lado. Um braço musculoso nas costas da cadeira de balanço, o polegar distraidamente passando rapidamente ao longo de sua nuca enquanto compartilhava lembranças de infância.

Nem uma única vez tocou em seu seio. Caramba.

Porque a respeitava.

Bree suspirou. Tão cavalheiro. Deveria estar em êxtase e não desapontada. Oh, adorava que respeitasse seus desejos, que não tentasse convencê-la a desistir de sua virgindade, mas caramba, ele podia ser um pouco mais entusiasmado, não é? Um pouco mais de desejo?

Oh, espere. Havia uma protuberância definitiva na frente de sua calça jeans, uma expressão um pouco de dor em seu rosto quando estava na cadeira de balanço. Bree apertou os lábios. Pensou que a expressão era por causa de Sheba quando o viu e gritou de alegria antes de correr pela porta da frente para atirar-se em seu colo, mas agora que pensava nisso... sorriu. Sim, o soldadinho não era *tão legal*. Mas ainda respeitoso.

Isso é o que queria, certo?

— Então não gasta todo o seu tempo livre perseguindo OVNI? — perguntou Sarah.

Bree saiu de seus pensamentos desconcertantes. — Não agora.

— Mas fazia antes, apesar de tudo.

Ok, isso não era amigável e não era só um pouco de curiosidade. Bree sorriu. — Um pouco. Mas trabalhei isso, também.

— Fazendo o quê?

Bree balançou a seção de cabelo que acabara de separar do resto do cabelo de Sarah.

— Oh. — Desapontada, Sarah suspirou.

— Tenho uma vida, além de perseguir OVNIIs. — Bree posicionou cuidadosamente o papel alumínio por trás das costas.

— Então, é realmente apenas um hobby? — Michelle tomou outro bob da cesta de trabalho ao lado dela.

— Hobbies podem ser sérios — Bella anunciou. — Olhe minha mãe. Faz crochê como um passatempo e ganha dinheiro com a venda de todos os macacões, casacos e mantas que tricota.

— Isso é verdade. — Jan mexeu em sua cadeira um pouco, e voltou a cruzar as pernas. — Até colecionar selo.

Michelle riu.

Jan ignorou. — Meu tio vendeu um selo raro por dez mil dólares.

Boquiaberta, Michelle parou de rir e olhou para o reflexo de Jan. — Dez *mil* dólares?

— Começarei a colecionar selos — Bella disse a Bree.

— Mais rentável do que caçar OVNIIs — Bree concordou. — Selos conseguem dinheiro.

— O que a caçada a OVNIIs faz você ganhar?

— Se for realmente azarado, uma cela acolchoada e uma bunda dolorida.

Sarah ficou boquiaberta. — Pelo que?

— As celas acolchoadas de autoridades que pensam que está louca e a bunda dolorida de sondagem alienígena.

— Bree! — Bella bufou uma risada.

Sarah deu uma risadinha. — Meu Deus! Não disse isso!

— Não gosto de me gabar, mas... — Bree deu de ombros modesta.

Mesmo os lábios de Jan se contraíram em diversão.

— Veja bem, se o alien for um pedaço de mau caminho.

Michelle sorriu. — Ou se estiver em uma caçada a OVNIIs com um namorado bonito. — O olhar que enviou a Bree era astuto. — Pense... um robusto, quente e saboroso soldado.

— Humm, sim. — Bella acenou com a cabeça. — Nick é um bom homem.

Não adiantava negar. — Isso ele é — Bree concordou.

— Agora uma bunda dolorida por causa dele seria bom — Jan murmurou, apenas para parar em horror quando viu as sobrancelhas levantadas de Bree. — Oh, eu... de Nick, seu namorado. Esqueci. Sinto muito, eu...

— Não se preocupe. — Bree sorriu. — Ele é gostoso, não há dúvida sobre isso. — fez uma pausa. — E é todo meu. — lançou um olhar para Jan.

Sim, a vadia recebeu a mensagem em silêncio, suas bochechas corando um pouco quando desviou o olhar.

Meu homem. Bree não era normalmente territorialista quando se tratava de homens, mas não teve um homem a quem se sentisse tão fortemente atraída. Outras mulheres olhando para ele, podia até entender, mas não ser tão ousada a ponto de *vomit*ar suas fantasias em voz alta. Mesmo uma mulher de temperamento brando como ela. *Não sou tão tranquila, senhoras. Fantasiem em particular.*

Houve silêncio por vários segundos no salão quando todas tentaram pensar em algo para dizer.

Não sendo de guardar rancor, Bree quebrou o silêncio pela primeira vez. — Então, falando de bundas doloridas, quem faz sexo anal?

Sem medo de sua chefe castigá-la por trazer à tona o assunto, Bella trouxe alguns assuntos muito picantes com as clientes. Amava os assuntos mais picantes, assim como algumas clientes, como as três sentadas nas cadeiras agora.

Bella não esperava por isso. Ela engasgou, o rosto ficando vermelho quando tossiu.

Michelle quase cortou seu próprio dedo quando pulou em surpresa, enquanto Sarah, Jan e Margie engasgaram.

— Oh meu Deus! — Margie engasgou. — Bree!

— Vamos lá, ouvi que algumas mulheres gostam. Quem está a fim de uma confissão?

Surpreendentemente, foi Jan quem falou. — Não há nada de errado com anal.

Bella enxugou os olhos. — *Você faz anal?*

— Quando era mais jovem. — quase desafiadoramente, Jan ergueu o queixo. — E, se feito corretamente, não é tão ruim assim.

— Isso é o que ouvi. — Bree colocou a última folha de estanho na seção de cabelos embrulhado e abaixou.

— Ouvi falar — Margie confessou. — Quem não ouviu hoje em dia? Mas tenho medo de não gostar.

Sarah se remexeu. — Parece... nojento.

— É, primeiramente — Bree sugeriu. — Lave essas tubulações antes de começar.

Bella engasgou novamente, prendendo a respiração.

— Bree, está me matando.

— Você fez — afirmou Jan, observando-a de perto.

— Não. — Bree balançou a cabeça. — Alguém que conhecia fazia. Regularmente. — A sua mãe, na verdade. Humm, talvez não fosse o melhor tema para criar. Pensar em sua mãe e em sexo anal ao mesmo tempo era... eca... ninguém deve pensar em seus pais e sexo de qualquer tipo ao mesmo tempo.

Todos sabem que seus pais não fazem sexo. Seus filhos só apareceram fora do canteiro de repolho ou da cegonha ou no que quiser acreditar. Definitivamente seus pais não fizeram *a coisa*. Isso não aconteceu.

— Você é a favor ou contra o sexo anal? — perguntou Sarah.

— Não sou nenhum dos dois. Cada um na sua. — Bree começou a limpar seu carrinho de trabalho.

— E qual é a sua? — Margie consultou.

Bree levantou a cabeça e viu todas as cinco observando-a com curiosidade. — Senhoras, para mim, particularmente, a porta dos fundos é para saída, não entrada.

— Oh meu Deus! — Bella tapou os ouvidos. — Bree!

Michelle riu.

Margie assentiu. — Sim, pra mim também.

Jan deu de ombros. — Eu gosto.

— Já que estamos neste assunto fascinante — Bella disse,
— Qual é posição sexual favorita de todas?

Bree usou limpar o carrinho de trabalho como desculpa para despedir-se da conversa e sair pelos fundos. O telefone que tocou a manteve ocupada e escutava as gargalhadas surpreendentemente intensas das conversas provenientes da área de trabalho.

Este era um assunto no qual era melhor tentar fingir que conhecia. Claro, poderia falar sobre posições sexuais, sua mãe guardou algumas revistas muito picantes e as conversas entre sua mãe e seu último amante nunca foram tranquilas, então Bree não era estúpida. Mas nunca teve relações sexuais, por isso, falar de posições favoritas...

Perguntou-se sobre a posição favorita de Nick. Será que gostava de sexo anal? Estilo cachorrinho? Papai e mamãe?

Quando arrumou as revistas na mesinha na sala de espera, ficou um pouco quente e incomodada. Nick era um amante fácil de lidar? Intenso? Imaginou que poderia ser bastante intenso se ajustasse sua mente para isso.

Bree passou o dedo pelo decote da sua blusa, olhando pela janela.

Por falar no cara sexy, lá estava ele, passando na rua com as mãos nos jeans. Andando com Alex, que caminhava ao lado dele. Estavam parados no degrau, olhando ao redor. Apostou que, mesmo inconscientemente, procuravam por problemas enquanto desfrutavam do dia. Tão acostumados a viver em zonas perigosas. Não era difícil imaginá-los de uniforme, armas prontas, em alerta.

Alex disse algo e Nick riu. Cara, ele era uma bela visão. Cruzando os braços, o observava. A luz do sol capturou os reflexos dourados naturais em seu cabelo, seu forte perfil — linha da mandíbula, nariz, testa. Corpo alto e músculos. De jeito algum podia culpar as mulheres por fantasiar sobre ele, mas ele era o *seu* menino soldado.

Seu olhar vagou sobre ele. Aqueles ombros musculosos, essas mãos grandes, aquelas pernas longas e fortes. Aquela bunda apertada. O homem tinha *a bunda*. Nunca soube o que era uma bela bunda até que viu a dele. Talvez tenha se tornado um pouco obcecada. Isso era saudável? Bree sorriu. Não sabia e não se importava. Ele era o seu namorado, cobiçaria tudo o que quisesse.

Namorado. Isso tinha um som agradável. Teve alguns namorados, mas nenhum sério. Certamente não sério o suficiente para imaginar como seria na cama. Para realmente contemplar como seria tê-lo sobre ela, a sensação de suas mãos correndo sobre seu corpo nu... a sensação da pele nua de Nick contra a dela.

Cara, o salão de beleza ficou mais quente ou o quê?

Nick entrando nela...

Deus, era melhor Bella verificar o problema de ventilação. Bree respirou fundo, observando Nick e Alex atravessar a estrada.

Bem fundo quando começou a se mover...

Nick e Alex desapareceram na garagem da oficina.

— Bella?

— Sim?

— Abrirei a porta por algum tempo, deixar um pouco de ar fresco entrar aqui.

— Claro.

A brisa bateu em Bree assim que abriu a porta de vidro, esfriando suas bochechas quentes.

Era uma pena que não pudesse esfriar o calor dentro dela.

Ah. Portanto, não era a ventilação. Fantasias estúpidas.



— Essas mulheres no salão de cabeleireira são atrevidas. — Paul entrou no sala que trabalhavam.

Nick olhou para cima de onde segurava uma placa enquanto Smithy prendia com uma pistola de pregos.

— O quê?

— Vamos parar para o lanche. — Paul apontou para a porta.

— Maryanne tem café e biscoitos para nós lá fora.

Endireitando os joelhos, Nick revirou os ombros.

— O que é isso sobre mulheres atrevidas?

— Não importa. — Smithy passou por ele. — Escutei *café*.

— E eu escutei *mulheres atrevidas*.

Paul olhou de soslaio.

— Achei que se focaria em *cabeleireira*.

Seguindo-o, Nick disse por cima do ombro para Alex. — Ouvi cabeleireira atrevida. É um crime?

— Considerando quem namora, acho que não.

Na porta traseira havia uma caixa de copos para viagem com fumaça saindo deles, juntamente com um prato de Tim Tams. Os homens pegaram seus copos e alguns biscoitos cada, então empoleiraram onde podiam. Paul e Smithy firmaram a porta da bagageira, Mack pegou o tambor vazio de óleo, Alex se sentou em um pallet e Nick encostou-se na frente do velho Holden Commodore de Smithy.

Inalando o vapor do café quente, Paul estreitou os olhos.

— Então, as mulheres no cabeleireiro falavam sobre sexo, esta manhã.

Smithy não parou de mastigar o Tim Tam.

— Mulheres e sexo. O que é surpreendente nessa combinação?

— As mulheres sempre falam sobre sexo, não é? — Mack tomou um gole tentativo do café. — Merda. Quente.

— Maldito gênio — comentou Paul.

— O que as cabeleireiras diziam? — perguntou Nick.

— Quer dizer uma em particular? — Mack piscou. — Vai tentar entender o que fazer para impressioná-la?

— Ao contrário de alguns idiotas aqui, sei muito bem o que fazer. Estou apenas curioso.

— Olha, elas leem todos os romances de merda. Tem uma ideia distorcida sobre sexo. — Mack empurrou seus quadris com força. — É assim que você dá a elas. — Outro impulso. — Só dê para elas.

— E ele se pergunta por que ainda é solteiro — comentou Alex.

— Deixe-me dizer-lhe — Paul apontou a metade do seu Tim Tam para Mack — tente essa merda em uma boa mulher e ficará com um zumbido no ouvido pelo tapa que levará.

— Ah. Algumas mulheres gostam de ser difícil.

— E algumas não. — Smithy soprou o vapor proveniente do copo. — Apenas precisa saber quando estão com disposição.

Alex e Paul trocaram olhares. A diversão era evidente nos olhos de Alex, enquanto havia escárnio nos de Paul.

— Bastardo idiota — disse Paul.

Alex assentiu.

— Escutei .

Mack olhou para Nick.

— Esses idiotas estão nas mãos das suas esposas. Você está solteiro, Nick, sabe do que falo.

— Confie em mim, se todos os homens agissem com as mulheres da maneira que aparentemente faz, então todos viveríamos de modo que o sexo em comunhão com inseminação artificial fosse a única maneira de procriar.

— E eu seria o seu namorado — Smithy disse a Mack.

— Improvável.

— Não gosto da direção que isso dará. — Paul tomou um gole de café. — Droga, Maryanne pode fazer um café beleza. De qualquer forma, no cabeleireiro, esta manhã o sexo frágil falava de levar pela porta dos fundos.

Nick engasgou com o Tim Tam, as migalhas espalhando enquanto tentava tossir. Até o momento que prendeu a respiração e os caras pararam de rir, olhou para Paul.— Jesus, homem, dê algum aviso!

— Ei, isso é o que disse a Becky, quando passei em casa para pegar a pasta que esqueci. Quase morri engasgado.

Balançando a cabeça, Nick limpou a boca na manga de sua camisa de flanela.

— Não importa a merda, nos diga sobre essa coisa de porta dos fundos — Mack falou.

— Pensei que tentou de tudo. — Paul arregalou os olhos em choque simulado. — Oh, querido, Mackie nunca bateu na porta dos fundos?

— Ei, já fiz isso muitas vezes. Só quero saber o que as mulheres falavam.

— Assustado que suas amantes anteriores trouxessem você à tona como assunto? — Smithy bocejou. — Não se preocupe. Seu pinto é tão pequeno que duvido que teria mesmo encostado a moldura da porta.

Nick e Alex sorriram enquanto Mack deu o dedo a Smithy

— Senhoras, por favor. — Paul deu uma mordida delicada no Tim Tam, o dedinho artisticamente torto. — Tento transmitir conhecimento.

— Fofoca, quer dizer. — Nick bufou. — Fofoca como um homem velho.

— Conhecimento. Transmito conhecimento. — Paul fez uma pausa. — Becky acha que fofoco. — olhou para Alex. — Acha que fofoco?

— Nunca. — o rosto de Alex era perfeitamente sério. — Agora diga-nos o que ouviu sobre a videira.

— Acho que está me zombando.

— Nunca faria isso. — Alex olhou para Nick. — Faria isso?

— Não é a sua cara.

— Está vendo? Nada para se preocupar, Paul.

— Bastardos. — Paul acenou ao redor de seu biscoito. — Agora, as mulheres falavam sobre trabalho nas portas dos fundos. Sério, quem faz... oh sim, Mack. Ok, pulando a imagem de revirar o estômago de Mack batendo na porta dos fundos de alguém, o que acham?

Nick ergueu as sobrancelhas. — Sério?

— Ei. Sério. O que acha?

— Quer saber se já fiz?

— Não, idiota. Merda, não. — Paul fez um movimento de engasgos. — Ouvir a confissão de Mack foi ruim o suficiente.

— Então o que quer saber? Porque preciso dizer, estou um pouco confuso.

— Pergunto o que pensa.

— De sexo anal?

— Estou cercado por idiotas? — Paul levantou as mãos, parou e pensou sobre isso. — Oh, espere... pergunta idiota. — suspirou profundamente. — O que acha das mulheres que falam sobre isso? Cara, é como arrancar os dentes.

— É essa a sua experiência de sexo anal? Parece doloroso.

— Tenho uma *pistola de pregos*, Nick. Agora *isso* pode ser doloroso.

Nick riu. — Vamos, suas bestas. O que acham sobre as mulheres falarem sobre *trabalhos* na porta dos fundos?

Alex deu de ombros. — Nunca pensei sobre isso.

— Eu sei, por isso que perguntei! — exasperado, Paul revirou os olhos.

— Não importa — respondeu Smithy. — Quero dizer, sobre as mulheres. Podem dizer e pensarem o que quiserem.

— Oh, odiador de mulher à esquerda. Esqueci sobre seu divórcio.

Smithy apenas o olhou com amargura.

Paul olhou para Alex. — O que acha?

— Não me incomoda.

Nick balançou a cabeça, mas teve que admitir que pensar em Bree discutindo o assunto era intrigante. O que ela disse?

— Hum. — Paul parecia pensativo. — Em seguida, falaram sobre posições sexuais. Suas favoritas.

Mack tomou um gole de café. — E depois dizem que tudo o que os homens pensam é em sexo.

— Sim. — Paul coçou a cabeça pensativo. —Aparentemente o estilo cachorrinho teve uma boa votação.

Nick arqueou as sobrancelhas Sério? Se perguntou o que Bree acrescentou a essa conversa. Disse que não dormiu com ninguém, então... vibrador? Ouviu que algumas mulheres usavam essas coisas, o velho falso pau com ou sem baterias. Será que ela tinha um?

Não que pudesse usá-lo enquanto se contorcia em posições diferentes. Adivinhou. Nunca analisou um vibrador, mas precisava segurá-lo, de modo que teria que tirar um pouco da graça da coisa. Não ser capaz de se entregar... Talvez lhe perguntasse...

Sorriu. Sim, podia imaginar seu rosto se lhe perguntasse isso, ela ficaria vermelha. Adorava quando ficava nervosa, mas tentava esconder.

— Posição do missionário também era popular. — Paul interrompeu seus pensamentos. — Por causa de todas essas coisas de proximidade.

— Proximidade — Mack ecoou.

— Olhando um no olho do outro, esse tipo de coisa. Você sabe, merda romântica.

Mack balançou a cabeça em desgosto. — Merda romântica. Isso é exatamente o é. Você transar com uma mulher não é romântico.

Nick olhou para Alex, pois definitivamente não concordava. O rosto do amigo não revelou nada de seus pensamentos, mas Nick podia ler. Alex também não concordava. Alex não apenas transava com Harly. Tudo o que sabia era que o que Alex e Harly tinham entre eles era especial, pois vislumbrou os olhos sonhadores de Harly quando surgiu na cozinha, certa manhã, o olhar quente que atravessou o rosto de Alex quando sorriu para ele. Não era uma simples transa e... merda, realmente fazia isso?

Nick balançou a cabeça, afastou os pensamentos de seus amigos que fazem sexo. Jesus, Paul deformou sua mente.

— Quando duas pessoas se amam de verdade, não é apenas transar — disse Alex em voz baixa, surpreendendo até mesmo Nick por se abrir. — É especial.

Mack ficou boquiaberto enquanto Smithy revirou os olhos.

— Apenas dizendo. — Alex calmamente deu uma mordida no seu Tim Tam, mastigou e engoliu.

Paul balançou a cabeça lentamente, uma seriedade desacostumada a aparecer em seu rosto. — É. Especial.

Mack olhou para Nick. — Ouviu essa merda?

Sim, ouviu. Mas não era merda. Longe disso.

— Diga-me que não sou o único homem além do odiador de mulher aqui, que tem um cérebro em sua cabeça — Mack falou.

— Quando encontrar alguém especial entenderá o que dizemos — disse Nick, sério.

— Jesus, você também?

Nick deu de ombros. — Apenas a minha opinião.

Mack se virou para Smithy. — Parece que somos apenas eu e você, companheiro. Apenas você e eu.

Smithy apenas o olhou e bebeu o café de sua caneca.

— Ou talvez voe baixo com relação a este assunto.

O silêncio pairou sobre o grupo de homens quando cada um se perdeu em seus próprios pensamentos.

Nick olhou para o copo de café que tinha em suas mãos. Nick não era nenhum santo, gostava de sexo com mulheres, a maioria sem rosto agora, algumas que provavelmente nem se

lembra. Não foi casto durante a sua vida, isso era certo. Mas a verdade era que nunca olhou para mais do que sexo com qualquer mulher, tanto quanto fazia com Bree. Com ela, apenas sabia que seria especial, não seria apenas sexo. Não importava em que posição, seria especial. Porque era Bree.

E queria a sua primeira vez fosse especial, merda e cada vez mais, depois. Toda vez com Bree seria especial, faria isso.

Mack quebrou o silêncio. — Se alguém aqui cantar uma maldita canção de amor desleixada, tirarei o resto do dia de folga.

— Não poderia cantar para salvar sua vida — Paul respondeu. — E se alguém tirará o resto do dia de folga, esse alguém sou eu. Sou o chefe.

— Estamos construindo este maldito café ou trocando histórias de amor? — Smithy jogou o copo para viagem de volta na caixa.

Paul olhou para o relógio. — Jesus, pago bastardos para sentar e fofocar? Vamos trabalhar!

— Tecnicamente, não paga a mim e a Nick — Alex lembrou.

— E?



Dirigindo para a casa de Bree, Nick olhou para o céu da manhã. Sol brilhando, previsão de um dia claro. Frio, mas não havia necessidade de colocar roupas pesadas. Tudo verde e fresco. Um fim de semana com sua querida. O que mais poderia desejar?

Concordou em ajudar Bree a fazer alguns reparos na casa e no galpão, embora se perguntasse por que não pediu ao seu senhorio. Certamente era sua responsabilidade, mas ainda era a decisão dela, não dele. Estava muito feliz em passar um tempo com ela, com a vantagem adicional de trabalhos de reparação. Definitivamente redescobriu o seu talento para isso.

Passando na calçada, dirigia pela pista e parou não muito longe da casa sob a árvore. Ao ver o que viu, fez uma careta, abrindo a porta rapidamente, enquanto tirava o cinto de segurança. — Droga, Bree! — caminhou sobre a grama.

Ela não o ouviu. Que surpresa. No leitor de cd na varanda tocava Unlove Me, de Leona Lewis, enquanto Sheba gritava um breve comentário a Bree de onde a pequena gata estava no degrau. Combinado, era o suficiente para deixar qualquer homem surdo.

No entanto, não diminuiu seu aborrecimento nem um pouco. Parando abaixo onde uma prancha longa foi escorada entre duas escadas, olhou para a bunda generosa balançando ao som da música.

Bree estava de pé sobre uma maldita prancha suspensa acima do solo entre dois degraus, enquanto pintava a parte superior da moldura da janela. Mesmo enquanto olhava, ela balançou uma perna e levantou o braço no ritmo da música enquanto cantava alguns trechos da canção.

Droga, a mulher podia cair e quebrar uma perna. Definitivamente não tinha nada que estar em uma prancha assim, balançando no ritmo da música não fazendo nada com segurança.

Em seguida, quase lhe causou um ataque cardíaco quando deslizou um pouco sobre a prancha.

Foi a gota d'água.

Indo até o CD player, Nick desligou-o. Sheba parou de miar quase que imediatamente. Talvez cantasse a música de sua própria maneira. Quem diria?

— Ei! — Bree virou a cabeça, um sorriso acolhedor em seu rosto. — Nick. Está aqui.

— Está louca? — voltando para a escada, levantou um dedo.
— Desça agora.

— Em um minuto, estou quase terminando de pintar esta janela.

— Agora.

Surpresa atravessou o seu rosto. — Está bem?

— Não, não estou bem. Nem estará em um minuto, se não descer daí agora.

A surpresa foi substituída por aborrecimento. — O que tem preso em sua bunda?

— Desça e não ganhará um tapa na sua.

Apontou o pincel para ele. — Pode querer guardar essa observação, Nick. — Deliberadamente, saltou um pouco sobre a prancha. — Qual é o seu problema?

Seu coração quase saiu pela garganta. — Merda! — correu para colocar uma mão na parte de trás de sua coxa.

— Caramba, o que há errado com você? — fez uma careta para ele.

— Você equilibrada em uma prancha que não é segura, Bree. Agora desça.

— Estou perfeitamente segura. — deu outro pequeno salto. — Vê?

— Não está segura. Agora, pela última vez, desça.

— Nick...

— Ou te descerei.

Riu na cara dele. Na verdade, teve a ousadia de *rir*.

— Você e o quê? Um guindaste?

Oh cara, ela não disse isso, não é?

— Sério, Bree? Você quer ir por aí?

Por vários segundos seu rosto estava confuso, então a consciência a atingiu. — Não ouse dizer o que...

— Cinco.

— Não irei...

— Quatro.

— Merda, Nick.

— Três.

— Não sou uma criança!

— Dois. — reajustou sua mão, deslizando-a mais para cima daquela arredondada coxa, dedos curvando-se para segurar com firmeza. Irritado ou não, se ela caísse e se machucasse, nunca se perdoaria.

— Você não pode só...

— Um.

— Vou descer! — Bree saiu de lado rapidamente, quase lhe causando outro ataque cardíaco quando a prancha balançou um pouco.

Tudo o que podia fazer era preparar-se para quando caísse, mas ao vez disso, correu para a lateral como uma profissional

equilibrista até chegar à escada, em seguida, ainda segurando o pincel na mão, virou-se e desceu.

Nick manteve as mãos nela todo o caminho, o abraço que foi de sua coxa apertando seus quadris com as duas mãos, deslizando até a cintura e depois sob os braços quando estava no chão.

Levantou o pincel em advertência. — Coloque uma mão em mim e baterei em você.

— Sim bata e não sentará por uma semana.

— Já me ameaçou.

— Tínhamos um acordo.

— Foi sua ideia idiota. Não concordo.

Agarrando seus ombros, a segurou mais perto. Olhando-a, deliberadamente, elevando-se sobre ela, Nick falou entre dentes cerrados. — Fez duas coisas erradas. Primeiro, degradou-se novamente...

— Foi uma brincadeira!

— Segundo, se colocou em perigo.

— Perigo? — o olhou. — Sei o que faço.

— Essa prancha não é resistente.

— Diz que sou muito pesada para ela?

— Digo que é uma prancha estreita e instável entre as escadas.

— Fiz isso um monte de vezes, Nick. Não sou idiota. O chão é firme debaixo das escadas, a prancha é forte o suficiente. Está exagerando.

— Não estou...

— Está. — aparentemente alheia ao pincel que pingava tinta branca na perna da sua calça, colocou os punhos em seus quadris. — Como acha que sobrevivi antes que aparecesse? Aprender como fazer as coisas eu mesma, é assim.

— Estou aqui agora, não há nenhuma necessidade de tomar esses riscos. — Nick passou a mão pelo cabelo. — Olha, já vi homens caírem. Não estava mesmo se concentrando em ficar sobre a prancha.

— Estava sim.

— Você dançava ao som da música!

—Nick. — cutucou-o no peito com o dedo sujo de tinta branca. — Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.

Besteira.

— Ao cair de uma prancha?

— Não caí.

— E se caísse?

— Ficaria com alguns hematomas.

— Poderia quebrar algo, então o quê?

Exasperada, respondeu. — Não sou indestrutível, Nick, mas não pode me envolver em algodão.

— Ah, posso.

— Idiota.

— Não me importo do que me chame, te protegerei, tanto quanto puder e se isso significa que pare de fazer algo que pode machucá-la, farei.

— Está se ouvindo?

Sim, estava e fazia todo sentido. Por que não podia perceber, não entendia.

— Nick, o que acontecerá quando voltar para o Iraque, Afeganistão ou mesmo Perth ou Melbourne ou algum outro lugar? Como me protegerá de tão longe?

— Terá um operário para fazer esses tipos de trabalhos.

Ela balançou a cabeça. — De jeito nenhum!

Que mulher teimosa! Poderia fazer um santo blasfemar.

— Não entende como tento impedi-la de se machucar?

— Isso é doce e realmente aprecio.

Poderia enganá-lo. Nick exalou alto.

— Não fique ofendido, soldadinho. Não pode ficar perto de mim 24 horas por dia, 7 dias por semana, mesmo se morasse em Whicha. E não pairaria sobre mim como um pintinho novo para o mundo.

Caramba. Ela tinha um ponto, podia ver isso, mas...

— Bree...

— Cinco.

Ele piscou.

— Quatro.

Que inferno.

—Três.

— O que faz? — perguntou.

— Fazendo um ponto.

— Isso não é um ponto.

— Sim, é. Quando faço algo que não gosta, fica todo irritado e começa essa contagem regressiva estúpida. Então sabe o quê? Não gosto do que faz, então também faço a contagem regressiva. Dois.

Bree podia amarrá-lo como nenhuma outra mulher. Em um minuto estava totalmente pronto para colorir o seu traseiro e no próximo, ela que fez seu senso de ridículo vierà tona.

Nick balançou a cabeça. — Oh, querida.

— O quê? — Com suspeita, o olhou.

— Algumas coisas. Um — esta contagem regressiva não está no acordo.

— Ei, se pode adicionar coisas a essa lista castigo estúpido, então também posso!

— Essa é a minha prerrogativa. — no seu suspiro indignado, não conseguia parar o tremor de seus lábios.

Ela, obviamente, lutou com aquela reivindicação por alguns segundos, a boca abrindo e fechando. A primeira vez que a viu sem palavras. Ainda não alterava o fato de que estava com raiva. Talvez não tão irritado, mas ainda irritado.

— Isso não é justo — finalmente protestou.

— O que não é justo é colocar-se em perigo.

— Não, Nick. O que não é justo é querer me mudar.

Isso o pegou de surpresa. — O quê?

— Você escutou.

— Não quero que mude.

— Sim, quer.

Intriga agora guerreava com a raiva. — Do que fala?

— Esta sou eu, Nick. Isto é o que faço. — apontou para as escadas e prancha. — Não posso mudar quem sou ou o que faço, porque pode ficar com raiva e começar a contagem regressiva. Isto é o que falava no pub naquela noite.

Frustrado, se inclinou nivelar seus olhos com os dela. — Olha, Bree, não quero te mudar. Aquela contagem regressiva não tem nada a ver com o fato de que não desceria imediatamente. Foi pela piada sobre o guindaste.

— Que guindaste?

— Quando disse que a desceria se não fizesse sozinha.

— Não pensei quando disse isso.

— Não gosto disto.

— Não vejo por que se preocupa tanto. É sobre o meu grande bumbum que brincava e... oh merda. — agora parecia ao mesmo tempo irritada e nervosa. — Suas pupilas apenas dilataram.

Era de admirar? Fechando os olhos, respirou fundo, centrando seus pensamentos.

Merda, lutou em batalhas, liderou homens por território inimigo, esteve sob fogo inimigo, enfrentou os inimigos e soldados companheiros detestáveis, tratou de jovens soldados

que vieram para a unidade pensando que estavam preparados para irritar o Sargento. Tratou a todos com eficiente calma, mantendo a cabeça fria durante todo o tempo.

Então veio uma mulher exuberante com olhos risonhos e uma boca inteligente e perdia a calma. Esta mulher curvilínea podia amarrá-lo em nós como nenhuma outra pessoa foi capaz.

Porque se importava.

E se não tomasse cuidado, seu carinho a afastaria. Diante de tal pensamento, apertou as mãos quase convulsivamente nos braços dela.

— Nick? — agora parecia preocupada.

Abrindo os olhos, viu que estava certa. Bree o olhava preocupada. — Sim?

— Desculpe se te chatee. — O pedido de desculpas foi inesperado.

Assim era injusto. Realmente não era sua culpa. Com um suspiro, Nick endireitou-se, puxando-a para perto dele com uma mão segurando a cabeça, a outra entre as omoplatas.

— Sinto muito, muito mesmo querida. Não sou assim normalmente, eu...

O pincel foi solto no chão. Colocou seus braços ao redor de sua cintura e descansou a cabeça em seu peito. — Está bem?

A preocupação inesperada era totalmente esperada por esta mulher. Ela tinha o poder de deixá-lo de joelhos, embora não tivesse ideia disso.

— Bree, está certa, exagerei. Suas desculpas não são necessárias.

— Sim, são. — suspirou — Estava preocupado e não te ouvi.

— Não quero que mude. — deu um beijo no topo de sua cabeça, alguns fios fazendo cócegas no nariz. — Nunca quero que mude. Eu te amo do jeito que é.

— Querido, essa é a coisa mais bonita que alguém já me disse. — apertou os braços em volta de sua cintura.

— E é a mais pura verdade. — esfregou o nariz no cabelo perfumado antes de dar um beijo e inclinar-se um pouco para descansar seu queixo no topo de sua cabeça. — Tem sido assim por muito tempo... Não, deixe-me começar novamente. Estive preocupado com as pessoas, me preocupava com eles. Fazia tudo ao meu alcance para protegê-los.

— Seus amigos e seus amigos soldados.

— É, mas você, você é diferente.

— Escolho aceitar isso como um elogio. — ouviu o sorriso em sua voz e a sentiu relaxar contra ele.

Deus, como adorava isso. Adorava como seu corpo se apoiava nele com tanta confiança.

— É. — colocou a palma na parte de baixo das costas. — Não acho que posso mudar, também.

— Nunca te pedi.

— Quero dizer sobre as minhas reações às suas ações.

— Estou muito surpresa — disse secamente.

Mulher atrevida. Nick sorriu ironicamente.

— Você é independente e pode cuidar de si mesma. Sei disso e respeito. Mas ainda ficarei louco quando ver algo que faz que ache que seja perigoso.

— Hum.

— Prometo tentar suavizar as minhas reações. Só não posso prometer não me importar ou tentar protegê-la.

— Tenho a sensação de que é um grande compromisso para você. — afastando-a um pouco, inclinou a cabeça para encontrar seu olhar. Seus olhos estavam quentes, com um sorriso nos lábios.

Alívio o dominou. Não arruinou tudo como temia, não a havia afastado.

— Sim, é. — estendendo a mão, puxou delicadamente seu rabo de cavalo. — Não tire proveito disso.

Ela ainda sorriu, mas seu olhar ficou sério. — Acho que exige algum comprometimento da minha parte.

Interessante. À espera de ouvir o que dizia, Nick brincou com seu rabo de cavalo.

— Por sua vez, tentarei não reagir a suas reações. E ouvirei as suas preocupações, sem ficar louca. Ok?

— Tudo bem. — fez uma pausa. — Prometer seguir as minhas sugestões?

— Nick, querido. — pacientemente, bateu a mão em seu peito. — Você não dá sugestões, *late* ordens.

Pegando a sua mão, a trouxe até a boca e beijou os seus dedos. A mão cheirava a tinta, mas não se importaria se estivesse coberta de diesel.

— Não tenho problema com isso. É o meu trabalho latir às ordens.

— Você é um dill⁷. — riu.

Incapaz de evitar, Nick engoliu a risada dela, cobrindo a boca em um beijo que começou como um gesto impulsivo, mas tornando-se muito, mas muito rápido.

Apenas um gosto dela e estava perdido. A pressão de seus seios fartos em seu peito e foi arrastado por uma maré de prazer que rapidamente se transformou em carnal. Era tão suave, tão sensível, beijando-o com entusiasmo, para comer e se deleitar.

⁷ Alguém que constantemente realiza atos inacreditáveis de estupidez

Querendo-a mais perto, precisando que estivesse mais perto, Nick abaixou as mãos, apertando a bunda e puxando-a contra ele. Em resposta, seus braços foram ao redor de seu pescoço e puxaram-no para mais perto.

O beijo ficou mais quente, mais longo e extremamente mais lascivo. Assim que se separaram, Nick estava mais do que pronto para levá-la para dentro e ficar muito mais perto. E nu. Sim, a queria realmente nua e debaixo dele.

Ofegante, Bree o olhou. — Uau.

Não podia responder, não quando aqueles lábios carnudos se moviam diante dele, dando-lhe atormentados vislumbres daquela boca sabor de mel que sabia o gosto e queria mais. Muito mais.

Então, ao invés de responder, a beijou novamente. Sequer percebeu que a apoiou na casa até que os nós dos dedos bateram no tijolo. Bom. Isso significava que não ela recuaria mais. Ele a tinha presa.

Abaixando uma mão até a cintura, onde recuou docemente entre os quadris e seios exuberantes, Nick apoiou a outra mão na parede e a manteve ali, imóvel enquanto a beijava profundamente, querendo sua essência, como sempre fazia quando a saboreava.

Bebendo-a, traçando os lábios com a língua, mordendo sua boca antes de esmagá-la debaixo de sua ferocidade, assumindo o beijo, dominando-a, controlando-a.

A mão sob o suéter dela, debaixo da camisa, encontrando toda aquela pele lisa, quente e sedosa, os dedos deslizando para cima a borda debaixo do fio de seu sutiã e tocando a pele nua sob uma pesada onda de mama.

Oh Deus, queria sentir aquele seio pesado na palma da mão, enchendo-o, transbordando. Queria descobrir aquele mamilo sedutor que estava duro no desejo, mesmo agora, através de suas roupas. Encontrar esse mamilo e afundá-lo na boca, chupá-los e provocar gritos de prazer em Bree.

Seu pênis estava tão duro, tão faminto, pressionando urgentemente no zíper da calça, exigindo tão dolorosamente libertação.

Erguendo a cabeça, deu um passo para trás, trazendo Bree junto com ele pela simples tarefa de juntar os dedos na parte inferior do seu sutiã e puxando-a para a frente.

Seguindo-o com confiança, o desejo corando o rosto, os olhos brilhantes com o calor.

Confiança. Ela confiava nele.

Nick piscou, balançou a cabeça com os pensamentos, tanto de boas-vindas quanto indesejável, passaram por ele.

Bem-vindo porque queria sua confiança.

Indesejável, porque se a levasse para dentro agora em seu estado excitado e fizesse amor com ela, não seria uma forma de coesão? Prometeu-lhe que nunca a coagiria, esperaria até que estivesse pronta.

Droga seu senso de honra.

Com um gemido, a soltou. — Bree, não podemos.

—Hummm? — Sonhadora, o olhou.

Corajosamente, abaixou sua camisa, em seguida, seu suéter, prendendo-o sobre seus quadris.

— Precisamos parar. — Cara, precisava de uma maldita medalha.

— Por quê?

Vendo os lábios inchados do beijo, gemeu. —Jesus, sou um santo ou um idiota. — deu um passo para trás, o que exigiu muito esforço. — Não se ofenda, querida, mas irei lá para trás. Não me siga.

Ele a deixou em pé, o olhando em uma névoa de luxúria perplexa.

Deixando-a para ir até os fundos da casa para recuperar o controle de seu desejo furioso era uma façanha que vencida qualquer heroísmo que podia pensar. Nada foi mais difícil de fazer em toda a sua vida e isso incluía caminhar pelo território inimigo no escuro, esperando que não pisasse em uma bomba.

Fez algumas coisas estressante em sua vida, que lhe deram algumas medalhas, mas se afastar de Bree quando teria sido tão fácil levá-la para dentro e tê-la nua debaixo dele em poucos minutos, foi mais difícil.

Cem medalhas não compensariam isso.

Sheba gritou a seus pés, o som profano fez um casal de aves fugir de uma árvore próxima e para o céu. O som faria os pregos saírem das paredes do antigo celeiro.

Combatendo seu tesão furioso, Nick suspirou. Obviamente, o karma era uma cadela.

Demorou algum tempo, antes que pudesse voltar para a frente da casa cautelosamente. Seu cabelo estava molhado da água fria que jogou sobre si na lavanderia, a água escorrendo pelo seu pescoço e em sua camisa ajudando a limpar seus sentidos.

Querendo saber o que Bree diria quando reaparecesse, encontrou-a sentada no degrau da varanda. Observou-o em silêncio, com as bochechas rosadas, os olhos firmes, os lábios ainda inchados de seu beijo.

Deus, a mulher sabia como beijar.

Sem dizer uma palavra, Nick sentou-se a seu lado, tocando-a delicadamente com o ombro quando ela não disse nada. — Tudo bem, querida?

— Por que parou? — perguntou sem rodeios.

— Porque não está pronta.

Esperando que discutisse e o chamasse de idiota ou alguma coisa, ficou surpreso quando, ao invés disso, se levantou, bagunçou seu cabelo com a mão e desceu os degraus para mexer em uma caixa sentada no chão. Tirando um novo pincel, voltou para a escada, lançando-lhe um olhar quando colocou um pé no primeiro degrau.

Nick suspirou, mas não disse nada, mesmo que realmente quisesse passar por cima, puxá-la em seus braços, fazer amor forte com ela, em seguida, pintar a maldita janela mesmo para que não estivesse em risco de cair. Em vez disso, o idiota honroso que era, se levantou e foi até a escada, segurando-a firme, enquanto subia.

Aquele generoso traseiro estava no nível dos olhos e não podia resistir. Se não podia segurá-lo enquanto mergulhava nela, então podia dar-lhe outra coisa que merecia. Estendendo a mão, deu-lhe um leve tapa.

— Ei! — por cima do ombro, o olhou. — O que é isso?

— Regra dos cinco segundos, lembra? — arqueou uma sobrancelha para ela.

— Você é um maníaco por controle.

— Está certa. De controle.

— E um homem das cavernas. Não posso acreditar que me bateu.

— Lembre-se do negócio. — sorriu. — Estava atrasada para ele.

— Imbecil. — colocando um pé sobre a prancha, caminhou lateralmente em toda ela. Dando-lhe um olhar enviesado quando parou perto da lata de tinta, sorriu de repente. — Não senti de qualquer maneira, por causa desta calça.

— Fui suave nessa primeira vez. — Deus, amava-a pela ousadia, e sim, lá estava o balanço da cabeça e o balanço do um rabo de cavalo alegre. — E rápido.

— Leve a sua esquisitice para a parte de trás e conserte o meu barracão. Isso deve assumir o controle de seu pincel.

A mulher tinha uma boca, não havia dúvidas sobre isso. Rindo, aliviado que não a chateou ou a ofendeu, foi em direção à parte de trás da casa. — As ferramentas e tudo que preciso estão no galpão?

— Sim. Lembra-se das áreas com problema?

— Querida, os vi na quinta-feira, lembra?

— Esqueci.

Quando acabou de chegar ao canto da casa, ela gritou. — Quem disse que não estava pronta?

Nick tropeçou e quase bateu no muro. Endireitou-se e a olhou, incrédulo. — O quê?

— Tarde demais agora, querido. — alegremente, começou a pintar a janela. — Não estou no humor.

Ela seria a sua morte.

— Quer dizer que estava?

— Antes de ir lá para trás, por favor, ligue o leitor de CD. Preciso de música para ter o meu ritmo de pintura de volta.

Ritmo de pintura? Não conseguia parar de pensar o quão perto esteve, apenas o que poderia ter perdido.

Olhando-a, ligou o leitor de CD e música soou. Bree teve seu trepidar, pés firmes sobre a prancha, as escadas firmes como uma rocha.

— Se cair — gritou por cima da música — sua bunda é minha!

Sorrindo, mostrou-lhe o dedo do meio e manteve a pintura.

Balançando a cabeça, Nick caminhou até os fundos da casa. Bast passou por ele, entrando pela porta do galpão, parando na abertura o esperando, impaciente. Olhando para seus grandes olhos azuis e bigodes eriçados, estava animada com a ideia de se pendurar ao redor para ver o que faria. Teria que prestar atenção para não pisar ou tropeçar nela e cair no chão.

Talvez existisse algo para essa coisa de karma, pensou, quando Sheba apareceu na porta gritando seu entusiasmo.

Bolas azuis e um par de meliantes com a intenção de causar estragos enquanto trabalhava. Era uma punição. O que era uma merda por si só, vendo como foi nobre.

Pelo que parece, nem todos os bons rapazes eram recompensados. E que, depois de tudo, o karma era uma mulher.

Capítulo Oito

De pé ao lado da van, Bree sorriu para Frank. — Obrigada por substituir a porta. — empurrou-a trás e para a frente. — Boa como nova.

— Não é fácil achar portas para este modelo de van. — Frank bateu a mão no grande capô do Ford. — Tem sorte por conseguir essa.

— Sim.

— Talvez deva olhar para uma atualização.

— Vender a van? — ficou horrorizada. — A minha van?

— É um modelo muito antigo. Poderá encontrar uma dessas pequenas importações, uma daquelas...

— Vender a minha van? Está louco? — Bree deu o braço através da janela da porta do carro aberta.

Frank fez uma pausa. — Aparentemente estou.

— É um clássico. Posso dirigir, dormir, viver se acontecer um desastre.

— Desastre?

— Incêndio Florestal, inundação, invasão alienígena.

— Está brincando, certo?

— Esta van, Frank, foi construída para resistir a qualquer coisa. Não fazem mais como esta.

— Falava sobre invasões alienígenas. Está brincando, certo?

— Por que brincaria?

Frank balançou a cabeça. — Não importa.

— É preciso estar preparada. — Bree riu silenciosamente quando o mecânico a olhou com mais cautela. — Se precisar de alguma dica de sobrevivência, me procure.

— Não acho que papel alumínio na cabeça funcionará.

— Assistiu 'Sinais', com Mel Gibson? Estou impressionada.

— Meus filhos assistiram. Estava sentado na sala sem nada para fazer nesse dia.

Bree deu um tapinha no seu ombro. — Continue dizendo isso a si mesmo, Frank. — entrando na van, fechou a porta e ligou o motor. — O que achou de Star Wars?

— De quê?

Ela piscou e foi embora, deixando um murmúrio de diversão passar por seus lábios quando olhou pelo espelho retrovisor e viu Frank coçando a cabeça. Fez o seu dia.

Assobiando alegremente, dirigiu pela cidade, parando no café para comprar alguns chocolates gelados, do tipo com

sorvete e creme por cima. Colocando os deleites na bandeja no chão da van, dirigiu com cuidado para a periferia da Whicha, até estacionar na garagem de Harly. Saiu da van, pegou a bandeja com os dois copos plásticos com as tampas cobertas de recheio e subiu na varanda para bater na porta.

— Abra, Harly! Estou com dois chocolates gelados de refém!

Harly apareceu. — Qual é o resgate?

— Conselho de irmã.

— Sério? — Harly abriu a porta.

— Conselho confidencial de irmã.

— Posso fazer isso. Entre.

Bree hesitou no corredor. — Onde?

— Preparo um ensopado para o jantar, por isso, se não se importar, na cozinha.

— De modo nenhum.

Entrando na cozinha, que tinha um cheiro celestial por de carne e ervas, Bree colocou a bandeja de chocolates gelados no banco, perto de onde Harly cortava legumes em uma tábua. Sentando em um dos bancos, pegou um chocolate gelado da bandeja e deu vários goles longos.

— Ahhh, isso atinge o local.

Engolindo um bocado do chocolate gelado, Harly suspirou alegremente. — Uau, não tive um desses em semanas.

— Tipo uma dessas bebidas comemorativas — Bree concordou.

— Ou bebida-conforto. — Harly analisou. — O que acontece?

Olhou para sua bebida. Hmmm. De alguma forma, pensou que seria mais fácil.

— Confidencial — a amiga lembrou. — Sem julgamento.

— Eu sei. Confio em você. É por isso que vim aqui.

— Bem, então...

Bree tomou outro gole fortificante. — Não estou acostumada a pedir opiniões, sabe?

— Não, eu não sei. — a expressão de Harly era calma e paciente.

— Bem, realmente não tenho nenhum confidente. Para conversar e em quem possa confiar.

— Ok.

— Crescendo, meio que fiz tudo sozinha, trabalhei as coisas por mim mesma. Sabe?

— Sim.

Bree ficou em silêncio.

Depois que alguns segundos passaram, Harly pegou uma cenoura e começou a descascar. — Os meninos não chegaram em casa ainda. Não voltarão em algumas horas.

— Para onde foram? — Bree apoiou o queixo por um lado, feliz por um breve intervalo dos seus próprios pensamentos.

— A caminhonete de Paul quebrou. Ele se recusa a ter seus mecânicos para consertá-lo, acha que pode fazê-lo por si conta própria — Harly sorriu. — Jack e Will, seus mecânicos, apostaram que ele rastejará e pedirá ajuda. Alex e Nick tiveram pena dele e foram ver se podiam ajudá-lo a fazer a caminhonete funcionar novamente.

— Isso não é traição?

— Sim. Sim, é. — pegando outra cenoura, Harly continuou descascando.

— Como Jack e Will encararam isso?

— Eles não sabem. Estão nos fundos da casa de Paul.

— Será que têm todas as ferramentas que precisam?

— Não perguntei. Apenas avisei os meninos impertinentes e os vi ir para sua condenação. — Harly balançou a cabeça. — Não há nada a dizer-lhes.

Bree sorriu. — Adora ter Alex em casa.

— Sim.

— Deve sentir muita falta quando ele vai embora.

— Não tem ideia de quanto. — Harly fez uma pausa, ergueu o olhar para onde uma foto dela e de Alex estava presa na parede.

Curiosamente, Bree olhou para a foto. A viu muitas vezes, mas nunca realmente prestou atenção. Alex e Harly estavam abraçados, de rosto colado, sorrindo para a câmera. Olhos quentes, com amor e o braço de Alex estava protetor ao redor Harly, abraçando-a. O amor entre eles estava claro em seus rostos felizes.

Olhou para Harly que descascava uma batata. — Por que não pede para Alex deixar o Exército e ficar aqui?

— Porque ele ama o exército. É a sua carreira.

— Mas se ele te ama...

— Ele me ama. Não duvido. E deixaria o Exército em um piscar de olhos, se lhe pedisse. — Harly olhou Bree diretamente nos olhos. — O amo demais para lhe pedir isso.

— Não acha que ele ficaria feliz aqui?

— Alex é sempre feliz aqui. Mas está feliz no Exército, também. Quando me casei com ele, sabia que iria embora, sabia que lutaria pela liberdade do nosso país. O Exército é tanto uma parte dele quanto eu sou.

— Huh. E está contente em esperar por ele?

Pegando o chocolate gelado, Harly deu alguns goles antes de colocá-lo novamente no banco e retomar a descascar os vegetais. — Sim, estou. Tinha uma vida aqui antes de Alex, tenho uma vida aqui, quando ele está em casa e tenho uma vida aqui, quando ele vai. Vê-lo chegar em casa torna mais rico, não há dúvida sobre isso, mas estou contente de viver a minha vida, enquanto está afastado e compartilhá-la quando está em casa. — Harly a olhou. — Estou feliz. Ele está feliz. Funciona para nós.

De repente, percebendo como foi intrometida, corou. — Me desculpe, não quero me intrometer. Não é o da minha conta.

— Não — Harly concordou em silêncio. — Não é, mas não me importo de dizer por que é verdade. Não ligo para o que as outras pessoas pensam, enquanto Alex e eu somos felizes.

Incapaz de evitar, Bree perguntou hesitante. — E se ele decidir deixar o Exército e viver aqui permanentemente? Não a deixaria louca se está tão acostumada a ficar sozinha?

— Qualquer casal que vive junto faz coisas que incomoda o outro, é a da natureza humana. Seria a mulher mais feliz do mundo se ele ficasse aqui. Também sou a mulher mais feliz do mundo quando ele faz o que ama, também. — Harly sorriu. — Sou a mulher mais feliz do mundo, ponto final.

Bree não teve nenhuma dúvida sobre isso. Isso aquecia o coração. — Estou feliz.

— Eu também. — Harly começou a descascar outra batata.
— Então, quer conselhos.

— Oh. Sim. — Bree colocou uma mecha de cabelo que escapou de seu coque atrás da orelha. — Nick.

— O que tem Nick?

— Ele é um cara legal.

Harly assentiu enquanto continuava a descascar.

Não ter sua amiga a observando enquanto tropeçava nas perguntas era um pouco mais fácil. Bree passou os dedos pelo copo de plástico.

— Muito bom.

— Um dos melhores.

— Honorável.

— Sim.

— Mantém a sua palavra.

— Não esperaria nada menos dele.

— Sim. — Bree viu Harly pegar uma cherívia⁸. — Eca.

— Não gosta de cherivia, hein?

⁸ É uma raiz usada como hortaliça, relacionada com a cenoura, embora mais clara, parecida com nabo e com sabor de uma mistura única e agradável de ambos os legumes.

- A palavra *eca* significa algo para você?
- Acho que não gosta de cenoura branca.
- Sim.
- Não provou no meu guisado. Não saberia que estava lá.
- Infelizmente, sei. Vejo-a descascá-la.

Harly sorriu.

Foi uma boa diversão, mas terminou. Bree focou novamente para o problema em questão.

— Quando soube que era hora de ter... você sabe... com Alex.

— A discussão de plano de casamento?

— Não. A outra coisa.

— Como fazer seu irmão Marty parar de puxar a perna da minha mãe até que ela caiu?

— Não. A *outra* coisa.

— Estamos falando de sexo?

Bree assentiu.

Harly a olhou. — Preocupada sobre fazer sexo com Nick?

Assim, sem rodeios, fez Bree estremecer um pouco. — Quando soube que era o momento certo com Alex?

— Sua mãe não falou com você sobre isso?

— Estou te deixando desconfortável? — sentindo-se de repente, estúpida, Bree começou a levantar do banco. — Sinto muito. Não devia...

— Volte aqui, mocinha. — com a expressão severa, Harly colocou o descascador de legumes no banco. — Agora.

— Realmente, é bobagem. Eu...

— Juro, se sair agora, irei atrás de você em meu carro.

— Isso é um pouco exagerado.

— Você nunca me viu ao extremo. Agora, sente-se.

Sentindo-se decididamente castigada, Bree sentou no banco.

Harly, graças a Deus, recomeçou descascar vegetais. — Então, está preocupada em fazer sexo com Nick.

— Bem, não é realmente a parte do sexo. — uma coisa que não confessaria era sua virgindade. Não tinha vergonha, mas não a alardearia. — E sim o momento.

— Ah. Entendo.

Bree estava feliz que ela entendia, porque certamente ela não. Estava em um pouco de neblina.

— Ele falou? — perguntou Harly. — Fez qualquer insinuação?

— Insinuações. Como à moda antiga.

— Não me faça forçá-la a descascar a cebola.

— Desculpe. — Bree fez uma pausa. — Hum... nós nos beijamos.

— Isso é sempre um bom começo.

— Do tipo que teve um pouco de apalpar.

Harly assentiu. — Ou dois...

— Ok.

— Bem, provavelmente foi mais porque estamos nos vendo por algumas semanas.

— Certo.

— Um monte de beijos.

—Uh huh.

— Beijos muito quentes, na verdade. — só lembrar de alguns dos mais luxuosos a deixou atordoada.

—Tudo natural — Harly disse calmamente. — Parece bom até agora.

Bree olhou para a tábua de cortar. — Isso é o máximo do que foi.

Silenciosamente, Harly começou descascar as cebolas.

— Sabe, quero ir mais longe.

Harley continuou descascando.

— Nunca quis ir mais longe com qualquer outro cara.

— Nada de errado com isso.

— Sim. Mas agora...

— Quer ir mais longe.

— Mas quando?

— Só você mesma pode saber isso.

— Veja, vim aqui por um conselho. Você precisa me dar um conselho.

Levando os legumes para a pia, Harly os lavou, secou e os trouxe novamente para a tábua. Fatiando cenouras, olhou para Bree. — Nick não iniciou qualquer coisa que lhe permite saber quando quer?

— Nick quer — disse Bree, sem rodeios. — Só está sendo nobre.

— De que maneira? Se controlando?

Bree riu um pouco. — Nick faria sexo em um flash se achasse que estou preparada.

— Não acha que está pronta? Como sabe disso? — Harly parecia genuinamente perplexa.

— Bem, Alex não sabe quando não está a fim?

— Querida, quando se trata de Alex, estou *sempre* de bom humor. — Harly riu ao ver a expressão de Bree. — Ok, sim, ele sabe quando não estou no clima. É raro, mas acontece. Às vezes só quero abraçar. Ele sabe disso e nos abraçamos.

— Quando não transam como coelhos — disse Bree secamente.

— Sim. — Harly disse tão alegremente que Bree começou a rir novamente. — Ok, voltando a você. Então Nick não acha que esteja pronta.

— Sim.

— O que lhe deu essa ideia?

Bree tomou vários goles do chocolate gelado, acolhendo o deslizar gelado dele em sua garganta.

— Bem, minha mãe foi um pouco frouxa quando se tratava de homens, não exigente, sabe? Desligando-me um pouco. — Ah, para o inferno com isso. Suspirou. — Decidi não me contentar com o segundo melhor. Esperei por esse homem especial. Não entregaria minha virgindade para qualquer um.

— E disse a Nick.

— Sim.

— Acho que começo a entender agora.

— Bom. Ele não terá relações sexuais até que eu esteja pronta.

— Certo.

— Estou pronta. — Bree suspirou. — Acho.

— Acha. Bree, precisa estar certa.

— Olha, eu quero o homem. Estou pronta. Apenas... quero dizer, droga, Harly, quando sei que é o momento certo?

— Para dizer-lhe?

— Não, para montá-lo como um touro selvagem e surpreendê-lo.

Os lábios de Harly se contraíram, mas dê um crédito à mulher, ela não caiu na gargalhada. — Sim, isso iria surpreendê-lo.

— Ou fazê-lo fugir.

— Não apostaria nisso.

Bree suspirou. —Então, quando sei que é o momento certo para dizer-lhe?

— Que tal quando estiveram se beijando e apalpando?

— Fizemos isso na outra semana e ele recuou e disse que eu não estava pronta.

— Então, se enganou. Ele é apenas humano.

— Bem, acho...

— Não estava pronta depois de tudo. — Graças a Deus não houve julgamento no rosto de sua amiga ou na voz.

— Bem, não teria tanta certeza. Estava em uma espécie de luxúria, você sabe?

— E Nick não se aproveitou. — Harly estalou a língua com admiração. — Que homem.

— Sim, é um verdadeiro cavalheiro.

—Então está chateada porque ele não te pressionou?

— Seu respeito está meio que me deixando um pouco selvagem.

— Selvagem.

— Seria mais fácil se ele assumisse o controle.

Harly riu neste momento. — Querida, acredite em mim, quando chegar a hora, Nick não é do tipo de homem que não assume o controle.

— Então, quando soube... com Alex?

Com as bochechas levemente coradas, os olhos de Harly tornaram-se sonhadores. — Simplesmente aconteceu.

— Apenas aconteceu — Bree ecoou.

— Sim. O tempo, o lugar, o clima. Simplesmente aconteceu.
— Harly pegou uma batata, pesou-a em suas mãos, enquanto focou em Bree. — Não posso te dizer quando é a hora certa. Simplesmente é.

— Oh, obrigada. É muito mais claro agora. — desapontada, Bree apoiou o queixo na palma da mão.

— Basta dizer a Nick que está pronta.

— Oh, sim. *Oi, Nick. Que tal programarmos o sexo? Digamos, que tal uma hora, na terça-feira, na próxima semana? Estarei pronta então.* Uma espécie de assassino de humor, não acha?

— Dessa forma? —Harly riu. — Sim.

— Argh! — Bree jogou as mãos para cima. — Por que não é fácil?

— Porque se preocupa muito com isso.

— Não acha que a troca de fluidos corporais entra nessa categoria?

— Insistirá para que Nick use um preservativo para que não haja troca de fluidos corporais. Ou não muito, de qualquer maneira. — Harly abaixou a batata e olhou fixamente para Bree. — Haverá um momento em que tudo entrará nos eixos. Parece certo, quando é certo. Use a sua intuição.

— Estou muito ocupada pelas sensações quando ele me beija.

— Bom sinal. Se estiver pronta, avise-o. De qualquer maneira, avise-o.

— Talvez possa lhe enviar uma carta.

— Ele pode pensar que está dizendo adeus.

Bree ergueu as sobrancelhas. — Ele lhe contou.

— Sobre as suas cartas? Não foi difícil colocar dois e dois juntos. E sim, ele me disse. Acho que é romântico. — Harly tocou uma mão ao peito. — Realmente se conheciam há muito tempo.

— Sim. Meio cósmico, né?

— Não sei quanto a material cósmico, mas acho que isso significa alguma coisa.

— Acha? —Bree se iluminou.

Harly assentiu. — Qualquer um pode ver que estão destinados a ficarem juntos. Vocês se encaixam perfeitamente.

— Dois pedaços de um quebra-cabeça, né? — Bree gostou da ideia.

— Agora só tem que colocar as duas peças juntas. — Harly retomou ao fatiamento.

— Então, você sabe, é um pouco intimidante...

— É maravilhoso entre duas pessoas que se amam.

— Tenho certeza que sim. Quer dizer, ele é tão perfeito. Grande corpo, musculoso, bem condicionado e eu sou... — Bree cutucou a barriga. — Meio mole.

Harly assentiu. — Pensei o mesmo quando Alex e eu estávamos juntos pela primeira vez.

— Pensou? — Bree ficou surpresa. De alguma forma, pensava que Harly sempre fosse confortável consigo mesma.

— No início. Tinha as dúvidas, sabe? Eu era grande, ele era perfeito. Mas Alex não se importava. Ele viu além do meu exterior, me viu por mim. — Harly sorriu, novamente toda doce e um pouco sonhadora. — Ele ama cada parte minha, me ama de verdade. Tudo de mim. Isso é o que o torna tão perfeito.

— Bem, nunca duvidei que te amasse. Qualquer idiota com metade de um cérebro pode ver que é louco por você. O homem sempre te olha com fome assim que entra na sala, e não é por comida, posso garantir.

Harly parecia satisfeita, mas não tentou negar. Falsa modéstia não fazia parte de sua natureza. Modéstia tranquila, sim, mas não quando se tratava de seu marido. Sim, Alex e Harly eram definitivamente duas peças do quebra-cabeça e se encaixam perfeitamente.

Sentindo-se muito melhor e tomando a decisão de deixar a natureza seguir seu curso, porque realmente começava a assustá-la, Bree mudou de assunto e acomodou-se para desfrutar o resto da visita.

Quando foi embora, começava a chover. O Jeep de Alex passou por ela a caminho de sua casa e piscou os faróis para ela, ele e Nick acenando através do para-brisa.

Ela sorriu e acenou de volta, vendo o jipe desaparecer no espelho retrovisor. Antes que tivesse a chance de refletir ainda mais sobre um determinado soldado robusto, o celular tocou no apoio do painel. Colocando-o no viva voz, respondeu.

— Alô?

— Bree?

— Jackie. Como está?

— Está sozinha?

— Somente eu e a chuva. Ah, e a van.

— Sem a luz do sol?

Bree revirou os olhos. *Sem a luz do sol* era o código secreto de Jackie, caso houvesse alguém na presença de Bree que a forçasse dizer que estava sozinha. A paranoia corria um pouco solta nas veias de Jackie. Em toda a Equipe de Caça de OVNI, na verdade. Muitos caçadores de OVNI não eram paranoicos,

mas esta equipe em particular, tinha certo domínio sobre os direitos da palavra paranoia.

— O Sol não está brilhando hoje — respondeu, dando a senha secreta. — Agora que as gentilezas paranoicas estavam fora do caminho, o que está cozinhando de boa aparência?

— Há relatos de luzes indo na sua direção.

— Sim, há um caminhão se aproximando agora. Bom que saiba disso.

— Não é brincadeira. Estas luzes são no céu.

Bree olhou para o céu. — Nada aqui.

— Disse indo em sua direção.

— Certo. Então, tenho uma ETA?

— 20:00 horas.

— Destino?

— O que sou, um leitor de mentes?

— Esse pensamento passou pela minha cabeça mais de uma vez. — Bree sorriu. — O quê, não pegou isso antes?

Jackie ignorou. — Tudo o que sei neste momento é que as luzes estão indo em sua direção.

Interessante. — E tem alguém as vendo agora?

— Não. Se fosse assim, estaria no noticiário. Informar ao Governo não coloca um manto de silêncio na mídia, é claro.

Bem, isso era provável. — Mas vários relatórios ao longo dos últimos dias têm dado a direção geral de Whicha. Eles irão, eventualmente, passar a noite na cidade.

— Ok, estarei lá fora, câmera a postos. — sentindo o entusiasmado, Bree começou a planejar mentalmente o que traria.

— Informe-me, antes, durante e depois —Jackie ordenou.
— Precisamos saber que está segura e não foi raptada.

— Precisaríamos de um feixe bem forte.

— Não é engraçado. —Jackie desligou.

Legal. A caçada. Isso tiraria sua mente de algumas coisas. Precisa arrumar um pouco de café quente para beber, algumas maçãs para mastigar, a câmera de vídeo Full Spectrum HD e a câmera para fotos estáticas.

E Nick.

Sorrindo, estendeu a mão e apertou a discagem rápida. Nick respondeu em segundos. — Ei — disse ela.

— Ei, querida. — sua voz era suave, profunda e fez seus dedos curvarem. — O que houve?

— Iremos à caça de OVNIIs esta noite.

Ele não perdeu o ritmo. — É isso mesmo?

— Sim.

— Bem, a que horas posso buscá-la?

— Querido, iremos com a van. Te pegarei as 19:30 horas.
Xauzinho! — Com um sorriso enorme, Bree desligou.



Entrando na van, Nick colocou a pequena mochila no chão atrás dos bancos antes de sentar.

— Suprimentos? —Bree o olhou com curiosidade.

— Granadas para quando os aliens aterrissarem.

— Nick, realmente. Eles vêm em paz.

— Ouvi que sondam em áreas delicadas.

— Ok, sim, parece que têm um pouco de fascínio pela extremidade traseira. Tente pensar nisso como uma colonoscopia em ambiente exótico.

— Querida, nada chega perto do meu traseiro. Você, é claro, é livre para apalpá-lo a qualquer momento.

— Uau, me sinto tão especial.

— Isso é porque você é. — Inclinando-se em todo o espaço que os separa, Nick a beijou de leve nos lábios rindo, sorrindo quando levantou a cabeça.

Caramba, um beijo leve e estava pronta para esquecer das luzes inexplicáveis e levar Nick para casa.

— Então, qual é o plano? — Recostando-se no banco do passageiro, colocou o cinto de segurança.

Focando na tarefa em mãos, Bree puxou o carro para a calçada.

— O plano é encontrar um lugar para estacionar e esperar.

—Esse é o plano?

— Esse é sempre o plano.

— Huh. — olhou para a escuridão pela janela da porta. — Sem caça através dos arbustos com essas coisas de elétron?

Bree sorriu. — Isso ainda pode acontecer.

— Bom. Só o que quero fazer em uma noite fria e chuvosa.

Ela o olhou. — Não precisa vir. Estou bem sozinha.

— Estou feliz de ir com você.

— Mas não quer rastejar pelos arbustos em uma noite fria e chuvosa.

— Não está na minha lista top ten de favoritos, mas por você rastejaria em qualquer lugar.

— Isso é doce de uma forma assustadora. — Bree olhou entre a estrada e o céu.

— É também uma espécie interessante de assistir uma profissional no trabalho.

— Definitivamente não sou uma profissional. Só gosto da caça.

— Eu li você.

Lembrando que Nick provavelmente tinha feito centenas de caçadas em seu trabalho, caçadas perigosas, Bree murmurou.

— Acho que sim.

Houve um silêncio confortável entre eles quando a estrada passou por baixo da van. Ele foi quebrado pelo toque do celular.

Bree atendeu. — Alô.

— Como está o tempo? — perguntou Jackie.

— Molhado, frio e escuro.

— Sem relâmpago?

Código secreto novamente. — Nem um pouco. — Bree olhou para onde Nick descansava confortavelmente no assento

a seu lado. — Há uma pequena faísca presente, apesar de tudo.

Houve um silêncio sinistro e a olhou interrogativamente. — Uma faísca segura — acrescentou Bree. — Seu nome é Nick. Diga Olá, Nick.

— Olá — obedientemente disse.

— Tem certeza de que o caminho está livre? — perguntou Jackie.

— Confie em mim.

— Da última vez que disse isso, acabei na prisão.

— Delito menor. — Sentindo o olhar de Nick sobre ela, Bree acrescentou — Olha, disse que se fossemos vistos naquela zona de não ultrapassagem, era para cada um correr para salvar suas vidas, sem parar por qualquer um. Foi o que fiz.

— Estava em observação, Bree.

— E não vi o segurança até foi tarde demais. Gritei um aviso e corri como nos mandou antes da caçada. Obedeci suas ordens. Cara, você guarda rancor. Além disso, só recebeu uma multa, lembra?

— Só sei que o governo me observa.

— Onde está agora?

— Está louca? Alguém pode nos escutar.

Sim, Nick estava, e pela diversão em seu rosto, gostava.

— Certo. Desculpe. — Bree inclinou a van ao redor de uma curva na estrada, desacelerando quando os faróis revelaram um par de cangurus comendo no acostamento da estrada.

— Além disso, deveria entrar em contato antes de sair.

— Eu já ligaria.

— Mas está em busca agora. Quantos disse que estavam com você?

— Apenas um, Jackie.

— Contate-me às 21:00h. — Jackie desligou.

Mãos no volante, Bree esperou que Nick fizesse perguntas. Não demorou muito tempo.

— Amiga interessante — comentou.

— Você não tem ideia.

— Toque de paranoia?

— Isso é dizer o mínimo. Lembre-se, hoje em dia nunca sabe quem vê ou escuta.

— Não é tão paranoica quanto a sua amiga.

— Como sabe? Talvez grave todas as nossas conversas ao telefone e mantenho para referência futura.

— Sei por que coloquei um dispositivo de escuta.

— Agora está puxando a minha perna.

— Gostaria de puxá-las ao redor de meus quadris.

— O quê? — ssustada, olhou para ele.

Ele apontou para o para-brisas. — Estrada. Cangurus.

— O que disse?

— Não importa. Então, a sua amiga lhe informou sobre essas luzes?

— Sim. Ela teve relatos de várias pessoas sobre esses avistamentos.

— Ao longo de Whicha?

— Oh, realmente não lhe contei, não é? — percebeu.

— Não.

— Certo. Jackie me telefonou mais cedo. Tinha relatos de vários lugares sobre luzes não identificadas no céu vindo aparentemente para cá. Ao rastrear as vezes que foram vistas e as direções que apareceram, a equipe estimou que as luzes passariam Whicha em torno de 20:00 horas.

— Percebe que poderiam ser os aviões que passam ao mesmo tempo?

— Jackie me deixou uma mensagem no e-mail dizendo que nenhum avião passaria sobre o espaço aéreo entre 19:00 e 24:00 horas. Não me pergunte como recebe suas informações,

não tenho ideia e ela está sempre certa. Quaisquer luzes serão inexplicáveis.

— A menos que algum fazendeiro decida começar a pulverizar enquanto esteja bêbado.

— Um fazendeiro não pulverizaria numa noite de chuva, bêbado ou não.

— Devidamente anotado. Então, qual é o plano se ou quando as luzes aparecerem?

— Nós as filmaremos. Tenho a câmera na minha mochila.
— olhou para ele. — O que tem na sua mochila?

— Armas. Eles vêm com sondas, venho com armas.

— Espero que não esteja falando sério. — Porque realmente não estava certa.

— Espere e verá.

— Nick!

Ele riu. — Relaxe. É apenas um lanche, uma bebida quente, lanterna, algumas coisas.

— É um pequeno escoteiro, não é?

— Estou sempre preparado, querida. Para qualquer coisa.

Se perguntava se ele também tinha preservativos. Cara, estava difícil. Apenas o pensamento dele retirando um

preservativo do bolso com uma mão e alcançá-la com a outra era o suficiente para deixá-la quase tonta.

Talvez se tornou um pouco obcecada com Nick.

— Vejo que tem a porta nova — disse — Frank disse que chegaria em breve.

— Você verificou sobre ela?

— Já estávamos lá para pegar algumas peças para Paul e perguntei ao mesmo tempo.

— Isso é tão doce.

— Pode me recompensar quando estacionar.

Isso a deixou quente em lugares que não devia, estando em uma caça a OVNI. — Percebe que estacionaremos e observaremos e não estacionaremos e nos acariciaremos?

— Posso ser um multitarefas.

— E admiro isso. Mas não, sem carícias enquanto caçamos.

— Estou triste.

— Se for um bom menino nesta caçada, te darei um beijinho quando chegarmos em casa.

Após um minuto de silêncio, perguntou — O que me dará se eu for um bad boy? — sua voz praticamente escorria sensualidade.

Oh, menino. Apertou o volante. — Comporte-se.

— Vamos lá, Bree. O que fará?

— Não teremos essa conversa agora. — não quando precisava se concentrar na direção.

— Quer saber o que farei com você, se for uma menina má hoje à noite?

— Se não quiser que eu bata em um poste de energia, melhor parar por aí.

— Estou te afetando?

— Droga, sim. — não fazia sentido fingir o contrário.

— Ah. — com esse comentário enigmático, Nick ficou em silêncio.

Bree o olhou de soslaio. Com a cabeça virada de lado, olhando pela janela, o cotovelo no peitoril, acariciando cuidadosamente o queixo com os dedos longos de sua mão.

Então, no que pensava? O que gostaria de fazer com ela?

Pensar nisso fez seu coração acelerar. Graças a Deus que não podia vê-la sob o casaco. Seus mamilos duros. Como poderia o homem deixá-la excitada com apenas algumas palavras sugestivas e... oh, sem mencionar o timbre sexy e inconfundível em sua voz profunda.

Opa, lá foi o calor para seus lugares íntimos.

Foco, Bree, foco!

Respirando fundo, avistou as vagas de estacionamento que designou como Point One e indicou, entrando atrás do abrigo das árvores. Durante o dia os carros estacionados eram vistos facilmente, mas a escuridão e as sombras ajudavam e os deixavam quase invisíveis no tempo chuvoso. Boa cobertura a toda a volta.

Desligando o motor, soltou o cinto de segurança e levantou, movendo-se entre os assentos para chegar à parte de trás.

Quase pulou de susto quando sentiu uma mão em seu traseiro.

— Desculpe — disse Nick — Só tentava firmá-la.

— Não preciso me firmar. — não, precisava de alguma coisa para acalmar os batimentos de seu coração.

— Apenas me chame de cavalheiro.

— Mais como pegador.

— Em mais de um sentido.

— Sim, sei disso. — sorrindo, se ajoelhou e fuçou na mochila, tirando a câmera de vídeo.

— Só para deixar claro, sinto muito que a assustei. E não sinto muito por ter tocado nesse seu traseiro curvilíneo.

Ela quase deixou a câmera cair.

— Só para que fique claro.

Ignorando suas partes quentes e o formigamento, Bree franziu a testa. — Não acho que esteja levando isso a sério.

— Querida, falo sério sobre você e sua segurança. Sobre esta caçada, falo sério sobre garantir que a sua segurança continue.

— Apenas não acredita, não é?

— Nunca disse que acreditava.

— Um dia verá algo que não pode explicar e terá um ataque cardíaco.

— Não, colocarei as minhas costas na parede para proteger certas partes da minha anatomia.

— Existe um pouco de obsessão anal nisso, Nick. Não é saudável.

— Não diga. — o riso definitivamente afiou suas palavras.

Inclinando um pouco para que não batesse a cabeça no teto da van, Bree abriu a porta lateral. — Sairei para ver se consigo detectar algo.

Nick estava do lado de fora como um flash. O homem podia se mover rápido, não havia dúvidas sobre isso, sem mencionar que não fazia barulho. Falando de proteção, estava de pé ao lado dela, com a mão na base das suas costas enquanto olhava ao redor.

— É seguro — disse a ele.

— Não sabe o que pode se esconder aqui — a advertiu.

— Sei que não há alienígenas.

Olhou-a.

— Só olhar para você, menino soldado, parecendo todo mortal e agressivo e eles correrão quilômetros.

— Darei uma rápida olhada ao redor. Fique aqui.

— Não sou um de seus soldados, Nick.

— Não. É a minha mulher. — com essa resposta inesperada, se afastou e desapareceu na escuridão, deixando Bree boquiaberta atrás dele.

Uau. *É a minha mulher.* Isso a deixou formigando em todos os lugares certos. Ok, isso pode parecer homem das cavernas, mas com certeza o fez por ela. O calor que sentiu, a sensação de ser cuidada, bem, deixou-a com um sorriso bobo no rosto antes que recobrasse a sua inteligência e fechasse a porta da van.

Gostando ou não, a última coisa que precisava era Nick voltar e encontrá-la ainda parada ali, parecendo uma tola apaixonada.

Afastando-se da van, olhou para o céu noturno. Estava preto com nuvens. A chuva diminuiu agora, mas ameaçava recomeçar a qualquer momento. Era perfeito para avistar

OVNIs voando baixo, mas ruim se voassem acima das nuvens. Se viessem através das nuvens e as iluminassem, seria algo para filmar. Não seria a primeira vez que nuvens iluminadas foram fotografadas, exceto que incrédulos imediatamente alegaram que eram iluminadas por flashes... mesmo quando não havia iluminação relatada.

Às vezes apenas não conseguia convencer algumas pessoas de que há mais coisas no mundo e além do que acabou de ver.

Lentamente, virou-se, mantendo o olhar no céu. Nada até agora. Mas apenas no caso de perder algo que o olho não pudesse ver, ligou a câmera de vídeo, levantou-a até seu olho e fez uma curva lenta, afastando-se com cuidado da van para garantir que tivesse uma boa visão.

Agora, verificaria o outro lado. Abaixando a câmera, quase gritou em voz alta quando colidiu com um corpo duro. Girando, soltou um enorme suspiro de alívio quando reconheceu Nick.

Parado atrás dela, ele se misturou com a noite com sua roupa escura. Teve a súbita sensação de que estava ao lado de um predador, alguém muito mais mortal do que havia lhe dado crédito. Silencioso e vigilante. Não podia ver seus olhos, mas sentia o seu olhar.

Chame-a de uma tola, mas não podia deixar de ficar feliz por não ser seu predador. Se fosse seu inimigo, defecaria na calça. Era um lembrete de quem era, o que fazia para viver.

— Você me assustou — disse ela.

— É seguro — afirmou calmamente.

— Sei que você é seguro. Para mim, de qualquer maneira.

Seus dentes brilharam no escuro. — Quis dizer que o ambiente é seguro.

— Percebi que tenho o Rambo ao meu lado. São os aliens que temerão. — começou a andar em torno da van.

Ele caminhou ao lado dela, seguindo seus passos, nunca longe e sempre em silêncio atento enquanto examinava os céus com a câmera de vídeo, garantindo que tivesse uma boa cobertura.

Baixando a câmera, voltou para a van, recostou-se na porta do motorista e respirou fundo, observando Nick enquanto se elevava sobre ela.

— Está bem?

— Estou.

Curiosamente, cruzou os braços, segurando a câmera na mão. — Como é lá? Na batalha?

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que se perguntou se a ouviu, mas em seguida, respondeu calmamente. — Não é sempre uma batalha, mas sabemos que enfrentamos o inimigo. Às vezes rimos. Às vezes choramos. Às vezes estamos com raiva. Não pode servir em alguns desses lugares e não ser

afetado de alguma forma. Mas temos um trabalho que somos treinados a fazer e o fazemos com o melhor de nossa capacidade.

— Nunca relaxa?

— Nos campos, sim. Mas está sempre ciente de onde está, de que as coisas podem acontecer.

— Você gosta? — parou, considerou. — Bem, deve gostar, porque é um soldado por tanto tempo.

Nick inclinou-se na van a seu lado. Levantando um braço, colocou-o ao redor de seus ombros e isso foi bom, porque seu corpo exalava calor como um fogo que queima lentamente. Além disso, era bom se sentir cuidada, tinha que admitir.

— Sou um soldado há 17 anos. Gosto do estilo de vida, da família. O Exército tem sido a minha vida desde que meus pais morreram e o Exército fez bem para mim.

— Então deve estar ansioso para voltar. — O pensamento a deixou estranhamente triste. Droga, não era como se não soubesse que faltavam apenas quatro semanas para ir. Já estava aqui por três. O tempo passou rápido demais.

— Para ser honesto — respondeu devagar — Não tenho certeza de quanto tempo mais ficarei no Exército.

Surpresa, o olhou, mas era difícil ver a sua expressão no escuro, então voltou seu olhar para os arbustos a sua frente.
— Sêrio?

— Sim. Penso nisso por algum tempo. Nunca tive um lugar para ir quando estava de licença, costumava ir com alguns amigos para lugares diferentes nas férias, conhecer outras partes do mundo. Mas nos últimos anos vim para Whicha com Alex e foi como voltar para casa, sabe?

Bree assentiu. Sim, sabia. Por isso que criou suas próprias raízes na pequena cidade. Percebendo que talvez não visse claramente o seu movimento, respondeu —Sim.

— Cada vez é mais difícil voltar. Ainda gosto do Exército, ainda acredito nele, mas...

Pacientemente esperou enquanto Nick olhava a escuridão. Talvez esperando por algo ameaçador, mas permaneceu descontraído ao seu lado, quente e forte, embora ainda houvesse um alerta sobre ele.

— Preciso decidir se me realistarei ou sairei até o final do ano.

— E está indeciso.

— Sim.

— Já pensou no que fará se decidir sair?

— Montarei o meu próprio negócio — faz-tudo, reparos, construção, em geral. Talvez aprenda algum ofício de outro tipo como colocação de pisos, linóleo e tapete, entre outras coisas. Ser um bom faz-tudo.

— Posso atestar que é um bom faz-tudo. — descansando a cabeça em seu ombro, olhou para o céu. Permanecia escuro, o cheiro de chuva forte no ar. — E se decidir permanecer no exército?

— Então precisarei me concentrar em promover a minha carreira, subindo na hierarquia. Há oportunidades.

— Então, precisa decidir qual caminho quer seguir.

— Sim. — se inclinou para dar um beijo em sua cabeça. — Algum conselho?

— Está me perguntando isso? Nossa! Nick, não acho...

— É importante para mim.

— Sêrio? — inclinando a cabeça, olhou para cima para vê-lo.

Será que podia vê-la mais claramente no escuro do que poderia vê-lo? Possivelmente. Provavelmente tinha visão vinte por vinte enquanto ela logo precisaria de óculos de longa distância.

— Sim.

— Tudo bem. — respirou fundo. — Nick, precisa decidir com base no que quer.

Ele ficou em silêncio.

— Quero dizer, precisa pensar no que desistiria se deixar o Exército — o seu modo de vida, seus amigos, suas opções de

carreira, a vida ordenada, todos esses anos que colocou nele. Então precisa pensar o que terá se pegar a vida civil — pagar suas próprias contas médicas, ter uma hipoteca e batalhar no mundo dos pequenos negócios.

— Faz parecer tão convidativo.

— Ah, mas também terá de tomar suas próprias decisões diárias, ter a satisfação em trabalhar com as mãos fazendo o que gosta, e estará livre para mover-se, se quiser, para onde desejar. Será responsável apenas por si mesmo.

— Agora soa mais convidativo.

E poderia vê-lo todos os dias. Não teria que dizer-lhe adeus quando fosse embora.

Quase imediatamente, repreendeu-se. Não podia deixar que seus próprios desejos o influenciassem, seria injusto. Odiaria se fizessem isso com ela e de maneira alguma faria a ele.

— Em primeiro lugar, precisa tomar essa decisão por si mesmo, por mais ninguém. Ela afeta toda a sua vida. Precisa ser feliz com sua decisão.

Quando seus olhos se adaptaram à escuridão, podia ver mais de seu rosto, mas ainda não conseguia ler sua expressão.

— Às vezes, as decisões dependem de uma série de coisas — murmurou. — Há outras coisas que afetam a vida, outras considerações. Outras pessoas.

— Deixar o Exército unicamente por causa de outra pessoa não é exatamente a resposta. Relações funcionam, muitos homens e mulheres militares são casados com civis. Alguns casais não conseguem lidar com a separação, outros podem. Olhe para Harly e Alex, ela é feliz em esperá-lo. Eles têm suas vidas separadas e uma vida quando estão juntos. E fazem isso dar certo.

Podia não ser capaz de ler sua expressão, mas podia sentir seu olhar.

— E você, Bree? — perguntou suavemente. — Estaria disposta a fazer isso? Esperar por seu marido militar voltar para casa de férias e ir embora depois de certo tempo?

Não precisou pensar duas vezes. — Nunca faria um homem mudar por mim. Se a vida militar é o que quer, sim, esperaria.

— Não é fácil. Sei disso por causa dos meus companheiros casados e aqueles em relacionamentos.

Ela deu uma pequena risada. — Ei, nunca escolhi um caminho fácil, por que começaria agora?

Seu braço ao redor dos seus ombros apertou gentilmente. — É uma mulher especial, Bree Ford.

— Ora, muito obrigada, General.

Um confortável silêncio caiu entre eles, apesar de agora Bree pensar que em mais um mês Nick voltaria para a base do Exército e não sabia quando o veria novamente. Será que

ainda gostaria de vê-la novamente? Supondo que conheça alguma boa garota e envie uma carta de despedida para Bree? Uma carta do tipo Querido John no sentido inverso.

Isso doía. Direta e profundamente, uma dor que se estendia um pouco, provocando-lhe náuseas.

Deus, menina, se controle! Sua imaginação é bem fértil! Só conhece Nick por três semanas, e sim, antes que por meio de cartas por nove meses, mas se controle!

— Continue escrevendo para mim — disse Nick.

— Hum?

— Sei que recebi a sua carta de despedida, mas não quero que seja a última.

Nunca realmente pensou nisso, quão idiota era? Acabara de viver o momento.

— Ok. — Uma onda de prazer a inundou. — Gostaria disso.

— E-mail. Skype.

Bree sorriu. — E se o governo me acompanhar?

— Te salvarei.

— Dos homens de óculos pretos e carros?

— Sim.

— Meu herói.

— Sim.

— Só por que arriscarei escrutínio secreto do Governo para mandar e-mail e Skype para você.

— Estou ansioso por isso. — outra pressão de seus lábios em sua cabeça.

Aconchegada a seu lado, Bree suspirou de prazer. Não tinha controle sobre o futuro, mas agora tinha Nick. Ela o teve por nove meses antes e agora e num futuro previsível. Ficaria contente com isso e tentaria afastar seus medos estúpidos. Ninguém sabia o que o futuro reservava, tanto que aprendeu desde a sua infância. Nunca sonhou que moraria em uma pequena cidade em uma comunidade agrícola, teria dois siameses que eram a alegria de sua vida e uma linda casa. E como se não bastasse, tinha um namorado quente e protetor. Não deixaria o ciúme idiota e incerteza, emoções que não costumava sentir, destruir sua felicidade.

Isso a lembrou... — Adivinha?

— Hummm?

— Vou comprar minha casa.

— Sério?

— Sim. O Sr. Tinsdale decidiu um valor e me deu a primeira opção. Não é incrível?

— É uma bela casa. Parabéns, querida.

— É. — Feliz, se inclinou para Nick e olhou para a escuridão.

De repente, lembrando por que estavam ali, se endireitou abruptamente, levantando a câmera para o céu.

— Merda. Quase esqueci das luzes.

Nick estava com ela a cada passo do caminho, nunca muito longe, enquanto se movia ao redor da van e arbustos, mantendo o olhar no céu. Nada. Sem luzes, ainda havia tempo.

Voltando para a van, abriu a porta e entrou. — Chá quente, Nick?

— Obrigado.

— Aqui. — entregou-lhe. — Sentarei no capô para ficar de olho no céu. Se ficar com muito frio, pode esperar aqui.

— Sim — disse secamente. — Como se isso fosse acontecer.

Em poucos minutos sentaram lado a lado na beira da capota da van, ela se arrastou e suas botas apoiadas no capô. Passando-lhe uma maçã, tomou um gole de chá e deu uma mordida na maçã.

Ficaram em silêncio satisfeito por vários minutos.

Nick quebrou o silêncio primeiro. — Ouviu falar sobre a vaca de Ted?

— O que tem a vaca de Ted?

— Encontrada morta perto da estrada.

— Mutilada? — não podia evitar a pergunta.

Cutucou-a com o cotovelo. —Não. Mas acho que é capaz de terminar a história, caçadora de alienígena.

— Hum. É uma história engraçada.

— Tenho certeza.

— Obviamente ouviu alguma coisa.

— Suspeito muito. Dê-me uma chance no negócio real.

— Fofo. — Bree deu outra mordida na maçã. — Bem, veja, ouvi dizer que a vaca de Ted foi encontrada morta na estrada também. Conversei com Ted e também com o veterinário. Aparentemente, a vaca saiu em uma noite de tempestade, não muito tempo atrás.

— Três semanas, para ser exato.

— Olha quem tem o objetivo de ser líder da classe.

— Tento.

— Sei... — Ihe deu uma leve cotovelada. — De qualquer forma, meio que juntamos as coisas. A vaca saiu e por algum motivo estranho se assustou e apenas aconteceu que minha pequena van estivesse por perto e a vaca batesse na porta do motorista. Não foi um alien que fez isso.

— Você não sabe.

Ela apontou o dedo para ele. — Um alien, provavelmente, assustou a vaca.

— Realmente.

— Ou algo assustador, porque não existe nenhuma explicação para a vaca ficar louca e bater na minha porta. — fez uma pausa. — Coitada.

— A sua porta?

— Não. A vaca. Coitada. — realmente se sentia triste por isso.

— Ted te fez pagar pela vaca?

— Não. Alegando o seguro ou algo assim.

— Bom. Não foi culpa sua.

— Foi da minha porta.

— Era a sua vaca que corria solta.

— Ah, bem.

— E bater na porta da van não a mataria.

— É verdade. Nunca perguntei o que a matou.

O silêncio pairou novamente por um tempo curto.

Nick jogou o miolo da maçã no meio dos arbustos.

— Então, as suas cartas...

— Hummm?

— Por que nunca coloca seu sobrenome?

— Oh, bem, quando escrevia no início para minha paixão secreta, pobre coitado, estava sob a influência paranoica de minha mãe, que não queria que ninguém soubesse que eu escrevia para um militar, no caso do exército descobrir e nos rastrear por caçar aliens.

— Mas não acredita nisso agora.

— Não, cresci. Acredito que existem coisas que acontecem que são mantidas em segredo, acredito em extraterrestres e outras coisas inexplicáveis, mas mamãe e eu somos pequenos amendoins, pequenos demais para qualquer um se preocupar. Além disso, várias pessoas tiraram as fotos ou fizeram vídeos de OVNI's e nenhum deles desapareceu. — cuidadosamente, fez uma pausa. — Que eu saiba, de qualquer maneira.

— Mas ainda só coloca seu primeiro nome nos envelopes.

— Força do hábito, acho. Nunca pensei nisso.

— E sem Skype, sem fotos.

— Ficaria com a língua presa, se falasse por Skype com um homem que nunca conheci.

Nick a olhou. — Ficaria?

— Sim.

— Mas me ligará no Skype, certo?

— Sim, mas te conheço. — Bree jogou o miolo da maçã na direção oposta para onde jogou o dele. — É diferente.

— E sobre a foto da Angelina Jolie que mandou no lugar de sua foto?

Sorrindo, cruzou os braços sobre os joelhos parcialmente dobrados.

— Pensei que ficaria feliz.

— Tinha a irritante sensação o tempo todo que não era você.

Bree riu abertamente.

— Qual o problema com a foto? — Nick persistiu.

— Não mantenho os meus meninos soldados para sempre, apenas um curto período de tempo. Enviar foto parece pessoal.

— Gostaria de ter recebido uma foto.

— Oh, querido. — deu-lhe um tapinha no braço. — Será que Alex precisou te confortar quando sua antiga amiga de correspondência não lhe enviou a foto?

Nick pegou na sua mão. — Levarei uma foto comigo neste momento.

— Poderia permitir isso. A menos que exista alguma outra estrela de cinema nas revistas que prefira recortar e mandar o invés da minha?

— Você é a única estrela que quero.

— Por isso, lhe darei dois beijos quando chegarmos em casa.

— Teremos uma vantagem. — virou para encará-la. — Me dê um momento.

— Estou em uma caçada — disse severamente.

— Eu também. — se aproximou.

— Acho que caçamos coisas diferentes.

— Seu ponto?

Com a intenção de beijá-lo, Bree se inclinou em direção a ele. — Meu ponto é... caramba! Olha isso!

Nick olhou para frente.

Com o coração acelerado, Bree levantou a câmera de vídeo para o seu olho. — Para cima, Nick! À direita!

Alto no céu, duas luzes se moveram rapidamente, abaixando, virando para a esquerda antes de voltar e voar ao lado da outra luz. Abaixaram de repente, atravessando a estrada e desapareceram atrás dos arbustos mais longe.

Bree saiu do capô e recuperou a lanterna de sua mochila antes de colocar a mochila nos ombros.

Uma grande mão pousou em seu ombro. — Onde vai?

— Para aqueles arbustos ver se as luzes pousaram. — a excitação a dominava, uma antecipação familiar enchendo-a. — Venha!

— Não tem ideia do que está do outro lado. — a reprovação evidente em cada linha de seu corpo, sem mencionar o seu estado de alerta, Nick bloqueou seu caminho.

— É por isto que estamos aqui, Nick. É isso.

— Bree...

— Olha, viu as luzes. — Impaciente, ficou na ponta dos pés. — Você as viu.

— Vi alguma coisa — começou cautelosamente.

— Oh, vamos lá, Nick! — Bree olhou para os arbustos. — Veio em uma caçada comigo, é meu parceiro. Venha.

Nick praguejou baixinho antes de alcançar sua mochila, pegar uma lanterna maior de dentro dela e guardar algo em seu bolso antes de colocar a mochila nos ombros.

Bree saiu correndo, só parando quando Nick agarrou o seu braço. — E agora? O que, o que, *o que*?

— Se faremos essa coisa idiota, ficará bem ao meu lado.

—Temos que nos apressar!

— *Bree*. — Havia uma rigidez que não ouvir anteriormente em seu tom. — Ou fica ao meu lado ou a arrastarei de volta para a van e a levarei para casa.

Cada segundo desperdiçado argumentando era um segundo perdido na obtenção de um possível close dos OVNI.

— Tudo bem. Tudo bem. Mas vamos lá.

Capítulo Nove

Nick acompanhou Bree a cada passo do caminho, insistindo em ir à frente por entre os arbustos.

As luzes desapareceram atrás de arbustos a uma justa distância e precisaram passar por cima de uma cerca de arame para entrar no campo.

Normalmente Bree cuidaria de tudo sozinha, mas Nick era um parceiro silencioso e eficiente. Abaixou a cerca de arame o máximo possível para que pudesse passar e nunca a deixava estar mais do que um ou dois passos dele. Nem uma vez a deixou ficar à sua frente.

Falaria sobre isso com ele mais tarde, mas agora havia muita coisa em jogo.

Quão impressionante seria ter um close das luzes! Certo, estava escuro do outro lado dos arbustos, nenhum sinal de luzes, mas nunca se sabe. Nunca sabia o que poderia estar lá!

Nick assumiu a liderança, uma vez que chegaram aos arbustos, afastando-a com um brilho duro em seus olhos quando tentou protestar. Era apenas mais fácil ceder, então o deixou ir primeiro.

O homem moveu-se com discrição. Com certeza se moveria com dificuldade e receberia vários arranhões e provavelmente cairia pelo menos uma vez na sua impaciência. Nick segurava os ramos, movendo-se com eficiência cautelosa e deliberada.

Era realmente um bom parceiro de caça. Definitivamente a fez se sentir muito mais segura.

Quando se aproximaram da beira do mato, a fez desligar a lanterna. Então ajoelhou-se, puxando-a com ele. Colocando a boca perto de sua orelha, ordenou em voz baixa. — Fica aqui.

— O quê? Nick...

— Voltarei logo. Fica parada até lá. — sem esperar por seu argumento, ele desapareceu na escuridão.

Como o homem podia simplesmente desaparecer? Irritada, Bree olhou na direção que foi, mas não havia um som, nem mesmo um pequenino sussurro para indicar que estava por perto. Se não soubesse, quase acreditaria que estava sozinha.

Várias gotas de chuva caíram, mas, por enquanto, era fraca. Só mais um pouco, era tudo o que pedia, um pouquinho mais.

Impaciente, olhou ao redor. Se o soldadinho não se apressasse, iria até o último dos arbustos para detectar os OVNI's. Mordeu o lábio. E se Nick tropeçou em cima deles e se chegaram a ele? Oh merda, poderia fazer Nick se tornar o próximo abduzido por alienígenas!

Ficou na posição vertical com a intenção de passar pelos arbustos para salvar Nick. Fossem alienígenas amigáveis ou perigosos, não se importava, ninguém brincaria com seu soldadinho.

Bree deu um passo à frente. Algo a agarrou por trás, com um braço ao redor da cintura, uma grande mão grande sobre a boca para abafar o seu grito antes que pudesse escapar. Foi transportada pressionada contra um corpo alto e forte, o aroma combinava sabão com o perfume masculino único de Nick, fazendo-a ceder em alívio.

— Onde pensa que vai? — tirou a mão da sua boca.

— Pensei que tivesse sido levado.

Manteve o braço ao redor da sua cintura quando ficou a seu lado. — Sou difícil de ser levado.

— Sim, mas não sabia.

— Quando disser para ficar parada, fique parada.

— Tudo bem. — Nem mesmo o ouvindo, segurou a lanterna.

— O que há? Viu alguma coisa?

— Não há nada lá.

— Nada? — decepção a inundou. — Sério?

Acendeu a lanterna. — Venha, vou te mostrar. — Tomando-lhe a mão, levou-a até o último dos arbustos.

Saíram na beira de um riacho. Do outro lado do riacho havia um campo claro. Estava escuro, sem naves espaciais, sem luzes, sem misteriosos indivíduos altos e magros. Uma pancada soou, mas quando Bree virou a lanterna viu que era um canguru, os olhos brilhando à luz antes que pulasse no meio dos arbustos.

Nenhum animal, mamífero, réptil ou pássaro estaria na área se um extraterrestre estivesse presente.

Desapontada, abaixou a lanterna. — Droga.

Nick deu-lhe a mão um pequeno aperto.

— O lado bom, capturou imagens das luzes. — Sim. — encorajada, sorriu. — Sim, capturamos, não foi?

— Capturamos.

— Não pode negar agora. — Quando apenas a olhou fixamente, acrescentou — Você viu os OVNIIs.

— Vi luzes no céu.

— Quando não havia avião programado para sobrevoar.

— Aparentemente.

Bree tirou a mochila dos ombros e colocou no chão. — Viu como as luzes se moviam. Nenhuma aeronave pode se mover desse jeito.

— Nenhuma que conhecemos — concordou com calma. — Mas não sabemos que designs os militares e outras organizações estão experimentando.

— Oh, vamos lá! Nick, realmente? Vai nessa direção?

— Digo que vi luzes que não posso explicar. Se eram aliens, não tenho nenhuma ideia.

— Mas não acredita que sejam.

— Acredito no que vejo.

— Só porque não há homens cinzentos correndo ao redor com lasers apontados para nós não significa que não estão lá. Existe uma grande quantidade de evidências relatadas de abduções alienígenas, você sabe.

— Você não diz.

— Pequenos pedaços de metais foram encontrados no corpo dos abduzidos.

— Um dos meus colegas tinha alguns metais. Estilhaços.

— Nick!

— Querida, vamos concordar em discordar, ok?

Exasperada, levantou os braços. — Tudo bem. Deus, é um cabeça-dura.

Rindo, foi para frente, estendendo-lhe a mão — Vamos para casa.

Puxando sua mão, deu um passo para trás. — Oh, não pense que sou assim tão fácil de agradar, Nick. Terá que rastejar muito para voltar a estar nos meus bons livros.

— Posso rastejar. Sou bom em rastejar.

Sentindo-se bem pela gravação com as luzes e não realmente surpresa com sua descrença ainda, Bree sorriu. — Pode começar... *ahhhh* — A chuva forte desabou. Assustada, cambaleou para trás.

— Bree! Cuidado! — Nick tentou segurá-la. Tarde demais. A parte lateral do córrego desmoronou, desequilibrando Bree. Ela foi para trás. Nick agarrou seu pulso, mas o resto da terra lamacenta cedeu e caiu ladeira abaixo atrás dela, ambos caindo na água.

Ela afundou, o choque como um tapa frio no rosto. Subindo na água, Bree engasgou com a água gelada encharcando suas roupas, a chuva fria batendo para baixo.

Caramba! Estava congelando!

Não preocupada consigo mesma, virou freneticamente na água. — Nick! Nick, onde está? Nick! — será que podia ouvi-la acima da chuva?

Não podia ver corretamente, sua lanterna estava no fundo do riacho em algum lugar. Foi inclinada para o lado, lançando apenas um vislumbre no seu caminho.

— Estou aqui. — a voz de Nick, silenciada pela chuva, veio por trás dela e então ficou a seu lado, com a mão em seu ombro enquanto gritou sobre o barulho da chuva — Está bem?

Aliviada, balançou a cabeça. Então começou a bater os dentes. — Está f-frio.

— Sim. Sabe nadar?

Só podia acenar.

— Vamos.

Ele nadou ao lado dela, mantendo-se perto. Saindo primeiro da água, agarrou seu braço, puxando-a para fora. A parte superior do aterro não estava muito longe, mas a grama escorregadia e a lama não ajudavam, não combinadas com a chuva, que continuava forte.

Na parte superior pegaram suas mochilas, colocando-as sobre os seus ombros, então Nick segurou a mão de Bree na sua, a lanterna na outra e levou-os de volta por entre os arbustos.

Parecia quilômetros de distância de onde estacionou o carro, e no momento em que entraram e fecharam a porta, Bree podia ver que os lábios de Nick eram quase azuis.

Obviamente, não parecia muito melhor, porque olhou para seu rosto e soltou um palavrão. Sem uma palavra, colocou a mão na frente da calça jeans encharcada e tirou a chave do carro.

Nick dirigia enquanto Bree sentou-se no banco do passageiro tremendo de frio. O aquecedor lançava o ar quente nos dois, mas não fazia muita diferença.

Ambos estavam em silêncio, principalmente porque Bree não conseguia dizer uma palavra por causa de seus dentes que batiam e Nick... bem, Nick apenas dirigia com sua mandíbula apertada, possivelmente, pensou, para impedi-lo de fazer o mesmo. Possivelmente.

O celular tocou não muito tempo depois. Pegando-o, conseguiu atender — S-sim?

— A lua está alta — disse Jackie.

— Oh, p-pelo amor de D-Deus, J-Jackie, n-nn-não agora!

— A lua está alta.

— C-caímos em um r-rio!

— A lua está alta.

A única vez que Bree precisava que Jackie não fosse paranoica a mulher não levava a dica muito a sério.

Nick olhou para Bree.

— O-o mm-maldito sol está bb-baixo — conseguiu dizer, sentindo-se incrivelmente estúpida quando simplesmente balançou levemente a cabeça e olhou para a estrada.

— Conseguiu gravar as luzes? — perguntou Jackie.

— O-ouviu o que disse? — certamente podia ouvir a forma como Bree falava

— Perigos da caçada. Viu as luzes?

— P-p-poderíamos ter n-nos a-a-afogado!

— Foco, Bree. As luzes. Viu?

Bree desligou o telefone.

Nick não disse uma palavra, apenas lançou-lhe outro olhar.

Deus, Jackie era caolha quando se tratava de OVNIIs, mas puxa, onde estava mesmo um pequenino, minúsculo fragmento de preocupação?

O celular tocou novamente quando Nick virou na calçada.

Bree o atendeu — O-o quê?

— É Mick. Está tudo bem?

Ah, finalmente! Alguém que se importava!

— S-sim. E-estamos b-bem, mas...

— Excelente, excelente. Agora, viu as luzes?

Bree viu a casa entrar em vista. Segura, acolhedora, o seu pequeno paraíso.

— Bree — Mick disse insistentemente. — Isso é importante.

Obviamente mais importante do que ela e Nick caírem em um maldito riacho numa noite de tempestade.

Nick parou a van o mais perto da varanda que pôde antes de desligar o motor. Tremendo um pouco por causa do frio, olhou para Bree. — Precisamos entrar, tirar essas roupas e nos aquecer.

— Bree, espere! Antes de fazer... — Mick começou quase desesperadamente.

Nick não moveu o olhar do rosto de Bree. — Mick, Bree está a uma fração da hipotermia. Isso esperará até amanhã.

— Mas é im...

— Nada é tão importante quanto a minha menina. — Nick desligou o celular, sua expressão não mudando nem um pouco. — Vamos.

— N-nenhum argumento d-d-de mim.

Fechando as portas, correram para a varanda e subiram os degraus, os dois tirando seus sapatos pesados e jaquetas encharcadas, deixando-as jogadas na varanda.

No interior, Nick apontou para o corredor.

— Chuveiro quente, agora.

— M-m-mas seus lábios estão a-azuis — conversava.

— Estou bem. Irei depois de você. — deu-lhe um pequeno empurrão. — É uma ordem.



Deus, a água quente caindo lhe fazia bem. *Bem* era um eufemismo. Aqueceu sua carne congelada e trouxe o sangue de volta para a superfície.

No entanto, não aliviou sua raiva contra os amigos de Bree. Não estavam interessados na possibilidade de que ela podia ter se afogado, isso ficou muito claro, mesmo pelo celular, quando mal conseguia falar por entre os dentes batendo.

Cara, queria colocar algum sentido naquelas cabeças. Se estivessem em sua equipe, os faria cavar latrinas e ficariam em patrulhas noturnas, até que pensassem que era toda a sua sorte no exército.

Desligando a água, Nick saiu, pegou a toalha e começou a secar-se. Vapor encheu o banheiro, embora o ventilador estivesse fazendo um bom trabalho em dispersá-lo. Dê-lhe mais alguns minutos e ele seria capaz de ver a si mesmo no espelho. Talvez.

Esfregando-se vivamente com a toalha macia, o queixo de Nick apertou. Deus, quando a viu cair no aterro, agarrou a sua mão, embora soubesse que era inútil, logo que suas próprias botas começaram a escorregar, seu coração quase saiu pela

boca. Em seguida, o riacho engoliu a ambos. Quando submergiu, sentiu um medo angustiante de que ela tivesse batido a cabeça, desaparecido sob a água, levada e machucada e não poderia fazer nada.

Drenaria todo o maldito riacho para encontrá-la se ele necessário. O alívio quando a ouviu gritar seu nome e a viu na água foi quase irresistível. A próxima preocupação era tirá-la da água fria.

Pobre Bree. A mulher estava congelando, lábios azuis e dentes batendo. Embora nenhuma vez tenha se queixado, ela pegou a mochila e seguiu-o sem queixa ou lamento. Tudo o que podia fazer era levá-la para casa e colocá-la em um chuveiro quente. Até agora ela bebia o chocolate quente que a deixou no banco da cozinha, o aquecimento central tornando a casa toda quente e aconchegante.

Passando a toalha sobre seu cabelo, lembrou-se da expressão em seu rosto quando seus supostos amigos telefonaram. Por alguns segundos, parecia tão desapontada, tão só, e depois o deixou orgulhoso, desligando o celular e cortando Jackie. Se não estivessem ambos congelados até a medula, a colocaria em seus braços, lhe daria um abraço, para que soubesse que estava lá para ela. Sempre estaria, não importa o que acontecesse. Só esperava que ela soubesse disso.

Olhando ao redor, de repente percebeu que as roupas molhadas que deixou perto da porta desapareceram. Bree deve ter entrado e pegado enquanto estava ocupado se *cozinando* no chuveiro.

A segunda coisa que percebeu foi que não tinha roupas para colocar. Havia um roupão perfeitamente dobrado no banco perto da porta onde não havia um anteriormente.

Nick ergueu-o. De jeito nenhum caberia. Muito curto e pequeno. Não, a única coisa que podia fazer era enrolar uma toalha em seus quadris e ver quanto tempo demoraria para que suas roupas secassem. Esperva que Bree não tivesse esquecido de verificar os bolsos e tirado sua carteira.

Envolvendo uma toalha limpa ao redor de seus quadris, a amarrou com segurança antes de passar um dos pentes de Bree rapidamente pelo cabelo. A vantagem de ter cabelo curto é que era rápido para secar.

Abrindo a porta do banheiro, saiu. O aquecimento central combinado com o isolamento no teto fazia um trabalhando maravilhoso, o corredor já estava quente. O tapete era um tampão perfeito entre seus pés descalços e o chão de madeira.

Ouvindo Bree murmurar e gritos entusiasmados de Sheba vindo da cozinha, Nick se dirigiu para ela. Chegando a porta, viu Sheba deitada de cabeça para baixo nos braços de Bree, ronronando em êxtase quando Bree balbuciou sobre ela.

Olhando para cima, quando Nick entrou, Bree arregalou os olhos. — Oh, Nick, ficará com frio.

— Estou bem. — O chão estava um pouco frio debaixo de seus pés, mas nada para reclamar. Comparado a alguns lugares que esteve, este era um palácio. Cruzando a bancada da cozinha, viu que sua carteira estava ao lado da sua caneca. Verificando sua caneca, ficou satisfeito ao ver que estava vazia. — Boa menina.

— Longe de mim desobedecer a uma ordem — disse secamente.

— Está aprendendo. — Ihe deu um sorriso.

Cara, era tão bonita. E muito mais quente, ficou aliviado ao ver o rosa substituindo o azul de seus lábios e o branco de suas bochechas. Seu cabelo caído nas costas. Nunca o viu solto antes e suas mãos coçaram para tocá-los, para testar o peso em suas mãos, para segurar enquanto inclinava a cabeça para trás para... bem, por que não? Pensou que a tivesse perdido esta noite, por apenas alguns segundos, pensou que tivesse ido embora. Porra, merecia beijar e abraçar a mulher que amava.

Cedendo ao desejo, fechou a pequena distância entre eles, passou a mão por todo aquele cabelo e agarrou-o com cuidado, puxando a cabeça para trás até que seu rosto estava inclinado para a sua satisfação. Seus olhos estavam arregalados, mas

havia um brilho definido nas profundezas de avelã, a luz pegava as manchas verdes.

Inclinando-se, Nick a beijou. Seus lábios eram tão macios, sua boca tão convidativa quando a abriu de boa vontade para ele. Inclinando-se para o beijo, recebeu-o, enchendo-o com o seu gosto, sua doçura.

Sheba gritou seu aborrecimento quando Bree se inclinou para ele, saltando dos seus braços para o banco da cozinha.

Isso foi ainda melhor, significava que poderia abraçar Bree corretamente e esmagá-la contra si.

O beijo de Nick passou de tranquilizador e amoroso a esfomeado.

Deus, ela fazia isso com ele o tempo todo, o seu gosto fazia com que desejasse outro beijo, um beijo mais profundo, mais quente.

Segurando a sua cabeça com as mãos, a manteve assim para que pudesse se deleitar em sua boca, prová-la, chupá-la.

Havia um arranhão leve das unhas em sua pele nua antes das mãos de Bree pararem na cintura, os dedos acariciando, mudando, passando a apertar um pouco quando testou a ligeira elasticidade de sua massa muscular.

O toque dela inflamou-o ainda mais e foi só com muito esforço que afastou sua boca da dela. Descansando sua testa na dela, fechando os olhos, prendeu a respiração, bem ciente

de que o seu ardor estava perigosamente perto de queima fora de controle.

Jesus, alguns beijos quentes e não era o suficiente, nunca seria suficiente. Seus corpo, seu eixo pulsava com desejo. Mas não a forçaria, recusava, prometeu.

— Nick... — sussurrou.

— Sim? — sua voz era baixa até para seus próprios ouvidos.

— Estou pronta.

Acalmou-se, absorvendo as palavras. Será que ela quis dizer...? Será que realmente quis dizer...? Seu coração começou a bater forte e pesado.

— Bree?

— Estou pronta.

Lentamente, abriu os olhos, olhando diretamente nos dela. Viu desejo e um pequeno toque de timidez.

— Faça amor comigo, Nick.

Eram as palavras mais doces que ouviu em toda a sua vida.

Mas precisava ter certeza, tinha que...

— Bree, tem certeza? — sua voz com grande profundidade, tão grave com a necessidade, quando queria ser tão reconfortante, tão gentil.

Ela não pareceu se importar, seu sorriso uma intrigante mistura de paixão e timidez. — Se ainda me quiser.

Jesus, se ainda a quisesse. Sofria com o próprio pensamento de tê-la debaixo dele, para estar profundamente dentro dela, a amá-la como queria, como ela merecia. Para, finalmente, ser um com ela.

Reinando em seus desejos mais básicos, Nick acariciou seus polegares em todo o rosto dela. — Cuidarei de você, Bree.

— Eu sei. — uma espreitadela encantadora de covinhas. — Sempre cuida.

—E sempre cuidarei — prometeu.

Podia pensar que falou no calor do momento, mas Nick falava sério. Significava que por agora, para quando iniciasse sua vida amorosa e para o resto de sua vida.

Tomando-lhe a mão, a levou da cozinha, tendo o bom senso de pegar a sua carteira no caminho e sorrindo quando estendeu a mão automaticamente para apertar o interruptor de luz à medida que passavam por ele. Pelo corredor e no quarto dela.

Era um quarto bonito, observou distraidamente, estilo antigo, quente, confortável e feminino sem ser excessivo. A cama queen-size estava coberta por uma colcha grossa, as cortinas fechando o mundo, o abajur Tiffany no criado mudo lançando um brilho suave na cama. Perfeito.

Soltando a carteira no criado mudo, Nick puxou-a ao lado da cama. Sem perguntas agora, se quisesse que parasse, teria que dizer ela mesma.

Bree não hesitou, desatando o cinto em volta da cintura. O roupão deslizou de seus ombros e foi jogado para a pequena, e elegante, poltrona com estampa floral ao lado do criado mudo. Então parou e o olhou.

O instinto protetor enorme que ele tinha por ela acabou subindo de volta para a vulnerabilidade em seus olhos.

— Nick — sussurrou — não invoque a regra de cinco segundos para isso, mas penso em apagar a luz

— Sério? — deu um beijo no topo de sua cabeça, inalando profundamente o cheiro de xampu, os fios tão sedosos contra seus lábios enquanto a puxou para mais perto. — E eu penso na lâmpada acesa.

— Meu quarto, deveria escolher.

— Minha mulher, faço a escolha.

— Nick...

— Querida, sei no que pensa. — passando as mãos por baixo do seu cabelo, gentilmente massageou sua nuca, recompensado por sua garganta arqueando para trás, os olhos meio fechados de prazer. — Mas sei o que sei. Você é linda. Cada curva, cada dobra. Eu amo tudo isso.

— Você não viu tudo ainda.

— Mas sei. Sei, porque este corpo é uma parte de você, Bree, e adoro isso. Eu te amo. — passou seus lábios nos dela, deliciando-se com a exuberância.

Cegamente seguiu-o, querendo mais quando roçou os lábios no canto dos lábios, evitando sua boca e buscando facilmente quando tocou os lábios em sua bochecha, beijando suavemente abaixo da orelha, lambendo a pele sedosa levemente, rindo baixinho quando estremeceu e encolheu os ombros em sinal de protesto das cócegas.

— Agente firme, querida. — passou as mãos dos seus braços para os lados, suavizando ainda mais para baixo para descansar em seus quadris. — Confie em mim.

Ela só teve o seu coração diretamente fora de seu peito. Sem queixas, sem hesitação, inclinou a cabeça, expondo sua garganta em total confiança de suas palavras.

Jesus. Ela o matava com a sua vontade, sua confiança, sua abertura. Como teve tanta sorte?

O deixou ainda mais determinado a ser delicado, a ser o tipo de amante que precisava para sua primeira vez.

Encontrando a pulsação acelerada na lateral de sua garganta, lambeu-a sem pressa, beijou-a, em seguida, chupou com cuidado até bater freneticamente sob sua língua calmante.

Afastando, traçou a curva graciosa do pescoço, voltando para abaixo da orelha, onde beijou levemente mais uma vez, passou a língua, recompensado pelo seu gemido e seus dedos arranhando levemente sua espinha.

Ela o tocava, as palmas das mãos moldando suas costas enquanto as traçava por sua pele aquecida. Em seguida, suas mãos abaixaram, roçando o topo da toalha, escorregando um pouco em baixo, quase o enlouquecendo com a urgência que aqueles toques inocentes evocaram.

Seu eixo fez tenda na toalha entre eles e, em seguida, se aproximou, seus quadris pressionando nele, seu eixo pressionado entre seus corpos. Deus, era muito bom, seu comprimento duro em sua suavidade.

Nick tomou sua boca novamente, com mais fome, tornando mais difícil o desejo de ir devagar quase arrastado pela sensação de suas mãos, de repente deslizando por baixo da toalha, as palmas das mãos alisando suas nádegas para descansar de cada lado.

A toalha caiu, presa na frente entre seus corpos, deixando suas costas e nádegas nuas para que as mãos vagassem timidamente.

Quando procurou explorá-lo, então ele também fez, só que com mais segurança, mais confiança e mais experiência. Lentamente, puxou a camisola, mantendo sua mente longe do

que fazia provocando a sua boca com beijos, mordidas e lambidas antes de colocar sua boca na dela e saqueá-la.

Poderia beber dela a noite toda e ainda ter sede. Sabia que nunca se cansaria de Bree.

O arredondamento das coxas era uma delícia, a maciez de sua pele, uma doce tortura, mas o que realmente tocou a sua mente foi achar os quadris nus. Bree não usava calcinha.

Oh, obrigado, Deus.

Uma pequena mudança de seus quadris e a toalha caiu entre seus pés, onde foi chutada de lado. Então simplesmente se apertou contra ela.

Oh doce misericórdia, seu eixo em seu ventre arredondado, pele com pele, o calor para aquecer, dureza para suavidade.

Bree abriu os olhos, o desejo nas profundezas quase tirando o seu fôlego.

— Nick... — se aproximou mais, suas mãos em suas nádegas, como se pudesse puxá-lo em sua própria pele.

— Calma, querida. — erguendo a cabeça, deu um suspiro profundo e se acalmou, colocando seu ardor furioso sob controle. Enquanto ainda estava desviada pela sensação de seu pênis contra ela, pediu suavemente — Levante os braços.

Ela obedeceu sem questionar e ele tirou a camisola sobre sua cabeça, jogando-a longe sem se preocupar onde cairia.

Pequenos mamilos duros contra seu abdômen superior e com um gemido segurou os globos saborosos, deliciando-se com a forma como sobressaiam em suas mãos grandes. Elevando-os, pesando-os, nunca viu seios mais bonitos, mais exuberantes.

Abaixando-os, olhou em seus olhos, vendo o rubor do desejo e da incerteza combinada. — Bonita, Bree, é tão bonita.

— Não tão bonita quanto você — sussurrou. —Tão perfeito.

— Tão suave. — a puxou para mais perto, colocando os braços ao redor da cintura, cobrindo as mãos na base das costas.

— Tão forte. — erguendo os braços, colocou-os ao redor de seu pescoço.

— Tão impecável. — Antes que dissesse mais alguma coisa, a beijou com uma ternura de doer o coração.

Deixando a boca, deu um beijo na ponta do nariz e depois na testa antes de se inclinar para o lado e puxar o lençol. Endireitando, a olhou.

Bree olhava para a cama. Olhou para ele e sorriu hesitante. — Acho que é isso.

Sempre teve o poder de fazê-lo rir. Mesmo agora, querendo-a tanto que fisicamente doía, ainda podia rir, divertido.

Ela riu com ele, abaixando a cabeça em seu peito e a abraçou, embalando-a contra ele por alguns segundos antes de se afastar um pouco para que visse o seu rosto. — Bree, te prometo, farei isso tão bom quanto puder.

— Não duvido. — suas palavras seguintes o explodiram. — Estou tão feliz por ser você.

Tão feliz que era seu primeiro amante, o único a tomar a sua virgindade. Nick estava tão decidido que seria o único amante que teria e que seria seu único amante daqui em diante.

Não era possível naquele momento expressar os seus pensamentos, só poderia beijá-la profunda e ardentemente, desesperado para imprimir-se sobre ela.

Enquanto o beijava, a guiou em cima da cama, colocando um braço sob os joelhos para balançar sobre o colchão. Seguiu-a rapidamente, achando que fosse puro, doce céu quando se estabeleceu sobre ela, seus quadris pressionando os dela, o berço macio dando-lhe as boas-vindas.

Apoiado em seus braços, a olhou. A mulher que amava, sua Garota do Adeus, abaixo dele, esperando por ele, presenteando-o com algo que guardou todos esses anos para o homem certo.

Dobrando os cotovelos, colocou os lábios em seu ouvido. — Sou o homem certo, Bree.

— Eu sei — sussurrou de volta. — Sinto que esperei por você por toda a minha vida.

— E sinto que você tornou minha vida muito, muito completa.

— Acho que estou me apaixonando por você, Nick.

— Sei que te amo. — deu-lhe um beijo. — Minha Garota do Adeus.

Ela virou a cabeça, pegou seus lábios, beijou-o com paixão.

Nick dedicou-se a ela, mexendo com seus desejos, alimentando seu ardor. Beijando o caminho de seus lábios carnudos ao arco elegante de sua garganta, mais para baixo nos ombros macios, ainda mais para baixo nos seios generosos que pediam o seu beijo, os mamilos que clamavam por cuidados.

Capturando um botão rosa, chupou delicadamente no início, aumentando a intensidade à medida que começou a gemer debaixo dele, com as mãos agarrando os seus ombros, quadris se movendo inquietos, mas incapaz de se mover agora, não com ele prendendo-a ao colchão.

Quando finalmente largou a carne sensível, dura, vermelha de sua atenção. Satisfeito, mudou para o outro seio, capturando a carne, lambendo e chupando, repetindo os movimentos de sua boca, apreciando o banquete até que a soltou, a vermelhidão do mamilo combinando com o outro.

Tão bonitos.

Quando tomou sua boca mais uma vez, saqueando profundamente, colocou uma mão entre eles, abaixando e passando por seu próprio eixo, encontrando o ninho de cachos que protegiam seus segredos de invasão.

Um leve empurrão de sua coxa e ela obedeceu, abrindo as pernas, permitindo-lhe acesso. Ele abaixou a mão, segurou os cachos, massageou a palma de sua mão em seu montículo, sendo recompensado por seu suspiro e o impulso de seus quadris.

Movendo-se para sua orelha, rosnou com uma voz grave de desejo. — Sinta-me, Bree. Sinta a minha mão naquele lugar que ninguém tocou, apenas eu.

Sua respiração estremeceu, unhas cavando deliciosamente em suas costas.

A dor era bem-vinda, atiçava o fogo carnal ao seu ardor ao saber que estava tão excitada com seu toque, quase sem sentido quando pressionou nele.

— Sim — sussurrava. — Sim. Nick...

Seu nome em seus lábios, seus segredos na palma da mão. Sentia-se flutuando, curvando-se protetoramente sobre ela, beijando-a de forma decadente, sabendo que amava o seu toque, ansiava por isso, não tinha medo dele.

Dedos tocando cuidadosamente entre os lábios, sentiu a umidade imediatamente, seu corpo tão delicadamente para ele, os tecidos sensíveis lisos com a necessidade.

— Mais — sussurrou contra seus lábios. — Abra-se ainda mais para mim, Bree.

Ela afastou mais as pernas, dobrando os joelhos e deixando seus dedos entrarem fundo, pressionando contra o períneo sensível, o afago fazendo-a empurrar sem descanso em seu toque.

Tão sensível e tão carente. Sua pequena Garota do Adeus queria tanto dele, seus quadris pressionando contra o seu, as mãos abrindo nas suas costas, os dedos flexionando com força, as unhas o arranhando, quando encontrou o pequeno botão escondido.

Provocando, levantou a cabeça para ver Bree recuperar o fôlego, ver seus olhos se arregalarem antes de fechar quando ela se arqueou em sua garganta, a cabeça empurrando de volta para os travesseiros, aquele gemido sexy que deixou a boca para escorregar por sua espinha e acumular fogo baixo em suas bolas.

— Sinta-me, Bree. — tocou o pequeno clitóris, a sentindo pular debaixo dele, a sentindo afastá-lo e puxá-lo mais perto de uma confusa mistura de luxúria inebriante.

— Nick. Nick... Nick... Nick... — gritava seu nome, terminando em outro gemido quando apertou o pequeno botão com firmeza, massageando com a ponta do dedo.

Levando-a para o orgasmo.

Creme escorregou dela, revestindo seu dedo e quando se perdeu no desejo hedonista, seguiu o rastro de umidade para a abertura de seu corpo. Cuidadosamente entrou, colocando seu dedo mais fundo, encontrando-a apertada, muito apertada.

Mal podia esperar para sentir esse aperto ao redor de seu eixo, puxando-o profundamente. Saber que seria o primeiro a entrar nessa bacia virginal, a ultrapassar os músculos agora tremendo que agarravam seu dedo, sentir o seu eixo entrar profundamente, marcando-a como sua para sempre. O único homem a entrar nela.

Umidade escorreu da ponta do seu eixo. Seu saco estava pesado, apertado, seu sangue quente queimava como grossa lava derretida, enchendo seu pênis tão dolorosamente.

O urgente desejo de reclamá-la o dominou, colocava e tirava o dedo de sua vagina, levando-a mais uma vez ao prazer, enquanto seu polegar esfregava o pequeno clitóris.

Assim que sentiu os músculos de sua vagina começar a ter espasmos, tirou os dedos, deixando-a gemendo de desejo insatisfeito.

— Calma, querida — murmurou. — Calma.

Estendendo a mão, pegou sua carteira, abriu-a e tirou o preservativo que mantinha em um pequeno bolso. Rasgando o involucro com os dentes, ficou de joelhos para colocar a camisinha rapidamente e bombeou seu eixo várias vezes em um movimento torturante enquanto seus olhos festejavam com o banquete colocado a sua frente.

Peitos abundantes, mamilos vermelhos, quadris generosos e coxas roliças, o reluzir do desejo espreitando dos cachos entre suas coxas. Avidamente, olhou para o seu rosto. Aqueles lábios, tão carnudos e vermelhos, inchados por seus beijos, as maçãs do rosto lindamente ruborizadas, seus olhos profundos de desejo. Cabelo castanho escuro e sedoso, despenteados e espalhados no travesseiro.

Então, com os lábios molhados de seus beijos e de suas carícias, Bree parecia devassa e sexy. Quase gozou só de olhá-la.

Seguindo em frente, passando as mãos pelo seu corpo, Nick parou quando estava sobre ela. Observou cada uma das suas expressões quando lentamente se abaixou, prendendo a respiração com a sensação de sua pele nua contra a sua dureza, toda aquela suavidade serviu para desfrutar, deslizar, mergulhar profundamente dentro.

Lenta e deliberadamente, inclinou seus quadris, seu pênis deslizando entre suas coxas abertas, deslizando tão facilmente

entre os lábios lisos para se estabelecer na entrada do seu corpo.

Olhava-a atento por qualquer sinal de stress ou incerteza, mas ela encontrou seu olhar com confiança e admiração, e quando lenta e cuidadosamente aliviou para frente, lutando contra seu instinto básico de simplesmente tomá-la, observou o aumento da admiração em seu rosto, a forma como mordeu o lábio inferior carnudo tão docemente quando rompeu sua abertura e entrou mais, alongando a bainha inexperiente quando se moveu ainda mais fundo, a ampliação de seus olhos, o jeito que manteve o olhar preso no dele, ajudando-o a concentrar-se em ser gentil e suave.

A sua respiração realmente falhou quando continuou a entrar, os quadris movendo um pouco, mas Nick não deu tempo, não parou, observando-a com atenção para qualquer indício de que a machucava ou que era demais. Quando permaneceu em silêncio, exceto pelos pequenos suspiros sexys que saíram despercebidos de sua boca, continuou empurrando através da pele virgem até que estava bem no fundo nela até a base de seu eixo.

Então parou, nádegas apertando enquanto permanecia apoiado em seus braços.

— Ohhh... — ela respirou fundo. — Eu...

— Diga-me, Bree — exigiu em voz baixa. — Diga-me.

— Eu só.... me sinto tão... cheia.

— Está. — flexionou os quadris levemente, a satisfação enchendo-o quando seus olhos escureceram — Está cheia de mim.

Lentamente arqueou a cabeça, sua respiração acelerando.
— Oh, Deus. Nick.

A cada impulso lento dentro e fora de Bree, Nick sentia seu espanto, assim como via o seu desejo aumentando e sentia os músculos de sua vagina o apertando tão perfeitamente, o escorregadio facilitando seu caminho. Os pequenos mamilos rosados imploravam por sua atenção e quando abaixou a cabeça para passar sua língua em um dos bicos, Bree estremeceu, levantando os braços para envolvê-los ao redor de seu pescoço.

A raspagem para o outro mamilo provocou um espasmo em sua feminilidade, assim suas paredes internas deliciosamente quentes espremendo nas mesmas ondulações ao longo de seu eixo, fazendo-o levantar a cabeça e cerrar os dentes, ainda lutando para manter o impulso lento e constante de seus quadris.

Deus, como queria mergulhar nela, cavalgá-la forte, apenas perder-se nela, mas ainda assim se segurava, ainda assim firmou o movimento constante de seus quadris enquanto a levou para o pico, não a pressionando, recusando a apressá-la, querendo dar-lhe prazer.

De alguma forma, manteve o controle, mesmo quando seus quadris aumentaram um pouco o ritmo, o instinto o substituindo apenas uma fração.

— Nick... — Bree gemeu.

— Estou aqui, baby. — abaixando a cabeça, a beijou tranquilizadamente.

O beijo começou lento, mas o surpreendeu, empurrando-se avidamente, lábios entreabertos para tomá-lo, a língua procurando a dele para enchê-lo com a sua essência e foi ela quem quase o devorou.

Suas coxas arredondadas agarraram seus quadris, suas unhas apertando em suas costas, cravando ao longo de sua coluna, deixando-o um pouco mais selvagem.

— Bree — murmurou. — Baby, eu...

— Me ame. — respirou em sua boca ardentemente. — Me ame.

— Amo. — caindo de seus antebraços, encontrou seu beijo e assumiu o controle.

— Mostre-me. Leve-me.

Ele queria, Deus sabia como queria, mas...

— Sinto você em mim. — o avelã de seus olhos se aprofundou com inegável ardor. — É tão bom, tão difícil. — De repente, ela levantou os quadris, inclinando a pélvis, embora a

imobilizasse, mudando o ângulo de seu impulso, fazendo com que ambos suspirassem.

Deus, entrava tão profundamente, seu saco cutucava seu períneo, o deslize de sua carne entre eles o umedecendo onde se juntaram. Deixando-o selvagem. Essa vagina quente e tão molhada, apertou-o fortemente, como um punho delicado, fazendo-o trabalhar um pouco mais.

Muito condenadamente doce e mais forte.

Levantando a cabeça, colocou a boca em seu ouvido, mordeu o lóbulo, provocando pequenas faíscas de prazer. — Leve-me, Nick. Pegue o que quiser e me leve com você.

Às palavras carnis, seus quadris empurrando, seu eixo correndo através do canal liso, fazendo-o gemer de prazer carnal.

— Oh Deus. — Bree arqueou para ele, seus seios pressionando tão deliciosamente em seu peito. — Sim. Por favor, Nick. Por favor, Nick. Por favor.

Com o apelo sensual soando em seus ouvidos, Nick largou o rígido controle que manteve, retirando-se e entrando rapidamente.

O alívio provocou um enxame de prazer quente ao longo de sua espinha quase agarrando sua virilha. Mas alguma parte distante dele, algum subconsciente, ainda a olhava, ainda avaliava suas reações.

Foi gratificante.

Com os olhos brilhantes, ela inclinou para beijar sua boca, lambendo profundamente.

Nesse segundo sabia que poderia levá-lo, aceitaria o amor mais forte, um acasalamento mais voraz. Queria. Implorava por isso.

Nick deu-lhe de bom grado, os quadris bombeando, o ritmo forte e rápido, mergulhando no corpo de Bree com fome insaciável.

O coração acelerado, o sangue fluindo como um líquido de fogo em suas veias, seu eixo se tornando mais grosso, mais duro. Nunca sentiu nada assim antes, essa mistura de amor e gentileza, calor e selvageria, um desejo puro de seus prazeres carnavais, os segredos da mulher abertos para a sua invasão.

Seu saco apertado, puxando, jurou que podia sentir sua semente agitando lá em baixo e seus quadris bombeavam mais, em antecipação, empurrando forte agora, estocando enquanto os levava até a encosta da glória.

Mais uma vez mudou de ângulo, quase imediatamente descobriu aquele lugar dentro dela que a fez se contorcer, os quadris forçando para cima, deixando sua respiração ofegante. Bateu nesse ponto doce, sem piedade e sabia que estava perto, muito perto, sentia nos espasmos de sua vagina, via na selvageria de seus olhos.

Com satisfação carnal viu quando ela rompeu a superfície de um orgasmo, viu como inclinou a cabeça para trás, seu domínio sobre ele apertando, coxas tremendo quando o apertou com força.

Foi quase o suficiente para derrubá-lo de prazer, mas continuou bombeando, buscando aquele mesmo auge da maldade devassa. Mais forte, mais rápido, montou incansavelmente, e então estava lá, seus quadris empurrando duro, sua semente derramando em jorros fortes quando o orgasmo o estilhaçou, quebrando-o em um milhão de pedaços em um vórtice de pura emoção, sensação e erotismo cegante.

Não sabia quanto tempo esteve naquele passeio selvagem e erótico, mas quando finalmente abriu os olhos estava com a testa no travesseiro, os lábios em um ombro cheio de curvas, pressionando beijinhos na pele quente.

Virando a cabeça, sentindo-se completo de forma sonolenta, deu um beijo no pescoço de Bree, observando quando abriu os olhos e a coloração rosa de suas bochechas.

Prendendo a respiração, se perguntava, será que *fui muito rude? Muito forte? Será que não fui suave o suficiente?*

Virando a cabeça no travesseiro, Bree o olhou diretamente. Um sorriso curvou seus lábios, um brilho nos olhos. — Uau. Oh, uau.

Sim, isso foi. Sorrindo, Nick apoiou-se nos cotovelos, a olhando. — Olá.

— Uau. — piscou.

Ok, pode chamá-lo de homem das cavernas, mas não pôde evitar a satisfação masculina que o dominou. — Acho que aprovou a nossa vida amorosa?

— Humm. — um riso escapou. — Acho que estou em alta de endorfinas.

— Não, querida, está em alta de Nick.

— Oh, isso é bom. — assentiu com a cabeça, colocou a mão atrás da nuca. — Diria que foi fantástico.

— Ora, muito obrigado.

— Não, eu que agradeço. — o riso sumiu, ela se inclinou, beijando-o suavemente. — Muito obrigada.

— Querida, foi definitivamente o meu prazer. — segurando o seu rosto, levemente passou o polegar pelo lábio inferior. — E um que tenho a intenção de repetir. Muitas, muitas vezes.

— Ah, é mesmo? — ela mostrou as covinhas.

— Realmente. — Só de pensar, sentia seu pênis ficar feliz. — voltarei em um minuto.

— Onde vai?

— Me limpar.

— Você... um...

Ele arqueou uma sobrancelha com curiosidade.

—Você não vai sair, não é?

Nick parou.

—Quer que fique? — *Por favor, diga sim, por favor, diga que sim.*

— Sim.

Aleluia! Mantendo um exterior calmo, deu um beijo rápido no seu nariz e deu um sorriso tranquilizador. — Já volto. Mantenha esta cama quente.

Não se preocupou em pegar a sua toalha, caminhando pelo quarto saiu pela porta, sentindo seu olhar sobre ele a cada passo do caminho. Não adiantava jogar a modéstia, ela se acostumaria a vê-lo nu.

No banheiro, despojou-se do preservativo, limpou-se e voltou para o quarto para encontrar Bree deitada de lado olhando para a porta. Seu olhar o seguiu do outro lado do quarto.

Parando bem na frente dela, sorriu quando corajosamente tentou manter o olhar acima do umbigo, encontrando seus olhos com um pouco de timidez e — sim, um brilho quente. Infelizmente, estaria dolorida e muito sensível para iniciar a

segunda rodada, tanto quanto ficaria muito feliz em mergulhar na cama, para ela, e depois para ela.

Mentalmente trancando a porta do pensamento tentador, foi para o outro lado da cama, dizendo quando Bree rolou.

— Fique aí mesmo. — movendo pela cama para se curvar ao seu redor, seu peito nas costas, joelhos por trás dela e oh Deus, era um glutão de castigo, seu traseiro encostado em sua virilha, Nick colocou seu braço sobre sua cintura, beijou a sua nuca e suspirou alegremente. — Agora, isso é acolhedor.

— Não é, exatamente? — fez uma pausa. — Nunca realmente dormi com um homem na minha cama antes.

— Bom saber.

— Só Sheba e Bast. Estou acostumada a eles.

— Prometo não gritar com você como Sheba faz.

— Sheba ronrona.

— Querida, não estou muito longe disso agora. — se aconchegou mais perto.

Bree riu, relaxando um pouco mais.

Não querendo que se sentisse estranha, tentou acalmá-la.
— Prometo não te chutar na cama.

— Aprecio isso. — bocejou de repente. — Oh, merda, sinto muito.

Rindo baixinho, beijou sua testa. — Tivemos um pouco de treino. Desligue a luz e vamos dormir um pouco.

— Não se importa?

— Querida, os homens gostam de dormir depois de fazer amor. Geralmente são as mulheres que querem conversar.

— Acho que não sou como as outras mulheres.

— Isso é dizer o mínimo e estou muito contente.

— É tão doce. — apoiando-se em seu cotovelo, inclinou-se no criado mudo.

Nick quase engoliu a língua. Sua posição lhe deu uma espiada de classe mundial no derrièr arredondado coberto pelos lençóis, a extensão lisa novamente quando esticou. Em seguida, a luz apagou e a escuridão tomou conta do quarto.

Bree deitou e Nick colocou mais uma vez o braço sobre sua cintura, queixo apenas tocando o topo de sua cabeça. Ao som da chuva tamborilando no telhado, curvou ao seu redor um pouco mais, apertou-a um pouco mais e, completamente satisfeito, fechou os olhos e caiu no sono, embalando Bree em seus braços.

Capítulo Dez

Quando Bree acordou na manhã seguinte, se espreguiçou, imediatamente sentindo dores em lugares que nunca sentiu antes ou pensou que era possível doer. Então lembrou-se.

Procurando ao redor da cama, se encontrou olho-no-olho com Sheba, que gritou alegremente. Ao lado de Sheba no travesseiro havia uma rosa que, obviamente, foi mutilada por ela ou Bast, e uma nota que tinha algumas marcas de dentes nas bordas, cortesia das mesmas canalhas.

Sentando-se na cama, Bree pegou o papel e viu a letra que era tão familiar por todas as cartas que recebeu de Nick nos últimos nove meses.

Oi querida,

Não tive coragem de acordá-la nesta manhã. Parecia completamente amada e contente, dormindo como um bebê. Voltei para a casa de Alex para pegar uma muda de roupa. Vejo-te para o café da manhã, que tal às dez horas no café da Maryanne? Se esse horário não estiver bom para você, me ligue.

Com amor, Nick

Bree sorriu. Ainda queria vê-la. Ela definitivamente queria vê-lo. Oh garoto, como queria.

Verificando o relógio no criado mudo, viu que já eram nove horas.

— Oops, melhor começar a me mexer, Sheba. — Puxando a coberta, saiu da cama.

E imediatamente sentiu muito dos músculos não utilizados anteriormente lembrando-lhe que estavam realmente lá, mesmo se nunca os reconheceu até agora.

— Tudo é efeito de Nick — disse Bree para Sheba, sem tirar o sorriso bobo do rosto.

Sheba a seguiu até o banheiro e começou a gritar a sua opinião enquanto Bree tomava banho, seguindo-a novamente para o quarto, enquanto Bree se vestia.

Na cozinha, descobriu que Nick alimentou os gatos, a tigela de biscoito integral e outras duas taças segurando os petiscos de peixe. — Oh sim, ele é para ficar, Sheba. O que acha?

Sheba piscou os olhos e pensou nisso, apenas para ser derrubada por Bast que veio voando ao virar da esquina. Houve um silvo, um arrepiar e Sheba correu para o corredor com Bast em sua cauda. Segundos depois, Bast passou pela porta com Sheba a perseguindo.

Apenas mais um dia.

Somente neste dia o sol parecia um pouco mais brilhante, a brisa um pouco mais fresca e as aves — bem, não havia realmente nada muito relaxante sobre os gritos de cockies quando se vão pela manhã.

Isso é o que o amor faz com você. Bree sorriu todo o caminho até a sua van Ford Transit, apenas para parar com a chave na porta. Amor? Espere... o que?

Ficou parada, esperando o pânico, a incerteza. Mas não aconteceu. Ficou ali, o sol brilhando mais, a brisa fresca, os cockies voando em um bando turbulento para o riacho.

Não, nenhum choque.

Eu o amo. Amo Nick. Ele me ama.

Ok, essa última parte deveria lhe causar todos os tipos de incerteza, todos os tipos de possíveis dúvidas, mas, novamente não aconteceu, ao invés disso, tudo o que sentia era... Calma. Aceitação. Felicidade.

Muita felicidade.

Sorrindo muito, olhou no retrovisor do motorista. — Está apaixonada, Bree. — destrancando a porta, entrou na van olhando no espelho retrovisor. — Bree, você está apaixonada. — Um riso escapou, um som alegre. — Caramba, estou apaixonada!

Nunca em seus sonhos mais loucos achou que encontraria um de seus meninos soldados, mas depois de todos esses anos de escrita para os soldados solitários, tentando lhes oferecer um pouco de conforto, conheceu um — conheceu, dormiu e se apaixonou.

Ok, era cedo, pensou. Acabaram de descobrir um ao outro — oh menino, se tivessem sempre! — E ainda começavam a se conhecer, embora, para ser honesta, parecia que conhecia Nick desde sempre.

Saindo da garagem rumo à estrada, se dirigiu para Whicha. Cara, isso realmente era um recomeço — casa, trabalho, duas gatas meliantes, embora, para ser justa tinha as duas por alguns anos, e agora um namorado que *amaava*.

Deus, é melhor começar a se controlar ou Nick olharia para a expressão besta em seu rosto e acharia que acabou com um estoque de tabaco maluco.

O celular tocou no alto falante do carro e ainda sorrindo, Bree atendeu. — Alô.

— Qual é a senha? — Jackie exigiu.

— Ei, você que ligou.

— Ainda preciso da senha.

Bree olhou para os campos pacíficos. — Sempre posso desligar.

Houve um silêncio na outra extremidade do dispositivo móvel.

Bem, bom trabalho. Pela primeira vez conseguiu lembrar, ao invés de brincadeiras, sentiu uma lasca de aborrecimento.

Houve o som de discussão abafada, então a voz de Mick surgiu. — Oi, Bree.

— Ei, Mick.

— Olha, por algum motivo estava chateada ontem à noite e entendemos.

Entendiam? Talvez não fosse tão sem esperanças depois de tudo.

— Basta baixar tudo o que tiver de imagens das luzes e nos enviar, então pode trabalhar em se resolver.

Bree arqueou as sobrancelhas. — O quê?

— Assim que as coisas importantes forem classificadas, pode descansar.

Será que estava brincando?

— Mick, caímos em um riacho na noite passada.

— Sinto muito.

— Estava congelando.

— Mas está bem, certo? Nenhum dano.

— Não estávamos muito longe da hipotermia!

— Mas está bem, certo?

Bree revirou os olhos. Não tinha jeito. — Sim, estamos bem como a chuva, não se preocupe. Obrigada pelo seu interesse.

— É para isso que servem os amigos, certo?

— Se diz... Ele obviamente perdeu o tom de sarcasmo.

— Bom. Então, sobre as gravações... conseguiu alguma foto?

Antes que respondesse, Jackie voltou para o telefone.

— Se tiver boas gravações, chegaremos aí.

— O que? — Bree quase caiu em um buraco, conseguindo evitá-lo no último segundo.

— A observação das luzes na noite passada, juntamente com as luzes que viu há pouco tempo atrás seria indicação que existe atividade OVNI na área de Whicha.

— Sim — Mick acrescentou com entusiasmo. — Estaremos aí juntamente com os outros. Sabe o que significa um avistamento de OVNI, né? Acamparemos nos campos, faremos leituras eletromagnéticas, traremos os contadores Geiger, tudo o que temos. Seria grande, Bree, quero dizer realmente *grande*. Como o que aconteceu na Barterons 20 anos atrás.

Isso levou um pouco de pesquisa mental, mas quando se lembrou, Bree olhou pelo para-brisas, para os campos de estradas e de pastagem.

Sim, lembrava de Barterons. Sua mãe a arrastou para lá, a deixou sozinha enquanto se juntou aos caçadores de OVNIIs. Luzes vistas no céu, um par de círculos em plantações e, uma mulher que dizia ser uma abduzida. Os caçadores de OVNIIs desceram sobre a pequena cidade em massa, acampando ilegalmente nas margens do rio. Agricultores chamaram a polícia porque as pessoas vagavam em seus campos sem permissão, descuidadamente pisando em plantações e assustando o gado em busca de evidências. Foram incapazes de encontrar essa prova e descobriu-se que a abduzida era uma aspirante a atriz tentando ter seu rosto e nome nos jornais.

As pessoas da cidade não ficaram felizes.

Olhou para as fazendas, o silêncio, o pensamento sobre a felicidade e a paz que encontrou aqui. Pensou no que uma invasão de entusiastas de OVNIIs faria. Claro, haviam alguns caçadores sérios que eram respeitosos com as propriedades, mas havia também aqueles que apenas pela emoção, prestígio, fariam o que fosse preciso para conseguir provas.

As margens do rio Barterons e parques depois das caravanas não foram deixados em boas condições quando da partida das caravanas.

De maneira nenhuma Bree permitiria que isso acontecesse aqui, não em sua cidade, a seus amigos, às fazendas e aos fazendeiros. Não para ela mesma, pois não tinha dúvida de que todos desceriam em sua propriedade com a expectativa de acampar lá, usar suas instalações, e, no caso de alguns deles, não tinham nenhum respeito por ela. Um casal que sabia com certeza que ficaria no seu campo, alguns eram hippies a procura de um lugar para fumar maconha e os entusiastas sérios, bem, haviam alguns responsáveis, mas os outros fariam o que fosse necessário para ter as provas e que definitivamente incluía a Equipe de Caça de OVNI.

A prova estava na cara, por assim dizer, ou, mais precisamente, a prova estava no fato de que estavam mais preocupados com suas gravações do que com o seu bem-estar.

Respirando fundo, Bree fez algo que nunca tinha feito antes em sua vida. — Infelizmente, descobri que dois adolescentes foram responsável pelas luzes nos campos, lembra?

— Sim, você nos disse. Mas e na noite passada?

— Odeio decepcioná-los, mas não vi nenhuma luz na noite passada.

— Não pode ser verdade — Jackie opôs. — Um dos seus moradores relatou aquelas luzes. Postou nas redes sociais.

— E quem seria?

— Uma criança chamada David.

— David, hein? — Ok, podia usar isso. — O nome do seu pai é Ted?

— Sim. Você o conhece?

— Claro que sim. Nick e eu investigamos o show de luzes que acabou por ser David e seu amigo fazendo brincadeiras bobas nos campos, tentando espalhar rumores de OVNI por minha causa. Por acaso teve imagens dessas chamadas luzes?

— Não.

— Uh-huh.

— Ah merda. Tem certeza que é o mesmo menino?

— Sim.

— E não viu nada?

— Estava lá, lembra? Cai em um riacho enquanto estava em uma caçada? Não vi nada.

Jackie ficou em silêncio.

Bree cruzou os dedos. — Confie em mim, já menti para você?

— Não, você não. Porra, realmente pensei que estávamos no caminho certo aí. — Jackie desapareceu.

Mick voltou. — Ok, preciso ir. Jackie irá para a próxima cidade, ver se alguma coisa foi relatada cerca de 50 km de você. Tchau.

— Xauzinho. — Bree desligou o telefone quando passou o início da Whicha, as casas tornando-se mais regulares até que estivessem lado a lado.

Querendo saber exatamente o que fez, virou para o café, estacionando ao lado da Landcruiser de Nick. Inclinado na lateral do carro com os braços e tornozelos cruzados, os seus olhos enrugados daquela forma envolvente quando estava genuinamente feliz. Até o momento que desligou o motor, abriu a porta, inclinou-se e a beijou.

Profundamente.

Calorosamente.

Deixando sua respiração ofegante e agarrando-se ao casaco dele, quando tentou se afastar.

— Oh menino.

— É tão boa para o meu ego — brincou.

No brilho conhecedor em seus olhos, a memória voltou e não pôde evitar o rubor que aqueceu seu rosto. Durante vários segundos, não sabia para onde olhar, afinal, este homem tinha um conhecimento íntimo de seu corpo que mais ninguém tinha, e droga, esteve em lugares dentro dela que nunca tinham ido.

Obviamente lendo sua mente, soltou o cinto de segurança e voltou para o suporte na parede da van antes de tomar sua mão e recuar, galantemente guiando-a para fora. Quando estava em pé diante dele, sorriu para ela. — Sou eu, Bree.

— Sim, eu sei. É por isso que pedaços de mim estão formigando.

Ele deu uma gargalhada, abraçando-a. — Oh, querida. Eu te amo, com seu sentido maluco de humor e tudo mais.

E foi assim que sentiu-se à vontade, batendo-lhe de leve no braço. — Isso será suficiente ou trarei Sheba para falar com você.

— Oh, Jesus. Isso é castigo.

— Ei, viemos como um pacote.

— A Garota do Adeus, a Sirene de Ataque Aéreo e a Arma de Destruição em Massa?

— Receio que sim.

— Ainda bem que gosto de ofertas de pacotes — com as mãos em suas costas, conduziu-a pela porta do café e até uma mesa e cabines.

Aos domingos pela manhã era aconchegante no café, o filho de Maryanne, Mark, atendia. O cheiro de comida flutuava da cozinha nos fundos. Um casal de idosos estava sentado em uma das mesas na janela, Jack, um dos mecânicos de Paul, estava sentado em uma mesa sozinho, tomando café e lendo o jornal da manhã.

Mark parou em sua mesa. — O que será?

— Café para mim, obrigada, branco com... — Bree sufocou um bocejo. — Sinto muito.

— Acordada até tarde? — perguntou Mark.

— Uh...

— Aposto que estava perseguindo os chamados OVNIIs — continuou. — David está nas redes sociais se gabando de que viu luzes estranhas no céu na noite passada.

— Está falando sério? — os olhos de Nick brilharam.

— Você ainda me pergunta? David cheirou ou fumou alguma coisa. O rapaz fica mais louco a cada dia. — Mark olhou para Nick. — O que você quer para beber?

— O mesmo que Bree, só preto com nada.

— Homem duro — comentou quando Mark se afastou.

— O mais duro, querida, o mais duro. — deu olhar percorreu seu rosto. — Como se sente hoje?

— Um pouco cansada.

— Deve ser todo aquele exercício da noite passada. — Quando corou, ele balançou a cabeça. — Bree, sua menina impertinente. Dizia correr pelos campos e cair no riacho.

— Sabia que era isso.

Seus dentes brilharam em um sorriso. — Claro.

— De qualquer forma, me sinto bem. — Afetadamente cruzando as mãos sobre a mesa, respirou fundo.

O olhar de Nick caiu para os seios dela, um brilho lupino definitivo em seus olhos quando olhou novamente para seu rosto. — Talvez outro suspiro a ajude a ter mais oxigênio em seus pulmões.

Deus, podia fazê-la rir e se sentir quente ao mesmo tempo. — Um deles foi o suficiente, garanto.

— Nunca pode estar muito segura.

Ela lançou a ele um olhar irônico. — Só tento ajudar — disse inocentemente.

— Aposto que sim.

Rindo, estendeu a mão para colocar sobre a dela, dando um aperto suave. Sentiu-o ir direto para as pontas de seus pés, especialmente quando combinado com o calor em seus olhos.

— Aqui está. — Mark parou na mesa, um copo em cada mão, as sobrancelhas levantadas quando olhou para suas mãos.

Automaticamente, Nick e Bree se afastaram, abaixando os braços, quando Mark colocou os copos diante deles.

Quando saiu, Nick a olhou — Então, entrou em contato com a sua amiga Jackie?

— Na verdade, ela entrou em contato comigo. — Bree brincou com a colher de chá no pires.

— Aposto que ficou muito feliz quando descobriu que tem imagens reais das luzes.

— Hummm... — apertou os lábios.

Inclinando a cabeça para um lado, Nick a olhou, pensativo.

Sentindo sua relação estável, tirou o olhos da colher de chá e o olhou.

Ele arqueou uma sobrancelha interrogativamente.

— Não lhe contei — afirmou calmamente.

— Ah, é?

— Bem, realmente lhe disse que não vi nada.

Não havia nenhuma dúvida na genuína perplexidade no rosto bonito.

— Não sei bem porque, também. — fez uma pausa e suspirou. — Não, na verdade, sei.

Pacientemente, esperou.

— Existem investigadores responsáveis por aí, pessoas que pedem permissão e respeitam os bens dos outros. Depois, há aqueles que farão o que for preciso para ter provas, que não deixam as coisas do jeito que encontraram, que são realmente conhecidos por destruir partes das propriedades das pessoas

na caça. Meus amigos são assim. — Será que eram seus amigos?

Bree olhou novamente para a colher de chá, enquanto brincava com ela. Eram uma espécie de seus amigos, que estiveram juntos em muitas caçadas, acolheram ela e sua mãe, os conhecia há anos. Mas o que realmente sabia sobre eles?

Nada realmente. Jackie era tão paranoica, Mick unicamente focado em conseguir o que queria, os outros membros da equipe interessados em apenas uma coisa — evidências de formas de vida extraterrestre. Isso era tudo o que sabia sobre eles. Nunca foi para suas casas, nunca conheceu seus familiares se é que ainda tinham. Tudo o que sabia era que operavam de uma caravana velha cheia de aparelhos e computadores.

Na verdade, não se lembrava de alguma vez conversar com eles sobre qualquer coisa além do que OVNIIs e coisas inexplicáveis. Nunca demonstraram qualquer interesse por ela, fora isso e Bree percebeu de repente que nunca se interessou o suficiente em si para persistir na tentativa de ser mais do que uma companheira caçadora. E não se importaram o suficiente quando caiu no riacho e quase morreu congelada. Era apenas a evidência que importava. Isso não era tão revelador?

Sua inquietação parou e olhou para o café na caneca. Não se importavam e, para ser sincera, nem ela.

— Bree? — perguntou Nick calmamente.

— Apenas tendo um momento. Está tudo bem.

— Quer falar sobre isso?

— Ainda não. — olhou para cima quando o sino acima da porta apitou alegremente, notificando o pessoal do café que alguém entrou.

Frank foi até o balcão, comprou um café para levar e uma fatia de bolo e se virou para sair. Detectando-os, sorriu e se aproximou. — Como está a porta, Bree? Comportando-se?

— Boa como ouro, Frank, obrigada.

— Qualquer problema, basta aparecer e resolverei. — acenou para ela e Nick e saiu.

Olhou para a janela, onde viu Paul e Becky passeando de mãos dadas, Paul carregando seu filho pequeno. Pararam, conversaram com Frank e depois continuaram o seu caminho.

Em Whicha, pensou, as pessoas se conheciam, cuidavam dos seus vizinhos. Fez bons amigos aqui. Verdadeiros amigos que telefonavam e mandavam uma caçarola se estivesse doente, que a ajudaram a trocar um pneu quando furou, mesmo que protestasse que podia fazer sozinha. Amigos que estavam lá quando necessário.

Amigos que não queriam dela apenas o que podiam ter. Eram amigos de verdade.

Virando a cabeça, olhou para Nick. Olhava-a com uma mistura de calor, paciência e preocupação.

Este homem a amava pelo que era: plus-size, com duas gatas siamesas, com ideias malucas e tudo mais. E definitivamente se preocupou quando caiu no riacho, vendo a sua segurança e conforto antes da dele.

— Apenas tive uma epifania — afirmou.

— Ah, é?

— Todos os meus amigos de verdade estão aqui.

— Sabe que há um monte de gente além daqui.

— Sim, mas ninguém realmente próximo. Nunca estive realmente em casa até que cheguei a Whicha, nunca tive amigos que podia confiar até que vim para cá. Nunca tive um trabalho que me sinta tão confortável até que vim aqui. — sorriu levemente. — Encontrei um bom soldadinho que escrevi, em seguida, adivinhe?

Seus olhos eram quentes. — Você o conheceu aqui.

— Palpite correto.

O seu olhar percorreu seu rosto. — Tenho bons companheiros no Exército, mas ninguém realmente próximo até que conheci Alex. Então cheguei a Whicha e fiz bons amigos. E te conheci.

— Whicha é um bom lugar.

— É.

— O melhor lugar que já estive.

— Sim.

— Encontrar você aqui faz com que seja ainda mais especial.

Pegando a sua mão, beijou os nós de seus dedos. — A cidade pode ser especial, mas *casa* é onde o coração está e meu coração está com você. Onde estiver, é minha casa.

Isso provocou um nó em sua garganta. — Oh merda, agora vou chorar.

Ele sorriu torto. — Acho que não posso nem mesmo ser romântico.

— Querido, é o melhor no que faz.

— Não é difícil com você.

— Sabe, é a única pessoa que pensou que era especial.

— Sua mãe deve ter lhe dito.

Bree olhou para onde ainda segurava sua mão, seu polegar acariciando delicadamente os nós dos dedos.

— Mamãe era... única. — ficou em silêncio.

Mark apareceu. — Recarga? Algo para comer?

Nick olhou interrogativamente para Bree, que balançou a cabeça. Ele sorriu para Mark. — Obrigado, mas não.

Mark assentiu e voltou para o balcão.

Nick deu-lhe um aperto de mão suave. — Que tal um pequeno passeio, esticar as pernas?

Ela sorriu. — Parece bom para mim.

Esperou por Nick do lado de fora do café, enquanto pagava a conta. Sempre cavalheiro, insistiu em pagar o café e não discutiria, não faria qualquer diferença.

— Bree!

Viu David e Charlotte correndo do outro lado da rua, com as expressões animadas e se perguntou se viram as luzes na noite anterior.

Charlotte parou, praticamente pulando. — Viu as luzes na noite passada?

Hummm. Mentir ou não mentir? Seria para o bem maior, certo?

— Não.

— Está brincando? — David arregalou os olhos. — As vi do meu quarto!

— Sério? — fingiu interesse suave.

— Sim. Duas luzes, fechando todo o céu. Não sei de qualquer avião que possa voar assim.

— Tem certeza sobre as luzes?

— Sim. Vi com os meus próprios olhos. — apontou para os olhos para enfatizar.

—Uh-huh. — Cara, odiava fazer isso, mas era para o bem maior, certo? — Como aquelas luzes atrás do morro?

— Não! Esta foi real!

—Não é como as luzes em tudo, né?

—Não. — corou culpado. — Hummm...

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Tudo bem — murmurou. — Só queria um pouco de diversão daquela vez, sabe? Inofensiva.

Charlotte deu um tapa no braço. — Fazer as pessoas ficarem acordadas por nada. Deveria ter vergonha de si mesmo, rapaz.

— Foi apenas uma brincadeira, nenhum dano.

— Conhece a história do menino que gritou lobo? — Bree perguntou — Quando vir a coisa real, ninguém tomará conhecimento.

Com um pouco de mau humor, colocou as mãos nos bolsos.
— Mas vi aquelas luzes na noite passada, esses dois OVNIIs.

— Talvez sim e talvez não, mas quantas pessoas acreditarão em você agora que sabem que a primeira luz de laser era uma farsa?

— Como todos saberão? — perguntou ele.

— Odeio dizer, David, mas acho que todos sabem que era um trote agora.

— Bem, lhe digo que vi!

— Acredito em você.

Quase que instantaneamente sua expressão tornou-se esperançosa. — Acredita?

— Ei, acredito em OVNIIs, lembra? — Bree levantou as mãos. — Mas não posso dizer que vi algo que não vi. Mas acredito que acha que viu alguma coisa.

— Isso não é reconhecer.

— Não há muita coisa que possa fazer sobre isso.

Descontente, David virou e saiu.

— Rude. — Charlotte deu uma pequena fungada. — Aqueles acontecimentos sérios sobre o inexplicável ensinam a assumir os altos com os baixos. Nem tudo será provado.

— Isso não é verdade. — Bree assistiu David se afastar.

— Penso em entrar para um grupo de OVNI.

Bree a olhou. — Fala sério?

— Absolutamente. Viajar com os companheiros caçadores, usar uma garrafa térmica de chá quente, sanduíches. Sentar em cobertores e observar o céu procurando por luzes, traçar os cursos. — praticamente pulava. — Será muito divertido.

— Huh. — Bree colocou as mãos nos bolsos, inclinou para trás e para frente em seus tênis roxos. — Parece ótimo.

— Eu sei!

Era tempo de trazê-la de volta à realidade. — Parece ótimo, mas os caçadores sérios não ficam em cobertores sob as estrelas bebericando chá, Charlotte.

— Claro que sim, querida. De que outra forma observam o céu?

— Vou corrigi-la um pouco. A verdade é que às vezes se sentam em seus carros, às vezes em um cobertor, mas assim que a luz é vista, os caçadores sérios a perseguem. Isso significa através dos campos, matas, cercas, lama, poeira, chuva. E depois de tudo isso, tem sorte se tirar uma foto clara. — Bree fez uma pausa. — Os realmente azarados caem em riachos nas noites de tempestade.

— Tenho certeza que não é sempre assim. — Charlotte bateu a mão. — De qualquer forma, ingressarei neste seleto grupo de idosos que decidiram assumir observar OVNI's. Até temos o nosso próprio nome, os Vigilantes Idosos. O que acha?

— Percebe o acrónimo de que é SOW⁹?

— Muito conveniente, não acha? Mal-humorado, o tipo de título de caçador.

— Humm. — Bree não podia fazer nada, apenas acenar a cabeça.

— Teremos nosso primeiro encontro no café no próximo domingo — continuou Charlotte. — Para decidirmos o que precisamos, o que não será muito. Câmeras, cadeiras, cobertores. Será muito divertido.

— Só me prometa que tomará cuidado.

— Agora, querida, não se preocupe. — Charlotte deu um tapinha no seu braço. — Podemos não ser galinhas da primavera, mas somos duras o suficiente para sentar e observar o céu, tomar notas e tirar fotos. — Com isso, deu outro tapinho no braço de Bree e foi embora.

— Como influenciar seus amigos e familiares — Nick falou lentamente atrás dela.

Olhando por cima do seu ombro, pegou o rosto divertido. — Não comece. Pode imaginar os idosos do lado de fora nas noites frias, pegando resfriados? Se um deles cair no riacho...

⁹ Seniors on Watch

— Não se preocupe, querida. — foi para o seu lado, pegou na sua mão e começaram a passear pela calçada, combinando seu passo com o dela.

— Não será a única a ser linchada por suas famílias quando os idosos congelados morrerem nos pântanos.

— Não existem pântanos ao redor de Whicha. Além disso, não irão tão longe.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque Alex me disse.

— Alex? Quando escutou sobre isso?

— Ele me pegou esta manhã em sua casa.

— Perguntava-me como chegou em casa.

— Fiz uma ligação para ver se viria em nossa direção. Felizmente já se dirigia à estação de serviço para pegar os jornais de domingo.

— Ah.

— De qualquer forma, mencionou que Alfred, do Clube dos Idosos, lhe contara sobre o seu plano para fazer essa coisa Idosos Vigilantes funcionando. Alex disse que conhece os idosos deste clube e estão mais em eventos sociais. Isto é um evento social para eles.

— Sentar no frio?

— Querida, alguns deles têm muita artrite. Duvido que sentarão em um cobertor para tomar chá quente, não no inverno. No entanto, no verão pode ser uma história diferente, mas acho que a mania de OVNI terá desaparecido até lá.

— Acha?

— Se não virem nada durante várias semanas, realmente acha que se sentarão no frio e congelarão seus traseiros? — Carinhosamente, bateu no ombro dela com o braço. — Nem todo mundo é um caçador dedicado como você.

Bree inalou o ar puro do campo, inclinando a cabeça para trás para entrar o cheiro de chuva e frescor e terra. — Talvez não seja tão dedicada.

Nick a olhou. — Menti para David.

— Ouvi.

— Me espionava?

— Na verdade, tinha acabado de pagar e saído do café.

—Hum.

— E gosto de te espionar.

— Porque é militar.

— Espere até que comece a interrogá-la. — sua voz diminuiu, tornando-se rouca. — Tenho algumas posições sexuais depravadas muito tortuosas que a farão falar.

Bree abanou o rosto com uma das mãos. — Não acho que seria capaz de nem mesmo guinchar.

— Você gritará.

Isso fez seu rosto ficar quente, mesmo quando riu. — Perverso.

— Absolutamente — concordou alegremente. — Então, voltando para David. Isso teria algo a ver com não querer caçadores aqui?

— Sim.

— Boa causa.

— Pensei que o fim justifica os meios.

— Então o que, se sente culpada?

— Culpada? — lançou-lhe um olhar surpreso. — Não me sinto culpada.

— Não?

Ela o olhou — Outra faceta do meu caráter *não-tão-estelar*. Posso mentir por uma boa causa e nunca me sentir culpada.

— Hummm — Nick olhou para frente, expressão pensativa.

Querendo saber se tocou um nervo, hesitou. — Hum... cometi um crime?

— Perdão?

— Mentir está em sua lista de 'não'?

— Querida, odeio manchar minha imagem de menino bom, mas todo mundo mente em algum momento.

— Então não se importa?

— Não, se acreditar que foi por um bom motivo. A única coisa que não quero... — parando, virou e a olhou. — É mentira entre nós. A verdade é importante em um relacionamento.

— Concordo. — encontrou seu olhar firme. — Nunca mentiria para você.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não me conhece bem o suficiente ainda — argumentou — Entendo isso. Mas sabe, não te conheço bem o suficiente, também. Irei na confiança cega aqui e deixe-me dizer-lhe, não confio facilmente. — E isso era a total e pura verdade.

A mão dele deslizou até tocar seu rosto. — Então, estou honrado.

Ele dizia as coisas mais doces. Sorriu para ele.

— Bree, nunca trairia sua confiança, nunca. O que vê em mim, é o que ganha e sei que é o mesmo com você.

— Dois pedaços de um quebra-cabeça. — diante da sua expressão de um pouco de estranheza, disse — Algo que um bom amigo me disse há pouco tempo. Basicamente, quando

ama alguém e é certo, é como duas peças de um quebra-cabeça se encaixando.

— Sábio amigo. — Nick se inclinou para beijá-la com uma ternura que apertou seu coração. Com um sorriso se afastou, deu um beijo em sua testa e, pegando a sua mão mais uma vez, voltou a caminhar.

Andando ao seu lado, Bree comentou. — Gosto do seu estilo, menino soldado.

— É por isso que nos encaixamos tão bem juntos, caçadora. — Nick entrelaçou os dedos nos dela, puxando-a para perto de si. — Então, estamos iremos caçar novamente hoje à noite?

— Pensei que poderíamos ficar em casa e assistir a um filme.

— Sério? — a surpresa era evidente em seu tom. — Mas e quanto aquelas luzes?

— Sim. Isso é o que quero dizer sobre não ser tão dedicada.

— Não acredita em OVNIIs? Depois de ontem à noite?

— Então admite que eram OVNIIs!

— Admito que eram luzes não identificadas. Isso não significa que eram aliens.

Bree riu. — Você não cede facilmente.

— Provavelmente nunca cederei.

— Nada demais.

— Realmente quis dizer isso, não é?

— Claro. Sem pele no meu nariz, se não acredita. Droga, pessoas de todo o mundo acreditam em coisas que outros não acreditam. Não é nada demais, dependendo do casal e da discordância, é claro.

— Você é algo mais, Bree Ford.

— Tomarei isso como um elogio.

— Querida, foi um elogio.

Ela apertou sua mão.

Ele devolveu o aperto.

— De qualquer forma, a dedicação — Bree continuou enquanto atravessavam a estrada. — Sou dedicada, acredito. Mas não deixo governar a minha vida, não como minha mãe fazia e não gosto de um monte de outros caçadores que fizeram toda a sua carreira, vivendo e respirando isso. — deram passos lentos para o outro lado da rua voltando na direção que andaram. — Não que haja algo de errado com isso, só não é para mim. Estive lá, fiz isso, superei. Eu gosto de ir ver nave espacial, se há algo nas proximidades, mas não sou fanática. É apenas um hobby agora. Algumas pessoas gostam de malhar ao lado do fogo, somente saio em uma caçada, se acreditar que é válida. Se realmente não sinto vontade de sair,

não vou. Depois da noite passada, penso que uma noite aconchegante é muito mais atraente.

— Concordo. — disse ele.

— Mas acredito. Acredito totalmente. Os cinzas, os altos, os alienígenas. Estão lá fora em algum lugar, perto ou longe, visitam nosso planeta para seus próprios fins.

— Não acredita que venham em paz?

— Nick, realmente. — Bree torceu o nariz. — Se os aliens viessem em paz andariam entre nós agora. Acho que nos estudam, como os abduzidos podem verificar. Com que propósito, não tenho nenhuma ideia.

— Acha que por serem tão avançados aprenderam o suficiente sobre nós ao longo de todos esses anos de experimentação? — perguntou.

— Exatamente! Isso é o que não entendo. Se são tão avançados, por isso que as experiências continuaram? Sabe o que acho?

— Realmente gostarei de ouvir essa teoria.

Esse comentário merecia ser ignorado.

— Acho que nos testam para levar os resultados para os seus próprios planetas para beneficiá-los. Somos as cobaias.

Após poucos segundos de silêncio, murmurou. — Acho que pode ter um ponto.

Satisfeita, acenou com a cabeça.

— Então, talvez seja apenas uma coisa pervertida que gostam de investigar.

Divertida, Bree respondeu. — Você e sua sondagem.

— Não é nada para rir, querida. Sondagem é coisa mortalmente séria.

— Eu te protegerei da sondagem, tudo bem?

— Mas quem é que a protegerá da sondagem?

— Não serei sondada.

— Será hoje à noite.

Isso a fez tropeçar.

Rindo, Nick acalmou.

— O que disse? — perguntou, espantada.

— Hoje à noite. — piscou. — Irei sondá-la.

Sua boca se abriu. Será que ele realmente disse...?

— Jantarei primeiro, em seguida, festejarei em você. Então a sondarei e...

— Ei, Ei, Ei. — levantou uma mão. — Vamos deixar isso certo. Não estou em toda a sonda anal.

Era a sua vez de olhar atordoado. — O quê?

— Sinto muito, mas se seremos verdadeiros...

— Jesus. Bree, não quis dizer a sonda *anal*. — começou a rir.

— Só estou dizendo. — colocando as mãos nos quadris, franziu a testa. — O quê?

— Oh Bree. — passando seus braços ao redor dela, a puxou contra ele. — Oh Deus, me faz rir das coisas mais inesperadas.

Não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou ruim agora.
— Nick...

— Ok, vamos deixar isso certo. Não gosto de sexo anal.

— Graças a Deus por isso. — caiu contra ele.

— O sexo oral, no entanto, é definitivamente importante.

Putá merda. As bochechas de Bree ficaram vermelhas na forma tranquila que Nick calmamente disse.

— E quanto a posições sexuais, existem algumas que gosto e adorarei mostrar a você. — Ele deu um beijo no topo de sua cabeça. — Oh merda sim, sempre mostrarei.

— Apenas me segure — Bree murmurou.

— Meu prazer.

— Simplesmente não posso olhar para você agora, então...

Nick começou a tremer de tanto rir.

— Pode rir, soldadinho. Eu... — Bree parou, realização a iluminando. Inclinando a cabeça para trás, viu os olhos cintilantes de Nick. — Alguém andou espalhando segredos! — Em sua expressão inocente, acusou — maldita Sarah abriu sua boca.

— Na verdade, Paul que nos contou o que discutiam no salão no outro dia. Querida, são um grupo tão atrevido. Nunca serei capaz de andar por aí sem me sentir assediado sexualmente.

— Besta. — aproximando-se, o beliscou no traseiro, não foi uma tarefa fácil com o jeans que usava.

— Prometo a você, Bree, deixarei apenas você me assediar sexualmente. Na verdade, insisto nisso. — Sorrindo, a beijou levemente.

Sentindo-se mais feliz do que conseguia se lembrar, voltou a caminhar a seu lado pela rua. — Idem, soldadinho, idem.



Alto, magro e tranquilamente morto, Bill sentou-se na cadeira observando Bree no espelho enquanto colocou a capa sobre ele.

Pegando a garrafa de água, pulverizou seu cabelo. — Então, como a vida está te tratando?

— Tudo bem.

— Fez alguma coisa hoje?

—Trabalho.

— E um corte de cabelo?

Bill olhou com um toque de amargura.

— Uh huh. — pegando o pente, passou em seu cabelo. — Então, o que o Senhor gostaria nesse cabelo sedutor?

— Apenas aparar. Sem a conversa mole.

— Não sabe o que está perdendo.

—Tenho certeza que sei.

— Ok, então. Uma aparagem silenciosa. — Não insultada na mínima, Bree começou a aparar.

Vozes vieram do banco da frente e, em seguida, Bella levou Harly para a próxima cadeira.

Sentando-se, Harly sorriu para Bill. — Oi.

Ele resmungou.

Acostumada, Harly acenou para Bree enquanto Bella colocou a capa sobre ela e a prendeu.

— Não posso falar — Bree disse. — Estou no meio de uma aparagem silenciosa.

Bill não piscou.

— Felizmente, isso não me inclui — Bella anunciou alegremente, esguichando água no cabelo de Harly. — Certa que só deseja apenas uma aparagem e não um corte totalmente diferente?

— Apenas um aparar.

— Você e Bill estão relacionados?

— Não que saiba. — Harly sorriu para Bill.

Estoicamente, ele manteve seu olhar no espelho.

Divertida, Bree mudou o banco em torno para começar uma seção diferente do seu cabelo.

— Então, Harly, enquanto faço o acabamento totalmente chato que deseja — Bella disse — conte-me sobre as suas férias.

— Alex e eu iremos para a cidade por uma semana para visitar seus pais, em seguida, teremos uma semana tranquila, na praia.

— Legal. — Bella cortava as seções de cabelo de Harly. — Quem cuidará de seus animais?

— Nick ficará aqui.

— Whoa. E se ele e Bree fizerem o desagradável em sua cama?

Bill cortou o olhar para o reflexo de Bella no espelho.

— Tão sutil — Bree mimizou para o reflexo de Harly.

Harly sorriu. — Nick tem o quarto de hóspedes.

—E se ele e Bree fizerem o desagradável no seu quarto de hóspedes?

— Não preciso saber se fizerem ou não.

— Mas como pode simplesmente olhar para o seu quarto de hóspedes da mesma forma novamente? Me perguntaria o que fizeram lá.

Bree revirou os olhos.

— Vocês, mulheres, cortam o cabelo ou fofocam? — Bill rosnou.

— Fofocamos — respondeu Bella, apontando o pente para seu reflexo. — Algo que devia fazer mais.

— As mulheres fazem o suficiente — murmurou.

— E dos homens. Paul é o maior ao redor.

— Esse garoto sempre teve problema.

Bella se iluminou. — Não diga.

Amargamente, Bill voltou o olhar para o seu reflexo.

Após alguns segundos de silêncio, Bella começou a aparar o cabelo de Harly.

—Uau, Bill, realmente sabe como falar demais.

Ele não respondeu.

Sorrindo, Bree virou para o outro lado e recomeçou o corte.

— Você e Nick andam se vendo muito né? — Bella penteou uma seção de cabelo do Harly e olhou para aparar cuidadosamente. — Qualquer coisa séria que deva saber? — Quando Bree não respondeu, Bella olhou para cima.

Bree colocou um dedo sobre os lábios e balançou a cabeça.

— Agora existe uma mulher que pode manter sua mente no trabalho — Bill murmurou.

— Bem, isso não pode acontecer com uma pessoa mais agradável — Bella continuou, imperturbável. — Bom menino, garota legal. Deve ser uma boa trepada.

Bill afundou na cadeira e Bree tocou seu ombro e usou uma mão para o gesto 'para cima'. Ele obedeceu.

— Bill, não posso acreditar que está mesmo relacionado a mim — Bella disse. — Tão tímido sobre S-E-X-O.

— Só não acho que precisa falar por toda parte.

— Eu não. Maneira muito segura de conseguir uma DST.

Bill fez uma careta para Bree. — Terminou?

— Mais alguns minutos. Agente firme, Bill, você pode fazer isso. — Com pena dele, Bree trabalhou tão rapidamente

quanto pôde com segurança, ouvindo com metade de sua atenção o que Bella e Harly falavam das próximas férias de Harly e Alex.

Duas semanas. E depois disso, mais uma semana e tanto Alex quanto Nick voltariam para o acampamento-base. Tanto faz. Isso tinha o poder de fazê-la sofrer, mesmo sabendo que aconteceria, sabia desde que Nick chegou à cidade e lançou o seu olhar verde brilhante em sua direção.

Era assim que seria a cada vez que fosse embora? Cara, como Harly lidava com as despedidas?

Uma coisa que estava determinada a não ser, era um bebê chorão. Nick tinha de ser visto com uma mulher sorridente, ganhar beijos e abraços, não uma garota gorda, fungando e espirrando de forma pouco romântica. Ele merecia isso, precisava, e ela teria a certeza de que ele teria.

O resto do dia passou em corte de cabelo, aparar, estilizar e colorir até que, finalmente, os clientes foram embora, a limpeza feita e iria para casa.

Acabara de entrar em casa quando o telefone tocou. Indo para a sala de estar, pegou o fone. — Alô?

— Ei, querida.

Seus lábios se curvaram em um sorriso quando os tons profundos fluíram em seu ouvido e pelo seu corpo, fazendo-o formigar em lugares que se tornavam muito familiares.

— Ei, Nick. — olhou para o relógio na parede. — Não deveria estar à caminho da noite de jogos de computador com os caras, seguido de jantar de caras de besteiras e cerveja?

— Só queria ouvir sua voz antes.

— Isso é tão doce.

— Deixa-me quente.

— Fico feliz que posso ser útil.

Houve uma breve pausa antes de dizer lentamente.

— Serei de grande serviço para você amanhã.

— Ora, querido, é uma promessa?

— Sabe, posso esquecer dos jogos de computador e ir agora estar a *serviço*.

Bree riu. — Agora vamos lá, Nick. Sabe que você e Alex morrem de vontade de derrotar Paul e Mack.

— Sim, mas você supera.

— Estou muito tocada.

— Poderia te tocar. Posso estar aí em 15 minutos para tocá-la.

— Por mais que isso me faça ficar toda feliz, tenho que ser a adulta aqui e dizer não. Vá e se divirta um pouco com os meninos. Comporte-se e o verei amanhã.

Ele suspirou. — É uma mulher difícil.

— Sim.

— Sou um homem duro. — outra pausa. — Na verdade, estou muito duro agora.

— Basta focar em outra coisa e ir jogar.

— Poderia jogar com v...

— Preciso falar com Harly?

— Ela não me assusta.

— A mãe dela?

— Ela não me assusta também.

— Sheba?

— Ficarei bem. — riu. — Ok, querida, a verei amanhã.

— Não se preocupe, levarei o almoço na minha pausa.

— Te amo.

— Também te amo. — desligando o telefone, pensou quão facilmente o termo veio a eles, como se dissessem uma centena de vezes um para o outro. Um termo familiar agora, mas muito verdadeiro.

Com uma noite tranquila de caçarola aquecida na frente da TV plana, Bree foi para o chuveiro. Dez minutos mais tarde, se aconchegou em seu roupão e chinelo, se preparando para

colocar a caçarola no micro-ondas, quando ouviu uma batida na porta.

— Não me diga que Nick abandonou os meninos para vir aqui — murmurou para Bast, que estava no corredor matando um rato de brinquedo. — Não sei se deveria mandá-lo de volta para o jogo ou arrastá-lo para dentro e despi-lo.

Despi-lo parecia uma boa ideia, pensou nisso e estendeu a mão para a maçaneta da porta. O homem era um amante. Na verdade era, na verdade, insaciável e a arrastava de bom grado ao longo de seu caminho debochado. Aleluia.

Abrindo a porta, começou rindo. — Não que esteja reclamando, mas Nick, querido, não pensa que duas vezes ao dia é suficiente para qualquer homem para... tropeçou ao ver a sua visitante.

Charlotte acenou para ela, feliz. — Olá, querida.

— Charlotte? O que está errado?

— Nada errado. David me disse que as luzes provavelmente aparecerão novamente esta noite, assim pensamos que ê gostaria de nos acompanhar em uma vigília para OVNI.

— Você e David?

— Sim, querida.

— Você e David, sozinhos?

— Sim.

— Tem certeza que é sábio?

— Por que não?

— Ele é um adolescente.

— Um adolescente forte.

Bree balançou a cabeça. — O que fará se ver as luzes?

— Certamente não sairei correndo pelos campos, se é com isso que se preocupa.

Bree limpou mentalmente sua testa. — Bom.

— David fará isso enquanto filme.

Isso não soou nada bom. — O que Ted disse sobre isso?

— Acha que a cabeça do menino está nas nuvens. Agora, você vem?

— Realmente planejava uma noite preguiçosa.

Charlotte arregalou os olhos. — Abriria mão de uma vigília?

Encostada no batente da porta, Bree assentiu.

— Preciso de um pouco de descanso. Fiquei de pé a maior parte do dia.

— Mas e as luzes?

— Desculpe, Charlotte. Realmente aprecio ter me convidado, mas terei que dizer não. — olhou para trás de Charlotte. — Você pegará David com seu carro?

— Ele não é velho o suficiente para dirigir.

— E Ted está realmente bem com isso?

Os olhos de Charlotte se estreitaram.

— Não deixarei o menino extraviado, Bree.

Apaziguando, levantou as mãos, em sinal de rendição. — Se é alguma coisa, será é uma boa influência.

Só um pouco apaziguada, a mulher mais velha virou e desceu os degraus. — Bem, se quiser ficar sentada no sofá, enquanto temos toda a emoção, isso é bom. Boa noite, Bree. Arrependo-me de tê-la incomodado.

Tardiamente percebendo que a ofendeu, Bree se endireitou. — Charlotte, espera. Não quis dizer...

— Tchau, Bree. Desfrute de seus programas de televisão.

— Charlotte entrou em seu velho sedan Holden, ligando o motor sobre o qual reclamou de forma alarmante e saiu.

Observando o carro ir para a estrada, Bree estremeceu quando saiu pela culatra.

— Oh sim, Charlotte, esse carro é tão confiável quanto um relógio. — Fechando a porta, voltou para a cozinha.

Observando o recipiente de caçarola virar no micro-ondas, ponderou suas escolhas. Poderia ir e se certificar de que a dupla estava bem ou poderia ficar em casa no calor e confiar no fato de que Charlotte era velha o suficiente para ser a avó de David e ser uma influência estabilizadora.

O micro-ondas apitou e pegou o recipiente com cuidado, cheirando apreciativamente. Olhando para a crescente escuridão lá fora, Bree tomou sua decisão. Colocando a caçarola em uma tigela, pegou uma colher limpa e duas pequenas tigelas e entrou na sala de estar. Colocou a tigela na mesa do café, pegou o controle remoto e se sentou ao lado de Sheba, que olhava para a tigela com interesse.

— Conhecendo você, garotinha, estou preparada. — Bree colocou colheradas da caçarola em uma das pequenas tigelas e colocou-a no chão, onde Sheba pulou e começou a lamber cautelosamente.

Bree repetiu o mesmo procedimento para Bast quando o ponto azul veio andando para a sala, o rato de brinquedo pendurado em sua boca. Bast olhou para os dois pratos no chão, largou o rato e veio empinada para se sentar ao lado de Sheba e cheirar a comida. Bree quase podia jurar que podia ver a gata pensar nisso, então Bast deu uma lambida, decidiu que era muito bom e começou a sorver alegremente.

— De nada. — sentando no sofá com sua bacia no colo, Bree ligou a TV e começou a comer.

Tentou se concentrar no filme, realmente tentou, mas sua mente continuava vagando para Charlotte lá fora, com David.

Um trovão ecoou na distância e um tamborilar leve da chuva começou. Whoa. Esperava que Charlotte tivesse um aquecedor naquele velho calhambeque que dirigia, porque ficaria frio. Mais chuva aumentou um pouco mais e o trovão rugiu novamente.

Bree olhou para as cortinas fechadas. E se David visse algo e corresse para os campos? Será que tinham alguma ideia do que faziam? Deus, era um rapaz de 16 anos e uma mulher idosa. Na chuva, fazendo Deus sabe o quê.

A chuva ficou mais forte. Certamente desistiriam e iriam para casa, mas esta era a sua primeira vigília e Bree tinha visto primeiros-vigilantes fazerem algumas coisas tolas com toda a excitação.

Devia ligar para a polícia? E dizer-lhes o quê? Que uma mulher e um menino estavam em seu carro na tempestade.

Isso não era contra a lei. Caramba.

— Não — voltou seu olhar para a TV. — Não farei isso.

Sheba caiu sobre a poltrona, rolando de costas, com as quatro patas no ar enquanto olhava Bree de cabeça para baixo.

— Não irei lá fora — Bree informou. — Não irei.

Sheba piscou sua aprovação. Bast apenas a olhou.

— Charlotte é uma grande menina, uma mulher adulta. E David... — era um adolescente que não se preocupava em fazer uma brincadeira a alguém.

Bree ficou gelada. Oh merda, David faria uma brincadeira com Charlotte? Uma história que poderia dar errado, especialmente em uma noite como esta?

Foi bem a fundo na questão. Ele já fez uma brincadeira. E se.... oh desgraçado e se a levou até o riacho e Charlotte cair?

— Ok, Bree, acalme-se. — respirou fundo. — Você está apenas se deixando levar. Provavelmente estão ambos sentados no carro, esperando a chuva passar.

O trovão soou mais perto.

Chamar a polícia só envergonharia Charlotte e faria Bree parecer uma idiota paranoica se estivessem inocentemente sentados no carro. Por tudo o que sabia, poderiam estar no caminho para casa... se é que aquele velho calhambeque não quebrou, pois parecia estar em seus últimos momentos quando Charlotte a deixou.

Mas então tinham um celular, certo? Poderiam ligar para pedir ajuda se... se tivessem sinal. Se lembrassem de levar um celular.

A chuva ficou mais forte. Xingando, Bree ficou de pé.

— Dane-se. — Indo até o telefone, corria o risco de ser atingida por um raio e ligou para o pai de Ted. Irresponsável,

sim, mas se fosse burro o suficiente para deixar o filho sair no que parecia ser uma noite de tempestade, merecia um pouco de raio.

— Fale rápido —Ted latiu.

— Oi para você também.

— Quem é?

— Bree Ford. Tem número do celular de David?

— David? Ele está bem aqui. Quer falar com ele?

Bree ficou aliviada. — Bom, ele e Charlotte desistiram. Não, não se preocupe.

— Charlotte? Aquela velha louca intrometida não está aqui.

— Ela foi para casa?

— Olha, se isto é sobre essa estúpida vigília a OVNI, parei David, logo que vi a tempestade. Agora veja, preciso ir. É perigoso estar em telefones durante as tempestades. — A linha ficou muda.

Será que Charlotte foi para casa? Bree verificou a agenda de telefone, pegou o número de Charlotte e se preparou para uma possível zap fatal por ser burra o suficiente para usar o telefone mais uma vez em uma noite de tempestade.

O telefone de Charlotte tocou várias vezes antes que caísse na secretária eletrônica. — Você ligou para Charlotte Burguny. Deixe uma mensagem e te retornarei.

Merda, merda e merda. Xingando, Bree saiu da sala de estar para o quarto. Parecia que a noite preguiçosa no calor foi jogada diretamente pela janela.

Capítulo Onze

Tentando detectar o carro velho de Charlotte, Bree olhou para a chuva. Nada além da chuva. Pela batida dos limpadores de para-brisas os marcos nas laterais da estrada eram visíveis, as linhas no meio da estrada. Chuva e mais nada além de escuridão a rodeava.

Rodou uns bons 10km em seu lado da cidade, antes de voltar para o outro lado. Ainda não havia sinal.

Oh, isso não era bom.

Então viu alguma coisa e se aproximou com cuidado, dando um suspiro de alívio quando viu que era o carro de Charlotte, inclinado em uma vala.

— Oh merda. — Parando trás do carro, manteve os faróis altos para ver através da chuva. Respirando fundo, colocou o capuz sobre a cabeça e abriu a porta, correndo para a chuva.

Escorregando e deslizando, foi até a porta de Charlotte, olhando para dentro e estendendo a mão para a maçaneta da porta.

Morrendo de medo também, viu quando a cabeça de Charlotte apareceu, seu rosto pálido olhando para Bree pela janela da chuva-listada.

Abrindo a porta, Bree gritou acima da chuva. — Está bem?

— O carro caiu em uma vala, querida. — Decididamente pálida, Charlotte lutou para sair do carro.

— Está ferida?

— Só um pouco abalada, nada mais. Pode me ajudar a empurrá-lo?

— Não dá. Essa coisa precisa de um caminhão de reboque.

— Mas o que farei?

— Te levarei para casa. — Bree conduziu-a até a van, abrindo a porta e praticamente empurrando a mulher para dentro antes que ambas se afogassem na chuva abundante. Correndo ao redor da van, entrou no banco do motorista e tirou o capuz de sua capa de chuva. — Caramba, Charlotte, a quanto tempo está aí?

Parecendo decididamente pálida, Charlotte enxugou o rosto com um lenço que tirou de algum lugar em seu casaco. — Cerca de uma hora.

— Por que não ligou para para pedir ajuda?

— Nunca se deve usar um telefone quando há uma tempestade, querida. Poderia ser atingida por um raio percorrendo pelas linhas. Não sabe disso?

— Sei.

— Então, por que telefonaria para alguém?

— Porque acabou numa vala?

— E tenho muita sorte que passou perto. — Charlotte colocou o lenço no bolso. — Então, mudou de ideia e decidiu me acompanhar?

— Sim, sobre isso. Realmente decidiu fazer esta vigília sozinha?

— Bem, você faz.

— Mas sou experiente, fiz isso montes de vezes.

— E está ilesa.

— Tampouco deixei meu carro cair em uma vala em uma noite de tempestade.

— Estamos de volta a isso? O clima é atroz.

— É por isso que não devemos dirigir em tempos assim, você estaciona e espera.

Resmungando para si mesma, Charlotte cruzou os braços e olhou pela janela lateral.

Sentindo-se um pouco má, Bree quebrou o silêncio depois de alguns minutos.

— Olha, entendo que queira ver um OVNI, mas precisa aprender as regras.

— Você pode me ensinar.

— Oh, não. Meus dias dedicados a OVNIIs ficaram para trás. Agora é apenas um hobby. — Pausando, Bree olhou para o rosto abatido de Charlotte. — Olha, posso levá-la comigo se alguma vez for, mas — acrescentou, ao ver o rosto ansioso de Charlotte — Eu escolho meus tempos. Não vou o tempo todo, escolho o tempo, o lugar e quando voltar para casa. Não quero ser presa em uma programação. Às vezes não saio por várias semanas, a menos que ache que valha a pena. — Embora parecesse cruel, quando fazia a uma caçada, não queria ficar presa com alguém que queria sentar-se em um cobertor e beber café ou conversar até que seus ouvidos doessem. A experiência lhe ensinara que Charlotte podia pra caramba. Ou cair em uma vala, aparentemente. O que a lembrou... — Além disso, o que aconteceu com o seu grupo OVNI? Não deveria sair com eles?

Charlotte fungou. — Não quiseram sair hoje à noite, disseram que com uma tempestade era muito perigoso, pode acreditar nisso?

— Concordo totalmente.

—Mas saiu em uma tempestade.

—Estacionei em um lugar seguro.

Charlotte sussurrou. — Então, se não veio se juntar a mim, por que está na estrada em uma tempestade? Hein? — sua

cabeça virou bruscamente. — Espere um minuto. Sabe de alguma coisa! Sabe que algo está lá fora e...

— Vim procurar por você. — Vendo a imagem borrada das luzes da cidade, Bree respirou silencioso de alívio.

— Para se juntar a mim, certo? Sabia.

— Não, porque descobri que David ficou em casa e quando não atendeu o telefone, sabia que estava aqui em algum lugar.

Charlotte ficou em silêncio, um pouco boquiaberta.

Bree entrou em uma rua. — Estava preocupada. Aparentemente, tinha razão para isso. — parou a van.

Charlotte olhou para o sinal do hospital. — O que fazemos aqui?

— Precisa fazer um check-up.

— Não preciso. Estou bem.

— Caiu em uma vala.

— Mas não me machuquei.

— Olha, tem 70 anos de idade. Isso não é velha, é verdade, mas os ossos são, possivelmente, mais frágeis.

— Nada dói.

— Então apenas me agrade.

A expressão de Charlotte era teimosa. Grande.

Bree se inclinou sobre o volante, tentando ser razoável.

— Olha, uma verificação rápida e a levarei para casa.

— Isso é ridículo.

— Não, ficar sentada aqui como uma galinha recheada quando alguém tenta ajudá-la é ridículo.

Charlotte fungou indignada.

Bree tinha uma boa sensação de que a mulher começava a se sentir um pouco tola, mas ainda não admitiria. Hora de fazer algo para o bem maior.

— Cada observador alienígena decente faz check-up após um acidente, não importa quão pequeno seja.

— Isso é uma mentira, Bree. Não nasci ontem.

Cansada, Bree esfregou os olhos. — Ok, menti. Mas, por favor entre e faça-os.

— Não vejo o porquê.

— Caramba, Charlotte! — Bree perdeu a paciência. — Por duas vezes arrisquei ser frita, utilizando o telefone, então saí em uma noite de tempestade para encontrá-la e quando tento fazer a coisa certa você é teimosa. Deus!

Charlotte a olhou por alguns segundos antes de abrir a porta e sair com seu queixo alto. — Não há necessidade de dramaticidade, Bree.

Para satisfazer-se por um segundo Bree imaginou um raio fritando a bunda de Charlotte, mas afastando o pensamento, a seguiu para o hospital. Vinte minutos mais tarde, a seguiu de volta para a van.

Charlotte entrou e cruzou os braços. — Eu te disse — fungou quando Bree entrou no banco do motorista.

— Tudo bem, tudo pronto.

— Disse que estava bem, não foi? Mas será que acreditou em mim?

Talvez devesse ter deixado Charlotte em seu carro abandonado. Foi um alívio quando sua casa entrou em vista, a luz dianteira, toda quente e acenando.

Charlotte saiu. — Quer beber alguma coisa para aquecê-la?

Surpresa, Bree olhou para ela. — Obrigada, mas não.

— Parece que é o mínimo que posso fazer. — Charlotte franziu a testa.

Diversão cravou através de Bree, enxugando seu aborrecimento. — Não se preocupe. Basta entrar e se aquecer, certo? Foi uma longa noite.

— Tem certeza que não quer entrar? — Charlotte olhou para a chuva levemente caindo.

— Sou boa em dirigir enquanto a chuva se mantém. Apenas lembre-se: os caçadores de OVNI não saem sozinhos.

— Você saiu.

— Não vamos começar novamente. — saindo da garagem, Bree parou na delegacia para informá-los que o carro de Charlotte estava em uma vala, que a motorista estava bem e segura em casa.

Depois de anotar alguns detalhes, Dan, o policial, lhe disse que entraria em contato com Charlotte na manhã seguinte e, entretanto, verificaria o carro para se certificar de que era seguro para os outros condutores passarem.

No momento em que entrou em sua própria garagem, Bree olhou para o relógio e suspirou. Já era tarde. Mal saiu do carro, a chuva desabou e correu para os degraus do abrigo da varanda, tirando seus tênis enlameados enquanto xingava ofegante.

Assim que entrou, colocou sua camisola de flanela, fez um chocolate quente e foi para a cama com um livro. Louca para a sua noite de descanso. Pelo menos Charlotte estava segura em sua casa e David sob o olhar atento de seu pai. Era grata por pequenas misericórdias.



Obviamente Charlotte aprendeu uma lição, porque enviou um buquê de flores ao salão, com uma pequena nota que dizia:

Obrigada por me ajudar. Desculpe, sou uma velha boba e pateta.

— De Nick? — Bella cheirou o buquê. — Legal.

Não prestes a entregar Charlotte, Bree apenas sorriu e guardou o cartão no bolso. Indo para o quarto dos fundos, ela pegou o telefone e discou o número de Charlotte.

— Oi — disse, logo que Charlotte atendeu. — Obrigada pelas flores.

Charlotte suspirou. — Sinto muito, querida. Pensei no que disse e no que aconteceu. E então Dan me deu um sermão, seguido de Alfred, o nosso líder dos Vigilantes Idosos, fazendo-me refletir. Agora percebo o quão tola fui. Agi sem pensar muito ou estar preparada.

— Não se preocupe. Todos já fizemos isso algumas ou muitas vezes.

— Deveria ser reconfortante?

— Significa apenas que somos humanos. Mas aprendemos com esta experiência. Fique com seu grupo, parecem ter um bom raciocínio.

— Ao contrário de mim — disse Charlotte secamente.

— A segurança nos números.

— No entanto, foi sozinha.

— Aqui está a coisa. Realmente ia sozinha, é verdade, mas Nick me fez prometer que não iria mais a uma caçada sem ele agora, então isso significa que não vou mais sozinha.

— Oh. — Charlotte parecia genuinamente surpresa, então a aprovação penetrou em sua voz. — Esse garoto é um cavalheiro. São poucos e escassos por estes dias. Aperte o laço nele, Bree.

— Pretendo. — Ouvindo a porta do salão, espiou na área de recepção. — Tenho um cliente, Charlotte. Falarei com você mais tarde.

O resto da manhã foi silencioso e Bree conseguiu sair para almoçar mais cedo. Juntando os rolos de saladas, dirigiu até a casa de Harly. Estacionando em frente da casa, subiu os degraus e tirou os sapatos, ficando de meias.

Antes que batesse na porta, Nick a abriu.

— Oi. — sorriu para ele, foi na ponta dos pés para lhe dar um beijo rápido.

Colocando uma mão em suas costas, conduziu-a passando por ele.

— Então, desfrutando de brincar de Senhor da Mansão, mestre do castelo?

— Hummm? — a seguiu até a cozinha.

— Com Harly e Alex longe, tem a casa somente para si.

— Ah. Sim. Já fiz isso antes.

— Da última vez que veio? — Bree colocou os rolos sobre a mesa.

— Sim.

Pegando algo em seu tom de voz, virou-se para encará-lo. Olhando para sua expressão branda e apenas sabia que algo acontecia.

— O que há de errado?

— Como foi a sua noite tranquila ontem?

— Ah. Alguém andou contando contos.

— Existe um conto?

— Ficaré bravo se disser que sim?

Ele apenas a olhou.

Com um suspiro, encostou-se à mesa.

— Formulário de pontes. Charlotte queria que saísse em uma vigília. Não quis. Ela saiu com David. Fiquei preocupada quando o tempo ficou ruim, descobri que Ted fez David ficar em casa, descobri que Charlotte não estava em casa e fui à sua procura. Encontrei-a com o carro caído em uma vala, levei-a ao hospital para um check-up, levei-a para casa, parei na delegacia para que soubessem o que aconteceu e voltei para casa. Veja? Nada.

— Nada — repetiu.

— Disse que ficaria bravo, se dissesse que sim.

— Acha que estou bravo?

Bree o olhou para pensativamente. — Não está calmo.

— Não pareço calmo?

— Te conheço o suficiente para saber que uma cara sem graça não significa que está calmo.

— Querida, estou calmo. Estou apenas...

— Feliz?

Lá se foi aquele olhar novamente. Cara, tinha um olhar que podia fazer uma mulher adulta se incomodar e não em um bom sentido.

— Eufórico? Aliviado?

Deu alguns passos mais para perto. — Estou aliviado de que fez isso com segurança nessa tempestade.

— Viu? Nada para se preocupar. — rapidamente virou. — Vamos comer.

Dedos longos puxaram a barra de seu casaco para se ligar na banda de sua calça e puxar suas costas contra um corpo duro e alto. A voz de Nick era baixa, uma pitada de aço que atravessa os tons profundos. — Usou o telefone durante uma tempestade.

O-oh.

— Duas vezes.

Não é bom.

Sua respiração roçou a orelha dela. — Saiu em uma tempestade.

Merda.

— Uma tempestade muito, mas muito pior do que aquela que caia quando te conheci.

— Hum... sim?

— Dê-me uma boa razão pela qual não deva fazer a contagem regressiva de cinco segundos.

— Porque nunca mencionei o meu peso ou me desvalorizei. Na verdade — virou, colocou seus braços ao redor dele e o olhou sedutoramente — Recusei o convite para ir à caça de OVNI com Charlotte e David, então tecnicamente não quebrei minha palavra.

— Tecnicamente — repetiu.

— Bem, na verdade, não quebrei a minha palavra. Fiz o que achava que era certo e encontrei Charlotte. Nenhum dano.

— Nenhum dano? — braços musculosos a abraçaram forte, quase a sufocando. — Jesus, Bree. Tem alguma ideia de como me senti quando Paul me contou?

— Paul? Nossa, isso não demorou muito. — o abraçou também. — Nick, precisa relaxar. Esquece que estou acostumada a cuidar de mim mesma. Tive cuidado, juro. Dirigi a passo de tartaruga. Não sou uma novata na condução em todos os tipos de clima.

— Sei que pode cuidar de si mesma. — Com um suspiro, deu um beijo na sua cabeça. — Não posso deixar de sentir do jeito que sinto. Nunca mais quero vê-la em perigo, sabia que estava em um possível perigo e não estava lá para protegê-la. Prometa-me que da próxima vez ligará para polícia.

— Em uma tempestade?

— Não. Sim. Merda.

Bree riu.

— Não saia.

— Nick...

— Falo sério, Bree. — segurando seu rosto, inclinou a cabeça para pudesse encontrar o seu olhar. — Se não estiver aqui, por favor, não se coloque em perigo conscientemente.

— Não estava em perigo. — Qualquer irritação crescente que sentiu morreu com a preocupação clara em seus olhos, as sombras no verde brilhante. Fazia anos desde que alguém se preocupava tanto com sua segurança e era comovente. Seu tom de voz suavizou. — Posso prometer ter cuidado. Sempre tenho cuidado, mas para você, tomarei todas as precauções

adicionais, a cada passo seguro. Até dirigirei devagar e com cuidado para a delegacia primeiro e dizer-lhes, em seguida, podem verificar. Como parece?

Ele suspirou.

— Nick.

— Não mudarei suas ideias, não é?

— Ei, sou assim. É o que faço. Um amigo em perigo? Estou lá. Mas sou cuidadosa quando faço isso. Ok?

— Isso me mata, mas tudo bem. — franziu a testa. — Mas lhe aviso, a primeira vez que se machucar tentando ajudar alguém, esperarei até que esteja melhor e, em seguida, farei a contagem regressiva de cinco segundos.

— Será que o mesmo valerá para mim, enquanto estiver com a sua equipe?

— É o meu trabalho. Estou treinado para isso.

— E eu também, de uma forma totalmente diferente.

— Talvez faça a contagem regressiva de cinco segundos apenas para irritá-los.

Rindo, Bree deu-lhe um abraço rápido.

— Pobre bebê. O que posso fazer para que se sinta melhor?
— inclinando a cabeça para trás, sorriu para ele. — Qual...

Suas palavras foram perdidas por Nick tomando sua boca, não dando nenhuma misericórdia. Língua exigindo entrada, saqueando profundamente, levando tudo o que tinha com uma voracidade quase desesperada.

Nesse segundo percebeu o quão preocupado esteve, quão assustado mesmo, pensando em todos os tipos de coisas e isso deve ter sido dez vezes pior do que o que sentiu por Charlotte.

Porque a amava.

Porque não podia estar com ela.

Porque esse era o tipo de homem que era.

Querendo tranquilizá-lo, procurando dar-lhe conforto, Bree devolveu o beijo, pressionando contra ele, mão varrendo sob seu suéter e camisa para deslizar para cima da pele quente de suas costas.

Quase imediatamente sentiu a sua fome aumentar, ficar mais quente, mais carnal, seu eixo endurecendo por trás de sua calça de brim para pressionar urgentemente contra sua barriga.

Produziu uma reação semelhante nela, enchendo-a de calor entre suas coxas, seu corpo respondendo ao seu, como sempre fez.

Quando levantou a cabeça, leu a intenção em seu olhar e apenas um fio fino de bom senso a deixou ofegante. — Estou na pausa para o almoço.

— Já ouviu falar de uma rapidinha? — sua voz estava atada de desejo.

— Não tenho tempo para ir para a cama, Nick.

— Quem falou em cama?

Com isso, a beijou novamente, lambeu profundamente, seus dedos movendo-se suavemente sob sua camisa para seus seios, palmas duras massageando através de seu sutiã.

Imediatamente os mamilos endureceram, implorando por seu toque. Nick, seu vício pessoal.

Sem vergonha o beijou, devolveu os toques, mordeu o lábio inferior e riu com voz rouca quando rosnou.

Mãos grandes a pegaram pela cintura, girando-a, seu corpo duro encurralando-a contra a mesa. Antes que percebesse, enganchou os polegares no cóis da calça e a abaixou até as coxas, as mãos voltando para segurar suas nádegas, apertando com firmeza, provocando outra onda de calor.

Arqueando-se, colocou o braço para trás, com a mão ao redor de sua nuca, inclinando a cabeça para dar-lhe acesso à pulsação de forma irregular em seu pescoço.

Nick a pegou, lambendo ao redor antes de sugar levemente, pressionando a língua na batida, saboreando-a. Ao mesmo tempo, sentiu os seus dedos deslizarem entre suas coxas, ao longo dos cachos antes de leve e cuidadosamente, investigar entre o abrigo de seus lábios.

Calor a encheu, em tantos lugares deliciosos, deixando-a ofegante e gemendo enquanto tocava seu corpo, os toques conhecedores que a deixaram arqueando, as carícias que a faziam se contorcer, os lugares escondidos que procurava e pressionava para deixá-la molhada e quente.

Em seguida, sua mão estava entre os ombros dela, inclinando-a sobre a mesa. O ar frio ao redor de sua umidade provocava-lhe um arrepio, o dedo encontrou-a novamente, circulando a abertura de seu corpo antes de entrar profundamente.

A sensação de sua invasão a fez esfregar-se nele, do jeito que enganchou o dedo dentro dela para puxar suavemente em sua vagina fazendo seu estômago afundar.

— Nick. — sua voz era ofegante.

— Tão molhada, querida. Querendo tanto.

— Por favor, Nick. — coração acelerado na expectativa de sua entrada, mamilos raspando contra o sutiã.

Uma mão na parte inferior das costas, a outra pressionada em seus segredos. Um dedo acariciando-a por dentro, outro pressionando o clitóris.

Ele mudou de posição, os lábios roçando suas costas. — Deus, Bree. — suas palavras eram quentes e úmidas sobre a pele, a língua lambendo aproximadamente no fundo das costas. — Se tivéssemos tempo, me ajoelharia agora e a lamperia.

Essa imagem mental a fez estremecer, músculos vaginais apertando em seu dedo.

Nick riu asperamente. — Gostou dessa ideia, não é? Bom. Porque da próxima vez a deitarei e me esbanjar em você. Mas, por agora... — se endireitou, seu dedo desaparecendo. — Por enquanto, faremos isso rápido e forte. — Houve o som de uma embalagem de preservativo rasgando.

Apoiada em suas mãos, Bree tentou olhar para trás por cima do ombro, com fome para ter uma ideia do desejo que sabia que veria em seu rosto, mas antes que pudesse fazê-lo corretamente sua pele nua encontrou as costas de suas pernas, a flexão de músculos duros e então seu eixo estava lá, a ponta quente pressionado em sua abertura.

— Calma, querida — murmurou. — Estamos em uma viagem dura.

Ele certamente falou a verdade.

Um impulso forte e estava enterrado totalmente dentro dela, mas não esperou, tirando quase que instantaneamente para entrar novamente.

Tudo que Bree podia fazer era segurar a mesa, tentar parar as mãos de escorregar sobre a superfície lisa enquanto Nick entrava nela, as mãos segurando seus quadris mais forte, seus quadris batendo nela mais e mais.

Oh Deus, mal podia ver. Cores estouraram por trás das pálpebras, excitação fluindo profundamente com cada impulso forte e duro de Nick em seu interior. Seu eixo tão espesso, tão longo, tão duro, entrando quase impiedosamente, saqueando suas profundezas antes de sair sua vagina, que já começava a ter espasmos.

A respiração presa antes de sair em ofegos, desistiu da luta para ficar apoiada em suas mãos, apoiando-se nos cotovelos, o movimento abrindo-a mais.

Nick deu um grunhido de satisfação e entrou mais profundo, mais forte.

Balançando contra a mesa, Bree sentiu seus nervos derreterem, espiralando-se de onde ela e Nick se juntaram para suas extremidades. O hedonismo da posição era novo para ela, fazia se sentir controlada, aberta, apenas um pouco obscena e ousada. Emocionando-a.

Controle não era algo que desistia facilmente, mas nas mãos de Nick estava mais do que disposta. Sabendo que veria a sua satisfação, se sentia livre para voar, para deixar suas emoções correrem soltas com as sensações que a percorriam. Calor, fogo, carnalidade, encheu-a ao longo de um desejo ardente que aumentava, levando-a ao êxtase, Nick com seu poderoso bombeamento de seus quadris, a cada estocada entrava profundamente nela com seu eixo.

Mudou de ângulo, batendo no ponto que parecia achar tão infalivelmente quando procurava, batendo impiedosamente, nunca lhe dando margem de manobra, não a deixando cair livre em êxtase, segurando seus quadris, forçando-a a aceitar o prazer erótico que lhe dava.

Empurrando-a com força sobre o pico com bombeamentos duros, lançando-a para um orgasmo que a faria gritar seu nome.

Ele atingiu seu auge, com as mãos segurando-a forte, o eixo entrando profundamente, os quadris tentando bombear, mas estava muito perto, estavam muito perto. Seu eixo empurrou profundamente dentro dela, empurrou novamente, e Nick empurrou até que o nome dela foi um grunhido rouco que encheu o ar.

No momento em que finalmente desabou, encontrou Nick caído sobre ela, sua respiração ofegante quente em suas costas.

— Oh, uau — disse com voz fraca.

Nick se mexeu, a beijou de volta, lambeu o pequeno local com ternura antes que se endireitasse e saísse dela.

Endireitando-se, estendeu a mão para a calça, só para ter mãos grandes vindo em ambos os lados, os dedos longos segurando sua calça e sua calcinha e subindo-as nas pernas.

— Se não quiser uma segunda rodada agora, cubra essa bunda bonita e fofa.

Corando, abaixou a camisa e ajeitou o cardigã. O homem poderia fazê-la corar como ninguém. Mas a fazia se sentir bonita, se sentir frágil e cuidada.

Sorrindo, olhou por cima do seu ombro para vê-lo fechando sua calça jeans enquanto olhava com olhos lânguidos. A dica de calor ainda ardia profundamente no verde. Ainda a desejava, podia ver. Não demoraria muito para que a inclinasse sobre a mesa para a segunda rodada.

— Você é insaciável — disse com exatidão, ignorando a onda de calor que a invadiu.

— Só com você, querida.

Fez covinhas para ele.

Ele sorriu de volta, curvado para frente e beijou-a. E a beijou novamente. E, em seguida, um pouco mais profundo.

Por mais que quisesse levá-lo mais longe, tanto quanto ela ansiava para levá-lo ainda mais, conseguiu agir de forma responsável. Colocando a mão em seu peito, colocou um pouco de espaço entre eles.— Calma, rapaz. Tenho que voltar a trabalhar em breve e preciso comer antes.

— Podia ligar dizendo que está doente.

— Não posso, temos muito serviço esta tarde. Agora lave as mãos enquanto coloco a chaleira no fogo.

— Por que iria querer lavar as mãos? — perguntou inocentemente.

— Porque as colocou em... lugares.

— Humm. — Seus olhos semicerrados, um brilho evidente.
— Lugares agradáveis. Lugares quentes. Lugares molhados.

Corando novamente, conseguiu, no entanto, olhá-lo bem nos olhos enquanto apontava para a porta. — Vá.

Ele suspirou.

— Se for um bom menino agora — barganhou — Deixarei me ensinar a fazer um boquete.

Em um segundo seus olhos passaram de provocação preguiçosa a sexualmente carnal.

— Caramba! Mais tarde! — apontou para a porta novamente. — Vá agora e a lição será dada hoje à noite.

Por um segundo pensou que simplesmente a agarraria e menino, isso a deixou toda quente e não responsável em tudo. Mas então ele respirou fundo, tendo o controle visível de si mesmo, olhou-a nos olhos e murmurou — É um trato — e saiu da sala.

Seus joelhos realmente ficaram um pouco fracos.

Desconsiderando toda a ideia de uma bebida quente, Bree invadiu a geladeira e fez café gelado. Certamente precisava de arrefecimento, e oh menino, Nick definitivamente precisava apagar o fogo.

Sentada à mesa, desembulhou seu rolo de salada e deu uma mordida. Conseguiu comer calmamente pelo tempo que voltou. Sentando na cadeira a sua frente, ele se largou para trás, enquanto tirava o plástico, a observava o tempo todo.

— Não tente me irritar — disse ela.

— Estou te irritando? — brincou.

A nota leve estava de volta em seu tom de voz, mas podia ver pelo brilho em seus olhos que não esqueceu o seu negócio.

Nem ela. Caramba, esperava por hoje à noite. Mas as coisas importantes primeiro, tinha que fazer permanente no cabelo da Sra. Browning. Ainda haveria algumas horas até sua folga, mas quando chegasse perto... sorriu para Nick.

O sorriso que devolveu era inegavelmente lupino.

— Não tem vergonha — disse ela.

— Querida, adoro fazer sexo com você. Forte e sujo ou doce e gentil. Particularmente adoro a sua vontade de experimentar. O que há para se envergonhar?

— É um menino travesso, Nick. Estou surpresa que Harly nunca me avisou.

— Harly nunca viu esse meu lado. É todo seu, baby. — deu uma grande mordida no rolo de salada, mastigando, engolindo e repetindo com a satisfação suprema — Tudo por você.

E ele falou a verdade. Fazia Bree se sentir extremamente satisfeita de si mesma. Mas havia uma última coisa a dizer. — Ah, e *nunca* dirá a Alex e Harly que transamos na mesa da cozinha.

— Claro. — deu de ombros. — Sem problemas.

— Bom. — tomou um gole de café gelado.

— Veja bem, quando olhar para esta mesa, sempre te verei inclinada sobre ela com as calças ao redor de seus joelhos.

Ela engasgou com o café gelado.

Inclinando-se sobre a mesa, Nick gentilmente entregou-lhe um guardanapo. Quando finalmente conseguiu respirar sem engasgar, acrescentou. — Da próxima vez batizaremos a sua mesa.

Pelo brilho lascivo nos olhos e o sorriso sexualmente carregado, Bree tinha certeza que a mesa não era a única coisa em perigo de ser batizada em sua casa.

Felizmente, estava mais do que disposta. Infelizmente, tinha que voltar ao trabalho.

Nick a acompanhou até a van, permaneceu na janela quando ligou o motor. Com um sorriso terno, apertou-lhe de leve na ponta do seu nariz.

— Tenha um bom dia no trabalho, querida.

— Querido — murmurou — E você tenha o seu pau todo limpo e polido esperando por mim esta noite.

Ela deixou-o parado na garagem boquiaberto.

Bree sorriu todo o caminho de volta à cidade.



Passando o braço na testa, Nick abaixou a pistola de pregos e inspecionou seu trabalho. A cerca de piquete que colocou não muito longe da casa de Bree para conter a horta era resistente, os topos ornamentados que esculpiu nas extremidades acrescentava um toque de elegância. Verificou o portão, acenando com a satisfação, assim que balançou facilmente. A trava que parafusou a ele presa e fechada, e

acrescentou um gancho e ferrolho para que atrelasse o portão de trás, conforme necessário.

Sim, foi um ótimo trabalho. E amou cada minuto disso. Tinha certeza que redescobriu seu amor pelo trabalho manual.

Arrumando as ferramentas, as devolveu para o galpão antes de ir encontrar Bree para informá-la que a cerca estava acabada.

Por seu grito de alegria, parecia que já tinha visto e estava satisfeita.

Sorrindo, caminhou pela lateral da casa para encontrar Bree do outro lado da cerca, os dedos traçando os finos ornamentos do piquete.

— Oh, Nick! — admiração e encantamento encheu seu rosto bonito. — Oh, *Nick*!

— Gostou? — de braços cruzados, assistia com prazer quando ela virou e fez um círculo completo na área cercada.

— É perfeito. É apenas... — oh, *Nick*.

Ele riu. — Fico feliz que se encontra com a sua aprovação.

Abrindo a porta, Bree correu para atirar-se nos seus braços e beijar em seu rosto. — É perfeito! É maravilhoso! Oh, Nick, obrigada!

Mais do que disposto a segurar o seu corpo contra o seu suado e aceitar os beijos doces de seus lábios carnudos, a abraçou. — Não se preocupe, querida. O prazer foi meu.

Braços ainda em volta do pescoço, Bree olhou por cima do ombro. — Nas últimas duas semanas, deixou os canteiros do jardim vegetal cavado e limitado, colocou uma cerca ao redor dela, criou um sistema de aspersão, limitou um outro jardim em um círculo maravilhoso para minhas rosas e fez um conjunto de sistema de aspersão lá em cima, terminou de pintar os batentes das janelas e colocou portas de gato na frente e portas traseiras com pequenos bloqueios para que possa bloquear os gatos à noite. Oh, Nick!

— Querida, esta é a sua casa agora. Quero ter certeza que está no melhor estado possível antes de voltar.

Sentiu os braços abraçá-lo fortemente com a lembrança do pouco tempo que lhes restava juntos. Pesar o encheu, uma dor aguda com a ideia de se despedir dela, incapaz de ver ou abraçá-la por longos cinco meses. Era o que era e Bree nunca o pressionou, deixando apenas ele decidir.

Porque o amava.

Sabia disso, sentia em cada toque, cada gargalhada, cada brilho alegre dos olhos. Quando apareceu, viu a pequena faísca que acendeu os olhos, o jeito que inconscientemente se inclinou em direção a ele, quando se aproximou, a mudança

sutil de seu corpo para mais perto dele quando estava ao seu lado.

Deus, a amava muito.

Bree virou o rosto para ele, com um olhar sério. — Nick, esta é a sua casa também.

— Bree...

— Quando voltar para casa, será para cá. Sempre esperarei por você. Não está mais sozinho.

Jesus, como podia enchê-lo com seu amor total?

— Nem você. — Inclinando-se, beijou-a com ternura. — Juntos, sempre.

— Independente da distância, Nick, sempre estaremos juntos. — sorriu um pouco lacrimejante. — Enviarei fotos.

— Essa é a minha Garota do Adeus. — O beijo foi mais profundo, tentando demonstrar o seu amor, para que soubesse o quanto significava para ele.

— Sem mais adeus — sussurrou antes de beijá-lo profundamente.



Muito, muito mais tarde, repleto de um ataque de amor que foi doce e gentil, Nick descansava na cadeira de balanço, Bast

dormindo ao lado dele, Sheba esticada felizmente nele de onde estava empoleirada no parapeito.

Sim, poderia viver assim. Podia imaginar voltando do trabalho no final da tarde para Bree e essas duas meliantes. A paz do campo, a satisfação de um trabalho bem feito e um lar cheio de amor e riso.

Saboreando o café quente que Bree o trouxe, juntamente com um prato de biscoitos de chocolate, suspirou com satisfação.

Sim, isso era exatamente o que queria. Tudo o que queria e precisava estava aqui em Whicha.

A velha carcaça do carro de Charlotte parou na calçada e viu com leve interesse quando veio correndo, com as bochechas coradas de excitação.

— Nick! Onde está a Bree? — perguntou.

— Estou aqui. — Bree abriu a porta, uma xícara de chá na mão. — O que aconteceu?

— Encontraram pegadas estranhas perto do riacho!

— Pegadas?

— Três dedos, grande. Tem que ser...

— Ema? — Nick sugeriu preguiçosamente.

— Essas pegadas de três dedos têm marcas de botas por baixo, por isso não há necessidade de ser leviano.

— Sinto muito. — Sorrindo, tomou um gole de café.

Bree ficou na beira da varanda. Isso lhe deu uma boa visão, e cara, como gostava disso. Muito. Toda curvas exuberantes e insolência, diversão e prazer, grandes peitos e uma voluptuosa bunda que gostava de apertar.

— Quem encontrou essas pegadas? — perguntou. — E até onde vão?

— Sabia que algo acontecia quando vi o jovem Ken sussurrando ao seu amigo Braden. Tive que obrigá-lo a falar. Os meninos queriam mantê-lo em segredo, tirando fotos para enviar para os jornais, mas os descobri. — Charlotte piscou e tocou no nariz.

— Ken e seu amigo — Bree ecoou.

Sim, Nick sabia exatamente no que pensava.

Obviamente Charlotte também.

— Bree, aqueles rapazes tentaram manter isso em segredo. Dan foi para o riacho agora para dar uma olhada e também quero que venha.

— Acho que Dan pode lidar com isso.

— Vamos lá, Bree. Pode ser a *descoberta*.

Bree olhou para Nick e podia ver a curiosidade em seus olhos.

Divertido, se levantou e tomou o último gole de seu café.
— Claro, porque não?

— Tem certeza? — perguntou.

Movendo-se ao lado dela, deu um beijo em sua cabeça. —
Vamos, querida. Não saímos em uma caçada há algum tempo.
Além disso, esta deve ser interessante.

Um sorriso de prazer atravessou seu rosto.

Charlotte sorriu. — Me siga.

Nick não tinha tanta certeza sobre segui-la, não com a forma como dirigia. Manteve o Landcruiser bem atrás dela, especialmente na pista empoeirada que entraram.

Bree riu. — Com medo de uma pedra lascar a pintura em seu carro pipi?

— Te mostrarei o 'carro pipi' em um minuto. Aquela mulher dirige como um morcego fugindo do inferno. Não estou surpreso que acabou em uma vala. Acho que acabará em outra vala muito em breve, se continuar a dirigir assim.

— Talvez possa trazer um tanque para ela.

— Pode ser um pouco grande.

— E uma daquelas Hummer?

— Nunca sobreviveriam à sua condução. — fez uma careta quando o velho sedan Holden saltou sobre uma pedra no caminho. — Droga, juro que os pneus traseiros saíram da estrada ali.

— Pode precisar de aconselhamento depois disso.

— E ela de um saco de corpo.

— Acho que ela tem as coisas sob controle — Bree lhe assegurou, acrescentando enquanto observavam o velho carro deslizar sobre o cascalho quando Charlotte manobrou em uma curva apertada ao redor da estrada — Ou talvez não.

— Precisamos de pilotos como ela no Afeganistão.

Saíram em uma área de estacionamento, que já tinha um carro da polícia, a caminhonete de Ted e um outro carro com *SOW* orgulhosamente preso para o lado.

Nick começou a rir.

Bree estremeceu. — Tentei dizer-lhes.

Parando atrás do carro da polícia, bem longe de onde Charlotte estacionou o carro, Bree e Nick saíram do carro e seguiram ao longo da pequena faixa até a margem do rio, serpenteando pelas árvores.

O chão estava um pouco traiçoeiro e Nick finalmente se colocou entre Charlotte e Bree para que pudesse ajudar a

qualquer uma delas, se comesçassem a correr — ou Deus nos livre — caírem no riacho.

Vozes soaram, tornaram-se mais altas, e em seguida, uma pequena clareira ficou à vista. Dan, Ted, David e Alfred olharam para cima.

— Parece que temos um verdadeiro mistério aqui, Charlotte, — Alfred disse.

Apressando-se através dele, olhou nas trilhas. — Oh meu Deus, são grandes.

Dan levantou uma sobrancelha para Bree e Nick.

— Então, qual é a opinião dos especialistas?

Nick olhou para Bree.

Andando para frente, disse. — Não tenho uma opinião ainda.

— Bem, veja lá. — David apontou para as pegadas. — E quanto a isso?

Nick teve de concordar que não eram o tipo de pegadas que vinham de uma ema, a menos que a ema tivesse botas feitas sob medida.

Bree agachou-se para um olhar mais atento, Charlotte e Alfred imediatamente seguiram o seu exemplo, seus olhares ávidos por ela.

Dan, depois de uma olhada em Nick, agachou-se em frente a Bree.

Carrancudo para as pegadas, Ted ficou atrás de Alfred com as mãos nos quadris. — Claro que não parece humano.

— A menos que o pobre coitado tenha apenas três dedos grandes nos pés — disse Dan.

— Isso não é assunto de risada, policial — Charlotte admoestou-o. — Esta é uma investigação séria.

O olhar de Nick vagou para David. Olhou sério, seu olhar mudando do grupo para as pegadas e de volta.

— As pegadas vieram da água — disse Dan. — Guia-nos para os arbustos e desaparecem, em seguida, voltam para a água.

Todos se levantaram e caminharam até a margem do riacho. Nick apareceu para conferir as impressões. Sim, não aparecem na borda. Lentamente, todos seguiram as pegadas para os arbustos.

Nick podia ver onde vários galhos foram quebrados, a grama pressionada, antes da pegada voltar para a beira da água.

— Bem, são apenas algumas pegadas. — Dan coçou a cabeça.

— Não fará nada? — Charlotte perguntou. — Tirar fotos? Provas?

— De quê? Uma erna de três dedos usando botas?

Nick deu uma gargalhada.

Dan sorriu para ele.

Alfred pegou a câmera pendurada em seu pescoço e começou a filmar.

— Gravarei as provas, Charlotte. Pode ser a primeira em nossa galeria de Inexplicáveis Acontecimentos de Whicha.

Com as mãos nos bolsos, Nick olhou para Bree. Ela estava em pé na beira do riacho, as mãos nos quadris amplos, lábios carnudos franzidos enquanto pensava. Virando, olhou para Dan. — Acho que são falsas.

Alfred parou de fotografar. — O quê?

— Qualquer um poderia vir em um barco, colocado botas falsas ou alguma coisa e fazer essas pegadas.

— Como se pode usar botas como estas? — perguntou Charlotte. — Quem na criação de Deus caberia em botas como estas, com exceção dos cinzas?

Dan olhou assustado, mas Bree simplesmente respondeu. — Os cinzas não foram relatados como tendo três dedos no pé.

Nick fez o possível para não rir quando Dan olhou incrédulo de Bree para Charlotte.

— Talvez não tenha sido um cinza — David interrompeu. — Talvez tenha sido algo mais.

— Talvez isto seja apenas merda — declarou Ted. — Perda de tempo. Tenho trabalho a fazer, não posso mexer com esta merda. Se não tem explicação, Bree, irei embora.

— Mas pai... — David começou.

Ted o olhou. — Estas são *pegadas*.

— Sim, é o que são. Venha.

— Além disso — Bree disse — estas impressões não parecem ir a qualquer lugar. Vão, Nick?

Todos os olhos se voltaram para ele.

— Sim, vão, Nick? — Dan repetiu, e revirando os olhos, começou a caçar ao redor dos arbustos onde as marcas desapareceram.

Nick gentilmente ajudou Dan. Não foi difícil encontrar pegadas ou evidência de alguém de passagem, mas estava claro que as pegadas se viraram e voltaram para a água.

— Outra coisa — Bree dizia — o que um alienígena fazia saindo da água, passando parcialmente para o mato e voltando para a água novamente?

— Talvez tenha esquecido as chaves — Ted respondeu.

Ao lado de Nick, Dan riu, então, obviamente, lembrando que Nick estava com ele, o olhou. — Sinto muito.

— Ei, não pare por minha causa. Tenho sérias dúvidas sobre tudo isso.

Dan olhou de volta para o grupo, à beira do riacho antes de perguntar, em voz baixa. — Sem ofensas. Bree é uma boa mulher, mas aliens? Realmente?

— Ela tem suas crenças.

— E você?

— Sou uma pessoa que precisa de provas concretas.

— Então não acredita em OVNIIs? Isso é um alívio.

— Acredito que existem objetos voadores não identificados, mas que podem ser alien? Isso continua a ser visto.

— Sim. — Dan colocou o boné na cabeça e ajustou a aba.

— Bem, isso não nos diz merda nenhuma, exceto que seja lá o que fez essas pegadas voltou para a água.

— Não teria tanta certeza disso.

Dan arqueou uma sobrancelha. — Como assim?

Nick separou alguns arbustos. — Alguém passou por aqui mesmo onde as pegadas se viraram.

Bree apareceu ao seu lado. — Encontrou alguma coisa?

Nick apontou para a grama parcialmente pisada. — Quem passou aqui tentou encobrir seus rastros, mas é bastante evidente que alguém...

— Ou alguma coisa — interrompeu Alfred.

— ...veio Por aqui — continuou Nick.

— O alien? — David levantou o cotovelo de Charlotte, o rosto iluminado com avidez.

— Acho que é isso. — praticamente tremia de emoção. — Esta é a *descoberta*.

— E estamos aqui para isso. — radiante, Alfred pegou a câmera.

Ted balançou a cabeça em desgosto.

Inclinando-se para Bree, Nick disse em voz baixa. — Vou te dizer outra coisa. Quem fez isso, não foi David.

Bree olhou para onde Alfred, Charlotte e David estavam falando avidamente.

— Acho que pode estar certo. Tinha algumas dúvidas no início, mas ele está muito animado.

Dan, que estava perto, não pode deixar de ouvir. — Então, o que ou quem fez essas pegadas?

— Acho que descobriremos. — Nick disse.

— Vamos. — Dan entrou no mato na direção das pegadas.

Nick seguiu, Bree e os outros atrás dele. As pegadas de alguém passando por ali eram óbvias apenas para olhos treinados. Quem fez estas por aqui foi bom em cobrir seus rastros, ou pelo menos tentado, mas Dan era, obviamente, um rastreador especializado e Nick tinha experiência, de modo que não era fácil, mas definitivamente não era reversível.

Após cerca de dez minutos, sentiram um cheiro de fumaça, alguns minutos depois vozes abafadas e uma risada baixa.

Aquelas vozes e risadas definitivamente pareciam humanas.

Um grito de dor encheu o ar, seguido de um xingamento.

Dan e Nick correram, com o cuidado de prestar atenção em seus passos enquanto se moviam rápido. Invadiram uma pequena clareira, confirmando a suspeita de Nick.

Olhando para os dois adolescentes, um de pé com um isqueiro na mão, o outro sentado e segurando sua mão enquanto continuamente xingando, não havia dúvida de que os culpados não eram da variedade alienígena.

Os rapazes olharam para Nick e Dan, aquele sentado pulou a seus pés.

— Braden, Ken. — Dan apontou para eles. — Nem tentem correr.

Bree entrou na clareira, olhando para os meninos. — Ah, a trama se afina.

David veio por trás dela, os outros em seus calcanhares. Ele olhou para os meninos. — Ken? Braden? O que fazem aqui?

— Posso adivinhar. — Dan foi até onde um par de botas estava deitado ao lado do garoto segurando sua mão no peito. — Se importa se verificar isso, Ken?

Ken, que Nick reconheceu como amigo de David, deu um gole audível.

— Nós as encontramos aqui. Estavam aqui.

— Uh huh. — Dan derrubou as botas de cabeça para baixo. — Padrão de pisada incomum. Estas solas têm três apêndices presos a elas que apenas, por coincidência, corresponde as pegadas de três dedos que encontramos perto da margem do riacho. Sem mencionar a lama sobre elas.

— Não sei nada sobre isso — respondeu Ken.

— Claro que não.

Ted olhou para o menino. — Idiota.

Ken teve a decência de corar e desviar o olhar.

Seguindo em frente, Nick segurou a mão de Ken. — Queimou sua mão. Parece doloroso, o que significa que não é muito profundo. Você tem sorte.

— Tentei acender um cigarro — murmurou.

Nick olhou para Braden, que estava com o isqueiro na mão.

— O que usou, um lança-chamas?

— Não — respondeu Braden desafiadoramente.

Nick viu uma pequena não muito longe, ao lado de um... — bem, que interessante.

— Fazendo marcas de queimadura, rapazes?

Braden engoliu em seco. — Não.

Dan examinou a clareira. — Existe marca de queimadura aqui. — atravessou a outra marca redonda. — E aqui.

— Se olhar para Braden — Bree disse — verá que está prestes a fazer outra marca de queimadura.

Braden a olhou, viu o olhar fixo de Nick e desviou o olhar.

— Não.

— Diz muitos não. — Charlotte pegou a todos de surpresa quando pegar sua mão, levantando-a ao nariz para cheirar. — Gasolina.

David olhou para Ken. — O que é isso?

Envergonhado, Ken murmurou. — Apenas uma brincadeira, cara. Calma.

— Uma brincadeira?

— Tentavam replicar as marcas de queimado de um tripé — explicou Bree. — As pernas de uma nave espacial ou de transporte ou qualquer outra coisa — acrescentou em benefício de Dan.

Olhou fixamente para os infratores. — Isso é verdade?

— Olha, foi apenas uma brincadeira. — Braden deu uma bufada. — Nada de errado com uma brincadeira, certo?

— Por que fariam uma coisa dessas? — David exigiu.

— Ei, você fez uma brincadeira — Braden rebateu. — Não é o seu único território.

— Antes de entrar no jogo acusatório — Dan interrompeu, — expliquem isso. Agora.

Braden fechou a boca com rebeldia, mas Ken, embalando a mão que Nick tinha soltado, murmurou.

— Fizemos as botas falsas e as pegadas. Subimos em um barco algumas horas atrás, saímos, caminhamos em direção ao mato e, em seguida, voltamos para o barco e saímos. Fiz alguns telefonemas anônimos, então decidimos fazer um pouco mais, tentar tornar mais autêntico.

Braden olhou feio para ele.

Ignorando-o, Ken olhou para David. — Lemos que marcas de queimado são frequentemente encontradas perto de

avistamentos de naves espaciais. Pensamos que seria divertido fazer parecer que algo pousou.

— Não me disse — David acusou. — Por que não me contou? Por que me deixou acreditar em uma mentira?

Desconfortável, Ken desviou o olhar. — Sinto muito.

— Deveria ser meu amigo.

— Disse que sinto muito.

A raiva brilhou nos olhos de David, sua mandíbula apertando.

Surpreendentemente, foi seu pai que colocou a mão em seu ombro. — Idiotas, filho. Idiotas.

— Ei — Braden começou indignado. — Qualquer idiota pode ver que usou gasolina e um isqueiro para fazer as chamadas marcas de queimado de naves alienígenas. Teve que usar gasolina porque a chuva deixou a grama muito molhada. Porra, você é um menino do interior. Sabe o que acontece se um fogo toma conta da sarça e usa gasolina? Tem sorte de não colocar sua bunda em chamas.

— Não sou idiota.

— Espere até seu pai escute sobre este pequeno truque. Arrancará suas orelhas. — Ted olhou com raiva. — Idiota.

David olhou para seus amigos. — Idiotas.

Nick olhou para o pai e filho que estavam lado a lado. Parece que uma maçã não cai longe da árvore. Naquele segundo, David parecia uma versão mais jovem de Ted.

— Sempre haverá zombadores — Charlotte anunciou.

Dan olhou incrédulo para ela. — Certamente não quer dizer...

— Aqueles que não entendem pregarão peças para libertar os seus medos de extraterrestres — anunciou Alfred. — Este não é um fim a isso. Sabemos o que está lá fora e não vamos parar de procurar. — apontou para a câmera. — Um dia teremos provas reais e depois veremos quem zombará.

— Deus me dê forças. — Dan balançou a cabeça antes de empurrar o polegar na direção que tinha acabado de vir. — Todos voltem para seus veículos. Braden e Ken, venham comigo para que verificarmos as queimaduras de Ken no hospital antes de voltar para a delegacia e telefonar para seus pais.

Ken ficou ainda mais pálido e embora Braden desfilasse atrás dele, Nick via o brilho de incerteza em seus olhos. Ah, sim, os garotos sabiam o que aconteceria assim que seus pais descobrissem no que se meteram. Tinham idade suficiente para saber dos perigos do fogo no mato, independentemente da estação.

Quando David passou por eles, Bree pegou seu braço. — Ei.

Ele olhou para ela. — Sou um tolo.

— Não, cara. Escute, se acredita em coisas que os outros não acreditam, será o alvo das piadas às vezes, mas precisa ser homem o suficiente para lutar por aquilo que acredita. Assim nenhum palhaço chegará até você.

Por um segundo Nick pensou que o adolescente revidaria com raiva, mas depois o rosto do garoto limpou e sorriu.

— Sim, os palhaços e os idiotas.

— Certo. — sorriu largamente. — A verdade realmente está lá fora, David.

— Não pararei de procurar — afirmou, cheio de esperança.

— Merda — Ted murmurou, olhando de seu filho para Bree.

Alfred surgiu ao lado de David. — Sei que o nosso grupo é para idosos, mas filho, te convido a participar de nossas vigílias para procurar OVNI's. Como membro honorário.

— Será bom ter umas *pernas jovens* para qualquer corrida eventual — Charlotte concordou.

— Sim — disse David. — Posso fazer isso.

— Pode fazer a sua maldita lição de casa e as tarefas agrícolas primeiro. — Ted passou por ele e foi até a pista.

David, Charlotte e Alfred saíram atrás dele, discutindo a próxima reunião dos Vigilantes Idosos.

Nick olhou para Bree. — Boa, caçadora. Ajudou David.

— Ora, muito obrigada, menino soldado.

— E depois de todas essas brincadeiras, ainda acredita.

— A verdade está lá fora, Nick, a verdade está lá fora.

Tomando-lhe a mão, apertou-a com cuidado. — Para o seu bem, espero que seja verdade.

— E se tropeçar em informações secretas do Governo, compartilhará comigo, certo?

Piscou. — O que te faz pensar que já não sei?

— Porque já teria me dito.

— É mesmo?

— Uh huh.

— E o que te faz pensar isso?

— Porque aprendi algumas coisas nessas últimas semanas.

—Tais como?

Ela piscou — Um boquete e me dirá qualquer coisa.

Nick quase tropeçou em um galho, endireitando-se no último segundo, enquanto Bree ria.

Essa mulher seria a sua morte. Mas tinha certeza de que morreria feliz.

Capítulo Doze

Base do Exército Australiano — Afeganistão

— Ei, Jonesy.

O soldado olhou para cima. — Sim?

O cabo entregou-lhe uma carta. — Parabéns. É da Garota do Adeus.

Ansiosamente, Jonesy pegou a carta. Desde que o Sargento Nick Mason deixou o posto, esperava que fosse o próximo soldadinho escolhido da A Garota do Adeus. Ouviu falar sobre os boatos de que Nick lhe contou antes.

Recuando à sombra da grande parede de pedra, Jonesy rasgou a carta, intrigado quando um envelope menor caiu também. Colocando o envelope rosa menor por trás do maior, desdobrou a única folha de papel azul e começou a ler.

Oi, Jonesy!

Estou muito feliz que foi escolhido para receber notícias de casa. Estava ansiosa para te escrever, mas veja, encontrei o amor com certo soldadinho que

conhece como Nick Mason. Então, escreverei apenas para ele agora, porque isso parece ser o certo para uma noiva fazer, certo?

Jonesy piscou. O quê? Nick estava noivo da Garota do Adeus?

Então acho que realmente direi adeus de verdade, para sempre.

Droga, parecia uma carta de Querido John. Não podia acreditar. Obrigou-se a ler.

No entanto, não será o fim das cartas. Encontrei algumas garotas solteiras que estão felizes em compartilhar notícias com os nossos soldados solitários e por isso, incluí a carta de Marcia, uma linda menina que está mais do que feliz em ser o seu contato caseiro enquanto estiver ausente da Austrália.

Jonesy, desejo-lhe felicidade mas, acima de tudo, segurança. E se ver qualquer OVNI, por favor, tire uma foto e mande-a por Marcia para mim.

Xauzinho!

Bree, A Garota do Adeus.

Sentindo-se tanto perplexo quanto desapontado, Jonesy pegou o envelope rosa e o olhou. Tinha uma borboleta

gravada na frente do papel e seu nome escrito com uma caligrafia florida. Bem, realmente não tinha nada a perder, não é? Primeiro tinha que ter algo para depois perdê-lo.

Curioso, abriu o envelope. O perfume de rosas encheu o ar, e inalou em apreço. Ok, isso pode não ser tão ruim, pelo menos poderia sonhar com mulheres cheirosas quando voltar para casa. Desdobrando o papel delicado, começou a ler.

Oi, Jonesy

Então, meu nome é Marcia. Trabalho no hospital local como secretária. Moro em Whicha, um pequeno lugar que provavelmente nunca ouviu falar. Pode ser pequeno, mas a vida nunca é monótona. Antes de começar, sempre acho que é bom saber para quem escrevemos, por isso anexei uma foto.

Uma foto? Ansiosamente pegou novamente o envelope, tirando uma foto. Olhando, arregalou os olhos. Caramba! Uma bonita loira de olhos azuis com um busto maior que seus quadris, usando um uniforme de algum tipo, na frente de um hospital. Ela sorria, com um olhar feliz. E parecia a irmã mais nova de Dolly Parton.

Sim! Se deu bem!



Aeroporto — Austrália — Seis meses depois

Ficando na ponta dos pés, Bree viu o jato taxiar na pista. Foi um longo tempo, uma longa espera. Mordendo o lábio, viu o jato mover-se lentamente na pista e virar em direção ao aeroporto, ao longo dos túneis de espera de conexão.

Olhando para cima, Bree tranquilizou-se, era o jato que esperou por tanto tempo e finalmente estava aqui. Finalmente aqui.

Pela centésima vez, ajeitou os fios de cabelo que insistiam em escapar do rabo de cavalo para cair ao redor de seu rosto. Endireitou seu vestido, ajustou o corpete que revelava um pouco demais de sua pele.

Esperar era uma agonia. Juntamente com os demais em espera, viu a porta pela qual os passageiros passaram.

Após cerca de dez minutos, o primeiro passageiro apareceu, e depois outro, depois mais chegando mais rápido enquanto esvaziavam o avião.

Talvez tenha perdido o voo. Talvez não tenha vindo. Talvez ainda seja um sonho. Talvez... — e, em seguida, ele apareceu

Alto, de ombros largos, passos fortes e confiantes, a calma irradiando dele. Enquanto ela dançava no local, pronta para se atirar para frente assim que ele passasse pela porta de vidro.

Olhos verdes brilhantes procuravam ao redor, seu olhar errante sobre a multidão antes parar, com um sorriso no rosto bonito.

— Nick! — Bree gritou e correu, atirando-se nele.

Nick soltou sua bagagem no chão a tempo de pegá-la, passando os braços musculosos ao seu redor para esmagá-la em um abraço tão forte, tão cheio de saudade. Inclinando-se, beijou-a, longa e profundamente, enchendo-a com o seu sabor familiar. Cheiro masculino limpo e Nick, tudo em um sabor inebriante.

Quando levantou a cabeça, viu seu rosto através de uma névoa de lágrimas. — Não estou chorando. — fungou.

— Eu sei. — Felicidade brilhou em seu rosto.

— Não acredito que está realmente aqui. Realmente voltou.
— Por sua vida, Bree não podia deixá-lo ir.

— Querida. — deu outro beijo suave, encostando a testa na dela, olhando profundamente em seus olhos com tanto amor, que uma lágrima rolou mesmo enquanto sorria para ele. — Minha Garota do Adeus, eu voltei para casa para sempre.

Fim



Palavra da Autora

Então, uma heroína que acredita em extraterrestres, aliens, homenzinhos verdes, cinzas, tudo o que já ouviu falar deles. Inacreditável, não é?

Errado.

Eu acredito. Não, nunca estive em uma caçada de OVNI. Assisti a programas de pessoas abduzidas, a filmes baseados em histórias verdadeiras, li histórias sobre o inexplicável e, sim, gosto de um bom filme de ficção científica. E filmes de terror sobrenatural, é claro, porque os zumbis vão governar!

Vivendo no interior, vi algumas coisas estranhas, incluindo luzes no céu à noite. Se eu, pessoalmente, vi um alienígena? Não. Ainda acredito? Sim. Sou obcecada? Não. Francamente, não me importo de qualquer forma, não discutirei sobre isso. Apenas acredito. Cabe às pessoas, se acreditam ou não. Só porque não acredita ou não vê, não significa que não existe.

Então, ter uma heroína que acredita em aliens não é grande coisa. Na verdade, acho que tornou o seu caminho mais interessante e, certamente, a fez ter interações interessantes com outras pessoas.

Assim, lembre-se, para pessoas como eu e Bree e milhares de outras — a verdade está definitivamente lá fora. Só precisa ser revelada!

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuimos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).